

MARA APARECIDA ALVES CABRAL  
PROFESSORA-ASSISTENTE-DOCTORA

ESTUDO DESCRITIVO DE 62 HISTÓRIAS DE VIDA DE  
PRESIDIÁRIOS CONFINADOS EM CÂRCERES SUPERPO-  
PULOSOS, NA REGIÃO DE CAMPINAS-S.P.

*Apresentação ao Concurso de Livre-  
Docência à Disciplina de Psiquia-  
tria, pelo Departamento de Psicolo-  
gia Médica e Psiquiatria da Facul-  
dade de Ciências Médicas da Univer-  
sidade Estadual de Campinas - S.P.*

CAMPINAS - S P

1 9 8 9

### Desculpas

1)Pela ausência de tremas em palavras como consequente, frequente, tranquilo, etc., pois o computador utilizado para a redação de grande parte dessa Tese, não dispõe deste recurso ortográfico.

2)Por deslizes na apresentação estética, pois foi a própria pesquisadora quem datilografou quase todo o trabalho, contando com assessoria, mas não com a habilidade. Este fato ocorreu como medida de economia, principalmente pela crise que atravessamos, que encarece demais a digitação de um trabalho longo como este.

### Errata

1)Pag.4, deve-se ler Terrorismo.

2)Pag.10, primeiro parágrafo, deve-se ler na quarta linha a correção para Subestimar.

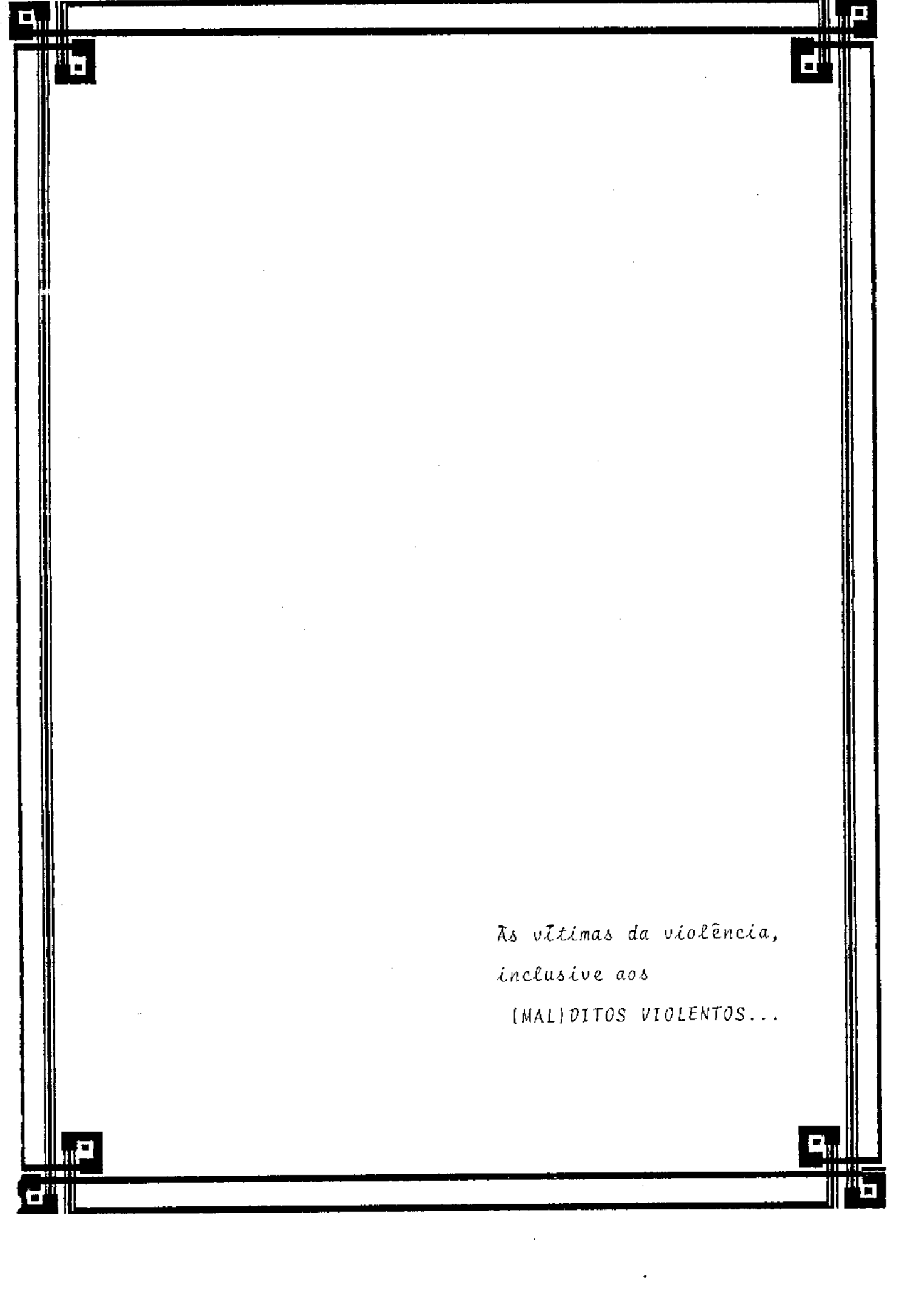
3)Pag.13, quinto parágrafo, deve-se ler na quarta linha a correção para Condescendentes.

4)Pag.14, primeiro parágrafo, deve-se na primeira linha característico.

5)Pag.518, item 2º dos comentários, primeira linha, cometi um lapso ao utilizar a palavra (des)criminar; esta, apesar de pertinente, deve ser substituída por (dis)criminar.

Obrigada,

A Autora



*As vítimas da violência,  
inclusive aos  
(MAL)DITOS VIOLENTOS...*

## AGRADECIMENTOS\_SINCEROS

- Aos meus queridos pais, pelo exemplo de honestidade, trabalho e amor pela vida.
- Aos queridos mestres, pelos ensinamentos recebidos.
- Ao Professor Monsieur François Henry Marc Raveau, que com poucas palavras pontuou-me o que sozinha não conseguia (ou queria) ver.
- Ao Professor Dr. Luiz Sebastião Prigenzi.
- Aos Estatísticos Professora Dra Gabriela Stangenhau e  
Silvio Manoel Gonçalves.
- Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento e Pesquisa (CNPq) e  
à Fundação de Amparo à Pesquisa (FAP-UNICAMP).
- Ao Dr. Sérgio Garcez, Diretor-Titular da Cadeia Pública do São  
Bernardo-Campinas-S.P.
- Aos Professores de Português Percival de Brito e Agripina A.  
Cândido Martins.



-À Marília Waldemarin de Souza, pela colaboração na separação dos artigos de jornais locais.

-Aos membros do Serviço de Recursos Audio-Visuais da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, especialmente a Emilton B. de Oliveira e Milton M. Ishemo.

-À Maria Cristina Souza Barreto, pela datilografia das tabelas.

-Aos Presidiários e aos Voluntários do Grupo Controle.

Por que cantamos

Se cada hora vem com sua morte  
se o tempo é um covil de ladrões  
os ares já não são tão bons ares  
e a vida é nada mais que um alvo móvel.

você perguntará por que cantamos

se nossos bravos ficam sem abraço  
a pátria está morrendo de tristeza  
e o coração do homem se fez cacos  
antes mesmo de explodir a vergonha.

você perguntará por que cantamos

se estamos longe como um horizonte  
se lá ficaram árvores e céu  
se cada noite é sempre alguma ausência  
e cada despertar um desencontro.

você perguntará por que cantamos

cantamos porque o rio está soando

e quando soa o rio/soa o rio  
cantamos porque o cruel não tem nome  
embora tenha nome o seu destino.

cantamos pela infância e porque tudo  
e porque algum futuro e porque o povo  
cantamos porque os sobreviventes  
e nossos mortos querem que cantemos.

cantamos porque o grito só não basta  
e já não basta o pranto nem a raiva  
cantamos porque cremos nessa gente  
e porque venceremos a derrota.

cantamos porque o sol nos reconhece  
e porque o campo cheira a primavera  
e porque nesse talo e lá no fruto  
cada pergunta tem a sua resposta.

cantamos porque chove sobre o sulco  
e somos militantes desta vida  
e porque não podemos nem queremos  
deixar que a canção se torne cinzas.

(Mário Benedetti em

Antologia Poética)



b.4)Aspectos Sociais da Violência	43
b.5)Aspectos Históricos da Violência mais relevantes:	53
b.5.1)Na Inglaterra	53
b.5.2)Na França	57
b.5.3)No Brasil	60
 A.6)Punições ao Crime	63
A.6.1)Superpopulação Carcerária	75
A.6.2)Estudos de Densidade Populacional com Animais	77
A.6.3)Superpopulação e Comportamento Humano	80
 B)PRINCIPAIS NOTÍCIAS DIVULGADAS PELA IMESENSA	83
-1986	83
-1987	90
-1988	98
-1989	103
 C)OBJEIVOS DO TRABALHO	111
 D)HIPÓTESES FUNDAMENTAIS	113
 E)SUJEITOS E MÉTODOS	114
E.1)Sujeitos	114
E.2)Métodos	116

E.3)Cronograma do trabalho	121
E)RESULTADOS	123
F.1)Tabelas e Gráficos	123
F.2)Histórias de Vida dos Presidiários	310
F.2.1)Entrevista com um Carcereiro	380
G)DISCUSSÕES DOS RESULTADOS	385
G.1)Discussões das Tabelas e Gráficos	385
G.2)Análise dos aspectos mais relevantes das Histórias de Vida	503
G.3)Observação crítica dos presidiários e da pesquisadora	510
H)CONCLUSÕES	520
I)RESUMO	523
J)REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	524
K)ANEXOS	554
K.1)Esquema da História de Vida	554
K.2)Escala de Traços e de Comportamentos de Agressividade de Gayral	572

A) I N T R O D U Ç Ã O

## ESTUDO DESCRITIVO DE 62 HISTÓRIAS DE VIDA DE PRESIDIÁRIOS CONFINADOS EM CÁRCERES SUPERPOPULOSOS

### 1) INTRODUÇÃO

#### 1.1) CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O estudo da história de vida de presidiários remete, antes de tudo, a questões ligadas à violência, logo, não poderíamos iniciar esse trabalho de pesquisa, sem antes tecer considerações sobre a complexa rede de causalidades que a envolve.

A violência faz parte de nossa rotina. Está nas ruas, nos meios de comunicações, nas artes, na linguagem, etc. (143, 144), atingindo e afligindo a sociedade de forma inconteste e avassaladora, ganhando importância cada vez maior nos escritos de estudiosos preocupados em identificá-la, denunciá-la, compreendê-la e, acima de tudo, detê-la.

Como fato, o fenômeno não é novo. Está inserido na própria história da humanidade. O Velho Testamento abre com a história de um fratricídio: Cain assassina Abel. O Novo Testamento se fecha com um martírio e execução: o de Cristo (040).



A violência pode apresentar-se de muitas maneiras(041): individual ou grupal, social e culturalmente organizada, institucional, isto é, praticada por órgãos institucionais e amparada pelas leis vigentes; pode ser aberta ou anônima, sutil ou brutal, inculta ou astuta, etc. Ela sempre supõe duas partes: natureza e cultura, indivíduo e sociedade, razão e desrazão, pretos e brancos, tradição e evolução, ordem e contra-ordem, ingênuos e espertos, opressor e oprimido, senhor e escravo. Portanto, violência é dialética; são forças antagônicas atuantes, e em relação de desvantagem.

Analizar os múltiplos papéis, as múltiplas causas e efeitos da violência, exige prudência e conscientização das dificuldades que a circunscrevem. Em vista disto, muitos autores(41, 63, 86, 91, 143, 144, 153, 155, 183) propõem um estudo multidisciplinar sobre o tema, de modo a abordar aspectos neurofisiológicos, psicológicos, sociais, políticos, econômicos, etc. A proposta desse trabalho é focalizar aspectos psico-sociais de indivíduos tidos como violentos. Para desenvolvê-lo, iniciamos com a definição seguinte:

#### 82) DEFINIÇÃO DE VIOLÊNCIA

Definir violência não é tarefa fácil. Etimologicamente(042), a palavra violência vem do latim *violāre*, que significa violar, coagir, profanar. Um conceituado dicionário de língua portuguesa(070) define violência como o ato de provocar constrangimento físico ou moral em alguém.

Chesnais(040), em seu livro A HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA, acredita que por falta de uma definição jurídica precisa do termo, as significações que lhe são dadas são flutuantes e extensivas em demasia. Para este autor, a palavra violência adquiriu tal versatilidade, que passou a designar os incidentes mais banais. Esta extensão progressiva do senso pode nos induzir a pensar que o fenômeno agrava-se irresistivelmente. Para escapar a esta vagueza de sentido, Chesnais(040) propõe uma definição mais rigorosa. A violência, no sentido estrito do termo, associar-se-ia à violência física, isto é, aquela que atinge direta e corporalmente uma pessoa. Na linguagem jurídica, a noção mais próxima é a de crimes contra a pessoa. Na Criminologia Anglo-Saxônica, a característica principal da violência é a gravidade do risco que ela faz a vítima correr. É a vida, a saúde, a integridade corporal, ou a liberdade, que está em jogo(040).

J.W. Lapierre, F. Hacker, F. Wertham, J. Giraldi, F. Engels, citados por D. Caram(041), fazem referência a uma distinção entre ATO DE VIOLÊNCIA e ESTADO DE VIOLÊNCIA. Entretanto, nenhum destes autores é suficientemente claro nas distinções destes dois termos. Na reinterpretação de Caram(041), ATO DE VIOLÊNCIA seria o emprego de ações diretas que atentam contra a integridade física, psíquica ou moral, de alguém. O ESTADO DE VIOLÊNCIA seria algo mais profundo: poderia representar a situação, o clima de violência em que se vive, clima repleto de incertezas, de insegurança, terror, etc.

### 3.3) CLASSIFICAÇÃO DE VIOLÊNCIA

Há várias classificações de violência na literatura especializada. Dentre estas, citamos as duas seguintes:

## I) VIOLÊNCIA INDIVIDUAL

### 1) VIOLÊNCIA CRIMINAL

a) MORTAIS: assassinatos, envenenamentos, fratricídios, infanticídios, etc...

b) CORPORAIS: golpes e ferimentos voluntários.

c) SEXUAIS: VIOLAÇÕES

### 2) VIOLÊNCIA NÃO CRIMINAL

a) SUICÍDIOS (e TENTATIVAS)

b) ACIDENTAIS (por exemplo: AUTOMOBILÍSTICOS)

## II) VIOLÊNCIA COLETIVA

### 1) A VIOLÊNCIA DOS CIDADÃOS CONTRA O PODER

a) TERRORISMO

b) GREVES E REVOLUÇÕES

2) A VIOLÊNCIA DO PODER CONTRA OS CIDADÃOS

a) O TERRORISMO DE ESTADO

b) A VIOLÊNCIA INDUSTRIAL

3) A VIOLÊNCIA PATOXÍSTICA DAS GUERRAS

(40)

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (I.B.G.E.) adota a seguinte classificação:

A) CRIMES CONTRA A PESSOA

1) HOMICÍDIO

2) TENTATIVAS DE HOMICÍDIO

3) LESÃO CORPORAL

4) QUIBROS

RICIBIMES\_CONTRA\_O\_PATRIMONIO

1)LEURIO

2)BOURO

3)ESIELIONAIO

4)LAIBOCINIO

5)QUIBOS

RICIBIMES\_CONTRA\_OS\_COSIUMES

1)ESIUMBOS

2)AIENIADO\_AO\_PUDOR\_E\_LIBRIDINAGEM

3)SERUCAO

4)QUIBOS

RICIBIMES\_CONTRA\_A\_SAUDE\_PUBLICA

1) LIBÉRICQ\_E\_USQ\_DE\_ENTORPECENTES

2) QUIBOS

1) CRIMES\_QONIBAL\_A\_E\_PÚBLICA

1) REALSIEICACÃO\_DE\_MQEDA

2) QUIBOS

1) QUIBOS\_CRIMES

1) CONTRAVENCÕES

1) DEFINIÇÃO\_DE\_CRIME\_E\_CRIMINOSO

Segundo o conceito formal, Crime é a violação culpável da lei penal. Segundo o conceito substancial, é a ofensa de um bem jurídico tutelado pela lei penal. Segundo o conceito analítico, é um fato antijurídico e culpável (070, 155).

Em outras designações, encontra-se a palavra Crime associada a qualquer ato que suscite a reação organizada da sociedade (041).

Há várias especificações para o termo, como: Crime culposo, que é designado como o resultante de ato de imprudência, negligência ou im-

perícia do agente;Crime comissivo,que é o resultante de uma ação do criminoso;Crime doloso,que é aquele em que o elemento subjetivo é o dolo,isto é,em que o agente quis diretamente o resultado ilícito,ou assumiu o risco de o produzir.Crime omissivo,é o resultante de uma omissão do criminoso.Crime preterdoloso,aquela em que a vontade do criminoso,dirigida à prática de um crime menos grave,foi superada por um resultado mais grave,imputável a título de culpa,de sorte a estabelecer uma causalidade psíquica mais complexa,por dolo no antecedente e culpa no conseqüente,etc.(070)

Criminoso é aquele que praticou o crime ou o autor da infração de lei penal(070,155).

#### AS)EPIDEMIOLOGIA DO CRIME

O conceito de EPIDEMIOLOGIA (EPI=acima,DEMOS=povo,LOGOS=estudo)está ligado aos princípios e determinismos causais,através dos quais busca-se conhecer os inúmeros fatores de um crime,como este se origina e o que pode acarretar à comunidade(155).

A EPIDEMIOLOGIA pode ser DESCRITIVA,quando faz a descrição do fenômeno,segundo o lugar,tempo,pessoa(sexo,idade);ou ANALÍTICA,quando faz a explicação do fenômeno e/ou de seus agentes criminosos,analisando as interrelações CRIME-CRIMINOSO-AMBIENTE(155).

#### a)EPIDEMIOLOGIA DESCRITIVA

## ALÍNDICES ESTADÍSTICOS

As informações estatísticas oficiais disponíveis provêm de duas fontes(156): queixas registradas e prisões efetuadas. Entretanto, segundo denúncias de vários autores, os dados que estas informações estatísticas oferecem não correspondem à realidade, uma vez que:

1) Os atos ilegais nem sempre são do conhecimento das autoridades competentes, por ocultamento de seus agentes e, até mesmo, de suas vítimas.

2) Muitos crimes cometidos não chegam ao conhecimento das organizações públicas de controle social por diversos motivos, inclusive por corrupção.

Logo, as estatísticas oficiais retratam apenas uma parcela dos padrões reais de crime numa determinada comunidade: o crime oficialmente detectado(67,68,156).

Alguns estudos realizados nos Estados Unidos, buscando comparar os dados oficiais com aqueles resultantes de questionários aplicados numa comunidade escolhida aleatoriamente mostram que, em relação a crimes contra o patrimônio e crimes violentos, apenas 45% e 52%, respectivamente, foram comunicados à polícia(156).

Há também dúvidas sobre a representatividade das amostras de população criminosa oficialmente detectadas. Estas dúvidas emergiram de estudos sobre DELINQUÊNCIA e CRIMINALIDADE ESCONDIDAS(156), que evidenciaram tanto a banalidade da conduta ilegal quanto as distorções, nas pesquisas oficiais, na caracterização de envolvimento em crimes por



classe social. Um destes estudos mostrou que 99% de uma amostra de cidadãos de classe média, haviam cometido crimes não detectados, de gravidade equivalente a penas superiores a um ano de detenção: em outras palavras, estatísticas oficiais não apenas subestimam o número de crimes, como também distorcem sua distribuição por classe social, super-representando as classes mais pobres na população criminosa. COHEN, A. (apud 156), argumenta que também nas classes baixas há DELINQUÊNCIA ESCONDIDA, e deste modo, as estatísticas oficiais, embora subestimando o número total de delinquência, constituem estimativas corretas da distribuição do fenômeno por classe social.

As críticas ao sistema das estatísticas oficiais colocam em evidência a questão das condições operacionais, ideológicas e políticas da organização policial (68, 156). A ação policial orienta-se por teorias do senso comum, estereotipadas e ideologicamente formuladas. Esta orientação é mais econômica a própria ação policial, que se volta para a vigilância e controle de população previamente definida como potencialmente perigosa, o que, por sua vez, contribui para que a associação entre marginalidade e criminalidade assuma o contorno de uma profecia auto-cumprível, como se verá no trabalho de Janice Perlmann (153).

## CRIMINALIDADE

Há relatos de criminalidade em todas as idades. É mais rara a prática de crimes na velhice; por outro lado vem crescendo a criminalidade na infância e adolescência (33), através das ações dos denominados Delinquentes Juvenis (142, 155).

Delinquência(42,70) deriva de delinquentes,delinquir ou cometer delitos.

Nos países arábes e no Canadá, Delinquente é aquele que entre 7 à 15 anos comete um delito,isto é,uma transgressão à lei.

Em nosso país,a adolescência fisiológica vai até 20 anos e a psicológica até 25 anos(155).De acordo com nosso código penal,todo indivíduo abaixo de 18 anos não pode ser considerado criminoso(ainda que tenha cometido atos ilícitos),devido a sua imaturidade mental;na expressão popular,ele é chamado "sem juízo".O menor tem biologia própria,e é anormal diante do comportamento de um adulto.A verdade é que o conceito de Delinquência (33,155)é muito vago e,principalmente,faltam meios adequados para determinar sua existência real,principalmente no que concerne ao conhecimento do menor ter ou não noção do mal cometido.

Segundo dados da UNESCO(Ed.211)(apud 155),a taxa de crimes contra o patrimônio é maior na faixa etária de 14 a 25 anos do que nas outras faixas.Em relação ao homicídio,a faixa etária mais implicada é a de 21 a 25 anos.

Em uma pesquisa feita com adolescentes americanos de classe média,cerca de 89% furtavam selos dos carros,objetos escolares,etc., sem considerarem isto um furto(155).Em outra pesquisa(155),feita em Washington,63% dos jovens entrevistados tinham cometido uma infração; destes,11% a repetiram e 2% a executavam frequentemente.Resultados semelhantes foram encontrados por outros pesquisadores,como Christian- sen(38),Sellin e Wolfgang(171).

Segundo Sveri e Christiansen (apud 155), 50% a 70% dos delinquentes cometem infrações em grupos (as denominadas Gangs). Em geral, até os 18 anos são dois participantes. A partir desta idade cometem a infração mesmo sozinhos.

A ociosidade e a falta de lazer na juventude desempenham, segundo relatórios da Unesco (Ed. 211) (apud 155), papel importante na criminalidade, na faixa de idade de 14 a 25 anos. Os jovens suportam com menos paciência o tédio e a monotonia. O uso do álcool e de drogas pode, para alguns autores (15, 58, 105, 124, 140, 155, 190), fazer com que aumente, nos indivíduos de personalidade impulsivo-agressiva, a prática de homicídios e de outros crimes violentos. A responsabilidade imputada às drogas na atuação agressiva dos indivíduos não tem dados conclusivos até o momento, conforme discutiremos mais adiante.

### a3) SEXO

Os indivíduos de sexo masculino cometem mais infrações do que os de sexo feminino (10, 155). Uma das explicações para este fenômeno, inclusive no que tange à ocorrência de crimes mais violentos, residiria na ação de determinados hormônios (20, 56, 54, 82, 130, 196), como a Testosterona, que aumentariam a agressividade de pessoas de personalidades mais predisponentes. Persky e colaboradores (152), Kreutz e Rose (100), Kling (101) e outros, acharam uma correlação positiva entre um nível aumentado de Testosterona e o comportamento agressivo de jovens criminosos. Kreutz (100) verificou o mesmo fato em pacientes agressivos e agi-

tados. Entretanto, outros autores (155) discordam desta tendência de querer explicar o comportamento agressivo em função de taxas hormonais, considerando complexas demais as atitudes humanas para serem assim generalizáveis.

Segundo o Uniform Crime Reports (186) dos Estados Unidos, a criminalidade diminui na andropausa. É interessante observar que a maioria de crimes cometidos por mulheres ocorre no período pré-menstrual, quando há alterações nas taxas de vários hormônios (196), como estrógenos e progesterona; estes têm sido responsabilizados, respectivamente, pelo aumento de irritabilidade e depressão.

O aumento da criminalidade feminina (10, 155) nos últimos anos deveu-se essencialmente à prática de infanticídios e filicídios, a apropriação indébita e a fraudes.

Vários autores (apud 155) acreditam que em países onde existem igualdade de direitos entre homens e mulheres as taxas de criminalidade por sexo devem estar muito próximas. Esta hipótese, entretanto, nunca foi confirmada, embora em países como a Dinamarca, nos anos 1973 a 1977, e na Bélgica, nos anos 1965 a 1968, o número de homicídios cometidos por mulheres tenha ultrapassado o número de homicídios cometido por homens (155).

O homem, por resquícios até mesmo culturais, tende muitas vezes a proteger a mulher na atitude criminal. Este fator poderia ser um dos elementos que mascaram o número real de crimes cometidos por mulheres. Até mesmo os Juizes, têm se mostrado mais condescendentes com as mulheres na aplicação de penas, como mostra o maior número de absolvições e de penalidades menores para criminosas do que para criminosos (155).

## BIBLIOGRAFIA ANÁLITICA DO CRIME

### BIBLIOTECA BIOLÓGICA

#### BI.1) BIOTIPOLOGIA

A idéia pré-concebida de haver um biótipo característico do criminoso iniciou-se com psiquiatras pertencentes à escola de Pinel (apud 155). Dentre estes, destacam-se Bordier (apud 155), que comparava crânios de criminosos com aqueles pertencentes a seres pré-históricos. Entretanto, é César Lombroso (109) quem estabelece os passos iniciais da chamada Antropologia Criminal. Necropsiando e estudando o cérebro do bandido Vilela, verificou a presença da fosseta média da crista occipital, descrita apenas nas raças antigas e em algumas espécies animais. Estudando o cérebro de outro bandido, Salvador Misdea, que padecia de epilepsia, ele configurou um novo elemento, desta feita funcional, para a biotipologia do criminoso. Através deste novo elemento, elaborou o tripé do criminoso nato: Atavismo, Epilepsia e Loucura Moral, esta última descrita por Morel (apud 155), na França, e por Abercromby (apud 155), na Inglaterra.

As idéias e conclusões de Lombroso foram muito combatidas e consideradas apressadas por muitos. Deram, porém, uma contribuição importante à Biotipologia Criminal. Um de seus seguidores, Ferri (63), de orientação sociológica, achava que o delito não era um fenômeno exclu-

sivamente biológico e nem exclusivamente ambiental ou social. Para ele, todo delito resultaria de uma anormalidade congênita ou adquirida, de constituição orgânica ou psíquica, transitória ou permanente, podendo estar ou não relacionada a conflitos de ordem social.

### **b1.2) FATOR GENÉTICO**

Vários autores têm estudado a correlação entre Fator Genético e Criminalidade. Dentre estes, podemos citar os trabalhos de Baar(21), por exemplo, achava que as tendências criminosas inatas estariam inscritas nas pontas dos dedos. Ele chegou a esta conclusão analisando e comparando as impressões digitais de 175 indivíduos perigosos com as de 50 norte-americanos que respeitavam as leis e a quem não se podia reprovar em nada. Afirma o autor ter detectado que os infratores das leis apresentavam mais arcos e caracóis (seis caracóis, duas volutas e dois arcos para os assassinos, e sete caracóis e três volutas para os sádicos), do que os cidadãos honestos (cinco caracóis, quatro volutas e um arco). Estes dados, segundo o próprio pesquisador, referir-se-iam a tendências delituosas, não havendo como prever quem seria criminoso.

Christiansen e colaboradores(38), estudando 6000 pares de gêmeos nascidos entre 1890 e 1910, observaram que 35,8% dos monozigóticos e 12,3 % dos dizigóticos tinham condenações por delitos.

Moor(128), Hunter(94), Frossman e Lambert(76) quiseram atribuir a conduta antissocial a certas anormalidades cromossômicas. Moor(128) refere maior incidência do XYY nos criminosos do que na população em

geral. Walzer e Gerald(191) não confirmaram tal achado ao analisarem 10348 indivíduos. De fato, as pesquisas que correlacionam a presença do cromossoma extra Y, com a criminalidade, não apresentam resultados concludentes.

Hunter(94) estudando pacientes acometidos da denominada Síndrome de Klinefelter, encontrou em 17 deles coincidências entre o aparecimento dos cromossomos XXY e atitudes homossexuais, roubos e agressões.

Frossman e Lambert(76) acreditavam que o comportamento antisocial estaria ligado a anomalias cromossômicas associadas com anomalias cerebrais, do tipo conhecida como Lesão Cerebral Mínima.

Fink, Dugdale, Estabrook-Davenport, Goddard e Cyril Burt, citados por Mannheim(129), concluíram que existe uma falha constitucional grave, em pelo menos 1/3 dos criminosos analisados.

Estudos mais atualizados relacionam a gênese de muitos crimes a componentes epilépticos, baseados no fator agressividade, principalmente no que tange à impulsividade. Hill(95) obteve traçados eletroencefalográficos indicativos de disritmias, presença de ondas teta, coincidindo com dados clínicos de impulsividade e manifestações agressivas incontrolláveis por parte de criminosos; encontrou também a presença do ritmo delta em delinquentes passivos, isto é, subordinados à influência de outras pessoas, revelando imaturidade cerebral.

Monroe(136), estudando 92 criminosos agressivos, presos no Instituto Patuxent em Maryland, verificou que 80% mostravam anormalidades eletroencefalográficas, assim como leves distúrbios neurológicos; des-

tes, 51% tinham também sérios problemas familiares, 50% haviam tido problemas escolares. A maioria destes 92 criminosos foram tratados com medicamentos anticonvulsivantes (embora não tivessem histórias de convulsões) e obtiveram melhora clínica da agressividade, o que tornou possível suas reabilitações sociais.

Mednick (137) acredita que alterações cerebrais agudas e crônicas, principalmente as que afetam o Sistema Límbico, podem levar indivíduos a cometer delitos. Ao Sistema Límbico competiriam as funções de regular a tonalidade e o comportamento afetivo dos indivíduos. Experiências mostram que a excitação ou a desconexão do Sistema Límbico leva a sentimentos de aceitação ou recusa, de segurança, ansiedade, medo, agressividade, necessidade de movimento e alterações na sexualidade. O autor estudou também as interrelações Gêmeos e Criminalidade, concluindo que quando um dos gêmeos é criminoso, o outro demonstra maior propensão para sê-lo.



### 61.3) ASPECIOS NEUROFISIOLÓGICOS

Nas últimas décadas, têm sido realizados estudos, cada vez mais avançados, no campo da neurofisiologia, visando analisar mecanismos que determinem direta ou indiretamente, o comportamento do ser humano (41, 155).

Experiências neurofisiológicas demonstram que estímulos físicos e químicos nos núcleos hipotalâmicos posteriores, amigdalóide, e lobo frontal, modificam o comportamento e o humor dos indivíduos, tornando-os irritados, impulsivos e agitados. A ação de substâncias denominadas de neurotransmissores, como a Adrenalina, Noradrenalina e a Serotonina, servem de mediadores a funções cerebrais importantes. A Adrenalina é um mediador utilizado nos estados de luta, solicitando todos os recursos orgânicos necessários à ação e à fuga; a Noradrenalina é um agente natural de transmissão dos impulsos nervosos no sistema simpático. Sua concentração parece ser máxima ao nível do hipotálamo e substância reticular. A redução da Serotonina tem acarretado nos indivíduos tristeza e depressão (41, 155).

A Amígdala do Hipocampo, quando hiperestimulada, pode causar comportamentos agressivos, hiperestimulação sexual, agitação, etc. Detectando isto, alguns pesquisadores, na década de 60, começaram a indicar a cirurgia de amigdaloidotomia bilateral para pacientes com violência homicida. De acordo com dados da literatura, na maioria dos casos submetidos a esta cirurgia, obtiveram-se bons resultados (155).

Health(96),tratando certos casos de impulsividade violenta, decidiu colocar um marcapasso transistorizado na região cerebelar do paciente,admitindo sucesso terapêutico.Vê-se assim que a Psicocirurgia produz resultados que são suporte aos conceitos de localização cerebral da personalidade agressiva e violenta.

#### **bi.4)SÍNDROME DO NÚCLEO AMIGDALÓIDE (SÍNDROME DO DESUMANO)**

Esta denominação caracteriza indivíduos portadores da chamada Epilepsia Temporal.Em sua história de vida,encontram-se relatos de enurese noturna na infância,terror noturno,sonambulismo,sonilóquio, crise de birra,etc.Na adolescência,apresentavam comportamento delinquente,isto é,foram ou são adolescentes problemáticos,difíceis,maus estudantes,causadores de conflitos domésticos,mesquinhos,invejosos,com reações afetivas exageradas.São desconfiados,difíceis de fazer amigos, e de idéias perseverantes.Quando contrariados,ou levados por estados emocionais exaltados,podem cometer crimes hediondos.Este quadro configura o que Derek Miller(138) denominou Síndrome Assassina,ou do Desumano.O indivíduo impulsivo-agressivo,que configura a Síndrome do Núcleo Amigdalóide,pode não ser portador da Síndrome do Desumano;isto dependeria essencialmente de fatores sociais e ambientais.

Observações de Miller de Paiva(155),complementam os estudos realizados por Derek(138).Este autor ressalta que além da positividade eletroencefalográfica,principalmente de foco temporal,aparece nestes indivíduos desumanos,a parte psicótica de uma personalidade neurótica,

conforme descrita por Bion(16).Os traços mais destacados nesta personalidade psiconeurótica seriam:

1)Intolerância à frustrações:o indivíduo não aguenta sofrer reprimendas,ser criticado,ter fracassos,etc.

2)Predomínio do instinto de morte:sentimento de hiperautodestrutividade,que pode se manifestar das seguintes maneiras:

2.1)Ódio violento a uma parte da realidade: manifestado pelo medo de trabalhar,pelo receio de errar,pelo receio de não ser amado.

2.2)Amor sádico:incapacidade de amar de maneira amadurecida;o indivíduo,ao dar amor,dá também agressividade.

2.3)Temor ao aniquilamento:por possuir amor mesclado ao ódio,o indivíduo não se sente verdadeiramente capaz de amar.Junto com o amor vão os sentimentos destrutivos,motivo pelo qual este indivíduo deixa de entrar em contato mais íntimo com as pessoas que o rodeiam.

2.4)Fracá relação de objeto:todos são sentidos como "falsos bons",pois jamais teve confiança no amor dos seus pais; este sentimento prejudica a sociabilidade do desumano.

2.5)Impulsos destrutivos de inveja e voracidade:sentimentos de inveja dirigida aos pais,aos irmãos,aos amigos,aos colegas.O Instinto de Morte está muito presente nestes indivíduos,motivo pelo qual são vorazes,isto é,querem receber muito e,até,explorar os outros.Um sintoma frequente,que pode ser decorrente deste conflito,é a cefaléia:a agressividade voltada contra si mesmo.

2.6)Ataque sádico às funções do ego(self)(115):os conflitos inconscientes do desumano dificultam as funções normais dos órgãos dos sentidos,como:atenção,memória,pensamento,julgamento,etc.Daí o aparecimento de sintomas e sinais de desatenção,falhas de memória,deficiências do juízo crítico,por exemplo:"eu não gosto de me lembrar dos meus problemas";"não tenho nenhuma idéia do que se passa comigo..."

3)Identificação projetiva patológica:o indivíduo utiliza-se do SPLITTING(cisão) como meio de defesa.Projetam nos outros problemas que são seus.São teimosos,outras vezes confusos.Sentem-se perseguidos pelas pessoas,procurando,por isso agredi-las verbalmente ou,até,fisicamente.

4)Ataque à raiz do pensamento:a personalidade psicótica carece de meios essenciais para o desenvolvimento normal do pensamento.

Bion(16)explica melhor este conceito,dizendo que o lactente projeta uma parte de seu psiquismo,em especial suas emoções incontrolláveis(que funcionam como contido),no seio bom continente,com a finalidade de recebê-las de volta desintoxicadas e,assim,poder tolerá-las.Se esta relação estiver impregnada de destrutividade,os elementos Continente e Contido são despojados de suas qualidades essenciais:é a antítese do núcleo utilizado para o crescimento mental do indivíduo.

O desumano confunde objetos reais com pensamentos primitivos,coloca no mundo real e presente o que o indivíduo não psicótico reprimiu.Assim,ao usar a cisão e a identificação projetiva,livra-se da percepção da realidade,colocando no real aquilo que desejou fazer na fantasia inconsciente.

5) Ausência de simbolização: o desumano usa o pensamento onipotente em vez de agir. Não evolue e não aprende; reproduz mimeticamente experiências primitivas más, como o caso do assassino que estrangula mulheres, por serem estas a imagem de sua mãe, sentida como cruel.

6) Superego Tanático (115): o desumano deposita nos outros as suas coisas ruins e, por isto, busca sempre atacar o vínculo, muitas vezes através de mudanças catastróficas do humor. O indivíduo parece ser bom, mas contrariado torna-se, de um momento para o outro, furioso, violento e perigoso.

O desumano, sob o domínio de um Superego Tanático, que se opõe a qualquer aprendizagem pela experiência, não cresce. O Superego tem o poder de despertar sentimentos de culpa, porém o Superego Tanático do desumano não desperta a culpa depressiva, mas sim a persecutória. Lombroso (109) chamou estes sentimentos de Loucura Moral. Para se livrar destes sentimentos de perseguição, o indivíduo ataca, chegando muitas vezes até a matar.

## 62) RAÍZES ANTROPOLÓGICAS DA AGRESSIVIDADE

(41)

Os sábios da Antiguidade já buscavam explicações concernentes à vida psíquica do homem, considerada como fonte e origem de todas as atividades da conduta humana, individual e coletiva. A coragem é explicada pelos sábios gregos através da dicotomia razão e paixão. Para São Tomás de Aquino, seria o elemento importante no alicerce antropológico do conjunto das virtudes, no plano humano e cristão. Os pensadores modernos atribuem à coragem duas tendências: a primeira estabelece uma

aliança entre a Força e a Razão e, a segunda professa um quase irracionalismo instintivo.

A força, segundo a ética grega, é definida como Andréia, Virilidade; isto é, seria a afirmação do homem frente à ameaça de perigo e das dificuldades da existência.

A problemática da Força-Coragem interrelaciona-se com as concepções de agressividade e conquistas. Lidar bem com estes atributos significa relacionar-se bem com a ordem e desenvolvimento pessoal e social.

Platão (apud 41) personifica a virtude da força nos guardas que devem defender a República, porque seriam dotados de um sentimento denominado Paixão, isto é, um heroísmo irascível, que os torna profundamente fiéis, não recuando mesmo diante da morte. A Paixão seria para os filósofos gregos um movimento interior, uma Impulsão, uma fonte energética de decisão, que ajuda o homem a se auto-afirmar ante o destino, o sofrimento e a infelicidade. Aristóteles (apud 41) considera esta Impulsão uma predisposição natural da virtude da coragem, atributo que move o homem a agir ante as adversidades e que chega ao seu ápice face ao perigo de morte. Aristóteles (apud 41) não acentua a Impulsão Passional como decisiva; para ele, o homem corajoso pode passar sem ela, graças à motivação racional e à atração exercida pelo belo, que se confronta com o perigo e, sobretudo, com a morte. Os estoicos acentuam o caráter supremo da Razão. É através dela que o homem sábio chega a dominar as Paixões.

Segundo a Psicologia Tomista (41), existem três tipos de apetites: natural, voluntário, sensitivo, sendo que este último se subdivide em

faculdades concupiscível e irascível. Segundo esta corrente psicológica, todo ser (animal e humano) tende a conservar-se e a defender-se, aproveitando o que lhe é útil e vencendo o que lhe é hostil. A concupiscência representa a primeira tendência, a irascível, a segunda. A concupiscência é a tendência para os deleites sensíveis. A irascível, ao contrário, lança ao combate, ao ataque ou, à resistência ante a dificuldades ou obstáculos. As Paixões irascíveis reforçam frequentemente a energia muscular. Um homem irascível tem mais força para a luta, para o ataque. A força, em sentido lato, é necessária ao exercício de todas as virtudes. Excetuando-se a temeridade, é a virtude que torna o homem intrépido face a todos os perigos, inclusive o da morte, tornando-o capaz de afrontá-los com coragem. As bases antropológicas da virtude da força prefiguram a concepção moderna de agressividade.

### h3) ASPECTOS PSICOLÓGICOS E PSIQIÁTRICOS DA AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA

Ao abordar os aspectos psicológicos da agressividade, achamos de interesse tecer algumas considerações sobre a Bioetologia, isto é, a parte da ciência que estuda o comportamento animal comparativamente ao comportamento humano. Esta ciência foi fundada pelo austríaco Konrad Lorenz (111) e pelo holandês Niko Tinbergen (apud 41 e 88).

Há, entre os animais, uma fase evolutiva denominada de Período Crítico, assim chamada, por ser a mais propícia à aprendizagem. Este período foi bem estudado em insetos, peixes, aves e mamíferos. Zoólogos ingleses chamaram-no de Imprinting, referindo-se às primeiras ligações

sociais nos animais infantis, o que se pode entender como o Período De Moldagem, ou período que se imprime o molde.

Lorenz (111) chama de *Pragung* ao processo no qual há uma rápida estampagem da impressão materna no animal jovem. Existe, no entanto, para alguns bioetólogos, uma diferença conceitual e prática entre Período Crítico e Período De Moldagem: no primeiro, os fenômenos se realizam mais no sentido fisiológico, enquanto no segundo, estão mais relacionados com a conduta. O Período De Molde seria uma forma, externamente breve na vida dos animais, em que os filhos imitam a conduta dos pais. Por ser um fenômeno muito rápido, alguns pesquisadores denominam-no de Período Relâmpago ou de *Flash-Learning*. Esta aprendizagem, apesar de se processar em um curto período de tempo, é de extrema importância no comportamento do animal, quando em sua vida adulta. Hess (93), estudando aves, verificou que patinhos recém-natos, acompanhavam modelos artificiais de patas em movimento, que passam a ser consideradas mães verdadeiras. A primeira visão ao nascer, de corpo em movimento, provoca-lhes intensas emoções, de tal maneira que o modelo mecânico passa a funcionar como mãe. É o que denominam *Contato Materno Sensorial Através Da Visão*.

O Sistema Endócrino parece também de vital importância no Período Crítico: ratas adultas que receberam no quinto dia de vida Testosterona apresentavam ovário policístico. Todavia, se a injeção do hormônio fosse aplicada antes do quinto dia ou depois do décimo, nada acontecia ao animal. É também do conhecimento geral, que carneiros retirados da mãe logo após o nascimento não se dão bem no rebanho e acabam procurando somente o ser que lhe deu leite. Entretanto, é interessante



observar que o período crítico nem sempre ocorre após o nascimento: Scott(178) demonstra que em cães o período crítico para a socialização, instala-se na quarta ou sexta semana de vida. Manipulação carinhosa(Holding)dos animais na primeira ou depois da décima semana, seja por pessoas ou por outros cães, não mais adiantará, pois os filhotes, na idade adulta, tornam-se insociáveis, agressivos e medrosos.

Harlow(92), trabalhando com macacos, demonstrou em experiências bem conduzidas que os recém-natos separados da mãe e colocados junto com modelos maternos, mesmo recebendo leite em abundância, mostravam-se ansiosos, com medo e relutantes em contatar qualquer objeto ou situação estranha; ficavam amuados em um canto, sem comerem e em profundo estado depressivo-ansioso. Quando educados, desde o nascimento, por modelos semelhantes, porém revestidos de tecidos acolchoados, fofos, suaves e agradáveis, estes macaquinhos assustavam-se diante de objetos novos, porém acabavam dominando-os. Macaquinhas educadas por mães modelo de ferro, ao reproduzirem-se tornavam-se mães agressivas e pouco afetuosas.

Seitz(179) estudou três grupos de gatos recém-natos:

Grupo I: as crias foram separadas da mãe na segunda semana.

Grupo II: as crias foram separadas depois de aprenderem a lamber o leite no prato.

Grupo III: as crias foram amamentadas pela mãe até a décima-segunda semana.

Quando adultos todos os gatos foram colocados nas mesmas condições de vida, tendo sido observado o seguinte: os gatos do Grupo I eram mais ativos, porém dispersos e ansiosos diante de frustrações, rea-

gindo com asma, quando famintos, tornavam-se agressivos. Os do Grupo II e III eram mais amistosos, confiados, permitindo aos demais gatos compartilharem dos seus alimentos, ao passo que os do Grupo I eram agressivos e egoístas (queriam roubar os alimentos dos outros gatos, isto é, manifestavam comportamentos de agressividade oral).

Gatos criados isolados desde o nascimento, foram condicionados a apertar o botão com a pata e, se a luz acendesse, receberiam alimentos em uma cumbuca. Tempos depois deste condicionamento, ao procurarem o alimento recebiam jatos frios; em decorrência disto, foram ficando depressivos e amuados. Entretanto, se tomassem injeções de álcool no peritônio ou leite adicionado a álcool, os gatos perdiam o medo e enfrentavam o jato frio. Com o indivíduo adulto parece ocorrer a mesma coisa: precisa ingerir bebidas alcólicas para ter coragem de enfrentar dificuldades, sejam elas conscientes e/ou inconscientes.

Estas experiências visam mostrar que as necessidades básicas dos instintos precisam ser satisfeitas de algum modo, para não causarem frustrações na vida adulta. A melhor maneira de uma mãe agir é dar ao filho amor, carinho, afeto; paulatinamente deve saber também ir dosando seus sentimentos, possibilitando ao filho buscar afetos em outras fontes, pois só desta maneira terá condições de tornar-se um indivíduo adulto e independente.

Dados da literatura especializada em Bioetologia ressaltam a importância dos sentimentos de segurança e ausência de hostilidade no período crítico como elementos importantes para não se instalar a agressividade destrutiva. Harlow (92), em seus experimentos com macacos, demonstra que o medo e a insegurança impeliam os animais a um retraimento, que se assemelhava a Catatonia Humana.

Entre os animais, o comportamento de agressividade entre espécies diferentes, visa à conservação destas, isto é, o mais forte deve conquistar o território ou a fêmea desejada. A agressão intra-espécie, que é considerada a verdadeira, no sentido estrito do termo e do fenômeno tem a função de garantir uma repartição regular de animais, num dado território. Visaria sempre a três funções básicas: 1) repartição de seres vivos no espaço vital disponível; 2) seleção efetuada pelos combates entre rivais; 3) defesa da prole. Logo, a observação deste comportamento, leva muitos pesquisadores a afirmar que a função agressiva nos animais está sempre a serviço da adaptação e evolução, jamais da destruição, como se observa entre os homens. Em outras palavras: só o homem é capaz de agressão. É o único que tem capacidade de transformar o meio, assim como de executar ações construtivas e destrutivas, e de promover ataques programados, devidos a sua inteligência e vontade. Dadas estas comprovações, alguns autores evitam a palavra agressividade ao se referirem aos animais, trocando-a pela expressão Conduta Adversiva. A agressão intra-espécie, longe de ser um princípio destruidor, é parte essencial da organização dos instintos em vista da proteção da vida. A agressividade de muitos animais para com seus congêneres não prejudica a espécie, mas é, pelo contrário, essencial à sua conservação.

Assim como para os animais, há autores que acreditam que se possa falar em Período Crítico e Período De Molde também na espécie humana. Objetivando este fim, pode-se começar com os estudos psicanalíticos de Freud em seus Três Ensaios Sobre A Teoria Sexual (74 a), quando introduz o conceito de Eleição do objeto. Esta se daria em duas fases: a primeira, instalada do segundo ao quinto ano de vida, e caracterizada

pela natureza infantil de seus fins sexuais; a segunda fase começa na puberdade e vai constituir-se na vida sexual definitiva do indivíduo. Para a eleição de objeto na época da puberdade, é necessária a renúncia dos objetos infantis e a utilização de uma corrente de sensualidade. A eleição de objeto pode inspirar-se no modelo primitivo infantil e ser de caráter narcisista, buscando e encontrando em outras pessoas o próprio ego. Durante todo este período, a criança aprende a amar as pessoas que satisfazem as suas necessidades e a auxiliam na adaptação à vida, segundo o mesmo modelo e em continuação às suas relações de lactância com a mãe ou a ama.

Este conceito de objeto foi aprofundado principalmente pela escola psicanalítica de Melanie Klein (107), para a qual relações de objeto significam relações com pessoas, com os objetos de amor, semelhante aos processos que ocorrem nas religiões. Na religião católica, por exemplo, a hóstia, que representa o corpo de Cristo, significa objeto bom e é ingerido como alimento purificador. A introjeção de objetos maus pode levar o indivíduo a agir de conformidade com a identificação tanática. Quantos malfeitores não procuram o álcool, a maconha, ou outros tóxicos (identificação ou introjeções de objetos maus) para cometerem crimes?...

Na relação mãe-filho está a chamada relação primitiva do objeto. A criança, por ter seu desenvolvimento e amadurecimento do sistema nervoso mais lento, comparativamente aos animais, é um ser mais dependente e necessitado de amparo; logo, no período de molde, as transferências afetivas da relação mãe-filho terão um papel preponderante nas relações objetais futuras. Os estudos de Melanie Klein (107) vieram, em

parte, confirmar esta relação, pondo em evidência a importância do afeto materno no comportamento dos indivíduos. A introjeção de objetos maus (pais maus) pode, na idade adulta, motivar sentimentos de culpa por fantasias agressivas inconscientes, dirigidas contra as figuras maternas e paternas. Estas fantasias, e subsequente culpa, poderão ser causas de doenças mentais e, inclusive, de crimes e tendências suicidas.

As reflexões Freudianas sobre as Pulsões agressivas (73 b, c, d e 74 b) dividem-se em duas fases: na primeira o psicanalista afirmava ser a Pulsão Agressiva inseparável da Pulsão Erótica. Em outras palavras, Freud admitia que a libido envolve também a Pulsão agressiva, e que a complexidade das pulsões seria tal, que funções complexas do organismo, como por exemplo: a alimentação, a reprodução ou, ainda, a conservação de si mesmo, envolveriam interrelações de várias pulsões. Na segunda fase, Freud coloca em evidência uma outra face do Sistema Pulsional - O Instinto de Morte. Este seria um instinto que tem por base as leis do contra-prazer e que, portanto, se oporia à libido. A este instinto Freud liga as tendências sado-masoquistas que, incorporadas ao superego, formam a agressividade inconsciente, que por sua vez pode ser dirigida contra o próprio indivíduo ou o seu próximo.

Em *Malaise Dans La Civilisation* (73 a e 74 c) Freud alia as Pulsões Agressivas não apenas aos aspectos individuais, mas também às experiências sociais e culturais. Sua tese é que, sendo a agressividade um fenômeno biologicamente difícil de sublimar, o homem não poderia evitar a violência sem renunciar parte desta às instituições e/ou às leis.

F.Hacker(apud 41)define a agressividade como sendo uma tendência,uma energia inerente ao homem,que se exprime na origem pela atividade e que se manifesta em seguida sob as mais diferentes formas,individuais e coletivas,resultantes da aprendizagem e da transmissão social,desde a simples afirmação de si mesmo até à barbaridade.Ele confere à agressividade um papel importante no desenvolvimento social,sendo que,em suas concepções,as instituições transformam a agressão livre e individual em agressão controlada e coletiva.

F.Meyer(apud 41)distingue seis diferentes formas de agressões,que obedeceriam a um centro cerebral específico,denominado Centro Límbico:1)a predatória;2)a por rivalidade;3)por medo;4)por irritabilidade;5)territorial e:6)a agressão maternal.É preciso ainda acrescentar a agressão instrumental,através da qual o comportamento agressivo poderia ser também adquirido e,consequentemente,reproduzível em todas as situações que lembrassem aquela originária da aprendizagem.

Para A.Mitscherlich(apud 41),a agressão é considerada vital ao homem.Ele distingue a agressão controlável,que é a atividade adaptável a um fim,da agressão incontrolável,representada pelos atos indiferenciados,não adaptados a um fim ou realidade que representaram outrora uma fonte de satisfação,permitindo o apaziguamento de tensões.

Adler(apud 41),discípulo discidente de Freud,insiste que a agressão está menos ligada à libido e mais à necessidade de auto-afirmação e de dominação.Nietzsche(apud 41) chamava a estas de vontade de poder.Para Adler(apud 41),a agressividade é uma compensação do sentido de inferioridade.Para Horney(apud 41),a agressividade é uma reação do amor frustrado.Fornari(apud 41)pensa que do ponto de vista psicanalí-

tico, a violência não é um dado primitivo ou instintivo, podendo nascer como reação e, sobretudo, uma reação defensiva da ansiedade. R. Bastide e F. Raveau (apud 41) pensam que tanto a adaptação como a agressão se tornaram conceitos afetivos; enquanto uma é aceita como boa, a outra é vista como demoníaca. Como pode existir uma adaptação patológica e uma agressividade normal, é preciso repensar alguns conceitos, sobretudo quando se fala de agressividade.

Outro psicanalista, Spitz (170), observando bebês de seis a doze meses, notou que quando estes eram separados de suas mães, com as quais anteriormente haviam mantido uma boa relação, desenvolviam-se uma série de alterações: imediatamente após a separação, tornavam-se bebês chorões, o que contrastava com a conduta anterior de sorrisos e felicidade. Depois de algum tempo aparecia o retraimento: os bebês costumavam ficar prostrados em suas caminhas, sem tomar parte nos acontecimentos que os rodeavam. Quando alguém se aproximava, pareciam ignorá-lo. A conduta de retraimento costumava persistir dois ou três meses, durante os quais os bebês perdiam peso, padeciam de insônia, mostravam atraso no crescimento e uma propensão às enfermidades infecciosas. Este período era seguido por um outro, caracterizado pela rigidez da expressão facial: eles costumavam ficar estendidos, com os olhos muito abertos e inexpressivos, o fôceis imóvel, como se estivessem totalmente isolados do ambiente. Spitz (180) destacou que todas as crianças que manifestavam este quadro tinham uma experiência em comum: entre o sexto e o oitavo mês, tinham sido separadas de suas mães. Ressaltou que este quadro se assemelhava àquele da depressão do adulto, e também que, tanto para o adulto, como para a criança, a perda do objeto amoroso, é causa determi-

nante destes sintomas depressivos. Nos casos em que a privação materna se prolongava, os bebês entravam num profundo marasmo. A este quadro, os pesquisadores denominaram **Depressão Anaclítica** (180).

Spitz (180) diz que na ausência do objeto libidinal (o seio materno), as pulsões ficam privadas de seu alvo. Se se seguir o destino da pulsão agressiva, percebe-se que o bebê transforma a ausência em agressão contra si mesmo, que é o único objeto que lhe resta.

Winnicott (192, 193), designou como **Distúrbios de caráter** aquelas manifestações clínicas da tendência anti-social. Tais tendências podem variar desde a gula até a enurese noturna num extremo da escala e até as perversões e todos os tipos de psicopatias (exceto as provocadas por lesão cerebral) no outro extremo. Este pesquisador e psicanalista atribuía as origens da tendência anti-social à privação de afetos na infância.

Até esta época, a teoria psicanalítica tinha, de modo geral, atribuído a delinquência e a criminalidade à ansiedade ou à culpa resultantes de uma inevitável ambivalência inconsciente: quer dizer, eram consideradas como fruto do conflito surgido quando o ódio e, portanto, o desejo de destruir, se dirigia contra uma pessoa amada e necessária. A idéia básica era que, quando a culpa se acumulasse e não encontrasse saída na sublimação e na reparação, algo teria que ser feito ou atuado (*acted out*) para que o indivíduo se sentisse culpado. Em outras palavras, a etiologia da delinquência, era vista em termos de uma luta que se travaria no mundo interno da pessoa. Além de reconhecer estes fatores internos como importantes, Winnicott (192, 193) em seus relatos clínicos, não deixou de dar destaque também à presença de um ambiente se-



guro e estável durante a infância para um crescimento psicofísico sadio do indivíduo.

J. Bowlby (17, 18, 19), outro psicanalista, ao estudar os antecedentes pessoais e familiares de cem crianças perturbadas antes da guerra e encaminhadas ao Child Guidance Clinic, onde ele trabalhava, descobriu vínculos diretos entre roubo e privação, em particular separações da mãe, nos primeiros anos de vida.

Winnicott (193), em 1940, elabora um artigo intitulado Crianças e suas mães, em que deixou claro os efeitos nocivos da separação do ambiente familiar e da mãe para estes bebês. Em dois outros artigos, mostrou pontos de vista parecidos: quando é sofrida uma perda, é de se esperar uma manifestação de aflição e, quando tal reação não ocorre, pode haver um distúrbio do tipo depressivo, mais profundo. Winnicott, chamou a atenção para a capacidade de luto, uma reação madura à perda. A Cambridge Education Survey, porém encontrou outras reações menos maduras, incluindo um certo grau de comportamentos anti-sociais, não raro em crianças em idade escolar. Este tipo de comportamento estaria ligado, segundo Winnicott (193), não apenas à perda de pessoas amadas e necessárias, mas também à perda de segurança. Este pesquisador sustentou que o indivíduo que sofre é o que mais pode ser ajudado, e em decorrência, defendeu a criação de lares substitutivos para crianças abandonadas.

Bowlby (17, 18, 19), Miller (apud 193) e Winnicott (192, 193) assinalam que quanto menor a criança maior será o perigo ao separá-la de sua mãe. Quanto menor a criança, menor será sua capacidade de manter viva em si a idéia de uma pessoa e, portanto, menor será também sua capacidade de tornar-se uma pessoa sadia. Mais da metade dos casos investigados por estes pesquisadores tinham sofrido separações da mãe e do ambiente familiar por períodos maiores do que seis meses, durante os cinco primeiros anos de vida.

Bowlby forneceu, a partir de suas observações clínicas, uma classificação de anormalidades, que foi de grande utilidade nos trabalhos de Winnicott (193):

1) Crianças Ansiosas, podendo ser também deprimidas;

2) Crianças Fechadas em si mesmas, tendendo a afastar-se de todos;

3) Crianças Ciumentas e briguentas;

4) Crianças Hiperativas e agressivas;

5) Crianças ciclotímicas, isto é, que alternam estados de exaltação com depressão;

6) Crianças delinquentes, subclassificadas em três graus de perturbações:

Grau I) Indica uma discreta dificuldade, e em alguns casos não mais que uma tendência, que se corrige com um tratamento razoável e compreensivo no curso dos acontecimentos no lar e na escola.

Grau II) Indica um desajustamento razoável, que requer tratamento clínico, mas que deve ceder mediante cuidados e atenção adequados.

Grau III) Indica um distúrbio emocional profundo, que se não for tratado precocemente, pode redundar em colapsos sérios e incontroláveis.

Para Bowlby (18), os piores efeitos residem na separação dos afetos e das visões e cheiros familiares, provenientes principalmente da mãe e do pai.

Nas crianças mais velhas, as privações podem provocar:

- 1) Tendências anti-sociais;
- 2) Timidez excessiva;
- 3) Depressão e/ou Ansiedade.

Wenar e colaboradores (195), estudando as relações entre mãe e filho e baseando-se nas atitudes maternas, fizeram um estudo comparativo envolvendo vinte e seis crianças portadoras de distúrbios psicossomáticos (asma, artrite reumatóide, eczemas atópicos, etc.), vinte e duas afetadas por graves distúrbios emocionais (mutismo relativo, impulsividade e esquizofrenia), e um grupo controle. Estes pesquisadores chamaram as mães das crianças com distúrbios emocionais de mães perturbadas e as das crianças com distúrbios psicossomáticos de mães psicossomáticas. Nos dois grupos, as mães não davam afeto suficiente a seus filhos. As mães perturbadas apresentavam as seguintes características:

1) Atitudes negativas penetrantes, sendo muito pouco afetuosas;

2) Não mostravam rejeição, porém eram pouco vibrantes com os filhos;

3) Eram portadoras de atitudes destrutivas, não observando necessidades básicas dos filhos (eram insensíveis e inapropriadas).

Os filhos de mães perturbadas eram, em geral, irrequietos, irritáveis, preocupados e com atitudes excessivas de auto-erotismo e encapsulamento.

As mães psicossomáticas se mostravam:

1) Inconstantes em suas emoções;

2) Dominadoras, controladoras e, sempre o centro de atenções.

Seus filhos conseguiam expressar sua agressividade em atos ou fantasias, estando suas estruturas de personalidade mais intactas do que a dos filhos de mães perturbadas.

Bakwin (22,23) observou que a criança de menos de seis meses que permanecia algum tempo em uma instituição, apresentava:

1) Falta de atenção;

2) Enfraquecimento e palidez;

3) Relativa imobilidade;

4) Falta de expressão;

5) Inquietude;

6) Facilidade de contrair infecções;

7) Inapetência;

8) Insuficiente aumento de peso;

9) Evacuação frequente;

10) Sono desassossegado;

11) Aparência de infelicidade.

Estes sintomas desapareciam rapidamente, quando as crianças carentes eram colocadas em um bom lar.

O ego e o superego de crianças que sofreram privações graves tendem a não se desenvolver suficientemente. Elas convertem-se em Psicopatas (125), isto é, indivíduos sem afetividade, incapazes de deduzir as consequências de seus atos, passando a ser os piores inimigos de si mesmos e da sociedade. O lar rigoroso, mas sem amor, pode produzir estes mesmos efeitos.

Ciril Burt, citado por Almeida Junior e Costa Junior (07), comparou duzentos menores infratores da mesma idade e mesmo extrato social e concluiu que o fator mais sério da delinquência não é nem a falta de disciplina e nem a rigidez e severidade, mas sim a desigualdade disciplinar, ou seja, atitudes ora frouxas, ora excessivas, em que a criança um dia é repleta de afagos e, no outro, espancada.

Fairbairn (75) admite que, se as primeiras relações objetivas da criança são boas, há um desenvolvimento psicológico bom; se não, a crian-

ca torna-se ansiosa, insatisfeita. Fairbairn considera a **Introjeção**, uma defesa do ego em relação aos objetos maus: se o objeto mau é sentido dentro dela, ela pode manejá-lo melhor do que na realidade externa. O autor chama a este processo de **atividade defensiva**.

Resumindo as idéias de alguns autores presentes neste item, podemos citar Beichmar (24), que, baseando-se nos escritos de Freud sobre a **Realização de desejos**, diz que o primeiro objeto capaz de provocar uma ativação prazerosa no lactente é o seio materno. Esta experiência de satisfação é caracterizada da seguinte maneira:

1) Imediatamente depois do nascimento, ante o surgimento de uma necessidade de ordem biológica (por exemplo a fome, vivenciada com desprazer) surge o que Freud denominou de **tensão de necessidade**.

2) Pela presença de um objeto externo adequado, no caso o seio, que provê o alimento, a necessidade se satisfaz, ficando esta primeira experiência inscrita no psiquismo como **experiência de satisfação**.

3) A partir de então, novamente na emergência da tensão de necessidade, um traço mnêmico da experiência de satisfação é carregado, constituindo uma representação complexa, para a qual tende o **desejo**. A evocação desta experiência de satisfação vai ser o que Freud denominou **Desejo**, definindo-o como o movimento, o processo, a tendência que vai do polo do desprazer ao do prazer ou, mais especificamente, como a **carga mnêmica da experiência de satisfação**. O objeto da experiência de satisfação será o objeto do desejo.

Na experiência de satisfação não se resolve somente uma necessidade de ordem material: a do alimento. Obtém-se, simultaneamente, um go-

zo erógeno: a estimulação da zona bucal, dos lábios, da língua, da bochecha. Este gozo erógeno não é redutível apenas à satisfação da necessidade alimentar, fato demonstrável pelo ato de chupar a chupeta, que pode prolongar no lactente o ato de sugar, que além de satisfazer a sua fome prolonga o prazer da sucção através do acionamento rítmico de sua boca. Neste exemplo, vê-se que a necessidade biológica constitui um pré-requisito, um primeiro tempo, que desencadeia a evocação da experiência de satisfação. O traço mnêmico desta, será capaz de despertar um estado de tensão, que faz evocar o desejo. Exemplo disto constitui-se no seguinte: um adulto, ao presenciar seu prato preferido, faz evocar a experiência de satisfação, criando a tensão do desejo de ingeri-lo. Na experiência de satisfação, há um duplo componente: a necessidade orgânica e a existência de algo que está além da necessidade biológica, residindo precisamente na possibilidade de que o desejo adquira o caráter de inesgotável.

Voltando à experiência de satisfação, recorde-se que, enquanto mama, o bebê olha o rosto da mãe, é tocado por esta, recebe o seu calor. A reapresentação do rosto materno será o traço mnêmico para o qual tenderá o lactente. Assim sendo, o desejo do bebê não será mais o de um objeto concreto, o seio, mas sim a mãe como um todo, como expressão de amor, do personagem que lhe é mais significativo. Seu desejo será o de ser desejado pelo outro. Basta observar um bebê de quinze meses repetindo prazerosamente determinados gestos, que resultam graciosos para outrem, para constatar este fato.



Hegel (apud 24), na Fenomenologia Do Espírito, assinala eloquentemente que a marca do desejo humano não é propriamente a coisa pelo seu valor em si, mas sim pelo valor que pode ter para um outro, que é, em última instância, o verdadeiro objeto de desejo. Para ser o objeto do desejo do outro, termina-se desejando o que o outro deseja ou tem. A compreensão destes sentimentos será de vital importância nos comentários das histórias de vida dos presidiários.

Do ponto de vista psiquiátrico, há dois quadros nosográficos que são comumente associados a condutas agressivas e, até mesmo, violentas:

1) A Personalidade Psicopática (125), também chamada de Personalidade Anti-Social, que se caracteriza por desajustamentos no ambiente familiar, escolar e social, começando muitas vezes com falta às aulas, expulsão da escola, pequenos furtos, fugas de casa, mentiras contumazes, vandalismo, etc. Após os 18 anos é comum o mau desempenho ocupacional, a ociosidade, a recusa em aceitar as normas de comportamento legal, brigas repetidas, paternidade irresponsável, abandono da família, vigarice e, até mesmo, violação dos direitos alheios, em diferentes graus.

2) Esquizofrenia Paranóide (126), que se caracteriza por uma desorganização da personalidade, por distúrbios do pensamento (principalmente pelos delírios persecutórios), por distúrbios de senso-percepção (alucinações auditivas e/ou visuais), distúrbios dos sentimentos e da vontade. Este quadro psíquico pode levar o indivíduo a se auto-agredir, ou a agredir outros, por vezes gravemente.

#### BASES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA

O Oxford English Dictionary (apud 80) registra, pela primeira vez em 1959, a expressão *Dangerous Classes*, definindo-as como um conjunto social formado à margem da sociedade civil. Esta expressão surgiu pela primeira vez na Inglaterra, em 1849, no livro de Mary Carpenter (apud 80): *Reformatory Schools For The Children Of The Perishing And Dangerous Classes, And For Juvenil Offenders*. No conceito desta escritora, as *Classes Perigosas* eram formadas por pessoas que houvessem passado pela prisão, ou as que mesmo sem ter esta história, vivessem notoriamente da pilhagem, e estivessem convencidas de que poderiam ganhar mais praticando furtos do que trabalhando.

Na literatura sociológica do fim do século passado, o conceito de *Classes Perigosas* chega, por inúmeras vezes, a identificar-se com o conceito de Lumpemproletariado. Este termo foi introduzido em 1845 na obra de Marx e Engels intitulada *A Ideologia Alemã* (135), para definir o mais baixo estrato da sociedade, cujas origens localizam-se na formação urbana, no período de decadência do feudalismo.

Engels, em um prefácio escrito em 1870 para o seu livro intitulado *The Peasant War In Germany* (apud 80), utiliza a expressão Lumpemproletariado, dando-lhe um conteúdo profundamente político:

"O lumpemproletariado, a escória (*Scum*) dos elementos depravados de todas as classes, com suas bases nas grandes cidades, é o pior de todos os possíveis aliados. Essa realidade (*rabble*) é absolutamente venal e absolutamente descarada (*brazen*). Se os trabalhadores

franceses, em toda revolução, inscreveram em suas casas *Mort Aux Voleurs* (morte aos ladrões), e mesmo dispararam contra eles, não o fizeram em reverência pela propriedade, mas porque consideraram, corretamente, ser necessário, acima de tudo, livrarem-se desses bandos"...

Tanto Marx como Engels sempre tiveram uma posição contrária à utilização de elementos do lumpemproletariado na ação revolucionária, por considerá-los instrumentos facilmente maleáveis, tanto por idéias do poder vigente como da oposição, como havia mostrado a experiência histórica. A preocupação maior de Engels, porém, era a de responder, com o reforço de sua conceituação, às teorias Bakunistas. Para o anarquista russo Bakunin (apud 80), o verdadeiro tipo de revolucionário eram os elementos postos à margem da sociedade. Sua vanguarda deveria ser constituída dos socialmente desclassificados, dos que Marx e Engels (135) chamavam de lumpemproletariado

Tese idêntica a de Bakunin foi defendida por Frantz Fanon (69) em seu famoso livro prefaciado por Jean Paul Sartre, intitulado *Les Damnés De La Terre* (Os Condenados Da Terra, 1968). Fanon, médico e pensador antilhês, nascido em 1920 na Martinica e falecido em Washington em 1961, teve participação importante na guerra de libertação da Argélia e sua obra representa um protesto feroz contra a opressão dos colonizadores. Ele acreditava na teoria Bakunista e, baseado nela, escrevia:

... "é nessa massa, é nesse povo das favelas (bidonvilles), no seio do lumpemproletariado, que as revoluções vão encontrar suas pontas de lança urbana. O lumpemproletariado, essa corte de esfo-meados, afastados da vida tribal e de seus clãs, constitui uma das forças mais espontâneas e radicalmente revolucionárias".

Fanon(69) também não afastava a idéia de que essa mesma força pudesse ser manipulada e usada pelo inimigo:

... "O opressor, que não perde a ocasião de fazer os negros se entredevorarem, utilizará com rara felicidade a inconsciência e a ignorância, que são as falhas do lumpemproletariado."

Na Argélia foi o lumpemproletariado que preencheu os claros nas tropas. Em Angola foi ele que forneceu os abridores de estradas que precediam as colunas armadas portuguesas; no Congo, estava presente às manifestações regionalistas de Kasai e de Katanga, etc.

Marx(125) descreve o mecanismo através do qual a formação da riqueza, a acumulação do capital, produz, ao mesmo tempo, o seu contrário, ou seja, a acumulação da miséria. Com o desenvolvimento do Capitalismo no campo, e o domínio do capital sobre a agricultura, a demanda de trabalho na economia agrícola sofre uma diminuição relativa, e depois uma diminuição absoluta, à medida que o capital se acumula. Uma parte desta população trabalhadora do campo, arruinada pela concorrência e espoliação, bem como a parcela de trabalhadores deslocada pelo progresso técnico (inovações tecnológicas poupadoras de mão de obra) estarão sempre prontas a se converterem em população urbana ou manufatureira, ficando à espera de que ocorram circunstâncias que favoreçam esta conversão.

Migrando para as cidades, em ritmo lento, já que a piora das condições de vida no campo não lhes permite permanecer dignamente, vão se juntar aos pobres das metrópoles. Com isto o pauperismo cresce e a riqueza de capital de uma minoria dominante aumenta, às custas do subemprego.

Esse processo de Lázarus do proletariado, através do qual são recrutados os elementos da classe perigosa, nada tem de original. Isto já havia ocorrido na primeira metade do século XIX, na Inglaterra, na fase inicial da Revolução Industrial(80). A extrema miséria urbana, com as grandes cidades inglesas abarrotadas de migrantes rurais expulsos dos campos pela violência dos cercos provocados pelos landlords (grandes proprietários de terras), completada com a transformação das lavouras em criadouros de carneiros, teve como resultado, durante mais de trinta anos, uma rápida e trágica proliferação da criminalidade, que só encontrou seu fim com o crescimento das migrações para os Estados Unidos e para a Austrália(80).

Evidentemente a pobreza brasileira, como a de outros países latino-americanos, atinge proporções excessivas, talvez jamais existentes nos países desenvolvidos, e é esse o alto preço cobrado ao nosso povo, pelas peculiaridades do estilo de crescimento capitalista que nos foi imposto. Segundo Guimarães(80) em seu livro *As Classes Perigosas*, durante toda a história dos países latino-americanos, incluindo-se o México, onde foi feita uma reforma agrária revolucionária no começo do século, o produto excedente do trabalho foi subdividido entre uma sequência de metrópoles estrangeiras e as oligarquias agrárias escravocratas e pós-escravocratas. Essas oligarquias, por toda uma fase em que exerceram o domínio absoluto interno da economia e da sociedade, empregaram todos os meios ao seu alcance para manter rigidamente em suas mãos o controle da propriedade e do uso da terra, e para impedir o acesso das classes trabalhadoras a qualquer dos outros meios de produ-

ção. A apropriação ultra-concentrada da renda nacional, deduzida a parte evadida para o exterior, diferentemente do que aconteceu nos países em que a propriedade da terra foi subdividida, como ocorreu, por exemplo, nos Estados Unidos Da América, foi obtida às custas de métodos de acumulação do capital (pré-capitalistas e capitalistas) fortemente espoliativos, que exigiram a continuidade histórica de regimes políticos apoiados no arbítrio(80).

Nos Estados Unidos, a vitória dos ideais revolucionários alcançados nas guerras da Independência e da Secessão possibilitou a solução democrática do problema da terra, com a consequente eliminação dos excedentes de mão de obra, assim como permitiu, não apenas uma melhor distribuição da riqueza nacional, mas também a formação de um crescente mercado interno, para o rápido crescimento industrial. Possibilitou ainda a formação de uma forte classe média no campo, que se tornou o suporte do regime liberal.

Na Inglaterra, e em alguns outros países onde a pobreza constituiu-se em graves problemas da época da revolução industrial, em virtude, principalmente, das migrações para as cidades, os excedentes relativos da população não puderam ser absorvidos pela marcha da industrialização, e somente foram corrigidos os desequilíbrios demográficos por meio dos grandes fluxos migratórios destinados aos Estados Unidos e Austrália.

Segundo Guimarães(80), nas condições brasileiras atuais, a acumulação capitalista continua a exercer-se de forma plena, oferecendo com isto duas opções para a solução dos estados patológicos graves quanto aos excedentes relativos populacionais:

1) a devolução dos excedentes no todo, ou em parte, para o campo, facilitando-lhes por meio da reforma agrária, o acesso à exploração produtiva da terra;

2) ou a migração externa.

Em nosso país, o empobrecimento da população e a superpopulação urbana provocada pela evasão do campo colaboraram para gerar as Favelas. Em 1975, existiam cerca de 20 a 30 mil favelas na América Latina, das quais 300 situavam-se no Rio de Janeiro (153), onde muito provavelmente concentra-se o maior número destas moradias do mundo pobre. Acredita-se que nos anos 80 este número seja até 100 vezes maior, ou muito mais, visto que não existem estatísticas exatas. O Boletim Oficial Da Secretaria De Serviços Sociais Do Brasil (apud 153) descreveu uma favela como um grupo de moradias com alta densidade de ocupação, construídas desordenadamente e com materiais inadequados, sem zoneamento, sem serviços públicos e em terrenos usados ilegalmente, isto é, sem o consentimento do proprietário.

Quando o migrante pobre e sem qualificação vem para a cidade industrializada, o resultado, segundo a socióloga americana Barbara Ward (apud 80), é a miséria, o desespero, a desordem e a violência, devidos, principalmente, às frustrações das esperanças do migrante.

A migração (133) é seletiva, isto é, são os elementos mais dinâmicos da população rural que vão para os grandes centros urbanos. Presume-se que estas pessoas se deslocam movidas pelo esgotamento dos

solos, por condições climáticas adversas, em particular secas ou inundações, por divisões cada vez menores de lotes para a agricultura de subsistência ou, pelos latifúndios e pela mecanização da lavoura. O argumento dos migrantes tem sido a busca por melhores e maiores oportunidades de trabalho e de atendimento social. Todavia, a falta de qualificação lhes traz mais problemas do que vantagens, em parte também devido à tecnologia avançada, utilizada atualmente nas indústrias.

Segundo Janice Perlman (153), em seu livro *O Mito Da Marginalidade: Favelas E Política No Rio De Janeiro*, há inúmeras controvérsias sobre as favelas e sua população. De acordo com o ponto de vista de muitos, estes locais são aglomerações desordenadas de vagabundos, desempregados, mulheres e crianças abandonadas, ladrões, bêbados e prostitutas. Esses elementos marginais vivem em condições subumanas, sem água encanada, esgotos, coleta de lixo e outros serviços urbanos básicos, num ambiente sujo e insalubre. As favelas, feias como são, prejudicam o pitoresco panorama da cidade. Econômica e socialmente, constituem um dreno, um parasita, exigindo altos gastos em serviços públicos e dando pouca retribuição. Os favelados mantêm-se à parte, não contribuem nem com aptidões, nem ao menos com poder aquisitivo para o bem geral e são uma ameaça pública. Ademais, as terras que ocupam são em geral muito valiosas e, portanto, as favelas impedem que se lhes dêem uso mais lucrativo, além de desvalorizarem as propriedades vizinhas (153).

Dentro de uma visão de consenso, tanto para os favelados como para os cidadãos em geral, seria melhor que as favelas não existissem, e que se desencorajassem os migrantes a virem para as cidades. Este é o mito dominante sobre o assunto (153).



Alguns grupos de sociólogos consideram as favelas como comunidades habitadas por pessoas dinâmicas, honestas e capazes, que poderiam melhorar sua vizinhança, se lhes fossem dadas oportunidades. Estes pensadores concluem que as favelas são usadas como bode espiatório de problemas políticos e econômicos não resolvidos, como, baixo índice de crescimento do produto nacional bruto, altos índices de criminalidade, etc. Essas conceituações preconceituosas sobre favelas e favelados estão tão arraigadas, que até mesmo os próprios favelados, principalmente os mais pobres, estão convencidos da própria incapacidade (153).

Perlman (153) comprova que os favelados e os suburbanos não possuem atitudes ou comportamentos supostamente associados aos grupos marginais. Segundo ela, do ponto de vista social, eles são bem organizados e coesos, e utilizam amplamente o meio e as instituições urbanas. Do ponto de vista cultural, são muito otimistas e almejam o melhor para os seus filhos, incluindo a melhoria de suas moradias. Do ponto de vista econômico, trabalham e muito, e consomem sua cota dos produtos de outrem, pagando, por vezes, mais caro, pois só podem comprar onde têm crédito. Colaboram na construção da própria casa, como também na grande parte da infra-estrutura urbana e comunitária. Têm consciência política, não sendo apáticos e nem radicais. Reagem às mudanças dos parâmetros dentro dos quais se movem, e barganham astutamente com os candidatos populistas suas reivindicações, sabendo-se manter também sensatamente apolíticos no período do autoritarismo. Em geral têm crítica de suas vulnerabilidades sócio-políticas. Em resumo: os favelados têm as aspirações da burguesia, a perseverança dos pioneiros, e os valores dos patriotas. O

que eles não têm são as oportunidades de satisfazer suas aspirações(153).

O mito da marginalidade(153) persiste, sustentado pelo etnocentrismo e pelo preconceito de classes, que se mantém para preencher e preservar a função ideológica e política da ordem social que os gerou. Disto podemos concluir que:

1)Os mitos atuam de tal maneira que isolam um segmento da classe trabalhadora da outra; eles lutam entre si, ao invés de se unirem.

2)Na medida que os mitos acentuam a idéia de setores populares como sendo dependentes, isolados e impotentes, também reforçam a idéia de que tais setores podem ser integrados por políticos populistas oriundos ou do sistema governamental, ou de partidos políticos competidores. Estas políticas populistas são tentativas de conseguir apoio mediante medidas paliativas, que evitam, ao mesmo tempo, mudanças básicas e a concessão de poder ou autonomia real para os grupos populares.

3)Os mitos da marginalidade justificam a existência de desigualdades extremas e a incapacidade do sistema proporcionar padrões de vida mínimos para grandes parcelas da população. Ao culpar por estas condições, certos atributos da população favelada, os mitos preservam a legitimidade e credibilidade das normas de jogo do sistema.

4) Os mitos da marginalidade facilitam a aceitação e justificam a implementação de qualquer política oficial que se refira direta e indiretamente aos setores populares da sociedade urbana. A remoção das favelas é aceita como parte da reestruturação do sistema urbano, precisamente porque os favelados são considerados marginais e, portanto, dispensáveis. Se fossem vistos como trabalhadores normais, dotados de direitos, seriam tratados de maneira muito diferente. Como marginais, porém, não têm direitos ou exigências a fazer ao sistema, sendo, portanto, mais fáceis de manipular.

5) Os mitos da marginalidade informam a auto-imagem dos rotulados de marginais, da maneira mais conveniente para o resto da sociedade. Com maior frequência, os favelados absorvem e internalizam a descrição negativa que deles é feita e culpam a própria ignorância, a preguiça e a desvalia pela falta de sucesso.

Os favelados servem ao sistema. Aceitam baixos salários, trabalham longas horas, muitas vezes sem nenhum direito trabalhista, inclusive registro em carteira. São o exemplo maldito para uma vasta gama de problemas sociais, emprestando legitimidade para as normas dominantes. Podem ser considerados a fonte de todas as formas de aberração, perversidade e criminalidade e, como não possuem meios de se defender, o resto da sociedade pode constantemente repurificar a auto-imagem (153).

Nos últimos anos da década de 1970, as favelas e toda a periferia das áreas metropolitanas foram invadidas por ondas sucessivas de violência. Sem características reivindicativas, isto é, não eram dirigi-

das pelas camadas populares pobres contra os ricos. Vinham, ao contrário, coincidir com um rápido crescimento urbano nas zonas de pobreza, com o aumento do desemprego e do subemprego, com o custo de vida em exorbitante ascensão. Esta violência, que nos dias atuais atinge níveis bastante elevados, não se faz só pelas mãos dos delinquentes, mas também dos repressores, representados pelo aparato policial e, também, por grupos sociais isolados e numerosos, que decidem, perigosamente, a fazer justiça com as próprias mãos: são os justiceiros e os linchadores, e, em certa época, o denominado **esquadrão da morte** (31), que atuou principalmente na baixada fluminense, uma das regiões brasileiras de mais baixa renda, e mais violenta do mundo (173). Analisando a história, verificamos que este estado de violência que nos envolve já ocorreu em outras partes do mundo. É sobre este tema, que vamos discorrer a seguir.

## **b5) ASPECTOS HISTÓRICOS DA VIOLÊNCIA MAIS RELEVANTES**

### **b5.1) NA INGLATERRA**

(80, 112)

Em 1750, após o fim do Feudalismo e o aceleramento da **Revolução Agrícola**, acelerou-se em toda a Europa Continental, particularmente nas grandes cidades, como Londres, o crescimento demográfico. Para isto colaboraram a migração de famílias deslocadas do campo, devido às melhorias dos métodos agrícolas, e à perda de suas terras para os grandes proprietários rurais, que delas se apropriavam escudados pela legislação dos **enclosures** (cercamentos de terra).

Londres registrou nesta época um grande aumento de sua população, para cuja maioria faltava trabalho. Resultou daí a formação de extensas áreas de pobreza e o aparecimento de novos bairros miseráveis, nos quais se aglomeravam bandos de criminosos. Locais como Southwark Mint, Fleet Street e o Rio Tâmisa eram bastante famosos por este motivo. Os bandos eram numerosos e bastante organizados, contando com funcionários como tesoureiros, secretários, etc.

Com o desenvolvimento do comércio exterior e expansão das atividades industriais, a oferta de empregos chegou a dobrar nas cidades inglesas. Alguns melhoramentos urbanos, como o aumento da iluminação, contribuíram para baixar o índice de crimes; por pouco tempo, contudo, pois entre 1820 e 1840, as prisões de delinquentes dobraram na Inglaterra e País de Gales.

São grandes as semelhanças entre as primeiras décadas da Revolução Industrial na Inglaterra, e a atual, de industrialização, nos países em desenvolvimento. Muitas medidas de segurança sugeridas na época para prevenir ou atenuar os efeitos da criminalidade são as mesmas utilizadas hoje em nosso país, como o uso de bancos para pagamentos de salários, uso de cheques, etc.

Dentre as idéias a respeito do crime que circulavam na Inglaterra do século XIX, estava o conceito de Classe Criminal. Esse conceito, surgido em 1815, caracterizava os ladrões como uma casta que tinha sua gíria peculiar, seu modo de pensar, hábito e gênero de vida. Em 1832, um artigo do Frazer's Magazine diz que eles formam uma classe distinta de homens, só muito cautelosamente admitindo novicos em seus segredos.

Em 1891, o reverendo Morrison, capelão de um presídio, dizia: há uma população de criminosos habituais, que formam uma classe. Criminosos habituais não devem ser confundidos com a classe trabalhadora, ou outra classe qualquer; eles são um conjunto de pessoas que fazem do crime o objeto e a atividade de suas vidas; cometer crimes é o seu negócio...

As então chamadas Classes Criminosas foram um fenômeno peculiar das grandes cidades, dispendo de áreas inteiramente dominadas por seus grupos, formando com eficiência suas instituições. Estas classes estavam subordinadas a uma rígida hierarquia, regida pela classificação de seus membros segundo sua especialização, e as penas que os agentes lhes impunham. O delinquente mais audacioso pertencia à aristocracia dos presidiários; o mais baixo nível era representado pelos famintos, ladrões de alimentos, que agiam em restaurantes e casas de pastos.

As mulheres também faziam parte desta classe, ainda que em número reduzido. Estavam, em grande parte, associadas aos punquistas, ladrões ou assaltantes, porém agindo frequentemente por conta própria, como ladras e prostitutas.

O mesmo se sucede com as crianças, cuja participação era grande na Classe Criminal do início da Revolução Industrial.

O infanticídio, assim como o abuso de bebidas alcólicas e de narcóticos, era praticado em larga escala. Para muitos sociólogos, o infanticídio nessa época serviria como um importante fator de controle populacional, visto que a intensa migração do campo e a crescente miséria, levava a um superpovoamento das grandes cidades inglesas.

As quadrilhas eram bastante organizadas e dispunham de seus receptadores, divididos entre ramos especializados. Havia assistência jurídica dada por advogados habilitados em tirar o melhor proveito das leis, de forma a colocar seus clientes o mais rapidamente possível fora das grades. Os bandos agiam em territórios exclusivos, a eles alocados, cuja invasão era considerada atentatória ao código de ética.

Havia numerosos estabelecimentos que serviam de ponto de encontro dos fora da lei. Bares, restaurantes e hospedarias, eram pontos de referência para os bandidos e para a polícia, que os preservava, porque de outro modo tornava-se muito mais difícil localizar os criminosos. Havia também uma extensa rede de lojas e depósitos dos receptadores, que abrangiam o Velho e Novo Continente. Esses locais eram chamados de *Flash houses*, e eram os quartéis gerais das quadrilhas organizadas, onde se conversavam e concluíam muitos negócios. Ali encontravam-se velhos comparsas, que trocavam informações necessárias às suas atividades, e contavam com a assistência de que necessitavam ao saírem das prisões. Nas casas dos receptadores, existiam fornalhas para incinerar produtos de crimes; muitas delas possuíam oficinas para mudar as marcas de produtos roubados ou para dar outras características que identificassem os produtos dos roubos.

A criminalidade somente começa a declinar com a diminuição da população, decorrente das migrações para o estrangeiro. O fato mais notável é que muitos dos emigrantes que viviam de atividades criminosas na Inglaterra transformaram-se em honrados agricultores quando passaram à condição de proprietários de terras, recebidas gratuitamente

ou adquiridas por baixos preços, tanto na Austrália como nos Estados Unidos.

### **b5.2) Na França**

(80)

A **Revolução Industrial**, que começara na Inglaterra durante a segunda metade do século XVIII, inicia-se na França basicamente na década de 1830, quando já estava instaurada a **Monarquia de Julho**, que levou ao poder o governo dos banqueiros (1830-1848). Com a **Revolução de Julho**, Luís Felipe, duque de Orleans, foi conduzido ao poder por seu compadre, o banqueiro liberal **Jacques Laffitte**, que se tornou **Presidente do Conselho e Ministro das Finanças**. Para Marx (apud 80), o novo poder foi o reinado da aristocracia financeira, associada a um grupo de senhores feudais da indústria: reis da ferrovia, barões do carvão, proprietários de minas de ferro e grandes latifundiários.

Dos trinta e quatro milhões de franceses da época, apenas duzentos e quarenta mil votavam. Esses eleitores formavam uma casta privilegiada, denominados **os representantes do país legítimo**, por pagarem impostos superiores a duzentos francos. O restante da população pertencia às classes despossuídas, em que se incluía um proletariado tão miserável quanto o proletariado inglês.

A primeira estrada de ferro foi inaugurada em 1825 e, já na metade do século, havia uma rede de 1800 quilômetros em tráfego. Cerca de três quartos da população trabalhavam no campo e, nessa época, ocorria a chamada anexação de terras dos camponeses (cada vez mais indivi-



dados) às grandes propriedades restauradas, isto é, aquelas que haviam sido devolvidas ou que ainda eram consideradas pertencentes aos nobres, seus antigos donos.

Este fato levou muitos camponeses a Paris, onde as condições de vida eram péssimas. A jornada de trabalho excedia a quinze horas, sendo numerosos os desempregados. Os salários desciam a níveis extremamente inferiores aos da necessidade básica de sobrevivência digna. A indignação dos camponeses era constante e manifestava-se através de atos de violência contra a propriedade e contra as pessoas. Crimes agrários, pilhagens de castelos, ondas de terror, violências de diferentes formas eram praticados como forma de extravazamento desse ódio inextinguível ao feudalismo e a exploração senhorial, que os franceses abominaram, e tinham medo de verem de volta.

A manutenção dos dízimos, apesar do decreto de 1791, que os abolia, provocou inúmeros tumultos no fim do século XVIII. Ele persistiu até grande parte do século dezanove e ainda se manteve em vigor em algumas regiões da França, até o início do século XX.

Surge então um movimento novo na Europa, denominado Socialismo Utópico, que trazia como característica principal uma visão crítica da sociedade que estava surgindo, assim como suas preocupações pelos sacrifícios impostos às classes mais pobres e mais numerosas. Estes socialistas tiveram importante papel no movimento operário e nas lutas contra a violenta repressão desencadeada pela Monarquia de Julho, especialmente nos primeiros anos da década de 1830.

A Paris superpovoada da época contrastava com a precariedade de seu equipamento urbano, com excesso de dejetos nas ruas, insuficiência de esgotos e poluição dos cursos de água que atravessavam a cidade. A imundície, a miséria e a criminalidade estavam presentes como aspectos comuns da paisagem cotidiana. Em 1835, quase todos os lares de Paris recebiam para o uso indispensável de que necessitavam apenas dois baldes de água diários, penosamente carregados por homens e mulheres calçados de tamancos.

Entre 1801 e 1851 a população parisiense havia dobrou; entre 1831 e 1836 o crescimento foi de 10,25%, apesar da epidemia de cólera de 1832 e das convulsões revolucionárias dos primeiros anos da Monarquia de Julho.

A fome, o aumento no número de suicídios, o aumento da prostituição e de vagabundos, assim como o aumento de mortalidade, fazem o pano de fundo de uma nova classe social, na época denominada **Proletariado Industrial**. Os proletários, face a tensão social reinante, começam a guerrear entre si; cada um barra o caminho do outro, todos procuram aniquilar os que atravessam seus caminhos, tomando imediatamente os seus lugares. Os trabalhadores competem entre si, tal como os burgueses.

Porém, um novo impulso na **Revolução Industrial** na França traria, a partir da segunda metade do século XIX, o fim da guerra entre trabalhadores (campagnonnage), a fixação e a absorção dos migrantes rurais no grande centro econômico e cultural em que Paris se transforma no século atual.

Três fatores serão decisivos para diminuir a miséria e a criminalidade na França:

1)A criação de trabalho no campo,motivada pela melhor distribuição de propriedades,diminuindo-se as migrações para a cidade.

2)O acelerado ritmo de crescimento industrial e,consequentemente,o aumento do número de empregos urbanos diretos e indiretos.

3)As correntes migratórias decorrentes da expansão do colonialismo francês,após a ocupação da Argélia,Indochina,Madagascar,etc.

### b5.3)No Brasil

(80)

No Brasil,conforme Guimarães(80),a história da civilização não começou com o cultivo parcelário da terra,como ocorreu na Europa,mas sim com a repartição de seu imenso território em concessões colossais divididas entre fidalgos e plebeus ricos,com a condição expressa de que as cultivassem pelo braço escravo,primeiro do gentio,depois do africano.

A propriedade senhorial,o domínio absoluto da terra e os frutos destes cultivos principais(a cana-de-açúcar,o algodão e,mais tarde o café)eram exclusividade do senhor da fazenda ou do engenho.As roças dos agregados ou moradores não se integravam na unidade econômica fundamental,formando uma dependência,resultante muitas vezes de uma

dáviva ou esmola, que a qualquer momento poderia ser sustada, com a expulsão do cultivador. O produto do cultivo dos moradores apenas servia ao autoconsumo ou à troca natural. O senhorio possuía sua guarda própria, suas defesas contra as incursões do íncola ou do invasor estrangeiro, dispunha de seu próprio governo e autoridade sobre as coisas e pessoas. Dispunha ainda de suas leis, vigentes no seu domínio e no de suas vizinhanças. Este sistema de poder foi mantido com toda rigidez por pelo menos três séculos de Brasil.

Na primeira fase da escravidão negra, quando a relação preço do escravo/preço de exportação apresentava saldo favorável, e quando a facilidade de aquisição era completa (o que se daria até a proibição do tráfico após 1850), a violência contra o escravo-e, por conseguinte, a violência contra os pobres-tornou-se a prática social extensiva a toda classe dominante.

Em meados do século XIX, nos anos da crise açucareira, essa atmosfera opressiva que vinha dos senhores da terra, começou a ser alvo de profundas críticas, principalmente dos intelectuais do Recife. As críticas visavam atingir os grandes proprietários de terra, e o tratamento que dispensavam aos escravos e aos seus agregados. Estávamos nesta fase, no caminho da efetiva proibição da escravatura e havia apelo no sentido de minorar-se o rigor dos castigos impostos aos negros, se não por sentimentos humanitários, pela necessidade de preservarem o estoque destes, que estava cada vez mais difíceis e escassos.

As colheitas diminutas de café, nos anos 1883, 1884 e 1885, agravaram a crise nacional. A escassez da mão-de-obra escrava negra, a

tentativa fracassada de prover as necessidades mínimas da agricultura pela imigração chinesa, a recusa em recrutar trabalhadores nativos, assim como a dificuldade em atrair trabalhadores da Europa em número suficiente fazem que se receasse o pior. Em 1888, veio a **Abolição dos escravos**. Nasceram, no entanto, outros movimentos de dominação das classes mais oprimidas no Brasil, como, por exemplo, o **Coronelismo**.

O **Coronelismo**, expressão que ganhou conotação política por se originar dos postos de coronel da Guarda Nacional, título que era concedido aos chefes de prestígio municipal. Esta condecoração, reservada, em geral, aos grandes proprietários de terra, negociantes ou industriais, que, além do poder econômico de que dispunham e do comando-em-chefe da milícia que passavam a exercer, eram também distinguidos com cargos importantes de direção, da confiança do governo provincial.

O **Coronelismo** traz consigo a instituição da **capangagem** (vigias contratados pelos grandes proprietários de terra, armados e violentos), que representa o elo em nossa história rural, entre o poder e a violência no campo. Exemplificando isto, citamos a preta dos índios, a matança dos quilombolas, a perseguição dos capitães do mato, os massacres dos fanáticos de Canudos, além das usurpações de terras dos vizinhos sem recursos, as solturas de gado nas roças de moradores, as expulsões de posseiros, e, mais recentemente, as lutas entre grileiros e jagunços. A morte de Chico Mendes, líder sindical de seringueiros na Amazônia, é um dos exemplos mais atuais da violência no Brasil. Os conflitos de terra representam, de 1860 até nossos dias, um dos elementos mais favoráveis ao superpovoamento dos grandes centros como São Paulo, provocando a mi-

séria do nosso povo e uma das causas mais importantes do aumento da criminalidade no país.

## **AS PUNIÇÕES AO CRIME**

O histórico sobre tipos de penalidades aplicadas aos criminosos é vasto, incluindo desde execuções capitais, torturas físicas e psicológicas, até exposições dos mesmos ou de seus retratos em praça pública ou em jornais de circulação local ou nacional. Entretanto, neste trabalho, vamos nos ater às punições aplicadas em instituições fechadas, como, por exemplo, as cadeias (instituições carcerárias em que o preso aguarda seu julgamento e o pronunciamento de sua sentença) e as prisões (instituições carcerárias em que o preso cumpre sua pena).

Antes de falar das prisões, seria interessante tecer algumas considerações a respeito do que é uma Instituição:

Instituições são locais, tais como salas, edifícios ou fábricas, em que ocorrem atividades de um determinado tipo. Toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo particular, conforme diz Goffman (79) em seu livro **Manicômios, Prisões e Conventos**. Chama-se de Instituição Total aos locais em que há barreiras à relação social com o mundo externo, representadas por proibições de saída, como portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos. As Instituições Totais podem ser classificadas em:

a) criadas para cuidar de pessoas consideradas incapazes ou inofensivas;

b) criadas para cuidar de pessoas incapazes e ofensivas ou perigosas à sociedade, embora de maneira não intencional;

c) criadas para proteger a comunidade contra perigos intencionais provocados por alguns indivíduos;

d) criadas com a intenção de realizar, de modo mais adequado, alguma tarefa de trabalho ou de estudo;

e) criadas para servir de refúgio do mundo, embora sirvam, muitas vezes, como locais de instrução para religiosos;

As Instituições Totais apresentam algumas características comuns, como:

a) Todos os aspectos da vida do interno são realizados no mesmo local e sob uma mesma autoridade;

b) Cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de pessoas, todas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto;

c) Todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, havendo toda uma sequência, imposta de cima para baixo. As atividades são obrigatórias e supostamente planejadas para atender os objetivos oficiais da Instituição.

Nas Instituições Totais existe uma divisão básica entre dois grupos: o grupo dos internos e o grupo dos dirigentes e supervisores. Geralmente, os internos vivem na Instituição e têm contato restrito com o mundo exterior; os dirigentes, muitas vezes, trabalham num sistema de oito horas diárias e estão integrados ao mundo exterior (79).

As principais razões da divisão entre equipe dirigente e dirigida são: controlar a comunicação entre os internos e, entre estes e os níveis mais elevados da equipe dirigente; restringir a transmissão de informações; poder e controle sobre os internos e dar-lhes ocupação (trabalho).

O trabalho, na Instituição, pode, em alguns casos estar condicionado a pagamentos secundários, como, por exemplo, ração extra ou presente de Natal. Em outros casos, exige-se mais do que um dia integral de trabalho, induzido não por prêmios, mas por ameaças de castigos físicos. Em algumas Instituições, existe uma espécie de escravidão e o tempo integral do interno é colocado à disposição da equipe dirigente; neste caso, o sentido de posse do eu do interno pode torná-lo alienado em suas capacidades. A maneira como são conduzidas as atividades de trabalho nas Instituições tende a torná-lo desmoralizante e aviltante, na maioria dos casos (79).



Segundo Goffman(79), as Instituições Totais são estufas para mudar pessoas; cada uma é um experimento natural sobre o que se pode fazer ao eu.

Ao entrar para uma Instituição Total, o indivíduo sofre uma série de tensões, devidas a várias rupturas, dentre as quais listam-se:

(79)

1)Rompimento com sua família;

2)Rompimento com sua cultura aparente, isto é, um conjunto de experiências que confirmavam uma concepção tolerável do eu e permitia um conjunto de defesas exercidas, de acordo com sua vontade, para enfrentar conflitos, dúvidas e fracassos;

3)Rompimento com papéis sociais e profissionais exercidos anteriormente;

4)Perda de seus direitos civis.

O processo de admissão(79) numa Instituição codifica o indivíduo num objeto colocado à disposição da máquina administrativa modelado pelas suas operações de rotina: o indivíduo é despido, pesado, medido, fotografado, fichado, etc. Levantam sua história de vida, oferecem-lhe uniforme próprio e determinam regras de comportamento, local de alojamento e rotina. Este processo de desfiguração pessoal, de despojamento de objetos próprios, associado a obrigatoriedade de adoção de posturas e papéis que não lhe são peculiares, leva à perda de segurança e à mortificação do eu.

Na rotina das Instituições penais, o indivíduo é submetido a humilhações verbais e corporais, que vão desde xingamentos, acoitamen-

tos, cumprimentos obrigatórios constantes (obrigam-no a pedir humildemente e insistentemente coisas pequenas, como, um cigarro ou um copo d'água) e até pode vir a sofrer violações sexuais.

Dentro do Sistema Institucional há três elementos básicos:

(79)

### 1) As regras da casa:

Constituem um conjunto de prescrições e proibições que expõem as principais exigências quanto à conduta do interno. Tais regras especificam a austera rotina diária do internado.

### 2) Prêmios à obediência:

São privilégios claramente definidos, obtidos em troca de obediência, em ação e espírito, à equipe dirigente. Estes privilégios podem incluir pagamentos por serviços executados, possibilidade de leitura de jornais e revistas, alimentação em grupo, períodos de recreações, acesso à gíria institucional, participação em confraternizações com outros presos, etc.

### 3) Castigos:

São definidos em consequência da desobediência às regras. De modo geral, são muito severos e podem incluir desde torturas físicas ou psicológicas, até negação temporária ou permanente de privilégios ou do direito de tentar consegui-los.

As táticas de adaptação ao sistema, utilizados pelos internos são(79):

#### 1)Afastamento:

O interno deixa de dar atenção a tudo, com exceção dos acontecimentos que cercam o seu corpo.

#### 2)Intransigência:

O internado intencionalmente desafia a Instituição, negando-se a cooperar com a equipe dirigente. Isto pode causar-lhe castigos severos, como a solitária, choques elétricos, etc.

#### 3)Colonização:

O pouco do mundo externo que é dado pelos dirigentes, é considerado pelo interno como o todo satisfatório. Ele aceita as regras e a usual tensão entre os dois mundos (interno e externo à Instituição) se reduz de maneira notável.

#### 4)Conversão:

O interno parece aceitar a interpretação oficial da equipe dirigente, e tenta representar o papel do indivíduo perfeito. Podem ser os chamados "dedo-duro" do sistema.

### 5) Viração:

É o aceito na maioria das Instituições, constituindo-se numa combinação de tudo: oportunismo, ajustamentos secundários, colonização, conversão, e lealdade ao grupo de internos. Visa diminuir o número de encrencas e minorar o sofrimento.

Como temas preponderantes à cultura do interno(79), tem-se:

- 1)Preocupação consigo mesmo;
- 2)Sensação de tempo perdido;
- 3)Angústia de sair da Instituição o mais breve possível;
- 4)Preocupação com a reabilitação social;
- 5)Preocupação em readquirir o status civil perdido;
- 6)Preocupação com o estigma social.

Vamos falar agora especificamente da Prisão. Segundo Michel Foucault(65), em seu livro Vigiar E Punir, a prisão é mais recente do que se pensa. É no fim do século XVIII e princípio do XIX que apareceu nos códigos penais, a penalidade de detenção. Os modelos de detenção penal, denominados de Gand, Gloucester, Walnut, Street, marcam os primeiros pontos, segundo Foucault, de mecanismos de coerção já elaborados em outros lugares, e que consistiam em uma aparelhagem para tornar os indivíduos dóceis e úteis.

Conhecem-se todos os inconvenientes da prisão e sabe-se que ela é perigosa quando não é útil; entretanto, não há o que colocar em seu lugar. É a solução detestável, da qual não se pode abrir mão, em nome do progresso das idéias e da educação dos costumes.

A obviedade da prisão se fundamenta, em primeiro lugar, na privação da liberdade. Esta é um bem que pertence a todos e à qual cada um está ligado por um sentimento universal e constante. Sua perda tem um preço elevado; melhor que a multa, é o castigo mais doloroso. Além disto, a penalidade-prisão permite quantificar exatamente a pena segundo a variável do tempo. No que diz respeito à questão econômica, a prisão lesa não apenas ao réu, mas também quem o custeia sem trabalhar. Logo, a prisão vitima a sociedade inteira, havendo uma participação econômico-moral na penalidade.

A obviedade da prisão está também em seu papel, suposto ou exigido, de aparelho para transformar os indivíduos; porém, o que ela faz ao encarcerar, ao retreinar o indivíduo, é reproduzir e, até, acentuar os mecanismos próprios do corpo social.

Esse duplo fundamento da prisão-jurídico-econômico de um lado e técnico-disciplinar, de outro-fez a prisão aparecer como a forma mais imediata e mais civilizada de todas as penas; são estes fundamentos que lhe dão solidez(65,66).

Nos códigos de 1808 e de 1810, da França, e nas medidas que os seguiram ou os precederam, o encarceramento nunca se confunde com a simples privação de liberdade. Deve ser um mecanismo diferenciado, isto é, não deve tratar da mesma maneira um indiciado e um condenado, um contraventor e um criminoso. Cadeia, Casa de Correção e Penitenciária de-

vem, em princípio, corresponder a essas diferenças e realizar não apenas um castigo graduado em intensidade, mas diversificado em seus objetivos, visto que a prisão tem um fim:

... "como a lei inflige penas umas mais graves que as outras, não pode permitir que o condenado a penas leves se encontre preso no mesmo local que o criminoso condenado a penas mais graves...; se a pena infligida pela lei tem como objetivo principal a reparação do crime, ela pretende também que o culpado se emende..."

Porém, não é bem isto o que se encontra nas prisões, desde a sua implantação. Devemos lembrar que os movimentos para reformá-las surgem quase que contemporaneamente às suas instalações. Inquéritos como o de Chaptal, em 1801, o de Decazes em 1819, os de Beaumont Tocqueville em 1831, e os de Demetz e Blouet, em 1835, ilustram esta questão: havia necessidade de melhorar a prisão. Restaurações haviam sido previstas logo no início do mês de setembro de 1814, apesar de nunca terem sido realizadas. Até a lei de 1844, preparada por Tocqueville, e que por algum tempo encerrou um longo debate sobre os meios de tornar eficazes as prisões, resultou inútil. O mesmo se pode dizer de programas de tratamento para os detentos, de publicações denunciando o desvirtuamento dos fins da prisão, feito por filantropos como Appert ou por especialistas dos Annales de la Charité.

A prisão, como Instituição completa e austera, deve ser um aparelho disciplinar exaustivo. Ela deve tomar a seu encargo todos os aspectos da vida do indivíduo: seu treinamento físico, sua aptidão para o trabalho, seu comportamento cotidiano, sua atitude moral, suas disposições. É onidisciplinar e incessante. Enfim, dá a si um poder quase total

sobre os detentos; tem seus mecanismos internos de repressão e de castigos. Executa uma disciplina despótica. Seu modo de ação é a educação total.

Esse reformatório integral prescreve uma recodificação da existência bem diferente da pura privação jurídica de liberdade, e bem diferente do que sonhavam os seus ideólogos. Seus princípios básicos são:

#### 1) Isolamento:

Isolamento do condenado do mundo exterior e de tudo o que motivou a infração, das cumplicidades que a facilitaram; isolamento dos detentos uns dos outros. A pena deve não somente ser individual, mas também individualizante. A prisão não deve formar, a partir de malfeitores que reúne, uma população homogênea e solidária.

A solidão deve ser um instrumento positivo de reforma, pela reflexão que suscita e pelo remorso que não pode deixar de manifestar-se.

O isolamento assegura o encontro solitário do detento, com o poder que se exerce sobre ele.

É nesse ponto que se situa a discussão sobre os dois sistemas americanos de encarceramento: o de Auburn e o de Filadélfia. O modelo de Auburn prescreve a cela individual à noite, o trabalho e as refeições coletivas, mas sob a regra do silêncio absoluto; os detentos só podem falar com os guardas com permissão destes e em voz baixa. Há um enquadramento hierárquico estrito, sem relação lateral, só havendo comunicação vertical. A vantagem deste sistema, segundo seus partidários, é a re-

petir do próprio modelo social de hierarquia. Mais que manter os condenados a sete chaves, como uma fera em sua jaula, deve-se possibilitar a associação com os demais companheiros, fazê-los participar de exercícios físicos coletivos, obrigá-los aos bons hábitos, prevenindo o contágio moral por uma vigilância ativa e mantendo o recolhimento pela regra do silêncio, que habitua o detento a considerar a lei como um preceito sagrado, cuja infração acarreta uma punição justa e legítima. Ele treina o indivíduo para uma atividade útil e resignada; devolve-lhes hábitos de sociabilidade.

No isolamento absoluto, como o de Filadelfia, não se pede a requalificação do indivíduo ao exercício de uma lei comum, mas a relação deste com sua própria consciência e com aquilo que pode iluminá-lo de dentro. Em Cherry Hill, os muros são a punição do crime; a cela põe o detento em presença de si mesmo: ele é forçado a ouvir sua consciência. Nessa cela fechada, sepulcro provisório, facilmente crescem os mitos da ressurreição. Auburn representava assim a vida renovada em seus vigos essenciais, enquanto Cherry Hill era a vida aniquilada e recomeçada. O catolicismo rapidamente recupera em seus discursos essa técnica Quaker

Na oposição entre estes dois modelos, ocorreu uma série de conflitos, envolvendo aspectos:

a) Religiosos: deve a conversão, ser a peça principal da correção?

b) Médicos: o isolamento completo enlouquece?

c) Econômicos: onde está o menor custo?

d) Arquiteturais (01,65) e administrativos: Qual é a forma estrutural de prisão que garante a melhor vigilância? É o Panóp-



tico? (estrutura circular, que permitiria uma visão completa de todos os lados?).

## 2) Trabalho:

Desde 1808 o trabalho é definido, conjuntamente com o isolamento, como um agente de transformação carcerária.

Várias polêmicas surgiram em relação ao trabalho penal: em primeiro lugar vem a questão do salário. O trabalho dos detentos era remunerado na França, e a discussão girava em torno da relação recompensa-pena: se havia recompensa era porque o trabalho não fazia realmente parte da pena. A discussão mais acirrada reacendeu-se mais vivamente nos anos 1840-1845, época da crise econômica, da grande agitação operária, época em que começa a se cristalizar a oposição do operário e do delinquente. O trabalho penal é duramente criticado pelos desempregados, que diziam que para ter o que fazer era necessário estar na prisão, atrair a compaixão e o interesse dos outros—era necessário matar ou roubar.

O trabalho penal deve ser concebido como sendo uma maquinária que transforma o homem violento, agitado, incapaz de refletir, em uma peça que desempenha seu papel com perfeita regularidade. Os detentos-operários são ao mesmo tempo as engrenagens e os produtos.

A questão da ociosidade na prisão, é a mesma que na sociedade em geral: é do trabalho dos outros que têm que viver os detentos, se não viverem dos seus próprios.

Para Foucault(65,66),o trabalho penal representaria a constituição de uma relação de poder,de uma forma econômica vazia,de um esquema de submissão individual e de ajustamento a um aparelho de produção.Sua finalidade seria produzir indivíduos mecanizados,segundo as normas gerais de uma sociedade industrial:usados,mal remunerados e descontentes.

### 3)Modulação da pena:

A prisão deveria ter como tarefa básica a regeneração do indivíduo.A extensão da pena não deveria medir o valor da troca da infração.Ela deveria se ajustar à transformação útil do detento no decorrer de sua condenação:não um tempo medida,mas sim um tempo com meta pré-fixada.Do mesmo modo que um médico deve parar com o medicamento quando há a cura ou a recuperação do doente,a expiação deveria cessar diante da regeneração completa do condenado,pois,caso contrário,se tornaria inútil e,portanto,desumana para com o regenerado,e onerosa para o Estado.

No Brasil,além de não se seguirem estes princípios,depara-se com as graves consequências da Superpopulação Carcerária.Analisaremos este fenômeno:

### A6.1)SUPERPOPULAÇÃO CARCERÁRIA

Antes de definir o que é uma superpopulação,outros dois termos merecem discussão(88):

1) **Densidade de população**, que é o número de pessoas ou de animais que ocupa uma determinada unidade de espaço.

2) **Espaço**: pode referir-se a uma sala, um edifício, uma cidade ou qualquer outra unidade. Logo:

**Superpopulação** (88) ocorre quando a densidade populacional alcança um alto nível. Este nível elevado pode ser colocado até mesmo num plano subjetivo, visto que experiências anteriores de uma pessoa, assim como a sua personalidade, são fatores determinantes na percepção de uma dada situação. Numa análise mais formal, Zlutnick e Altman (apud 88) enumeram as variáveis ligadas à superpopulação em três grupos principais:

1) **Variáveis situacionais**: que incluem fatores como número de pessoas por unidade de espaço dentro de uma sala ou residência (densidade interna); ou número de pessoas por unidade de espaço fora da sala ou da residência (densidade externa); a duração de exposição à situação; as características do ambiente, etc.

2) **Determinantes interpessoais da população**: uma destas variáveis é a capacidade de uma pessoa controlar suas relações com os outros. Uma pessoa pode controlar suas relações com os demais isolando-se completamente num determinado compartimento; pode assumir posturas corporais que desencorajem as relações com os outros, etc. Quando estes mecanismos de defesa falham, pode haver uma condição de superpopulação, mesmo que o espaço não esteja superlotado.

3) **Fatores psicológicos**: a experiência passada e a personalidade são importantes para determinar se a pessoa experimenta falta de espaço numa situação particular. Entre os fatores psicológicos

encontram-se as expectativas pessoais que o indivíduo considera ótimo numa determinada situação de densidade populacional e sua capacidade perceptiva de controlar relacionamentos.

Os efeitos da superpopulação sobre o comportamento humano têm sido relativamente pouco pesquisados(88);entretanto,tem se realizado um número substancial de investigações dos efeitos da densidade populacional sobre o comportamento animal,principalmente de roedores. Generalizações destes estudos para o comportamento humano podem estar distantes e,se ousássemos fazê-las,mereciam cautela.

#### 86.2) ESTUDOS DE DENSIDADE POPULACIONAL COM ANIMAIS

Há evidências de que a população de muitos mamíferos,especialmente de roedores,é auto-limitante.Uma vez alcançada uma determinada densidade populacional,as capacidades reprodutivas são modificadas,de modo que a população permaneça estável ou decresça.Uma tentativa de explicar este fenômeno,baseia-se no conceito de Estresse social(88).É opinião unânime que,à medida que aumenta a densidade populacional,os animais ficam sujeitos a um maior contato com outros animais e que,em algum ponto,estes contatos sociais tornam-se fatores de estresse.Assim,a condição de alta densidade populacional é considerada causadora de estresse que,por sua vez cria diversas alterações comportamentais e físicas nos animais.Estas alterações podem ser dramáticas e facilmente observáveis ou sutis e observáveis sob condições cuidadosamente controladas.Um exemplo de reação dramática é a migração em massa de lemingues(pequeno roedor das regiões árticas).Entretanto,o

comportamento de animais sujeitos a altas densidades populacionais pode também envolver comportamentos mais agressivos do que o normal, como por exemplo, mães devorando suas crias jovens. Formas de comportamento sexual aberrante em relação a prática sexual normal também podem ser detectadas. Podem ocorrer alterações físicas, com modificações de vários órgãos internos e distúrbios endócrinos. Assim, sob estresse, as glândulas da supra-renal e a pituitária, aumentam e tornam-se hiperativas e as gônadas podem se atrofiar e se tornar hipoativas. Discutindo os efeitos do estresse sobre tais glândulas, Thiessen e Rodgers (184) ressaltam:

"O estresse que ocorre em densidade populacional alta está inversamente relacionado com a atividade gonadal e, portanto, com o comportamento reprodutivo, bem como com os outros fatores que afetam a sobrevivência..."

A crescente densidade populacional reduziria eventualmente a reprodução, até o ponto em que as mortes se igualassem aos nascimentos. Com isto, a população alcançaria um certo equilíbrio e entraria numa segunda fase do ciclo de população.

Em estudos de campo, Calhoun (47) observou ratos num cercado de pouco mais de 900 metros quadrados, durante vinte meses. Durante este tempo, a população da colônia cresceu até cerca de cento e cinquenta espécimes e se estabilizou neste número, embora houvessem alimentos e espaço suficientes para milhares de ratos. Poderia se esperar, pela taxa reprodutiva esperada, uma população de pelo menos cinco mil ratos adultos, mas a colônia estacionou em cerca de cento e cinquenta, devido a mortalidade infantil extremamente alta. Mesmo com cento e cinquenta ra-

tos adultos na área, o estresse resultante do relacionamento social levou à uma ruptura do comportamento materno, de tal ordem, que a maioria dos ratos jovens não sobreviveu.

Outros estudos de campo(88) descobriram a associação entre a densidade populacional e alterações nos pesos da supra-renal, assim como outros indícios fisiológicos presumivelmente ligados ao estresse. Todos estes estudos verificaram que o estresse aumenta à medida que progride o ciclo da população. Uma vez que havia alimentos suficientes e disponíveis, parece que fatores sociais, e não puramente biológicos, foram de primordial importância na determinação da diferença dos pesos das supra-renais.

Calhoun(47), em outro estudo, dividiu uma sala de aproximadamente três por quatro, em quatro espaços. Cada um destes espaços era uma unidade habitacional para ratos, incluindo um frasco de água, um cocho com alimentos e uma toca artificial elevada, acessível por uma escada em espiral. Os espaços eram separados por divisões, com rampas construídas sobre elas, de modo que os ratos tinham acesso a todos os espaços. A população foi mantida constante em oitenta ratos, deixando-se nos espaços ratos jovens, em quantidade apenas para substituir os que fossem morrendo. Mudando-se a disposição das rampas de acesso às celas, verificou-se que nos espaços aos quais o acesso era mais fácil, havia maior concentração populacional. Com esta maior concentração, aparecia o chamado desmoronamento comportamental, isto é, formas extravagantes de comportamento começaram a se desenvolver rapidamente; tanto o comportamento dos machos como os das fêmeas mudaram. Estas se tornaram menos hábeis na construção dos ninhos e, eventualmente, pararam de vez com es-

ta atividade; deixaram de transportar seus filhotes de um lugar para outro, simplesmente apanhando-os e deixando-os cair em diferentes lugares do cercado. Durante o cio, as ratas eram quase continuamente perseguidas por bandos de machos. A taxa de mortalidade entre as fêmeas durante a gravidez e o parto aumentou muito. Os machos agressivos e dominantes eram os mais normais, mas algumas vezes atacavam mais freneticamente as fêmeas, os jovens e os machos submissos. Alguns machos não dominantes revelaram comportamento homossexual; outros tornaram-se completamente passivos. Alguns mostravam comportamentos de canibalismo.

#### 46.31 SUPERPOPULAÇÃO E COMPORTAMENTO HUMANO

A superpopulação tem sido responsabilizada pelo estresse no homem. Antes de tecer considerações a este respeito, procuraremos entender o que é estresse:

Estresse é um dos termos mais empregados hoje em dia, e por esta razão seu verdadeiro sentido nem sempre é bem compreendido. O conceito de Estresse Orgânico foi introduzido por Hans Selye (apud 88), em 1936, como sendo uma situação na qual os tecidos orgânicos reagem a determinados tipos de estímulos nocivos ou são por eles danificados. Selye referia-se a estas condições de estimulação nociva como causadoras de estresse. Estresse seria, portanto, a reação do organismo aos causadores de estresse. Estes causadores de estresse podem ser: agentes físicos, químicos, psicológicos, etc.

Appley e Trumbull (8) ressaltam que os estímulos envolvidos no estresse psicológico são caracterizados como situações novas, inten-

sas, de alterações rápidas, súbitas ou inesperadas, chegando às vezes ao limiar da tolerância. Ao mesmo tempo, a falta de estímulos, a ausência de estímulos intensamente esperados, assim como a estimulação altamente persistentes, têm sido descritos como causadores de estresse.

O estresse psicológico(8) caracteriza-se pela presença constante da variável ameaça. A ameaça implica num estado no qual o indivíduo antecipa uma confrontação com uma condição, que lhe pode ser prejudicial de alguma maneira. Deve-se frisar que o fato da situação ser ou não prejudicial ao indivíduo é irrelevante; o mais importante é que ele vive a situação como ameaçadora e isto lhe provoca um dano psicológico podendo, até mesmo, causar-lhe repercussões físicas importantes.

Lazarus(113), um estudioso dos efeitos do estresse, salienta que este pode provocar várias repercussões ao indivíduo:

1) Distúrbios afetivos, como ansiedade, cólera, depressão, dissociação ídeo-afetiva, etc.

2) Distúrbios comportamentais, que podem se exteriorizar por distúrbios da fala, da postura, por isolamento social, etc.

3) Alterações nas funções cognitivas, como: lentidão do pensamento e julgamento, dificuldades na resolução de problemas, perturbações na memória, atenção, concentração, etc.

4) Alterações fisiológicas. Como se sabe, há uma estreita relação entre os sistemas nervoso, endócrino e imunológico, de tal modo que afetado um haverá repercussões sobre o outro. Vários estudos têm demonstrado a interação entre sistema nervoso e sistema imune. Trabalhos de Ader(6), Coken e colaboradores(apud 88) demonstram que é possível, em determinadas condições estressantes, alterarem-se as res-



postas imunológicas (25, 26, 30, 44, 49, 61, 90, 97, 98, 118, 132, 134, 162, 166, 172, 176, 194, 195). Um grande número de estudos realizados em animais, nas últimas décadas, tem mostrado a influência do estresse na ocorrência de doenças infecciosas e tumorais. Entretanto, sabe-se que há variabilidades individuais às percepções e reações ao estresse: situações percebidas como ameaçadoras por alguns, podem não ser para outros. A repetida exposição à determinadas situações stressantes similares, pode levar a uma adaptação à situação, visando proteger o organismo contra seus danos e, assim, manter a homeostase.

Logo, a superpopulação carcerária, além de ir contra todos os princípios que nortearam a criação da penalidade-prisão nos códigos penais, colabora apenas para a degeneração do preso, no sentido mais profundo do termo, e não para a sua regeneração, conforme propunham no século passado (1, 9, 11, 13, 32, 34, 48, 49, 50, 53, 121, 123, 139, 145, 149, 151, 162, 163, 187, 189). De modo a ilustrar o que apresentamos até aqui, traremos no próximo capítulo:

B) PRINCIPAIS NOTÍCIAS DIVULGADAS  
PELA IMPRENSA ESCRITA

## B) PRINCIPAIS NOTÍCIAS... DIVULGADAS PELA IMPRENSA ESCRITA.

EM 1986, 1987, 1988, E MEADOS DE 1989, ENVOLVENDO ACONTECIMENTOS EM INSTITUIÇÕES PENAIS BRASILEIRAS.

1986

31/05: CORREIO POEULAB: Servidores denunciam a omissão do Estado. Política carcerária: cumplicidade com o crime. Segundo Ubirajara Bonfim, a omissão do Estado transformou as cadeias em verdadeiras porcilgas, sem que o preso tenha acesso, ao menos, ao material de higiene ou a atendimento médico. O tratamento subumano, induz o preso a buscar melhores condições de vida oferecidas pelos colegas, que fora dos muros, detém maior poder econômico. Assim proliferam as Máfias nas cadeias, havendo verdadeiro conchavo entre as administrações dos presídios e os líderes dos detentos.

31/05: ESTADO DE SÃO PAULO: Celas do 34º D.P. estão mais vazias, após ameaça. "Mandamos embora os elementos mais perigosos, mas não me iludo: semana que vem as celas estarão novamente superlotadas, desabafou o delegado titular, JOSÉ ANTONIO DE CAMPOS GOMES, consciente de que este é um problema que se arrasta há sete anos, e não será resolvido tão fácil. Os 37 detentos que permaneceram no distrito continuam amontoados: as três celas ocupadas por eles, deveriam abrigar apenas 15 homens.

17/09:ESTADO\_DE\_SÃO\_PAULO:Rebelião na Penitenciária de Presidente Venceslau,com 14 mortos entre os presos.

20/09:CORREIO\_POEULAR:Pólvora e armas apreendidas nas celas do Cadeião(Cadeia Pública Do São Bernardo).

20/09:CORREIO\_POEULAR:Suicida-se o líder do motim de Venceslau.

21/09:ESTADO\_DE\_SÃO\_PAULO:Terror ronda as prisões brasileiras

#### Barril\_de\_pólvora

A Casa de Detenção ,construída em setembro de 1956,está completando 30 anos,e desde a sua inauguração apresenta deficiências de acomodação.Os problemas são graves:exploração dos detentos,vendas de celas,tráfico de tóxicos,quadrilhas tomando conta dos pavilhões,assassinatos,estupros,corrupção.Sua população carcerária atual é de 5.200 presos,e as rebeliões são constantes.Uma das maiores aconteceu em março de 1985,quando os presos ficaram com o controle do presídio durante 20 horas.Onze detentos morreram,e 22 ficaram feridos;mas o maior número de mortos ocorreu em março de 1982:14 detentos e quatro guardas.Os diretores são trocados,mas o presídio continua sendo um barril de pólvora.

#### A\_mais\_antisa

A Penitenciária do Estado foi construída há 66 anos,e era considerada de segurança máxima.Hoje,com a implantação de uma política

de humanização, iniciada com o governo Franco Montoro, deixou de ter segurança máxima, e fugas passaram a ocorrer praticamente toda semana. A Penitenciária do Carandirú, como é conhecida, tem atualmente 1400 detentos, pois suas celas individuais abrigam dois detentos. Nos últimos três anos trocou pelo menos seis vezes de diretor, e de lá fugiram Luís Carlos do Valle, Lourinaldo Gomes Flor. O presídio regrediu, pois havia uma fábrica. Hoje não há nada, apenas uma comissão de solidariedade exigente e atuante.

### **Presídio Modelo**

A Penitenciária de Araraquara foi inaugurada em 22 de agosto de 1976, e logo caracterizou-se como presídio modelo. A proposta de renovar métodos de trabalho com os detentos foi do primeiro diretor, Floriano Peixoto Pereira Júnior, que instalou vários setores de labor-terapia para os presidiários, e firmou convênios com firmas da região, para absorção de mão-de-obra dos sentenciados. Eles trabalhavam dentro do próprio presídio, e ganhavam salário-produtividade, e o plano continha ainda a intenção de evitar relacionamentos que pudessem prejudicar a recuperação. A imensa penitenciária, com cinema e biblioteca, tinha a capacidade para 500 presos, um em cada cela.

### **Velhas Instalações**

A fuga de 23 presos, há uma semana, da Penitenciária Lemos de Brito, em Salvador, cinco deles integrantes da Falange Vermelha, demonstra mais uma vez o problema enfrentado com a Superpopulação Carcerária. O velho prédio, inaugurado inicialmente em 1955, abriga 187 presos a

mais do que sua capacidade. O diretor do presídio afirmou que durante sua gestão não houve nenhum motim, principalmente com mortes, e lembrou que além da fuga da semana passada, só ocorreu outra em setembro do ano passado, quando fugiram 17 presos, todos recapturados. Os presos têm várias atividades, oficinas de sapataria, fabricação de redes e vassouras, alfaiataria, padaria e até uma horta.

### **Superepopulação**

A Superintendência Estadual do Sistema Previdenciário de Pernambuco não enfrenta problemas de motim em suas sete casas de detenção. No Recife, o Presídio Professor Anibal Bruno, com 560 presos, tem lotação bem maior do que sua capacidade de 404. Fundada em 1979, ela é a prisão com maiores problemas, porque o reaparelhamento das polícias civil e militar pelo governo do Estado, possibilitou uma maior ação nas ruas, e muitos elementos foram levados para o Anibal Bruno, explicou o Coronel Radjalma. Ele disse ainda que está em estudo a possibilidade de relaxamento das prisões de vários detentos, para desafogar o presídio, principalmente daqueles que têm delitos considerados leves.

### **Falanges Internas**

O sistema penal do Rio de Janeiro, segundo informações oficiais, está com excesso de mil presos em relação ao número de vagas, sem contar os 2500 detentos que deveriam estar em presídios, mas que continuam nas delegacias de polícia. O principal problema do momento está no Presídio de Água Santa, que conseguiu reunir integrantes das três principais facções que dominam a massa carcerária do Estado: a Falange Ver-

melha, a Falange Jacaré, e o recém surgido Terceiro-Comando, uma dissidência das duas primeiras organizações. Com capacidade para 900 internos, Água Santa conta no momento com 1200. O Terceiro-Comando tem promovido badernas, pois seus membros querem voltar para a Penitenciária Lemos de Brito.

### Problemas menores

A situação dos presídios gaúchos é bem superior a dos demais Estados, segundo declarou o superintendente dos serviços penitenciários Antonio Dionísio Lopes. Ele salientou que há muito não ocorrem rebeliões nos presídios gaúchos, porque mantemos um sistema penitenciário para os detentos com atendimento social e médico. A última rebelião foi em setembro passado, mas não houve mortes. O Presídio Central de Porto Alegre foi inaugurado em 1962, e tem hoje 700 detentos, embora sua capacidade seja de 450.

### O dobro da capacidade

A Penitenciária Central do Estado do Paraná, na cidade de Piraquara, a 30 quilômetros de Curitiba, é uma das maiores do país, com capacidade para 550 internos, mas hoje abriga 1260. Vive um clima de aparente tranquilidade, e o último fato grave ocorrido foi em 1984, quando numa disputa entre os detentos, morreram dez pessoas. Numa penitenciária superlotada, e com escassez de policiamento, pode surgir uma rebelião de um dia para outro, admite o diretor Dartagnan Cadilhe Abilhoa. São apenas 50 os agentes de reclusão que trabalham com os presos, e desarmados. A direção abriu concurso para novas contratações, porém apareceram menos candidatos que o número de vagas. Não era para menos...

### Ciranda\_da\_Morte

A situação dos presídios de Minas Gerais pode ser resumida no episódio conhecido como Ciranda da Morte, quando presos do Depósito da Lagoinha, ou Inferno da Lagoinha, sorteavam companheiros para morrer. Só assim conseguiram chamar a atenção das autoridades para a promiscuidade e falta de espaço nos presídios. As oito prisões de Minas, não comportam nem 10% dos mandados de prisão existentes em todo o Estado.

24/09:REVISIA\_VEJA:Um inferno de sangue.Tropa de choque massacra rebelados em Presídio Paulista.Padres salvam reféns em Brasília.

01/10:REVISIA\_\_VEJA:A intenção fica no papel:psicóloga,após passar horas de tensão como refém de fugitivos da papuda,culpa o descaso das autoridades governamentais,a própria sociedade,que vê com indiferença os problemas vividos nas prisões do país,e o confronto entre policiais e detentos,como alguns dos fatores causais do caos penitenciário no Brasil.Isto dificulta o trabalho daqueles que pretendem a recuperação dos detentos.A entrevistada se diz descrente e demissionária de seu trabalho.

10/10:CORREIO\_POEULAR:Superlotação no São Bernardo:o problema recomeça.A cadeia recebe mais 20 detentos,atingindo 446 homens,quando pode abrigar metade disto.

11/10:CORREIO\_\_\_POEULAR:Estiletes nas celas.É a rotina das blitz no Cadeião.



12/10: CORBEIQ\_POEULAB: Diretor admite: autoridades temem novas tentativas de fuga e rebeliões. Em dois meses Cadeião contará com 500 detentos.

19/10: CORBEIQ\_POEULAB: Encerrada greve de fome na Cadeia Pública do São Bernardo, com 12 presos passando mal, após oito dias de jejum.

22/10: CORBEIQ\_POEULAB: Diretor está apreensivo, e teme o desdobramento do movimento reivindicatório. Detentos deflagraram greve de fome pelas seguintes reivindicações:

- 1) Restabelecimento da COTA, isto é, uma comissão técnica-auxiliar, formada por 12 detentos;
- 2) Que seja levada em conta a pessoa do faltoso, a natureza e as circunstâncias do fato, quando da aplicação de sanções disciplinares;
- 3) Instauração de processos após cumprida a infração, assegurando o direito de defesa do detento punido;
- 4) Aplicação de punições, somente após apurados os fatos;
- 5) Direito de qualquer pessoa entrar no cadeião, sem que haja a necessidade de carteirinha obrigatória, etc.

25/10: CORBEIQ\_POEULAB: Suspensas as visitas aos presos em greve de fome.

01/11:ESIARO\_DE\_SÃO\_PAULO:Clima de desespero entre os presos com suspeita de AIDS(Síndrome da Imuno Deficiência Adquirida).

16/11:EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO:Tentativa de fuga em Fortaleza(IP-POO),com morte de sete presidiários.

17/12:REVISIA\_\_VEJA:Fuga de "Escadinha",traficante de drogas no Rio de Janeiro,e que chefia a quadrilha Falange Vermelha.

26/12:EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO:Após linchamento,Umuarama pede a reforma do Judiciário:Três rapazes linchados pela população local,após terem estuprado uma jovem.

28/12:CORBEIO\_POPLAR:Outro preso assassinado depois do banho de sol,na ala B do Cadeião,com mais de dez estiletadas.

128Z

18/01:CORBEIO\_POPLAR:Veja quando a recuperação do preso torna-se impossível.Sistema carcerário à beira do colapso.

25/01:CORBEIO\_POPLAR:Cadeia do São Bernardo é a mais violenta do país,tendo registrado sete mortes em suas dependências,em apenas oito dias.

12/04:CORBEIO\_POPLAR:Em Indaiatuba,prisão feminina à beira do colapso.Superpopulação:o perigo dos cárceres.

23/04:CORBEIO\_\_POPULAB:Blitz e remoções na Cadeia-greve de fome termina depois de 24 horas.

29/04:CORBEIO\_\_POPULAB:é o décimo primeiro assassinado este ano na Cadeia Pública do São Bernardo:assaltante morto com quinze estiletadas.

08/05:EQLHA\_\_DE\_SÃO\_PAULO:Presos trabalham na construção de casa de Juiz.Todos os dias,de segunda à sexta,entre 6:30 e 6hs e 40,uma perua de cor creme,sem placa e com a inscrição "A SERVIÇO DA JUSTIÇA ELEITORAL"no pára-brisa,deixa o presídio Ataliba Nogueira,sem qualquer escolta.Em seu interior,vigiados apenas por um carcereiro,viajam entre sete a nove presos,que percorrem quase 30 quilômetros até o elegante distrito de Barão Geraldo,onde estão construindo há três meses,na Rua Shigeo Mori,uma casa para o juiz Vladimir Valler,da 3ª Vara Criminal da Comarca,e juiz da 275ªzona eleitoral da cidade.Recebem salários de 10mil a 12 mil cruzados,além das refeições.

14/05:CORBEIO\_\_POPULAB:Associação dos Advogados vai reeducar detentos.Programa contará com alunos de direito e psicólogos.

19/05:EQLHA\_\_DE\_SÃO\_PAULO:Comissão de presos das penitenciárias de São Paulo é extinta(Presos foram transferidos para diversos presídios,fora da Capital).

23/05: COBBEIO\_POEULAB: Se não houver aumento de 100% no preço, presos podem ficar sem refeições.

27/05: COBBEIO\_POEULAB: Fornecedores ameaçam parar. Querem reajuste de 100% nas refeições para os presos do Cadeião.

03/06: EQLHA\_\_DE\_SÃO\_PAULO: Vírus da AIDS infecta 84 presos na Casa de Detenção.

06/06: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: No Carandirú, confinamento de aidéticos provoca rebelião. A rebelião teve início com a recusa de duas detentas, portadoras do vírus da AIDS, de serem transferidas do pavilhão 1, onde vivem, para o pavilhão 2, onde existe local apropriado para seus tratamentos.

09/06: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Comida de Presídio do interior pode estar envenenada. A suspeita de envenenamento da comida servida no Presídio de Itirapina (217 quilômetros de São Paulo), veio após o exame de sangue de um presidiário, que apresentava sintomas de intoxicação por B.H.C., substância utilizada em dedetização.

14/06: COBBEIO\_POEULAB: É de 45 mil vagas, o déficit do sistema carcerário no país.

17/06: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Presos aidéticos poderão cumprir pena em casa.

24/06: EQLHA\_\_DE\_SÃO\_PAULO: Brossard receberá relatório sobre penas alternativas: Crimes leves poderiam ser punidos com penas alternativas, prestando serviços gratuitos à população.

25/06: COBREIO\_\_POPULAB: As autoridades não sabem o que fazer com presos aidéticos.

28/06: EQLHA\_\_DE\_SÃO\_PAULO: Recessão e criminalidade: Recessão, desemprego e violência, andam juntos, embora a relação causal não seja tão imediata, dizem José Pastore e Lilian E. Pezzin.

02/07: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Fleury diz que recessão aumenta crimes.

08/07: EQLHA\_\_DE\_SÃO\_PAULO: Mudança nas visitas causa rebelião na Casa de Detenção.

09/07: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Pena de prisão não cumpre seu papel, dizem especialistas—não se caracteriza como um processo de reeducação para a ressocialização dos sentenciados.

19/07: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Justiça estuda proposta de alta progressiva no Manicômio Judiciário. A proposta é de aumentar a convivência com os familiares, e possibilitar o encaminhamento do detento-doente para um trabalho, promovendo assim sua reintegração social e familiar.

21/07: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Serviço à comunidade pode substituir pena de prisão.

22/07: JORNAL\_DE\_DOMINGO: Um trabalho na busca de reeducação do detento.

29/07: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Detentos fogem de prisão em Porto Alegre, e levam reféns.

29/07: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO : Convênio prevê campanha sobre AIDS nos Presídios.

29/07: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: No Rio, preso adético tenta o suicídio para conseguir livramento condicional.

30/07: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: No Rio Grande do Sul, 350 policiais perseguem oito presos que fugiram após rebelião.

31/07: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Tropa de choque rende os últimos rebeldes da Penitenciária do Estado.

31/07: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: A Secretaria da Justiça informa que o número de mortos subiu para trinta, e que trezentos e cinquenta serão transferidos da Penitenciária do Estado.

31/07: EQLHA\_\_DE\_SÃO\_PAULO: Anarquia nos Presídios: a falta de uma política penal moderna, que distinga e apresente formas alternativas de punição, que reformule a situação dos estabelecimentos carcerários, torna qualquer medida incompleta e paliativa.

01/08: ESTADO\_\_DE\_\_SÃO\_PAULO: Violência contra os presos será apurada, após rebelião ocorrida na Penitenciária do Estado.

01/08: ESTADO\_DE\_SÃO\_PAULO: Na área do conflito, só destruição.

01/08: ESTADO\_DE\_SÃO\_PAULO: A morte depois do fim do motim.

01/08: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Entidades apontam matança no Presídio.

01/08: EQLHA\_\_DE\_SÃO\_PAULO: Instituto Médico Legal afirma que doze corpos apresentam ferimentos à bala, dos 30 mortos na rebelião da Penitenciária do Estado.

01/08: CORREIO\_POEULAR: Governo preocupado com as rebeliões (Movimento articulado a nível nacional).

01/08: CORREIO\_POEULAR: Descoberto plano de fuga na Cadeia Pública do São Bernardo.

02/08: FOLHA DE SÃO PAULO: O Rio vive um trágico quadro de violência: fortalecimento de quadrilhas, a crise policial e a insatisfação popular, elevaram o índice de criminalidade na cidade.

02/08: FOLHA DE SÃO PAULO: Justiça sabia das condições nos Presídios: denúncias de violências, corrupção administrativa, não concessão de benefícios legais aos detentos, partiram tanto dos presos como dos próprios funcionários e guardas penitenciários, que ameaçaram inclusive deflagrar uma greve de protesto contra a situação.

02/08: CORREIO POPULAR: Invadir e conter rebeliões. O terror difundido pela F.M., que não assegura aos detentos o mínimo que a legislação lhes dá. O saldo é sempre sangrento e doloroso para centenas de famílias.

09/08: FOLHA DE SÃO PAULO: Brossard defende serviços à sociedade como alternativa para penas de prisão.

23/08: CORREIO POPULAR: A dupla punição de quem cumpre pena criminal em liberdade. Ex-sentenciado sofre estigma de marginal.

28/08: CORREIO POPULAR: Outro preso assassinado depois do banho de sol, com dez estiletadas.

29/08: CORREIO POPULAR: Ousado plano de fuga com uso de explosivos, descoberto após blitz na Cadeia Pública do São Bernardo. Três bombas caseiras encontradas.



30/08: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Após motim, vinte morrem na Penitenciária de São Paulo, no bairro do Carandirú.

07/10: CORREIO\_POEULAR: Perigo de fuga em massa na Cadeia, preocupa a justiça.

08/10: CORREIO\_POEULAR: Drogas e armas no Cadeião: justiça procura os culpados.

09/10: CORREIO\_POEULAR: Trabalhar, o modo como os presos podem pagar suas dívidas.

10/10: CORREIO\_POEULAR: Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) propõe desativação do Cadeião.

28/10: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Detentas amotinam-se contra a transferência de Distrito Policial.

15/11: DIÁRIO\_DO\_POVO: Superlotação e festas de fim de ano, deixam presos nervosos.

15/11: DIÁRIO\_DO\_POVO: Com Natal e Ano Novo, a tensão cresce no Cadeião.

19/12: CORREIO\_POEULAR: Pelo teto, nove detentos escaparam da Cadeia Pública do São Bernardo.

22/12: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Comissão dos Estados Unidos da América, apontam torturas nos Presídios do Brasil.

22/12: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Delegado pede prisão dos policiais do GÁS (Grupo Anti-Sequestro), envolvidos em extorsão no caso Beltran.

22/12: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Entidades vêem massacre na rebelião da Penitenciária.

30/12: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Amotinados ameaçam incendiar ré-féns em prisão do Rio Grande do Sul.

30/12: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Enfrentar crise penitenciária é caro, e não rende voto.

30/12: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Ócio dos presos causa rebelião, diz Mulyaert.

1988

01/01: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Morrem dois presos durante fuga em massa da Delegacia, em Guarulhos.

01/01: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Assaltos a bancos crescem 76% durante 1987.

06/01: EQLHA\_\_DE\_SÃO\_PAULO: Justiça denuncia Polícia Militar pela fuga do Cabo Bruno, fuga que se deu em 1984, e cujo Cabo estava condenado a setenta e cinco anos de prisão.

10/01: EQLHA\_\_DE\_SÃO\_PAULO: Motins no Rio Grande do Sul, mostram Sistema Penal precário.

11/01: JORNAL\_\_DA\_TARDE: Os bandidos da crise: Chamam a atenção por estarem sendo levados para a delegacia, indivíduos que até recentemente não tinham qualquer passagem pela polícia, e eram trabalhadores. Estes bandidos da crise, falam em tentação, em problemas para conseguir emprego, em falta de dinheiro.

28/01: CORREIO\_\_POPULAR: Rebeliões e abusos sexuais, a rotina das prisões no país.

08/03: CORREIO\_\_POPULAR: Detentos com AIDS denunciam omissão das autoridades.

08/03: EQLHA\_\_DE\_SÃO\_PAULO: Tentativa de fuga, causa motim em Cadeia no ABC.

12/03: ESTADO\_\_DE\_SÃO\_PAULO: Cadeião de Campinas poderá ter só mulheres.

14/03:CORBEIQ\_POEULAR:Garcez pede remoção de 350 presos do Cadeião.

15/03:CORBEIQ\_POEULAR:AIDS no Cadeião.

16/03:CORBEIQ\_POEULAR:Acusações de corrupção e tráfico vão ser apuradas.Funcionários do Cadeião vão depor.

17/03:CORBEIQ\_POEULAR:Justiça começa a apurar acusações de corrupção na Cadeia do São Bernardo.Sindicância envolve carcereiros.

20/03:CORBEIQ\_POEULAR:Só em refeições preso custa ao Estado quinze mil cruzados por mês.

26/03:ESTADO\_DE\_SÃO\_PAULO:Colônia penal esconde cemitério clandestino,diz Promotor.

27/03:ESTADO\_DE\_SÃO\_PAULO:Presos denunciam furtos na detenção,e exigem auditoria.

05/04:CORBEIQ\_POEULAR:Assaltantes fogem e agitam a Polícia em toda Campinas.É a segunda fuga em menos de quatro meses,na Cadeia Pública do São Bernardo.

18/05:CORBEIQ\_POEULAR:Falta de oficina suspende atividades para os presos:uma simples reforma no parlatório daria condições de

trabalho aos detentos, e possibilidade de redução das penas, aliviando a população carcerária.

21/05: CORREIO\_POEULAR: Descoberto mais um plano de fuga na Cadeia Pública.

04/06: CORREIO\_POEULAR: Cenas de destruição no mais grave mortim de Piracicaba.

03/07: CORREIO\_POEULAR: O Presídio da Polícia Civil é comparado pela Ordem dos Advogados do Brasil, a um Hotel de Cinco Estrelas, após ouvirem as queixas dos policiais do "GAS", presos por corrupção.

24/07: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Trinta fogem de Presídio-Modelo de Contagem, a cinquenta quilômetros de Belo Horizonte.

08/09: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Indulto a presos em fase terminal de AIDS é proposto por Juiz de São Paulo.

15/09: CORREIO\_POEULAR: Armas, drogas, e risco de fugas na Cadeia do São Bernardo.

16/09: CORREIO\_POEULAR: Polícia evita entrada de dinamite no Cadeião.

17/09: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Para Bicudo, falta pessoal treinado nas prisões, para a reabilitação.

23/10: COBBEIO\_POPULAR: Cresce a criminalidade infantil.

01/11: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Crime organizado mata sete presos para pressionar Governo do Rio de Janeiro.

02/11: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Já são treze mortos nas prisões do Rio de Janeiro; líderes da Falange Vermelha são indiciados.

08/11: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Mais quatro detentos morrem em presídios do Rio de Janeiro. São dezessete mortos em oito dias.

11/12: COBBEIO\_POPULAR: Passeata contra policiais militares que executaram jovens em Friburgo-Rio de Janeiro. Há denúncias que estes extorquiam dinheiro dos jovens.

1282

27/01: EQLHA DE SÃO PAULO: Cresce o número de crimes em São Paulo; homicídios lideram as estatísticas: o índice de criminalidade cresceu nos últimos cinco anos na Grande São Paulo, e teve um aumento mais acentuado durante os últimos dois anos. Entre janeiro de 1984 e dezembro de 1988, a população da Grande São Paulo cresceu cerca de 15%. No mesmo período, o índice de homicídios dolosos (que não inclui as mortes no trânsito), aumentou em 26%; os furtos e roubos de carros, em 10%; os roubos a bancos, em 24%. Os roubos contra Instituições Financeiras registrados em 1986 foram de 355, em 1987 foram de 619, e em 1988 de 520. A violência física contra as vítimas também aumentou nos últimos dez anos, proporcionalmente ao crescimento da cidade, segundo estudos da socióloga Mariana Batich, da Fundação Sistema Estadual de Análise de dados (Seade): em 1974 ocorreram 22.085 vezes, numa proporção de 267 casos para cada grupo de cem mil habitantes; em 1984 esse número passou para 63.843, e o coeficiente por habitante pulou para 678.

05/02: EQLHA DE SÃO PAULO: Presos do interior serão transferidos em 15 dias: Os presos da Cadeia Pública de Presidente Prudente começarão a ser transferidos em 15 dias para a Casa de Detenção, após a rebelião de ontem, em que morreram o carcereiro José Darci Dainese, 34 anos, e o preso Sidmárcio Ferreira, 21 anos. Segundo o diretor da Cadeia, Arnaldo Gonino, a causa foi a superlotação carcerária. Em sete celas estavam 136 presos, quando a capacidade era de apenas 65.

06/02: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Dezoito presos morrem asfixiados em cela após motim: Cinquenta dos sessenta e três presos do D.P. foram colocados pelo encarregado da delegacia, numa cela de um e meio por três metros, como represália a uma tentativa de fuga na madrugada de ontem. Uma hora e meia após, a cela foi aberta e nove pessoas foram encontradas mortas. Os bombeiros foram chamados para aplicar respiração artificial nas outras vítimas. Removidos, em seguida, para o Hospital de Vila Prudente, outros nove já chegaram mortos, e doze foram medicados e liberados à tarde. O chefe do hospital, afirmou que aparentemente as mortes foram provocadas por asfixia. O Juiz Corregedor considerou o castigo aplicado aos presos como bestial, e criticou a situação em que investigadores com títulos de bacharéis em direito, ocupem funções privativas de delegados de polícia.

06/02: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Orgãos de direitos humanos dizem que mortes de presos foi massacre.

06/02: JORNAL\_DA\_TARDE: Matança na Delegacia: foi na 42ª delegacia policial, no Parque São Lucas: 50 presos foram trancafiados em uma cela forte, sem janelas. 18 morreram asfixiados.

06/02: JORNAL\_DA\_TARDE: A primeira tragédia dos plantões sem Delegados: no meio do ano passado, o Comando da Polícia Civil decidiu retirar os delegados dos plantões de várias delegacias da cidade, para colocá-los nas novas unidades que seriam inauguradas às vésperas das



eleições municipais. A manobra política gerou, então, a criação dos chamados plantões—parece que é, mas não é...—como ficaram conhecidos os plantões sob comando de investigadores e escrivãos bacharéis em Direito, incumbidos assim de fazerem o atendimento direto à população, e registro de ocorrências.

11/02: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Chacina na Delegacia-Escrivão culpa Delegado pelas mortes na Cela-Forte: o escrivão Celso Marques, do 42º Distrito Policial, no Parque São Lucas, disse ontem em depoimento à Corregedoria de Polícia, que o principal responsável pelo confinamento dos presos na cela-forte foi o delegado Carlos Eduardo de Vasconcelos. O escrivão disse que ouviu o delegado falar que quem estiver dentro da cela morto vai para o Instituto Médico Legal, e quem estiver vivo fica lá até morrer. O delegado e o investigador Celso José da Cruz são apontados como os principais responsáveis da morte por asfixia de 18 presos na manhã de domingo, numa cela do 42º Distrito Policial. Nessa cela, foram confinados, sem ventilação, 50 presos, como castigo por tentativa de fuga.

11/02: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Houve espancamento dos presos antes de serem encarcerados, diz Comissão de defesa dos Direitos Humanos.

11/02: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Juiz determina transferência de detentos do 42º D.P. para presídios.

11/02: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Para Corregedor, a Polícia Militar participou da matança.

12/02: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Entidades apontam a omissão do Poder Público nas mortes no D.P.: as entidades que defendem os direitos humanos, pretendem dar especial atenção ao caso Manoel Silvestre da Silva, um dos 18 presos que morreram asfixiados no 42º D.P.. Silvestre, condenado a uma pena de três meses por agressão, deveria ter sido posto em liberdade imediatamente, segundo o Presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil. A favor do preso estavam os fatos de ser réu primário, e sua condenação não ser superior a dois anos, conforme prevê o Código Penal. O referido Presidente, diz que o ocorrido com este preso caracteriza a falta de presença do poder público no acompanhamento das ações da polícia.

15/02: REVISIA\_VEJA: Uma tragédia programada na Cela-Forte: a morte de dezoito presos num Distrito Policial, revela um quadro de descaso pela vida humana no país.

11/04: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Rebelião de presos em Cuiabá provoca 12 mortes.

11/04: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: 29 policiais militares são denunciados pela Chacina do 42º Distrito Policial, sob a acusação de homicídio triplamente qualificado (pena de 12 a 30 anos de reclusão).

14/04: COBBEID\_POPULAB: É hora do Estado buscar solução para a Cadeia Pública do São Bernardo, hoje com mais de 700 detentos: um espaço

com 34 celas, destinado a recolher no máximo 250 homens, ou seja, uma média de oito por xadrez. Essa foi a proposta inicial, quando há mais de dez anos construiu-se, no bairro do São Bernardo, a Cadeia Pública de Campinas. A realidade atual mostra números alarmantes. O estabelecimento tinha, até a tarde de ontem, 722 detentos, fazendo assim uma média de mais de 20 homens recolhidos em cada cubículo.

16/04: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Falha no Sistema Judiciário adia benefício a que preso tem direito: aproximadamente 20% dos 87 mil presos do país, e dos 32 mil do Estado de São Paulo, estão com sua situação carcerária irregular. Eles já poderiam ter se beneficiado com a diminuição de suas penas e a progressão para o regime aberto de carceragem.

17/04: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Polícia atribui violência no Rio de Janeiro à crise sócio-econômica e ao tráfico.

01/05: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Rio de Janeiro termina o mês com 547 assassinatos.

16/05: CORREIO\_POPULAR: Tentativa de fuga causa agitação na Cadeia Pública do São Bernardo: constatou-se danos em algumas celas - algumas barras de ferro estavam serradas e cadeados estourados.

17/05: CORREIO\_POPULAR: Pela terceira vez esse ano, foge traficante de Conexão Internacional: fios elétricos foram cortados no Cadeião.

18/05:CORBEIQ\_\_POEULAB:Polícia Militar não crê que soldados cortaram fios no Cadeião.

19/05:CORBEIQ\_\_POEULAB:Presidiário estrangulado no interior de Cela-Forte:para o Diretor da Cadeia,o crime está relacionado a uma antiga lei dentro destas,ou seja,a do silêncio,onde delatores geralmente são sentenciados à morte.Descobrir a autoria nestes casos é quase impossível,pois eles matam fora do xadrez,quando mais de uma dezena de presos estão no pátio-frisou o Diretor...

27/05:CORBEIQ\_\_POEULAB:Assaltante de banco lidera fuga do Cadeião:é a sexta evasão este ano.De novo pela muralha.

08/06:CORBEIQ\_\_POEULAB:Caso de extorsão apreciado na 1ª Vara Criminal de Campinas.Pode ser decretada hoje a prisão do investigador José Fernando Augusto,lotado no 5º Distrito(Swift),que na tarde de anteontem conseguiu escapar a um cerco montado por homens da Justiça e da Polícia Militar,e que possibilitou a prisão em flagrante de outro policial,Diógenes Ricardo Ribeiro da Silva,agente lotado na unidade do Swift,autuado por extorsão.Segundo informações divulgadas pelos representantes da Justiça,os policiais estavam recebendo a importância de NCr\$3,5 mil das mãos do advogado José Carlos Sedek de Falco,constituído para representar Antonia Luiza Pavan,que teve a casa invadida pelos policiais,e de onde foi retirado um automóvel do tipo Brasília.O criminalista,em seu depoimento,enfatizou que homens do 5º Distrito(refe-

rência feita a Fernando, Alcenir e à Delegada Maria Fernanda), exigiram o pagamento da importância referida para liberar o veículo apreendido ilegalmente, segundo manifestações das vítimas.

10/06: EQLHA DE SÃO PAULO: Policiais fogem após T.V. mostrar espancamento de preso em Delegacia.

10/06: EQLHA DE SÃO PAULO: Violência Policial. As imagens da brutalidade policial causam uma sensação insuportável de repulsa e nojo-ainda mais porque se sabe que episódios como este são rotineiros no país. A reação do governador do Pará, Hélio Gueiros, revela uma das causas da permanência do comportamento violento e ilegal de muitos policiais: o cinismo e a irresponsabilidade das autoridades. Dizendo-se indignado com a repercussão do incidente, Gueiros afirmou: "Parece que ninguém bate em preso em lugar nenhum só no Pará. Ninguém vai me convencer que essa denúncia é construtiva", como se o fato de o mal ser corriqueiro o tornasse menos aberrante, como se a obscuridade ajudasse em algo a erradicá-lo.

É revoltante a cumplicidade das autoridades com o estado endêmico de violência policial e de desrespeito dos direitos de cidadania. No caso, é preciso notar que ao menos houve uma reação pronta da P.M. e da Polícia Civil—certamente porque o fato foi mostrado pela televisão—punindo os envolvidos.

Apesar de tudo, impressiona o fato de preceitos básicos do direito serem ignorados com tamanha frequência e com tal desfarçatez no país. Certamente é um dos sinais mais cruéis de atraso e subdesenvolvi-

mento. Há muito o mundo civilizado reconhece que cabe à Justiça definir qual a punição que os criminosos devem sofrer pelos seus atos, e não este ou aquele indivíduo. Ao violarem a lei, policiais como os que agrediram Gaya, apenas corrompem a Instituição da polícia, e a igualam em violência e barbarismo à marginalidade que devem combater.

16/07: EQLHA\_DE\_SÃO\_PAULO: Agente penitenciário denuncia corrupção na Casa de Detenção: O agente penitenciário Daniel Vitalino Cardoso, 44, funcionário da Penitenciária do Estado, passou os últimos dois anos e quatro meses na Casa de Detenção-S.P. Ele denuncia que a corrupção é a norma na Casa. Segundo ele, os presos que mantêm ligações com criminosos do lado de fora da Cadeia são os mais poderosos. Eles decidem sobre a vida de outros presos, de funcionários e até de diretores. Esses presos têm celas especiais, são conhecidos como patronato, e conseguem favores repassando aos diretores e funcionários o produto de suas atividades ilegais.

C) OBJETIVOS DO TRABALHO

## C)OBJEITIVOS DO TRABALHO

### C.1)GERAIS

1)Estudar a Violência, no aspecto psico-social, sem esquecermo-nos de que ela é complexa e vasta(39,41,63,65,66,86,87,91,110,117,122,131,141,143,146,153,155,157,158,173,174,175,183) .

2)Falar com os violentos, e não apenas falar...deles, e por eles, como fazem comumente.

### C.2)ESPECÍFICOS

1)Descrever a história de vida dos presidiários, focalizando a infância, adolescência e atualidade(10,122,174,175).

2)Verificar se há mais lares desestruturados(91) entre as famílias dos presidiários, em comparação com as do grupo controle.

3)Estudar a ocorrência de distúrbios afetivos(\*) antes e durante a prisão(98,117).

4)Estudar a ocorrência de doenças psicossomáticas(118,123,125,149,162) no Grupo de Estudos, em comparação com o grupo controle.

5)Estudar algumas características de personalidade(14,16,75,146,150,155) dos presidiários, em comparação com as dos indivíduos do Grupo Controle.



6) Verificar se ocorreram eventos estressantes de vida nos cinco anos que antecedem a primeira atitude criminal(91,162).

7) Estudar algumas peculiaridades da vida destes seres dentro dos estabelecimentos penitenciários superpopulosos(09,11,12,32,36 55,119,139,145,162)

\*Distúrbios Afetivos(46,160): são alterações primárias da afetividade, que se manifestam basicamente por perturbações no humor, que podem variar desde um polo depressivo a uma euforia, sem causa aparente.

D) HIPÓTESES FUNDAMENTAIS

## DIHIBÓIESES\_FUNDAMENTAIS

1) Há mais lares desestruturados (18, 22, 23, 91, 180, 181, 192, 193) no Grupo de Presidiários, em comparação com o Grupo Controle.

2) Há eventos estressantes de vida (18, 30, 60, 71, 193) nos cinco anos que antecedem a atitude criminal.

3) Há maior incidência de doenças psicossomáticas no Grupo de Presidiários, em comparação com o Grupo Controle, devido ao alto nível de estresse a que estes indivíduos são submetidos, antes e durante a prisão.

4) Há características impulsivo-agressivas na personalidade dos presidiários (75, 102, 125).

E) SUJEITOS E MÉTODOS

## E)SUJEITOS\_E\_MEIÓDOS

(77,187)

### E.1)SUJEITOS

Após finalizar o plano de trabalho dessa pesquisa,entrei em contato com um dos Diretores da Cadeia Pública do São Bernardo para saber da disposição das autoridades competentes daquela Instituição Penal,em colaborar com sua realização.O referido Diretor pronunciou-se favoravelmente,porém,no decorrer do trabalho,verifiquei que a colaboração foi cerceada por algumas dificuldades,que descreverei adiante.

Era minha intenção sortear os presos a serem entrevistados, porém este procedimento foi-me negado,sob a alegação de que a maioria dos detentos não aceitaria participar,além do que ocorriam inúmeras transferências diárias,pelo fato do estabelecimento não ser um presídio,e sim,uma Cadeia.Isto dificultaria a localização dos presos e"atrasaria demais o meu trabalho".Este mesmo Diretor,no segundo dia em que lá estive,disse-me que já existia uma lista de vinte presos dispostos a colaborarem,porém,dias após,a lista havia desaparecido,tendo sido dada a desculpa de que ela encontrava-se com um dos médicos da Cadeia.Este colega nunca foi localizado,assim como a lista citada.Decidi-me,então,pedir a colaboração dos presos que ficam no cartório desta Instituição(local onde guardam os documentos dos detentos),e que,portanto,servem de ponte entre o exterior e o interior do estabe-

lecimento. Disse-lhes que tinha a intenção de ouvir alguns presidiários, com um intuito humanitário e de pesquisa, assim como comprometia-me a guardar sigilo da identidade dos participantes. Sabia que as explicações eram honestas, porém, ingênuas, mas decidi não me desestimular face as insinuações que "muitas psicólogas lá estiveram, mas não continuaram uma semana, que eu perderia o sono só de olhar na cara de um assassino", etc. As insinuações não eram irreais, porém era meu objetivo continuar, e a ajuda inicial veio dos próprios presidiários.

Os cinquenta e um detentos da Cadeia Pública do São Bernardo vieram à entrevista através da mediação dos presos do cartório, orientados pelo fato de que havia na Cadeia uma "psicóloga" disposta a ouvi-los. A maioria gostou da possibilidade de falar, o que colaborou para que outros viessem. Alguns pediram-me para ser reentrevistados, pois era a única maneira de poderem conversar com alguém. Sair da cela era uma fuga desejada e acalentada, mesmo que fosse por alguns segundos.

Os presidiários, apesar de voluntários, deveriam obedecer alguns critérios:

1) Ter entre 18 a 55 anos;

2) Ter condições de compreender as questões formuladas na Anamnese-Questionário e na Escala Avaliatória do Humor;

3) Não ser portador de qualquer doença mental, embora tenhamos detectado quatro detentos com sintomas psiquiátricos produtivos. Estas entrevistas não foram aproveitadas em nossa pesquisa, porém nos forneceram um dado importante - muitos presos são doentes mentais e não recebem tratamento adequado;

4) Ser voluntário e comparecer às entrevistas de boa vontade;

5) Estar num sistema penal fechado, sem ser albergado, isto é, estar apenas dormindo na Cadeia.

As dezesseis mulheres entrevistadas estavam no Presídio Feminino de Indaiatuba, com exceção de uma, que foi ouvida no Presídio de Pedreira. Em Indaiatuba, entrevistei quase todas as presidiárias que lá permaneceram, visto que uma rebelião forçou a transferência da maioria delas para São Paulo e outras localidades, dificultando demais essa pesquisa. Quatro detentas do Presídio Feminino de Indaiatuba não quiseram colaborar, e portanto, foram excluídas. O mesmo pode-se dizer de uma presidiária, que apresentava um quadro delirante, com idéias persecutórias.

Usei, para as presidiárias, os mesmos critérios de inclusão citados acima.

Estes estabelecimentos penais foram escolhidos por serem os maiores da região de Campinas, e por terem características de superpopulação carcerária, como a maioria das Instituições Penais deste país.

Conjuntamente com as entrevistas, procurei saber quais informações os detentos possuíam sobre a AIDS, orientando-os sobre as formas e possibilidades de contágio de doenças venéreas, comuns nestes ambientes fechados e promíscuos.

## **2.2 MÉTODOS**

As entrevistas foram realizadas no período de agosto de 1986 a setembro de 1988. Foram efetuadas durante as manhãs, por exigência,

principalmente, da Diretoria da Cadeia Pública do São Bernardo, que justificava o fato de no período matutino haver maior vigilância no local, isto é, guardas disponíveis para levarem os presos à sala de entrevistas, e aguardá-los até o término. Estipulei três manhãs para realizar o trabalho: às segundas, quartas e sextas-feiras, das 8:30 às 12:00 horas. As entrevistas foram realizadas numa sala da Ordem Dos Advogados (O.A.B.), localizada ao lado da sala do Diretor da Cadeia. Foi-me proibida a entrada nos pavilhões, devido aos riscos de rebeliões, embora inúmeros "líderes" tivessem solicitado a minha presença lá dentro. Cheguei a entrevistar um deles "in loco", porém, um dos diretores (havia dois: um de manhã e um à tarde), proibiu-me de lá adentrar. Na Cadeia, o preso era trazido à sala algemado, com as mãos para a frente, e sempre fortemente escoltado por dois a três guardas da Polícia Militar. Quando solicitei conversar sozinha com o preso, recebi como resposta um não, e o máximo que consegui foi que eles permanecessem alguns metros afastados da mesa ou ficassem em pé, à porta de saída da sala, o que lhes dificultava ouvirem a conversa, inibindo o presidiário. No Presídio Feminino de Indaiatuba, conversei com as presas numa sala que serve de enfermaria. Permanecia trancada dentro desta até o fim da entrevista, sem que as presidiárias usassem algemas e tivessem escolta policial. No Presídio de Pedreira colocaram uma mesa e duas cadeiras num estreito corredor, para que a entrevista fosse realizada em melhores condições, apesar do mau-humor e má vontade de seu Diretor, que desejava que eu realizasse as entrevistas nas próprias celas. Decidi não mais retornar àquele ambiente hostil, em que fui obrigada a mostrar todos os meus documentos profissionais à frente de vários advogados que se encontravam



na sala, além de ser inquerida se não era uma jornalista "que iria escrever besteiras e inverdades a respeito do presídio, fato que, segundo ele, já havia ocorrido.

As entrevistas duraram, em média, duas horas, sendo que delas constaram uma anamnese-questionário(127) e uma Escala de Traços e de Comportamentos de Agressividade(83). Foram estudadas mais de cento e cinquenta variáveis, assim como foi valorizado o discurso espontâneo do entrevistado.

O Grupo Controle dessa pesquisa foi escolhido baseado nos seguintes critérios:

- 1) Ter entre 18 a 55 anos de idade;
- 2) Ter condições de compreender as questões aplicadas no Grupo de Estudo, isto é, o Grupo de presidiários;
- 3) Não ter qualquer antecedente criminal;
- 4) Ser trabalhador de uma Instituição Pública Estadual Aberta;
- 5) Ganhar entre um a três salários mínimos vigentes, isto é, a mesma faixa salarial dos presidiários que trabalhavam antes de serem detidos;
- 6) Semelhança nas ocupações profissionais com as exercidas pelos presos antes do encarceramento.

Para conseguir os voluntários dirigi-me a uma grande Instituição, com mais de cinco mil funcionários. Expliquei o plano de trabalho, e principalmente, a importância de se ter um grupo controle para comparação de dados. Pedi uma lista com os nomes, idades, ocupações e salários de todos os empregados que preenchessem, principalmente, os requisitos 1, 5 e 6. Os demais requisitos eram perguntados aos próprios entrevistados. De posse desta lista, foram sorteadas 50 pessoas - busquei contatá-las em seus setores de trabalho. No primeiro contato explicava os objetivos da pesquisa, e pedia a colaboração do funcionário. Cerca de 18 pessoas negaram-se a participar, deixando a impressão de uma enorme desconfiança em relação a intenção da entrevista. Foi notório o medo que estes funcionários têm de perder seus empregos. O receio maior foi percebido na creche da Instituição, onde havia uma sindicância a respeito de um bebê, falecido ali, acidentalmente, enquanto mamava. Somente duas funcionárias quiseram participar, dentre as cinco sorteadas. Aqueles que se dispuseram a participar, foram espontâneos e sinceros. Foram aplicadas as mesmas questões da anamnese-questionário e da escala avaliativa do humor, utilizadas nas entrevistas com os componentes do grupo de estudos.

Os métodos estatísticos (27, 28, 29) usados foram: aplicação de médias, porcentagens, teste do qui-quadrado. Foram utilizados também os Coeficientes de Correlação de Spearman e o Teste Exato de Fisher, para analisar as associações positivas (Sim-Sim e Não-Não) e negativas (Sim-Não e Não-Sim) entre as respostas. O Modelo Log-linear foi utilizado para analisar as interações entre as respostas.

### E.3) DIFICULDADES ENCONTRADAS

1) Conseguir lidar com meus preconceitos em relação aos presidiários-com minhas tensões e fantasias a respeito de rebeliões, que comumente eclodem nas prisões e inundam os noticiários. Confesso ter perdido incontáveis noites de sono durante estes três últimos anos, ter mudado profundamente de humor, estando acometida de uma irritabilidade crônica.

2) Dificuldades em trabalhar em Sistemas Penitenciários deficientes e tensos. Havia, por parte dos internos, desconfianças em relação a minha presença na Instituição. Perguntavam-me, comumente, sobre o que pretendia ali? O que faria com aquelas informações? Estas entrevistas ajudariam a sair mais rápido da prisão? Elas poderiam complicar a saída? Ao ouvir estas indagações, reforçava as explicações do sentido real da pesquisa, esclarecendo-lhes que as informações prestadas não ajudariam e nem atrapalhariam seus processos penais, visto que o objetivo do trabalho não era este.

Havia também desconfianças de diretores e funcionários: o que a senhora pretende com estas informações? Vai publicá-las? Onde pretende publicá-las? A senhora pertence a algum movimento de direitos humanos? A senhora investiga o que ocorre em presídios?

3) Blitz internas, isto é, inspeções das celas, com a intenção de encontrarem armas de fogo e armas brancas, principalmente facas e estiletes. Estas blitz, todas as vezes que ocorriam, impediam o meu acesso às dependências da Cadeia, retardando a pesquisa.

4) Greves de fome, impedindo a realização das entrevistas, pois todos os presos eram proibidos pelos líderes, de falarem com qualquer pessoa.

5) As longas horas de espera na sala de entrevistas, aguardando a disponibilidade dos guardas em trazerem-me um preso. Cheguei certa vez a esperar quatro horas, sem nada conseguir. Era comum aguardar de uma à duas horas, para entrevistar o presidiário.

6) A rebelião no Presídio Feminino de Indaiatuba, que obrigou a transferência de mais de vinte presas, para outras localidades, afetando completamente as intenções de trabalho com uma amostra feminina mais ampla.

### E.3) Cronograma do Trabalho

Setembro de 1985 a Junho de 1986: elaboração do plano de trabalho (aprimoramento metodológico), em conjunto com o Professor Dr. Luiz Prigenzi e a Professora Gabriela Stangenhau.

Julho de 1986: contatos com as Instituições Penais da região de Campinas-S.P., onde desenvolvi a parte prática da pesquisa. Estes contatos consistiram em entrevistas e entrega do Plano.

Agosto de 1986 a setembro de 1988: realização das entrevistas com os presidiários e os indivíduos do Grupo Controle. Neste período também aprofundei as pesquisas bibliográficas, assim como a redação da Introdução, Objetivos, Metodologia, etc.

Agosto de 1988 a julho de 1989: realização das análises estatísticas-tratamento dos dados.

Novembro de 1989 a julho de 1989: redação das discussões dos dados e conclusões. Foram feitas revisões e correções gramaticais.

Julho de 1989 a meados de agosto de 1989: impressão e encadernação.

F) RESULTADOS

TABELA 1 - Distribuição dos 112 indivíduos que participaram desta pesquisa, no período de agosto de 1986 até setembro de 1988, segundo o sexo e o fato de pertencerem ao Grupo Controle (Grupo C) ou ao Grupo de Estudos (Grupo E). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total assinalado nas linhas desta tabela, que totalizam 100%.

GRUPO	S E X O		
	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
Grupo Controle	27 (54%)	23 (46%)	50 (100%)
Grupo de Estudos	15 (24,20%)	47 (75,80%)	62 (100%)
TOTAL	42 (37,5%)	70 (62,5%)	112 (100%)

TABELA 2 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e a idade (expressas em anos). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

IDADE	S E X O		
	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
[0,20)	4 (8%)	1 (2%)	5 (10%)
[21,30)	11 (22%)	11 (22%)	22 (44%)
[31,40)	9 (18%)	9 (18%)	18 (36%)
[41,50)	2 (4%)	1 (2%)	3 (6%)
[51,60)	1 (2%)	1 (2%)	2 (4%)
TOTAL	27 (54%)	23 (46%)	50 (100%)

[ = intervalo fechado (números incluídos)

( = intervalo aberto (último número excluído)



TABELA 3 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e a idade (expressa em anos). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

IDADE	S E X O		
	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
[0,20)	0 (0%)	2 (3,23%)	2 (3,23%)
[21,30)	11 (17,74%)	23 (37,10%)	34 (54,84%)
[31,40)	4 (6,45%)	18 (29,03%)	22 (35,48%)
[41,50)	0 (0%)	4 (6,45%)	4 (6,45%)
[51,60)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
TOTAL	15 (24,19%)	47 (75,81%)	62 (100%)

TABELA 4 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e a cor da pele. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	C O R		
	BRANCA	PRETA	TOTAL
Feminino	11 (22%)	16 (32%)	27 (54%)
Masculino	16 (32%)	7 (14%)	23 (46%)
TOTAL	27 (54%)	23 (46%)	50 (100%)

TABELA 5 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e a cor da pele. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	C O R		TOTAL
	BRANCA	PRETA	
Feminino	9 (14,52%)	6 (9,68%)	15 (24,19%)
Masculino	39 (62,90%)	8 (12,90%)	47 (75,81%)
TOTAL	48 (77,42%)	14 (22,58%)	62 (100%)

TABELA 6 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o grau de escolaridade. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

ESCOLARIDADE	S E X O		
	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
Analfabeto	1 (2%)	1 (2%)	2 (4%)
Primário Completo	7 (14%)	8 (16%)	15 (30%)
Primário Incompleto	2 (4%)	7 (14%)	9 (18%)
Secundário Completo	0	0	0
Secundário Incompleto	0	0	0
Colegial Completo	7 (14%)	1 (2%)	8 (16%)
Colegial Incompleto	4 (8%)	4 (8%)	8 (16%)
Universitário Completo	1 (2%)	0 (0%)	1 (2%)
Universitário Incompleto	5 (10%)	2 (4%)	7 (14%)
TOTAL	27 (54%)	23 (46%)	50 (100%)

TABELA 7 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o grau de escolaridade. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

ESCOLARIDADE	S E X O		
	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
Analfabeto	0 (0%)	4 (6,45%)	4 (6,45%)
Primário Completo	4 (6,45%)	10 (16,13%)	14 (22,58%)
Primário Incompleto	5 (8,06%)	8 (12,90%)	13 (20,97%)
Secundário Completo	0 (0%)	2 (3,23%)	2 (3,23%)
Secundário Incompleto	0 (0%)	13 (20,97%)	13 (20,97%)
Colegial Completo	1 (1,61%)	3 (4,84%)	4 (6,45%)
Colegial Incompleto	5 (8,06%)	5 (8,06%)	10 (16,13%)
Universitário Completo	0 (0%)	1 (1,61%)	1 (1,61%)
Universitário Incompleto	0 (0%)	1 (1,61%)	1 (1,61%)
TOTAL	15 (24,19%)	47 (75,81%)	62 (100%)

TABELA 8 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o estado civil. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

ESTADO CIVIL	S E X O		
	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
Amasiado	2 (4%)	1 (2%)	3 (6%)
Casado	13 (26%)	14 (28%)	27 (54%)
Separado	1 (2%)	0 (0%)	1 (2%)
Solteiro	10 (20%)	8 (16%)	18 (36%)
Viúvo	1 (2%)	0 (0%)	1 (2%)
TOTAL	27 (54%)	23 (46%)	50 (100%)

TABELA 9 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o estado civil. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

ESTADO CIVIL	S E X O		
	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
Amasiado	8 (12,90%)	13 (20,97%)	21 (33,87%)
Casado	2 (3,23%)	16 (25,81%)	18 (29,03%)
Separado	1 (1,61%)	1 (1,61%)	2 (3,23%)
Solteiro	2 (3,23%)	17 (27,42%)	19 (30,65%)
Viúvo	2 (3,23%)	0 (0%)	2 (3,23%)
TOTAL	15 (24,19%)	47 (75,81%)	62 (100%)

TABELA 10 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o número de casamentos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

SEXO	NÚMERO DE UNIÕES		
	0	1	TOTAL
Feminino	10 (20%)	17 (34%)	27 (54%)
Masculino	9 (18%)	14 (28%)	23 (46%)
TOTAL	19 (38%)	31 (62%)	50 (100%)



TABELA 11 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o número de casamentos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	N Ú M E R O D E U N I Õ E S		
	0	1	TOTAL
Feminino	6 (9,68%)	9 (14,52%)	15 (24,19%)
Masculino	26 (41,94%)	21 (33,87%)	47 (75,81%)
TOTAL	32 (51,61%)	30 (48,39%)	62 (100%)

TABELA 12 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o número de amasiamentos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	N Ú M E R O D E U N I Õ E S		
	0	1	TOTAL
Feminino	24 (48%)	3 (6%)	27 (54%)
Masculino	21 (42%)	2 (4%)	23 (46%)
TOTAL	45 (90%)	5 (10%)	50 (100%)

TABELA 13 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o número de amasiamentos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

SEXO	NÚMERO DE UNIÕES			TOTAL
	0	1	2	
Feminino	6 (9,68%)	7 (11,29%)	2 (3,23%)	15 (24,19%)
Masculino	33 (53,23%)	11 (17,74%)	3 (4,84%)	47 (75,81%)
TOTAL	39 (62,90%)	18 (29,03%)	5 (8,06%)	62 (100%)

TABELA 14 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e a idade (expressa em anos) da primeira união (legalizada ou não). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

I D A D E	S E X O		
	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
Solteiro	10 (20%)	8 (16%)	18 (36%)
[15, 20)	9 (18%)	0 (0%)	9 (18%)
[20, 25)	7 (14%)	10 (20%)	17 (34%)
[25, 30)	0 (0%)	2 (4%)	2 (4%)
maior que 30	1 (2%)	3 (6%)	4 (8%)
TOTAL	27 (54%)	23 (46%)	50 (100%)

TABELA 15 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e a idade (expressa em anos) da primeira união (legalizada ou não). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

I D A D E	S E X O		
	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
Solteiro	1 (1,61%)	17 (27,42%)	18 (29,03%)
[15, 20)	11 (17,74%)	8 (12,90%)	19 (30,65%)
[20, 25)	2 (3,23%)	15 (24,19%)	17 (27,42%)
[25, 30)	1 (1,61%)	5 (8,06%)	6 (9,68%)
maior que 30	0 (0%)	2 (3,23%)	2 (3,23%)
TOTAL	15 (24,19%)	47 (75,81%)	62 (100%)

TABELA 16 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e a idade (expressa em anos) de início escolar. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

I D A D E	S E X O		
	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
menor que 7	8 (16%)	4 (8%)	12 (24%)
[7, 8)	15 (30%)	10 (20%)	25 (50%)
[8, 9)	1 (2%)	4 (8%)	5 (10%)
maior que 10	2 (4%)	4 (8%)	6 (12%)
Não estudou	1 (2%)	1 (2%)	2 (4%)
TOTAL	27 (54%)	23 (46%)	50 (100%)

TABELA 17 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e a idade (expressa em anos) de início escolar. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

I D A D E	S E X O		
	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
menor que 7	4 (6,45%)	10 (16,13%)	14 (22,58%)
[7, 8)	7 (11,29%)	26 (41,94%)	33 (52,23%)
[8, 9)	2 (3,23%)	2 (3,23%)	4 (6,45%)
[9, 10)	1 (1,61%)	2 (3,23%)	3 (4,84%)
maior que 10	1 (1,61%)	4 (6,45%)	5 (8,06%)
Não estudou	0 (0%)	3 (4,84%)	3 (4,84%)
TOTAL	15 (24,19%)	47 (75,81%)	62 (100%)

TABELA 18 - Distribuição dos 45 indivíduos que participaram desta pesquisa (excluídos cinco que ainda não terminaram seus estudos) pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e a idade (expressa em anos) de término escolar. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

I D A D E	S E X O		
	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
[10, 12)	5 (11,11%)	6 (13,33%)	11 (24,44%)
[12, 14)	3 (6,67%)	3 (6,67%)	6 (13,33%)
[14, 16)	2 (4,44%)	3 (6,67%)	5 (11,11%)
[16, 18)	3 (6,67%)	1 (2,22%)	4 (8,89%)
[18, 20)	6 (13,33%)	2 (4,44%)	8 (17,78%)
maior que 20	6 (13,33%)	5 (11,11%)	11 (24,44%)
TOTAL	25 (55,56%)	20 (44,44%)	45 (100%)

Freqüência missing = 5.



TABELA 19 - Distribuição dos 54 indivíduos que participaram desta pesquisa (excluídos oito, que não estudaram ou ainda não concluíram seus estudos), pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e a idade (expressa em anos) de término escolar. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

I D A D E	S E X O		
	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
[10, 12)	5 (9,26%)	8 (14,81%)	13 (24,07%)
[12, 14)	3 (5,56%)	11 (20,37%)	14 (25,93%)
[14, 16)	4 (7,41%)	7 (12,96%)	11 (20,37%)
[16, 18)	2 (3,70%)	6 (11,11%)	8 (14,81%)
[18, 20)	0 (0%)	4 (7,41%)	4 (7,41%)
maior que 20	0 (0%)	4 (7,41%)	4 (7,41%)
TOTAL	14 (25,93%)	40 (74,07%)	54 (100%)

Frequência missing = 8.

TABELA 20 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e a idade (expressa em anos) de início no trabalho. Os números entre parentêses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

I D A D E	S E X O		
	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
menor que 6	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
[6, 10)	9 (18%)	7 (14%)	16 (32%)
[10, 15)	11 (22%)	12 (24%)	23 (46%)
[15, 20)	5 (10%)	4 (8%)	9 (18%)
maior que 20	2 (4%)	0 (0%)	2 (4%)
nunca trabalhou	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
TOTAL	27 (54%)	23 (46%)	50 (100%)

TABELA 21 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e a idade (expressa em anos) de início no trabalho. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

I D A D E	S E X O		
	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
menor que 6	0 (0%)	1 (1,61%)	1 (1,61%)
[6, 10)	3 (4,84%)	10 (16,13%)	13 (20,97%)
[10, 15)	9 (14,52%)	28 (45,16%)	37 (59,68%)
[15, 20)	2 (3,23%)	7 (11,29%)	9 (14,52%)
maior que 20	1 (1,61%)	0 (0%)	1 (1,61%)
nunca trabalhou	0 (0%)	1 (1,61%)	1 (1,61%)
TOTAL	15 (24,19%)	47 (75,81%)	62 (100%)

TABELA 22 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e as atividades ocupacionais exercidas até o momento da entrevista. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total de cada coluna, que é de 100%.

ATIVIDADES OCUPACIONAIS	S E X O		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
Artísticas	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Construção Civil	9 (39,13%)	0 (0%)	9 (18%)
Agropecuária	3 (13,04%)	0 (0%)	3 (6%)
Administrativas, Empresariais, e Comerciantes	3 (13,04%)	11 (40,74%)	14 (28%)
Comerciários ou Operários	2 (8,69%)	0 (0%)	2 (4%)
Hospitalar ou Farmacêutica	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Doméstica ou Faxineira	1 (4,34%)	13 (48,14%)	14 (28%)
Segurança Pública	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Transportes	2 (8,69%)	0 (0%)	2 (4%)
Outras	3 (13,04%)	3 (11,11%)	6 (12%)
Desempregado	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
TOTAL	23 (100%)	27 (100%)	50 (100%)

TABELA 23 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e as atividades ocupacionais exercidas até o momento do encarceramento. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total de cada coluna, que é de 100%.

ATIVIDADES OCUPACIONAIS	S E X O		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
Artísticas	3 (6,38%)	0 (0%)	3 (4,83%)
Construção Civil	9 (19,14%)	0 (0%)	9 (14,51%)
Agropecuária	2 (4,25%)	0 (0%)	2 (3,22%)
Administrativas, Empresariais, ou Comerciantes	2 (4,25%)	3 (20%)	5 (8,06%)
Comerciários ou Operários	20 (42,55%)	1 (6,66%)	21 (33,87%)
Hospitalar ou Farmacêutica	1 (2,12%)	1 (6,66%)	2 (3,22%)
Doméstica ou Faxineira	0 (0%)	6 (40%)	6 (9,67%)
Segurança Pública	2 (4,25%)	0 (0%)	2 (3,22%)
Transportes	5 (10,63%)	0 (0%)	5 (8,06%)
Outras	1 (2,12%)	0 (0%)	1 (1,61%)
Desempregado ou Desocupado	2 (4,25%)	4 (26,66%)	6 (9,67%)
TOTAL	47 (100%)	15 (100%)	62 (100%)

TABELA 24 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e a satisfação no último emprego. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	SATISFAÇÃO NO EMPREGO		TOTAL
	S I M	N ã O	
Feminino	22 (44%)	5 (10%)	27 (54%)
Masculino	17 (34%)	6 (12%)	23 (46%)
TOTAL	39 (78%)	11 (22%)	50 (100%)

TABELA 25 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e a satisfação no último emprego. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	SATISFAÇÃO NO EMPREGO				TOTAL
	S I M	N Ã O	NENHUM DESTES	NÃO QUIS RESPONDER	
Feminino	8 (12,90%)	2 (3,23%)	5 (8,06%)	0 (0%)	15 (24,19%)
Masculino	41 (66,13%)	5 (8,06%)	0 (0%)	1 (1,61%)	47 (75,81%)
TOTAL	49 (79,03%)	7 (11,29%)	5 (8,06%)	1 (1,61%)	62 (100%)

TABELA 26 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e a naturalidade (local de nascimento). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total de cada coluna, que é de 100%.

NATURALIDADE	S E X O		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
Campinas	5 (21,73%)	11 (40,74%)	16 (32%)
São Paulo (Capital)	2 (8,69%)	0 (0%)	2 (4%)
Outras cidades do inte- rior de São Paulo	4 (17,39)	11 (40,74%)	15 (30%)
Outros Estados do Brasil	12 (52,17%)	5 (18,51%)	17 (34%)
Exterior	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
TOTAL	23 (100%)	27 (100%)	50 (100%)



TABELA 27 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e a naturalidade (local de nascimento). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total de cada coluna, que é de 100%.

NATURALIDADE	S E X O		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
Campinas	16 (34,04%)	3 (20%)	19 (30,64%)
São Paulo (Capital)	1 (2,12%)	0 (0%)	1 (1,61%)
Outras cidades do inte- rior de São Paulo	18 (38,29%)	9 (60%)	27 (43,54%)
Outros Estados do Brasil	11 (23,40%)	3 (20%)	14 (22,58%)
Exterior	1 (2,12%)	0 (0%)	1 (1,61%)
TOTAL	47 (100%)	15 (100%)	62 (100%)

TABELA 28 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e a procedência (local de residência). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total de cada coluna, que é de 100%.

PROCEDÊNCIA	S E X O		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
Campinas	20 (86,95%)	26 (96,29%)	46 (92%)
São Paulo (Capital)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Outras cidades do inte- rior de São Paulo	3 (13,04%)	1 (3,70%)	4 (8%)
Outros Estados do Brasil	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Exterior	0 (0%)	0 (0%)	0 (%)
TOTAL	23 (100%)	27 (100%)	50 (100%)

TABELA 29 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e a procedência (local de residência). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total de cada coluna, que é de 100%.

PROCEDÊNCIA	S E X O		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
Campinas	26 (55,31%)	10 (66,66%)	36 (58,06%)
São Paulo (Capital)	2 (4,25%)	0 (0%)	2 (3,22%)
Outras cidades do interior de São Paulo	15 (31,91%)	5 (33,33%)	20 (32,25%)
Outros Estados do Brasil	3 (6,38%)	0 (0%)	3 (4,83%)
Exterior	1 (2,12%)	0 (0%)	1 (1,61%)
TOTAL	47 (100%)	15 (100%)	62 (100%)

TABELA 30 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de serem migrantes, isto é, oriundos de outras regiões que não aquelas em que residem atualmente. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	M I G R A N T E S		
	N Ã O	S I M	TOTAL
Feminino	11 (22%)	16 (32%)	27 (54%)
Masculino	4 (8%)	19 (38%)	23 (46%)
TOTAL	15 (30%)	35 (70%)	50 (100%)

TABELA 31 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de serem migrantes, isto é, oriundos de outra região que não aquelas em que residem atualmente. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	M I G R A N T E S		
	N Ã O	S I M	TOTAL
Feminino	6 (9,68%)	9 (14,52%)	15 (24,19%)
Masculino	20 (32,26%)	27 (43,55%)	47 (75,81%)
TOTAL	26 (41,94%)	36 (58,06%)	62 (100%)

TABELA 32 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e a religião que praticam (ou têm crenças). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total de cada coluna, que é de 100%.

RELIGIÃO	S E X O		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
Católica	15 (65,21%)	21 (77,77%)	36 (72%)
Crente	4 (17,39%)	3 (11,11%)	7 (14%)
Espírita	0 (0%)	1 (3,70%)	1 (2%)
Outras (inclusive conjugação de religiões)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Sem religião	4 (17,39%)	2 (7,40%)	6 (12%)
TOTAL	23 (100%)	27 (100%)	50 (100%)

TABELA 33 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e a religião que praticam (ou têm crenças). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total de cada coluna, que é de 100%.

RELIGIÃO	S E X O		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
Católica	31 (65,95%)	9 (60%)	40 (64,51%)
Crente	7 (14,89%)	2 (13,33%)	9 (14,51%)
Espírita	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Outras	0 (0%)	1 (6,66%)	1 (1,61%)
Sem religião	9 (19,14%)	3 (20%)	12 (19,35%)
TOTAL	47 (100%)	15 (100%)	62 (100%)

TABELA 34 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de terem nascido de parto normal. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	P A R T O N O R M A L			TOTAL
	S I M	N Ã O	DESCONHECE	
Feminino	24 (48%)	1 (2%)	2 (4%)	27 (54%)
Masculino	20 (40%)	2 (4%)	1 (2%)	23 (46%)
TOTAL	44 (88%)	3 (6%)	3 (6%)	50 (100%)



TABELA 35 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de terem nascido de parto normal. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	P A R T O   N O R M A L			
	S I M	N ã O	DESCONHECE	TOTAL
Feminino	13 (20,97%)	0 (0%)	2 (3,23%)	15 (24,19%)
Masculino	37 (59,68%)	0 (0%)	10 (16,13%)	47 (75,81%)
TOTAL	50 (80,65%)	0 (0%)	12 (19,35%)	62 (100%)

TABELA 36 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de terem nascido de parto a termo (de 9 meses de gestação). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	P A R T O   A   T E R M O			T O T A L
	S I M	N Ã O	D E S C O N H E C E	
Feminino	23 (46%)	3 (6%)	1 (2%)	27 (54%)
Masculino	22 (44%)	0 (0%)	1 (2%)	23 (46%)
TOTAL	45 (90%)	3 (6%)	2 (4%)	50 (100%)

TABELA 37 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de terem nascido de parto a termo. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	P A R T O    À    T E R M O			TOTAL
	S I M	N ã O	DESCONHECE	
Feminino	13 (20,97%)	0 (0%)	2 (3,23%)	15 (24,19%)
Masculino	34 (54,84%)	4 (6,45%)	9 (14,52%)	47 (75,81%)
TOTAL	47 (75,81%)	4 (6,45%)	11 (17,74%)	62 (100%)

TABELA 38 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de terem recebido alimentação materna até os seis primeiros meses de vida. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	A L I M E N T A Ç Ã O M A T E R N A				TOTAL
	MATERNA	ARTIFICIAL	DESCONHECE	OUTROS (AMA)	
Feminino	16 (32%)	3 (6%)	8 (16%)	0 (0%)	27 (54%)
Masculino	19 (38%)	1 (2%)	2 (4%)	1 (2%)	23 (46%)
TOTAL	35 (70%)	4 (8%)	10 (20%)	1 (2%)	50 (100%)

TABELA 39 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de terem recebido alimentação materna até os seis primeiros meses de vida. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	A L I M E N T A Ç Ã O M A T E R N A				TOTAL
	MATERNA	ARTIFICIAL	DESCONHECE	OUTROS	
Feminino	12 (19,35%)	2 (3,23%)	1 (1,61%)	0 (0%)	15 (24,19%)
Masculino	35 (56,45%)	2 (3,23%)	9 (14,52%)	1 (1,61%)	47 (75,81%)
TOTAL	47 (75,81%)	4 (6,45%)	10 (16,13%)	1 (1,61%)	62 (100%)

TABELA 40 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de apresentarem terrores noturnos entre os três e doze anos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	T E R R O R E S N O T U R N O S			T O T A L
	S I M	N Ã O	D E S C O N H E C E	
Feminino	7 (14%)	20 (40%)	0 (0%)	27 (54%)
Masculino	7 (14%)	15 (30%)	1 (2%)	23 (46%)
TOTAL	14 (28%)	35 (70%)	1 (2%)	50 (100%)

TABELA 41 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de apresentarem terrores noturnos entre os três e doze anos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	T E R R O R E S   N O T U R N O S			
	S I M	N ã O	DESCONHECE	TOTAL
Feminino	6 (9,68%)	8 (12,90%)	1 (1,61%)	15 (24,19%)
Masculino	16 (25,81%)	29 (46,77%)	2 (3,23%)	47 (75,81%)
TOTAL	22 (35,48%)	37 (59,68%)	3 (4,84%)	62 (100%)

TABELA 42 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de apresentarem sonambulismo entre os três e doze anos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	S O N A M B U L I S M O		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	4 (8%)	23 (46%)	27 (54%)
Masculino	3 (6%)	20 (40%)	23 (46%)
TOTAL	7 (14%)	43 (86%)	50 (100%)



TABELA 43 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de apresentarem sonambulismo entre os três e doze anos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	S O N A M B U L I S M O			
	S I M	N Ã O	DESCONHECE	TOTAL
Feminino	2 (3,23%)	12 (19,35%)	1 (1,61%)	15 (24,19%)
Masculino	3 (4,84%)	44 (70,97%)	0 (0%)	47 (75,81%)
TOTAL	5 (8,06%)	56 (90,32%)	1 (1,61%)	62 (100%)

TABELA 44 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de apresentarem sonilôquio entre os três e doze anos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	S O N I L Ó Q U I O			TOTAL
	S I M	N Ã O	DESCONHECE	
Feminino	13 (26%)	12 (24%)	2 (4%)	27 (54%)
Masculino	10 (20%)	13 (26%)	0 (0%)	23 (46%)
TOTAL	23 (46%)	25 (50%)	2 (4%)	50 (100%)

TABELA 45 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de apresentarem sonilôquio entre os três e doze anos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	S O N I L Ô Q U I O			
	S I M	N Ã O	DESCONHECE	TOTAL
Feminino	10 (16,13%)	5 (8,06%)	0 (0%)	15 (24,19%)
Masculino	20 (32,26%)	25 (40,32%)	2 (3,23%)	47 (75,81%)
TOTAL	30 (48,39%)	30 (48,39%)	2 (3,23%)	62 (100%)

TABELA 46 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de apresentarem enurese noturna na infância entre os três e doze anos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	E N U R E S E N O T U R N A			
	S I M	N Ã O	DESCONHECE	TOTAL
Feminino	7 (14%)	14 (28%)	6 (12%)	27 (54%)
Masculino	5 (10%)	9 (18%)	9 (18%)	23 (46%)
TOTAL	12 (24%)	23 (46%)	15 (30%)	50 (100%)

TABELA 47 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de apresentarem enurese noturna na infância. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	E N U R E S E N O T U R N A			TOTAL
	S I M	N Ã O	DESCONHECE	
Feminino	5 (8,06%)	4 (6,45%)	6 (9,68%)	15 (24,19%)
Masculino	20 (32,26%)	20 (32,26%)	7 (11,29%)	47 (75,81%)
TOTAL	25 (40,32%)	24 (38,71%)	13 (20,97%)	62 (100%)

TABELA 48 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de apresentarem encoprese na infância. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	E N C O P R E S E		
	N Ã O	DESCONHECE	TOTAL
Feminino	20 (40%)	7 (14%)	27 (54%)
Masculino	14 (28%)	9 (18%)	23 (46%)
TOTAL	34 (68%)	16 (32%)	50 (100%)

TABELA 49 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de apresentarem encoprese na infância. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	E N C O P R E S E			TOTAL
	S I M	N Ã O	DESCONHECE	
Feminino	0 (0%)	7 (11,29%)	8 (12,90%)	15 (24,19%)
Masculino	2 (3,23%)	40 (64,52%)	5 (8,06%)	47 (75,81%)
TOTAL	2 (3,23%)	47 (75,81%)	13 (20,97%)	62 (100%)

TABELA 50 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de chuparem dedo(s) na infância (entre os três e doze anos). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	C H U P A R D E D O		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	2 (4%)	25 (50%)	27 (54%)
Masculino	2 (4%)	21 (42%)	23 (46%)
TOTAL	4 (8%)	46 (92%)	50 (100%)



TABELA 51 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de chuparem dedo(s) na infância. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	C H U P A R D E D O S			
	S I M	N Ã O	DESCONHECE	TOTAL
Feminino	1 (1,61%)	14 (22,58%)	0 (0%)	15 (24,19%)
Masculino	2 (3,23%)	41 (66,13%)	4 (6,45%)	47 (75,81%)
TOTAL	3 (4,84%)	55 (88,71%)	4 (6,45%)	62 (100%)

TABELA 52 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de roerem unhas na infância (entre os três e doze anos). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	R O E R U N H A S		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	6 (12%)	21 (42%)	27 (54%)
Masculino	4 (8%)	19 (38%)	23 (46%)
TOTAL	10 (20%)	40 (80%)	50 (100%)

TABELA 53 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de roerem unhas na infância. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	R O E R U N H A S		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	7 (11,29%)	8 (12,90%)	15 (24,19%)
Masculino	18 (29,03%)	29 (46,77%)	47 (75,81%)
TOTAL	25 (40,32%)	37 (59,68%)	62 (100%)

TABELA 54 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de apresentarem crises de birra na infância. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	C R I S E S D E B I R R A			TOTAL
	S I M	N ã O	DESCONHECE	
Feminino	4 (8%)	22 (44%)	1 (2%)	27 (54%)
Masculino	2 (4%)	21 (42%)	0 (0%)	23 (46%)
TOTAL	6 (12%)	43 (86%)	1 (2%)	50 (100%)

TABELA 55 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de apresentarem crises de birra na infância. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	C R I S E S   D E   B I R R A			T O T A L
	S I M	N ã O	D E S C O N H E C E	
Feminino	1 (1,61%)	14 (22,58%)	0 (0%)	15 (24,19%)
Masculino	9 (14,52%)	37 (59,68%)	1 (1,61%)	47 (75,81%)
TOTAL	10 (16,13%)	51 (82,26%)	1 (1,61%)	62 (100%)

TABELA 56 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de apresentarem gagueira (tartamudez) na infância. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	G A G U E I R A		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	2 (4%)	25 (50%)	27 (54%)
Masculino	2 (4%)	21 (42%)	23 (46%)
TOTAL	4 (8%)	46 (92%)	50 (100%)

TABELA 57 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de apresentarem gagueira na infância. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	G A G U E I R A		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	0 (0%)	15 (24,19%)	15 (24,19%)
Masculino	10 (16,13%)	37 (59,68%)	47 (75,81%)
TOTAL	10 (16,13%)	52 (83,87%)	62 (100%)

TABELA 58 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de terem apresentado convulsões na infância. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	C O N V U L S Õ E S		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	1 (2%)	26 (52%)	27 (54%)
Masculino	0 (0%)	23 (46%)	23 (46%)
TOTAL	1 (2%)	49 (98%)	50 (100%)



TABELA 59 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de terem apresentado convulsões na infância. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	C O N V U L S Õ E S		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	2 (3,23%)	13 (20,97%)	15 (24,19%)
Masculino	1 (1,61%)	46 (74,19%)	47 (75,81%)
TOTAL	3 (4,84%)	59 (95,16%)	62 (100%)

PORCENTAGEM DAS  
RESPOSTAS POSITIVAS

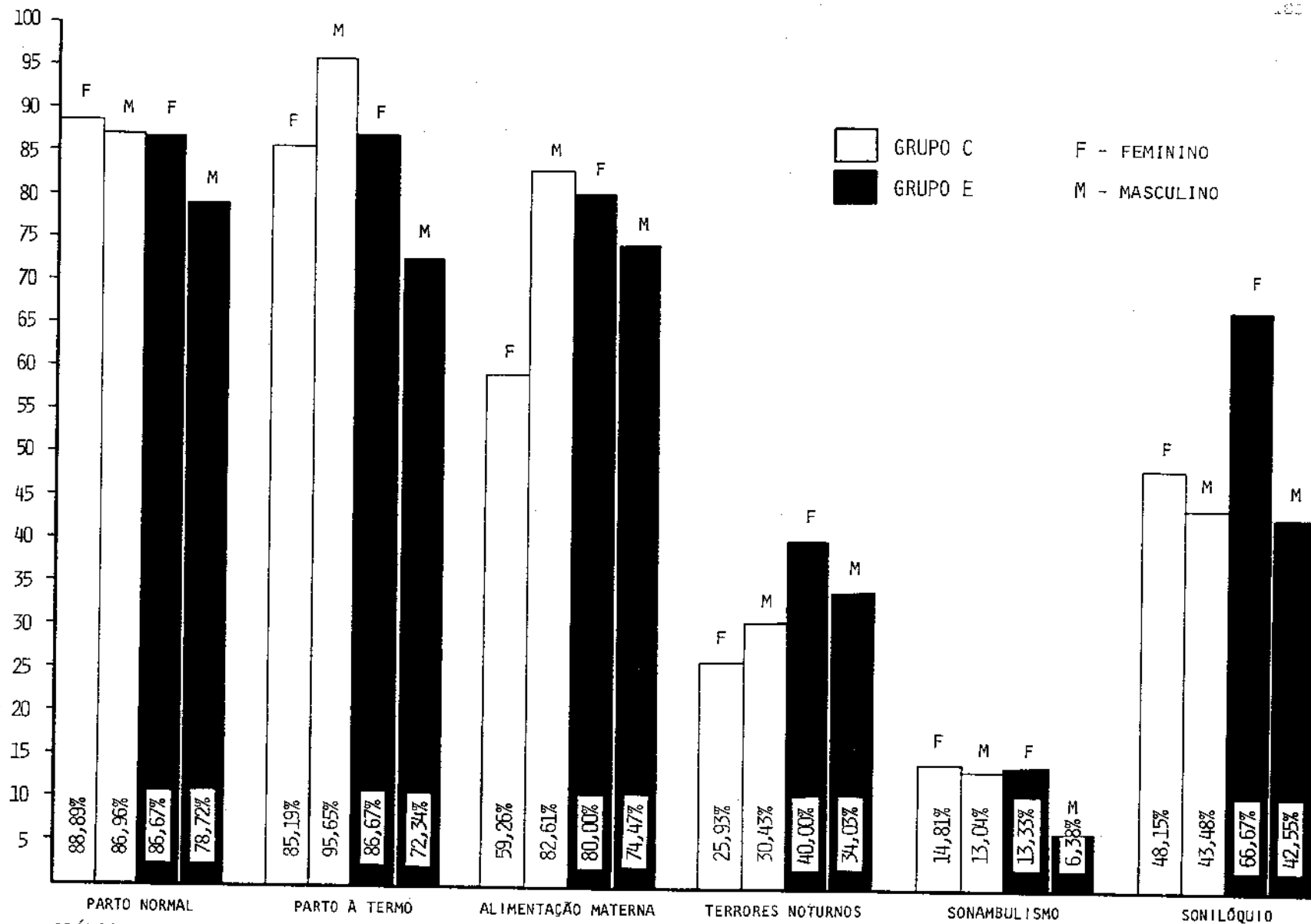


GRÁFICO 1 : REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS PORCENTAGENS DAS RESPOSTAS POSITIVAS RELACIONADAS ÀS QUESTÕES LIGADAS ÀS CONDIÇÕES DE NASCIMENTO E SINTOMAS/SINAIS NEURÓTI COS NA INFÂNCIA, NOS GRUPOS C E E.

CONDIÇÕES DE  
NASCIMENTO E  
SINTOMAS /SI  
NAIS NEURÓTI  
COS NA INFÂNCIA.

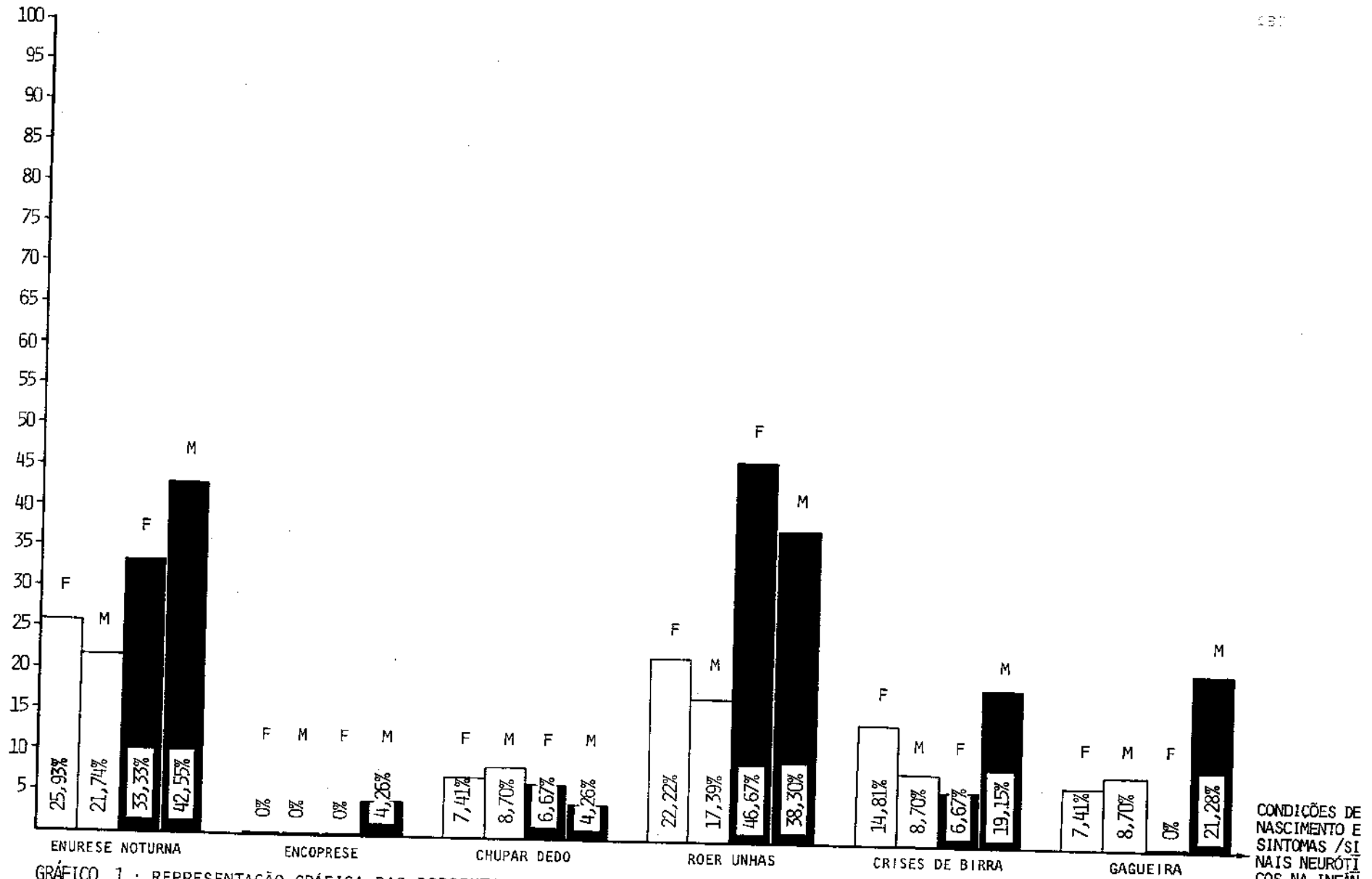


GRÁFICO 1 : REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS PORCENTAGENS DAS RESPOSTAS POSITIVAS RELACIONADAS ÀS QUESTÕES LIGADAS ÀS CONDIÇÕES DE NASCIMENTO E SINTOMAS/SINAIS NEURÓTI COS NA INFÂNCIA, NOS GRUPOS C E E.

CONDIÇÕES DE NASCIMENTO E SINTOMAS /SINAIS NEURÓTI COS NA INFÂNCIA.

TABELA 60 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e local onde foram obtidas as primeiras informações sexuais. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

SEXO	L O C A L					TOTAL
	EM CASA	NA RUA	ESCOLA	OUTROS	COMBINAÇÃO	
Feminino	5 (10%)	6 (12%)	3 (6%)	8 (16%)	5 (10%)	27 (54%)
Masculino	0 (0%)	15 (30%)	0 (0%)	7 (14%)	1 (2%)	23 (46%)
TOTAL	5 (10%)	21 (42%)	3 (6%)	15 (30%)	6 (12%)	50 (100%)

TABELA 61 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e como foram obtidas as primeiras informações sexuais. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	L O C A L				TOTAL
	EM CASA	NA RUA	ESCOLA	OUTROS	
Feminino	1 (1,61%)	12 (19,35%)	0 (0%)	2 (3,23%)	15 (24,19%)
Masculino	4 (6,45%)	25 (40,32%)	7 (11,29%)	11 (17,74%)	47 (75,81%)
TOTAL	5 (8,06%)	37 (59,68%)	7 (11,29%)	13 (20,97%)	62 (100%)

TABELA 62 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e a idade (expressa em anos) de início de relações heterossexuais. Os números em entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total de cada coluna, que é de 100%.

I D A D E	S E X O		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
menor que 15	3 (13,04%)	0 (0%)	3 (6%)
[15, 18)	9 (39,13%)	7 (25,92%)	16 (32%)
[18, 21	4 (17,39%)	7 (25,92%)	11 (22%)
maior que 21	4 (17,39%)	3 (11,11%)	7 (14%)
nunca teve	0 (0%)	10 (37,03%)	10 (20%)
não se recor- da ou não quis responder	3 (13,04%)	0 (0%)	3 (6%)
TOTAL	23 (100%)	27 (100%)	50 (100%)

TABELA 63 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e a idade (expressa em anos) de início de relações heterossexuais. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total de cada coluna, que é de 100%.

I D A D E	S E X O		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
menor que 15	14 (29,78%)	1 (6,66%)	15 (24,19%)
[15, 18)	24 (51,06%)	11 (73,33%)	35 (56,45%)
[18, 21	7 (14,89%)	2 (13,33%)	9 (14,51%)
maior que 21	1 (2,12%)	1 (6,66%)	2 (3,22%)
nunca teve	1 (2,12%)	0 (0%)	1 (1,61%)
não se recor- da ou não quis responder	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
TOTAL	47 (100%)	15 (100%)	62 (100%)

TABELA 64 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de terem vivenciado alguma experiência homossexual após a puberdade. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	TEVE EXPERIÊNCIAS HOMOSSEXUAIS?			TOTAL
	S I M	N Ã O	NÃO QUIS RESPONDER	
Feminino	2 (4%)	25 (50%)	0 (0%)	27 (54%)
Masculino	1 (2%)	21 (42%)	1 (2%)	23 (46%)
TOTAL	3 (6%)	46 (92%)	1 (2%)	50 (100%)



TABELA 65 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de terem vivenciado alguma experiência homossexual após a puberdade. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	TEVE EXPERIÊNCIAS HOMOSSEXUAIS?		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	0 (0%)	15 (24,19%)	15 (24,19%)
Masculino	8 (12,90%)	39 (62,90%)	47 (75,81%)
TOTAL	8 (12,90%)	54 (87,10%)	62 (100%)

TABELA 66 - Distribuição dos 44 indivíduos que participaram desta pesquisa (excluídos seis, que não responderam), pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de praticarem masturbação atualmente. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	M A S T U R B A Ç Ã O		
	N Ã O	S I M	TOTAL
Feminino	18 (40,91%)	9 (20,45%)	27 (61,36%)
Masculino	3 (6,82%)	14 (31,82%)	17 (38,64%)
TOTAL	21 (47,73%)	23 (52,27%)	44 (100%)

Frequência Missing = 06.

TABELA 67 - Distribuição dos 59 indivíduos que participaram desta pesquisa (excluídos três que não responderam), pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de praticarem masturbação atualmente. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	M A S T U R B A Ç Ã O		
	N Ã O	S I M	TOTAL
Feminino	12 (20,34%)	3 (5,08%)	15 (25,42%)
Masculino	9 (15,25%)	35 (59,32%)	44 (74,58%)
TOTAL	21 (35,59%)	38 (64,41%)	59 (100%)

Frequência Missing = 03

TABELA 68 - Distribuição dos 48 indivíduos que participaram desta pesquisa (excluídos dois que não responderam este item), pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de manterem relações heterossexuais atualmente. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	RELAÇÕES HETEROSSEXUAIS ATUALMENTE		
	N Ã O	S I M	TOTAL
Feminino	13 (27,08%)	14 (29,17%)	27 (56,25%)
Masculino	0 (0%)	21 (43,75%)	21 (43,75%)
TOTAL	13 (27,08%)	35 (72,92%)	48 (100%)

Freqüência missing = 02

TABELA 69 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de manterem relações heterossexuais atualmente. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	RELAÇÕES HETEROSSEXUAIS ATUALMENTE		
	N Ã O	S I M	TOTAL
Feminino	15 (24,19%)	0 (0%)	15 (24,19%)
Masculino	22 (35,48%)	25 (40,32%)	47 (75,81%)
TOTAL	37 (59,68%)	25 (40,32%)	62 (100%)

TABELA 70 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o número de filhos que possuem. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

QUANTIDADE DE FILHOS	S E X O		
	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
0	13 (26%)	11 (22%)	24 (48%)
1	2 (4%)	2 (4%)	4 (8%)
2	4 (8%)	4 (8%)	8 (16%)
3	5 (10%)	4 (8%)	9 (18%)
4	0 (0%)	1 (2%)	1 (2%)
5	0 (0%)	1 (2%)	1 (2%)
6	2 (4%)	0 (0%)	2 (4%)
9	1 (2%)	0 (0%)	1 (2%)
TOTAL	27 (54%)	23 (46%)	50 (100%)

TABELA 71 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o número de filhos que possuem. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

QUANTIDADE DE FILHOS	S E X O		
	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
0	3 (4,84%)	22 (35,48%)	25 (40,32%)
1	5 (8,06%)	10 (16,13%)	15 (24,19%)
2	4 (6,45%)	6 (9,68%)	10 (16,13%)
3	2 (3,23%)	5 (8,06%)	7 (11,29%)
5	1 (1,61%)	3 (4,84%)	4 (6,45%)
6	0 (0%)	1 (1,61%)	1 (1,61%)
TOTAL	15 (24,19%)	47 (75,81%)	62 (100%)

TABELA 72 - Distribuição dos 61 indivíduos que participaram desta pesquisa (excluído um, que não respondeu), pertencentes ao Grupo de Estudos, *segundo o sexo e o fato de receberem visitas da esposa na prisão*. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

VISITAS DA ESPOSA	S E X O		
	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
S i m	4 (6,56%)	26 (42,62%)	30 (49,18%)
N ã o	9 (14,75%)	3 (4,92%)	12 (19,67%)
Não tem ou outros mo- tivos	1 (1,64%)	18 (29,51%)	19 (31,15%)
TOTAL	14 (22,95%)	47 (77,05%)	61 (100%)

Freqüência missing = 01



TABELA 73 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato dos filhos os visitarem na prisão. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

VISITA DOS FILHOS	S E X O		
	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
S i m	4 (6,45%)	16 (25,81%)	20 (32,26%)
N ã o	7 (11,29%)	4 (6,45%)	11 (17,74%)
Não tem ou outros mo- tivos	4 (6,45%)	27 (43,55%)	31 (50%)
TOTAL	15 (24,19%)	47 (75,81%)	62 (100%)

TABELA 74 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de se julgarem dependentes afetivamente de familiares e/ou amigos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	DEPENDÊNCIA AFETIVA			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	21 (42%)	6 (12%)	0 (0%)	27 (54%)
Masculino	17 (34%)	5 (10%)	1 (2%)	23 (46%)
TOTAL	38 (76%)	11 (22%)	1 (2%)	50 (100%)

TABELA 75 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de se julgarem dependentes afetivamente de familiares e/ou amigos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	DEPENDÊNCIA AFETIVA		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	7 (11,29%)	8 (12,90%)	15 (24,19%)
Masculino	31 (50%)	16 (25,81%)	47 (75,81%)
TOTAL	38 (61,29%)	24 (38,71%)	62 (100%)

TABELA 76 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de se julgarem organizados. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	O R G A N I Z A D O			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES POSTAS	
Feminino	19 (38%)	7 (14%)	1 (2%)	27 (54%)
Masculino	18 (36%)	4 (8%)	1 (2%)	23 (46%)
TOTAL	37 (74%)	11 (22%)	2 (4%)	50 (100%)

TABELA 77 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de se julgarem organizados. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	O R G A N I Z A D O		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	15 (24,19%)	0 (0%)	15 (24,19%)
Masculino	36 (58,06%)	11 (17,74%)	47 (75,81%)
TOTAL	51 (82,26%)	11 (17,74%)	62 (100%)

TABELA 78 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de se julgarem agressivos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	A G R E S S I V O			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	3 (6%)	23 (46%)	1 (2%)	27 (54%)
Masculino	2 (4%)	21 (42%)	0 (0%)	23 (46%)
TOTAL	5 (10%)	44 (88%)	1 (2%)	50 (100%)

TABELA 79 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de se julgarem agressivos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	A G R E S S I V O		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	4 (6,45%)	11 (17,74%)	15 (24,19%)
Masculino	15 (24,19%)	32 (51,61%)	47 (75,81%)
TOTAL	19 (30,65%)	43 (69,35%)	62 (100%)

TABELA 80 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de se julgarem com capacidade de liderança. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	L I D E R A N Ç A		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	16 (32%)	11 (22%)	27 (54%)
Masculino	16 (32%)	7 (14%)	23 (46%)
TOTAL	32 (64%)	18 (36%)	50 (100%)



TABELA 81 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de se julgarem com capacidade de liderança. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	L I D E R A N Ç A		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	7 (11,29%)	8 (12,90%)	15 (24,19%)
Masculino	25 (40,32%)	22 (35,48%)	47 (75,81%)
TOTAL	32 (51,61%)	30 (48,39%)	62 (100%)

TABELA 82 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de se julgarem ambiciosos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	A M B I C I O S O		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	8 (16%)	19 (38%)	27 (54%)
Masculino	4 (8%)	19 (38%)	23 (46%)
TOTAL	12 (24%)	38 (76%)	50 (100%)

TABELA 83 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de se julgarem ambiciosos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	A M B I C I O S O		
	S I M	N ã O	TOTAL
Feminino	2 (3,23%)	13 (20,97%)	15 (24,19%)
Masculino	29 (46,77%)	18 (29,03%)	47 (75,81%)
TOTAL	31 (50%)	31 (50%)	62 (100%)

TABELA 84 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de se julgarem submissos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	S U B M I S S O			TOTAL
	S I M	N ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	7 (14%)	19 (38%)	1 (2%)	27 (54%)
Masculino	1 (2%)	22 (44%)	0 (0%)	23 (46%)
TOTAL	8 (16%)	41 (82%)	1 (2%)	50 (100%)

TABELA 85 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de se julgarem submissos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	S U B M I S S O		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	2 (3,23%)	13 (20,97%)	15 (24,19%)
Masculino	4 (6,45%)	43 (69,35%)	47 (75,81%)
TOTAL	6 (9,68%)	56 (90,32%)	62 (100%)

TABELA 86 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de se julgarem facilmente perturbáveis pelas responsabilidades. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%

S E X O	PERTURBA-SE FÁCIL PELAS RESPONSABILIDADES		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	11 (22%)	16 (32%)	27 (54%)
Masculino	11 (22%)	12 (24%)	23 (46%)
TOTAL	22 (44%)	28 (56%)	50 (100%)

TABELA 87 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de se julgarem facilmente perturbáveis pelas responsabilidades. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	PERTURBA-SE FÁCIL PELAS RESPONSABILIDADES			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	8 (12,90%)	6 (9,68%)	1 (1,61%)	15 (24,19%)
Masculino	26 (41,94%)	21 (33,87%)	0 (0%)	47 (75,81%)
TOTAL	34 (54,84%)	27 (43,55%)	1 (1,61%)	62 (100%)

TABELA 88 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de serem auto-depreciativos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	A U T O - D E P R E C I A T I V O			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	6 (12%)	20 (40%)	1 (2%)	27 (54%)
Masculino	2 (4%)	19 (38%)	2 (4%)	23 (46%)
TOTAL	8 (16%)	39 (78%)	3 (6%)	50 (100%)



TABELA 89 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de serem auto-depreciativos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	A U T O - D E P R E C I A T I V O			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	2 (3,23%)	12 (19,35%)	1 (1,61%)	15 (24,19%)
Masculino	5 (8,06%)	40 (64,52%)	2 (3,23%)	47 (75,81%)
TOTAL	7 (11,29%)	52 (83,87%)	3 (4,84%)	62 (100%)

TABELA 90 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de terem o humor estável. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	H U M O R   E S T Á V E L		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	19 (38%)	8 (16%)	27 (54%)
Masculino	17 (34%)	6 (12%)	23 (46%)
TOTAL	36 (72%)	14 (28%)	50 (100%)

TABELA 91 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de terem o humor estável. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	H U M O R   E S T Á V E L		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	10 (16,13%)	5 (8,06%)	15 (24,19%)
Masculino	32 (51,61%)	15 (24,19%)	47 (75,81%)
TOTAL	42 (67,74%)	20 (32,26%)	62 (100%)

TABELA 92 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de tomarem decisões com facilidade. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	TOMA DECISÕES COM FACILIDADE			
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	TOTAL
Feminino	10 (20%)	16 (32%)	1 (2%)	27 (54%)
Masculino	13 (26%)	7 (14%)	3 (6%)	23 (46%)
TOTAL	23 (46%)	23 (46%)	4 (8%)	50 (100%)

TABELA 93 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de tomarem decisões com facilidade. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	TOMA DECISÕES COM FACILIDADE			
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	TOTAL
Feminino	5 (8,06%)	7 (11,29%)	3 (4,84%)	15 (24,19%)
Masculino	16 (25,81%)	27 (43,55%)	4 (6,45%)	47 (75,81%)
TOTAL	21 (33,87%)	34 (54,84%)	7 (11,29%)	62 (100%)

TABELA 94 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de serem perseverantes em suas idéias e atitudes. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	P E R S E V E R A N T E		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	21 (42%)	6 (12%)	27 (54%)
Masculino	22 (44%)	1 (2%)	23 (46%)
TOTAL	43 (86%)	7 (14%)	50 (100%)

TABELA 95 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de serem perseverantes em suas idéias e atitudes. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	P E R S E V E R A N T E			
	S I M	N ã O	OUTRAS RES- POSTAS	TOTAL
Feminino	15 (24,19%)	0 (0%)	0 (0%)	15 (24,19%)
Masculino	39 (62,90%)	7 (11,29%)	1 (1,61%)	47 (75,81%)
TOTAL	54 (87,10%)	7 (11,29%)	1 (1,61%)	62 (100%)

TABELA 96 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de se julgarem rígidos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	R Í G I D O			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	19 (38%)	7 (14%)	1 (2%)	27 (54%)
Masculino	13 (26%)	10 (20%)	0 (0%)	23 (46%)
TOTAL	32 (64%)	17 (34%)	1 (2%)	50 (100%)



TABELA 97 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de se julgarem rígidos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	R Í G I D O			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	7 (11,29%)	7 (11,29%)	1 (1,61%)	15 (24,19%)
Masculino	29 (46,77%)	18 (29,03%)	0 (0%)	47 (75,81%)
TOTAL	36 (58,06%)	25 (40,32%)	1 (1,61%)	62 (100%)

TABELA 98 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de serem metódicos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	M E T Ó D I C O		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	16 (32%)	11 (22%)	27 (54%)
Masculino	14 (28%)	9 (18%)	23 (46%)
TOTAL	30 (60%)	20 (40%)	50 (100%)

TABELA 99 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de serem metódicos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	M E T Ó D I C O			TOTAL
	S I M	N ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	9 (14,52%)	6 (9,68%)	0 (0%)	15 (24,19%)
Masculino	25 (40,32%)	21 (33,87%)	1 (1,61%)	47 (75,81%)
TOTAL	34 (54,84%)	27 (43,55%)	1 (1,61%)	62 (100%)

TABELA 100 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de serem tímidos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	T Í M I D O S			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	17 (34%)	8 (16%)	2 (4%)	27 (54%)
Masculino	13 (26%)	9 (18%)	1 (2%)	23 (46%)
TOTAL	30 (60%)	17 (34%)	3 (6%)	50 (100%)

TABELA 101 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de serem tímidos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	T Í M I D O			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	8 (12,90%)	7 (11,29%)	0 (0%)	15 (24,19%)
Masculino	31 (50%)	15 (24,19%)	1 (1,61%)	47 (75,81%)
TOTAL	39 (62,90%)	22 (35,48%)	1 (1,61%)	62 (100%)

TABELA 102 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de se julgarem calmos (não ansiosos). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	C A L M O (NÃO ANSIOSO)			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES POSTAS	
Feminino	11 (22%)	13 (26%)	3 (6%)	27 (54%)
Masculino	16 (32%)	6 (12%)	1 (2%)	23 (46%)
TOTAL	27 (54%)	19 (38%)	4 (8%)	50 (100%)

TABELA 103 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de se julgarem calmos (não ansiosos). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	C A L M O			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	4 (6,45%)	10 (16,13%)	1 (1,61%)	15 (24,19%)
Masculino	27 (43,55%)	17 (27,42%)	3 (4,84%)	47 (75,81%)
TOTAL	31 (50%)	27 (43,55%)	4 (6,45%)	62 (100%)

TABELA 104 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de se julgarem alegres. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	A L E G R E			TOTAL
	S I M	N ã O	OUTRAS RES POSTAS	
Feminino	14 (28%)	11 (22%)	2 (4%)	27 (54%)
Masculino	16 (32%)	2 (4%)	5 (10%)	23 (46%)
TOTAL	30 (60%)	13 (26%)	7 (14%)	50 (100%)



TABELA 105 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de se julgarem alegres. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	A L E G R E				TOTAL
	SIM	NÃO	ÀS VEZES	OUTRAS RESP.	
Feminino	7 (11,29%)	5 (8,06%)	3 (4,84%)	0 (0%)	15 (24,19%)
Masculino	30 (48,39%)	10 (16,13%)	6 (9,68%)	1 (1,61%)	47 (75,81%)
TOTAL	37 (59,68%)	15 (24,19%)	9 (14,52%)	1 (1,61%)	62 (100%)

TABELA 106 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de se julgarem otimistas. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	O T I M I S T A			TOTAL
	S I M	N ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	20 (40%)	5 (10%)	2 (4%)	27 (54%)
Masculino	22 (44%)	0 (0%)	1 (2%)	23 (46%)
TOTAL	42 (84%)	5 (10%)	3 (6%)	50 (100%)

TABELA 107 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de se julgarem otimistas. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	O T I M I S T A			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	12 (19,35%)	2 (3,23%)	1 (1,61%)	15 (24,19%)
Masculino	37 (59,68%)	4 (6,45%)	6 (9,68%)	47 (75,81%)
TOTAL	49 (79,03%)	6 (9,68%)	7 (11,29%)	62 (100%)

TABELA 108 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de serem muito exigentes consigo mesmos (auto-críticos severos). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	AUTO-CRÍTICO SEVERO			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	22 (44%)	4 (8%)	1 (2%)	27 (54%)
Masculino	20 (40%)	3 (6%)	0 (0%)	23 (46%)
TOTAL	42 (84%)	7 (14%)	1 (2%)	50 (100%)

TABELA 109 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de serem muito exigentes consigo mesmos (auto-críticos severos). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	AUTO-CRÍTICO SEVERO		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	12 (19,35%)	3 (4,84%)	15 (24,19%)
Masculino	34 (54,84%)	13 (20,97%)	47 (75,81%)
TOTAL	46 (74,19%)	16 (25,81%)	62 (100%)

TABELA 110 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de serem críticos severos em relação aos outros. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	CRÍTICO EM RELAÇÃO AOS OUTROS			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	18 (36%)	8 (16%)	1 (2%)	27 (54%)
Masculino	15 (30%)	7 (14%)	1 (2%)	23 (46%)
TOTAL	33 (66%)	15 (30%)	2 (4%)	50 (100%)

TABELA 111 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de serem críticos severos em relação aos outros . Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100% .

S E X O	CRÍTICO EM RELAÇÃO AOS OUTROS		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	9 (14,52%)	6 (9,68%)	15 (24,19%)
Masculino	27 (43,55%)	20 (32,26%)	47 (75,81%)
TOTAL	36 (58,06%)	26 (41,94%)	62 (100%)

TABELA 112 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de serem perfeccionistas. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	P E R F E C C I O N I S T A		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	19 (38%)	8 (16%)	27 (54%)
Masculino	19 (38%)	4 (8%)	23 (46%)
TOTAL	38 (76%)	12 (24%)	50 (100%)



TABELA 113 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de se julgarem perfeccionistas. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	P E R F E C C I O N I S T A		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	12 (19,35%)	3 (4,84%)	15 (24,19%)
Masculino	36 (58,06%)	11 (17,74%)	47 (75,81%)
TOTAL	48 (77,42%)	14 (22,58%)	62 (100%)

TABELA 114 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de serem francos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	F R A N C O			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	16 (32%)	11 (22%)	0 (0%)	27 (54%)
Masculino	13 (26%)	9 (18%)	1 (2%)	23 (46%)
TOTAL	29 (58%)	20 (40%)	1 (2%)	50 (100%)

TABELA 115 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de serem francos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	F R A N C O			
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	TOTAL
Feminino	10 (16,13%)	4 (6,45%)	1 (1,61%)	15 (24,19%)
Masculino	25 (40,32%)	21 (33,87%)	1 (1,61%)	47 (75,81%)
TOTAL	35 (56,45%)	25 (40,32%)	2 (3,23%)	62 (100%)

TABELA 116 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de se julgarem emocionalmente controlados. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	EMOCIONALMENTE CONTROLADO (A)		
	S I M	N ã O	TOTAL
Feminino	24 (48%)	3 (6%)	27 (54%)
Masculino	21 (42%)	2 (4%)	23 (46%)
TOTAL	45 (90%)	5 (10%)	50 (100%)

TABELA 117 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de se julgarem emocionalmente controlados. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	EMOCIONALMENTE CONTROLADO (A)			
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	TOTAL
Feminino	9 (14,52%)	5 (8,06%)	1 (1,61%)	15 (24,19%)
Masculino	31 (50%)	15 (24,19%)	1 (1,61%)	47 (75,81%)
TOTAL	40 (64,52%)	20 (32,26%)	2 (3,23%)	62 (100%)

TABELA 118 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de serem ciumentos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	C I U M E N T O (A)			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	14 (28%)	13 (26%)	0 (0%)	27 (54%)
Masculino	12 (24%)	10 (20%)	1 (2%)	23 (46%)
TOTAL	26 (52%)	23 (46%)	1 (2%)	50 (100%)

TABELA 119 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de serem ciumentos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	C I U M E N T O (A)		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	10 (16,13%)	5 (8,06%)	15 (24,19%)
Masculino	40 (64,52%)	7 (11,29%)	47 (75,81%)
TOTAL	50 (80,65%)	12 (19,35%)	62 (100%)

TABELA 120 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de se fatigarem facilmente em suas atividades. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	FATIGABILIDADE FÁCIL		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	5 (10%)	22 (44%)	27 (54%)
Masculino	5 (10%)	18 (36%)	23 (46%)
TOTAL	10 (20%)	40 (80%)	50 (100%)



TABELA 121 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de se fatigarem facilmente em suas atividades. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	FATIGABILIDADE FÁCIL		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	4 (6,45%)	11 (17,74%)	15 (24,19%)
Masculino	5 (8,06%)	42 (67,74%)	47 (75,81%)
TOTAL	9 (14,52%)	53 (85,48%)	62 (100%)

TABELA 122 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de serem calados (não expansivos, introvertidos). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	C A L A D O (A)			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	13 (26%)	13 (26%)	1 (2%)	27 (54%)
Masculino	16 (32%)	6 (12%)	1 (2%)	23 (46%)
TOTAL	29 (58%)	19 (38%)	2 (4%)	50 (100%)

TABELA 123 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de serem calados. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	C A L A D O (A)			TOTAL
	S I M	N ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	7 (11,29%)	6 (9,68%)	2 (3,23%)	15 (24,19%)
Masculino	31 (50%)	15 (24,19%)	1 (1,61%)	47 (75,81%)
TOTAL	38 (61,29%)	21 (33,87%)	3 (4,84%)	62 (100%)

TABELA 124 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de se julgarem preguiçosos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	PREGUIÇOSO (A)		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	4 (8%)	23 (46%)	27 (54%)
Masculino	1 (2%)	22 (44%)	23 (46%)
TOTAL	5 (10%)	45 (90%)	50 (100%)

TABELA 125 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de se julgarem preguiçosos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	PREGUIÇOSO (A)			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	1 (1,61%)	14 (22,58%)	0 (0%)	15 (24,19%)
Masculino	0 (0%)	46 (74,19%)	1 (1,61%)	47 (75,81%)
TOTAL	1 (1,61%)	60 (96,77%)	1 (1,61%)	62 (100%)

TABELA 126 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de tolerarem bem as frustrações. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	TOLERA BEM FRUSTRAÇÕES			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	17 (34%)	7 (14%)	3 (6%)	27 (54%)
Masculino	15 (30%)	7 (14%)	1 (2%)	23 (46%)
TOTAL	32 (64%)	14 (28%)	4 (8%)	50 (100%)

TABELA 127 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de tolerarem bem as frustrações. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	TOLERA BEM FRUSTRAÇÕES		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	5 (8,06%)	10 (16,13%)	15 (24,19%)
Masculino	13 (20,97%)	34 (54,84%)	47 (75,81%)
TOTAL	18 (29,03%)	44 (70,97%)	62 (100%)

TABELA 128 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de serem egoístas. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	E G O Í S T A			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	3 (6%)	24 (48%)	0 (0%)	27 (54%)
Masculino	4 (8%)	17 (34%)	2 (4%)	23 (46%)
TOTAL	7 (14%)	41 (82%)	2 (4%)	50 (100%)



TABELA 129 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de serem egoístas. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	E G O Í S T A			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	1 (1,61%)	13 (20,97%)	1 (1,61%)	15 (24,19%)
Masculino	8 (12,90%)	39 (62,90%)	0 (0%)	47 (75,81%)
TOTAL	9 (14,52%)	52 (83,87%)	1 (1,61%)	62 (100%)

FREQUÊNCIA DE  
RESPOSTAS POSITIVAS

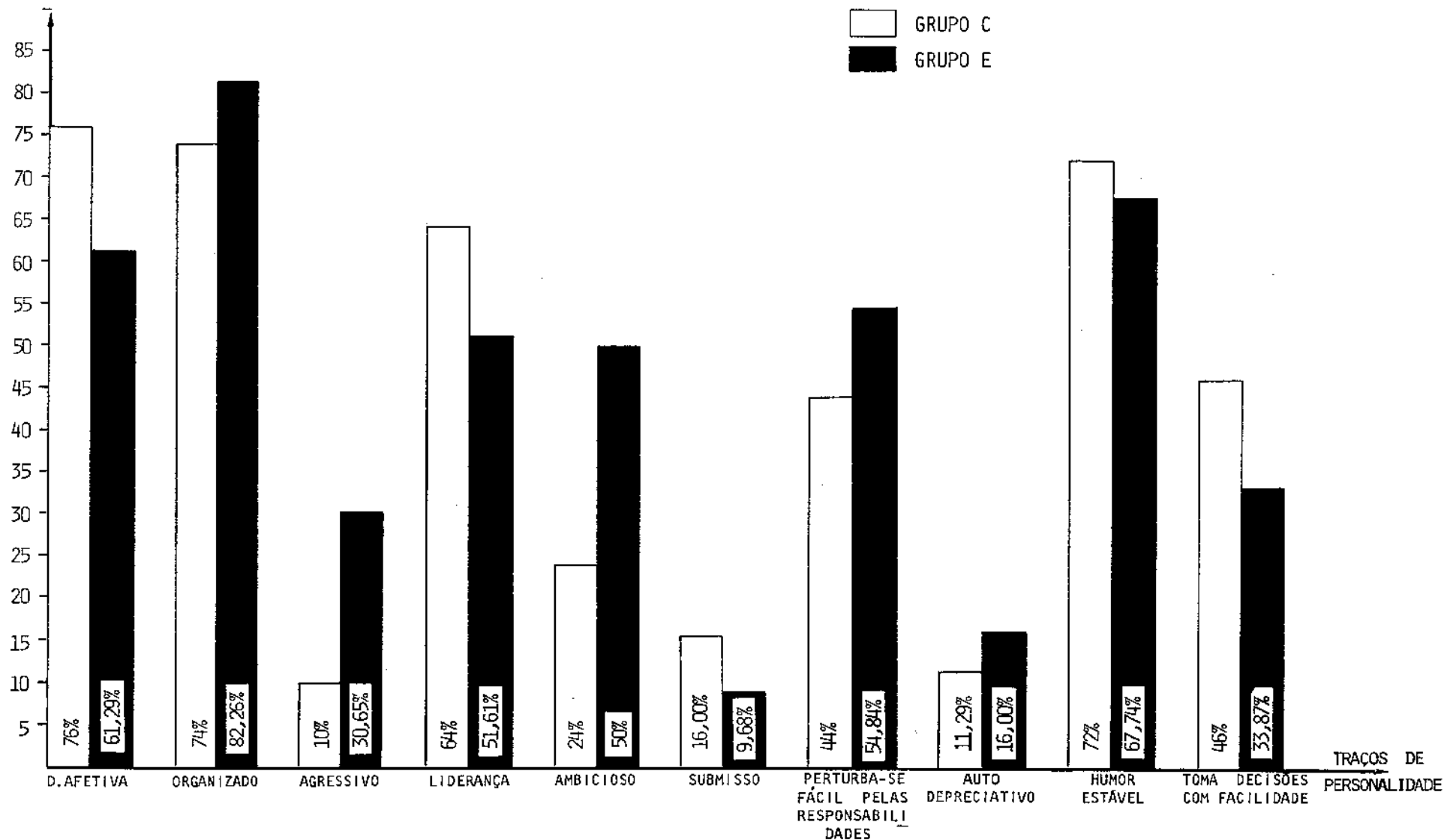


GRÁFICO 2 : REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS FREQUÊNCIAS DAS RESPOSTAS POSITIVAS EM RELAÇÃO AOS TRAÇOS DE PERSONALIDADE PESQUISADOS NOS 50 INDIVÍDUOS DO GRUPO CONTROLE E 62 INDIVÍDUOS DO GRUPO DE ESTUDOS.

FREQUÊNCIA DE  
RESPOSTAS POSITIVAS

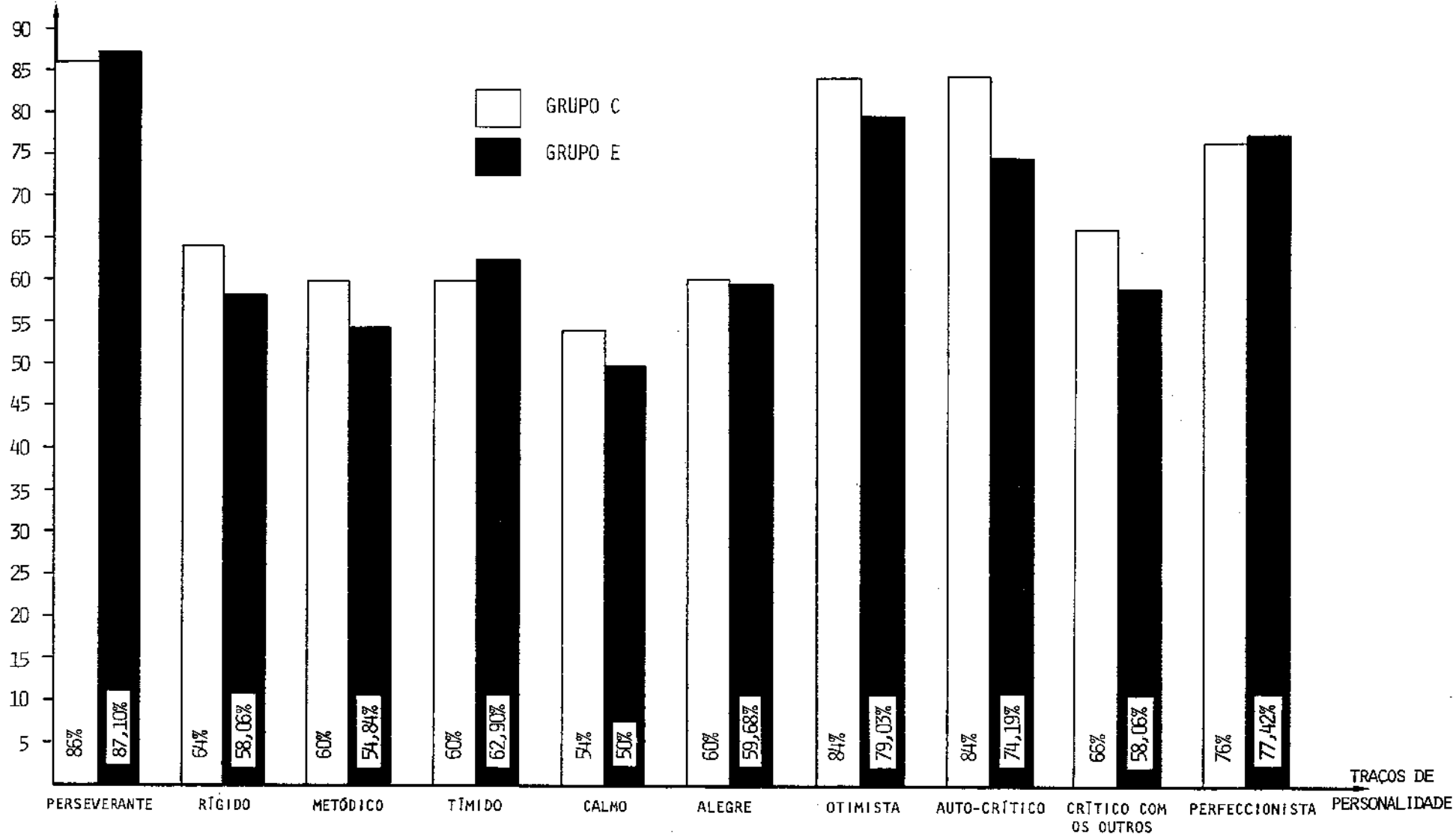


GRÁFICO 2 - CONTINUAÇÃO: REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS FREQUÊNCIAS DAS RESPOSTAS POSITIVAS EM RELAÇÃO AOS TRACOS DE PERSONALIDADE PESQUISADOS NOS 50 INDIVÍDUOS DO GRUPO CONTROLE E 62 INDIVÍDUOS DO GRUPO DE ESTUDOS.

FREQUÊNCIA DE  
RESPOSTAS POSITIVAS

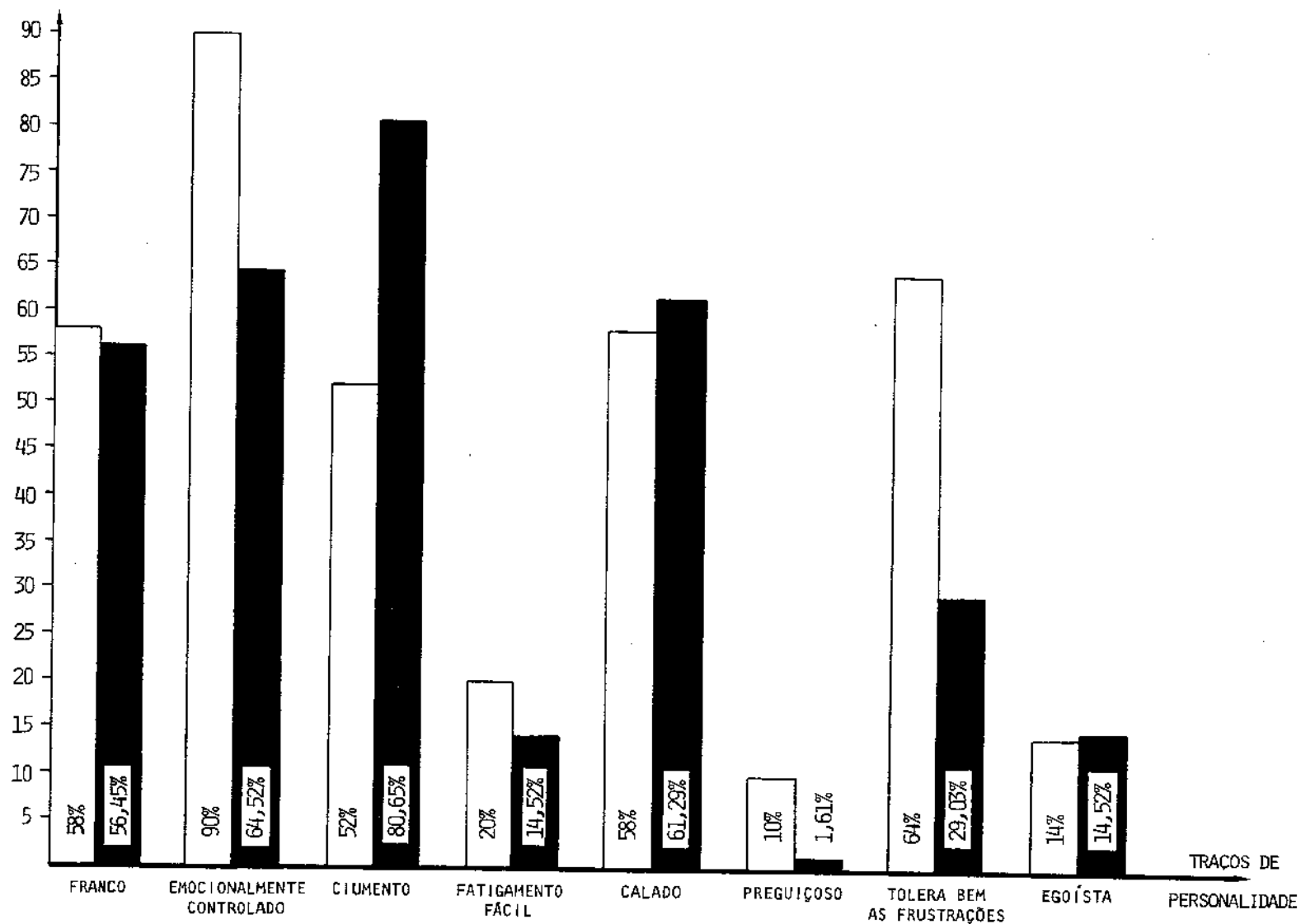


GRÁFICO 2 - CONTINUAÇÃO: REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS FREQUÊNCIAS DAS RESPOSTAS POSITIVAS EM RELAÇÃO AOS TRAÇOS DE PERSONALIDADE PESQUISADOS NOS 50 INDIVÍDUOS DO GRUPO CONTROL E 62 INDIVÍDUOS DO GRUPO DE ESTUDOS.

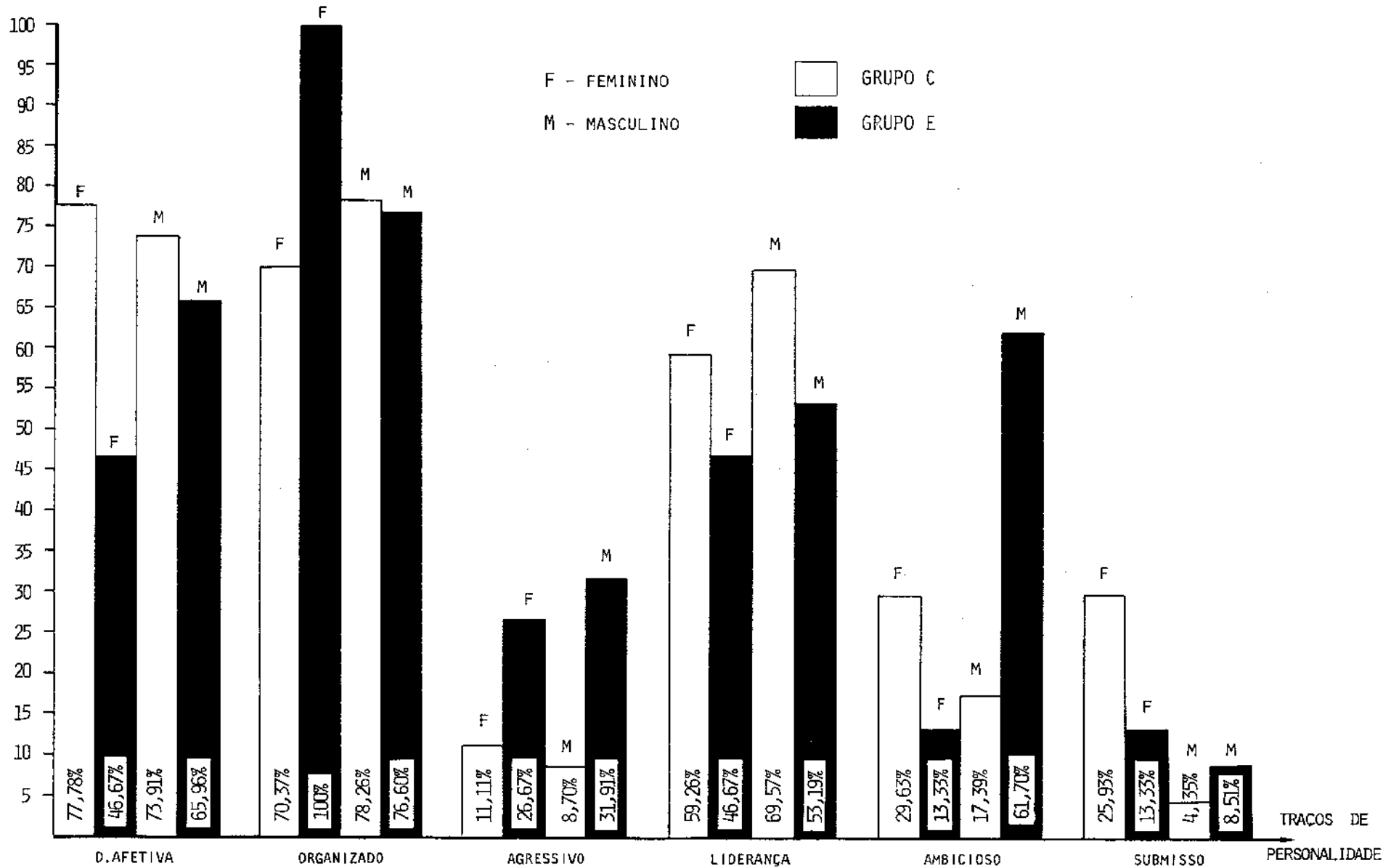


GRÁFICO 3 : REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS FREQUÊNCIAS DE RESPOSTAS POSITIVAS EM RELAÇÃO AOS TRAÇOS DE PERSONALIDADE PESQUISADOS NOS HOMENS E MULHERES DO GRUPO CONTROLE E DE ESTUDOS.

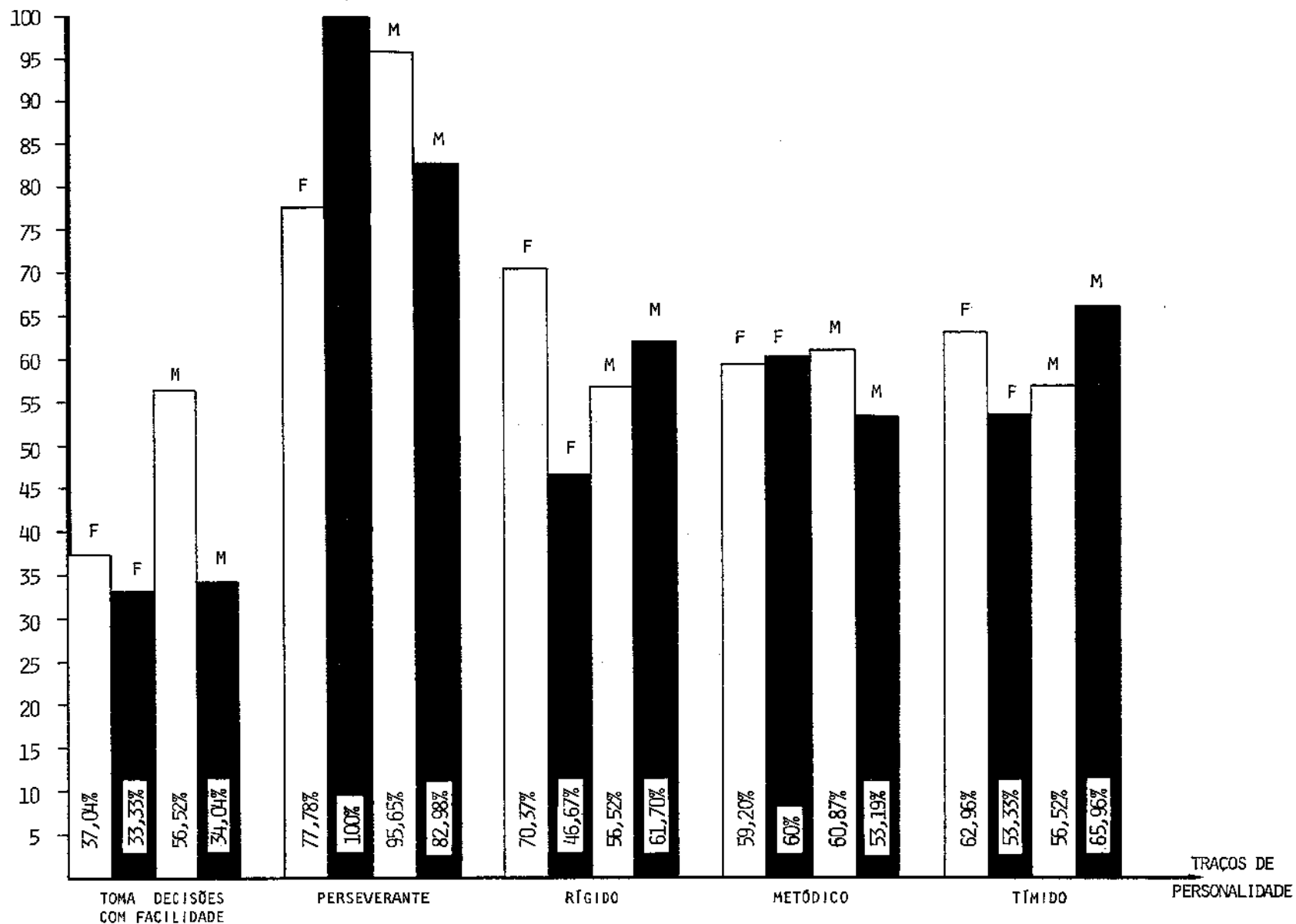


GRÁFICO 3 - CONTINUAÇÃO: REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS FREQUÊNCIAS DE RESPOSTAS POSITIVAS EM RELAÇÃO AOS TRAÇOS DE PERSONALIDADE PESQUISADOS NOS HOMENS E MULHERES DO GRUPO CONTROLE E DE ESTUDOS.

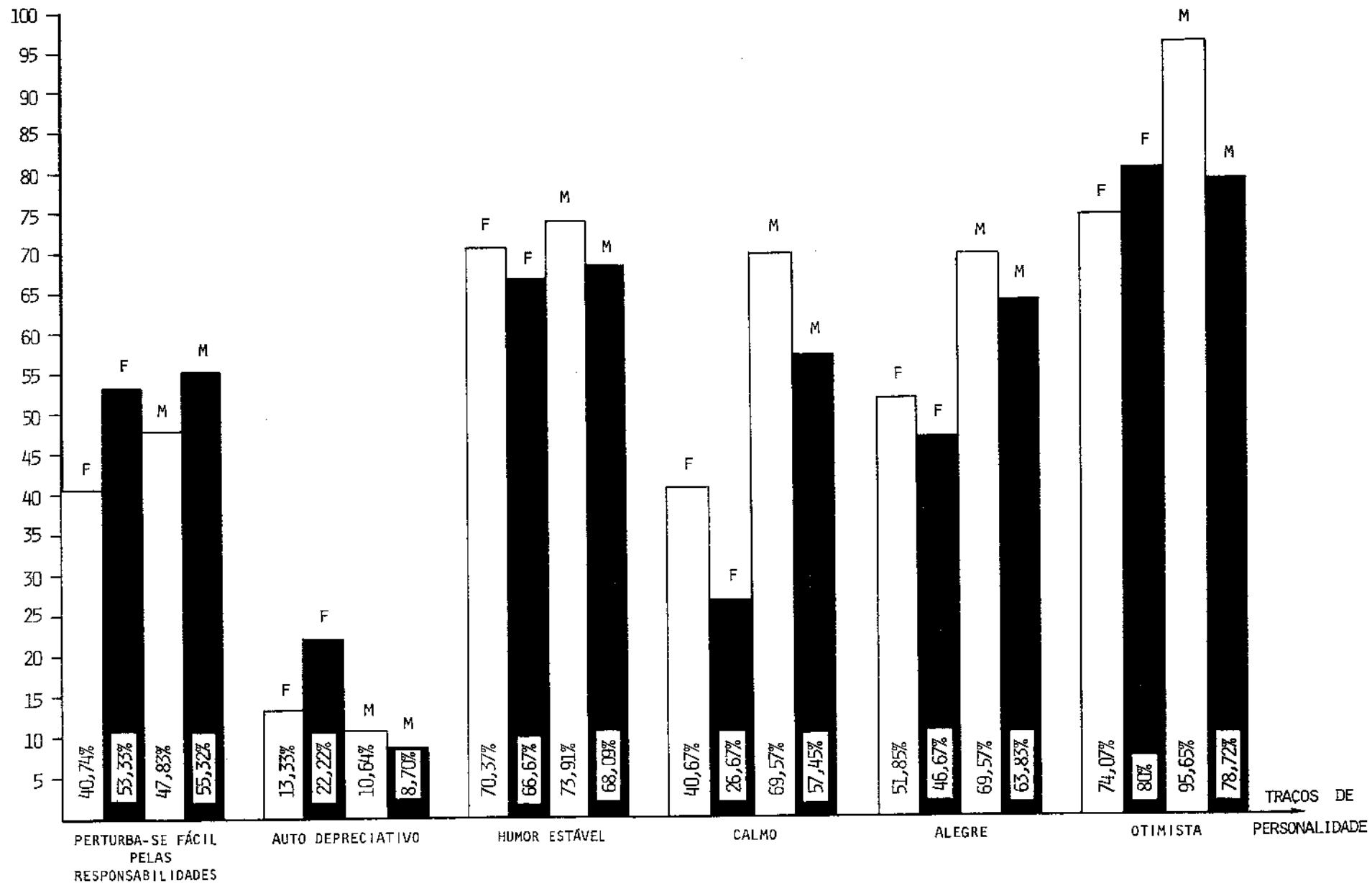


GRÁFICO 3 - CONTINUAÇÃO: REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS FREQUÊNCIAS DE RESPOSTAS POSITIVAS EM RELAÇÃO AOS TRAÇOS DE PERSONALIDADE PESQUISADOS NOS HOMENS E MULHERES DO GRUPO CONTROLE E DE ESTUDOS.

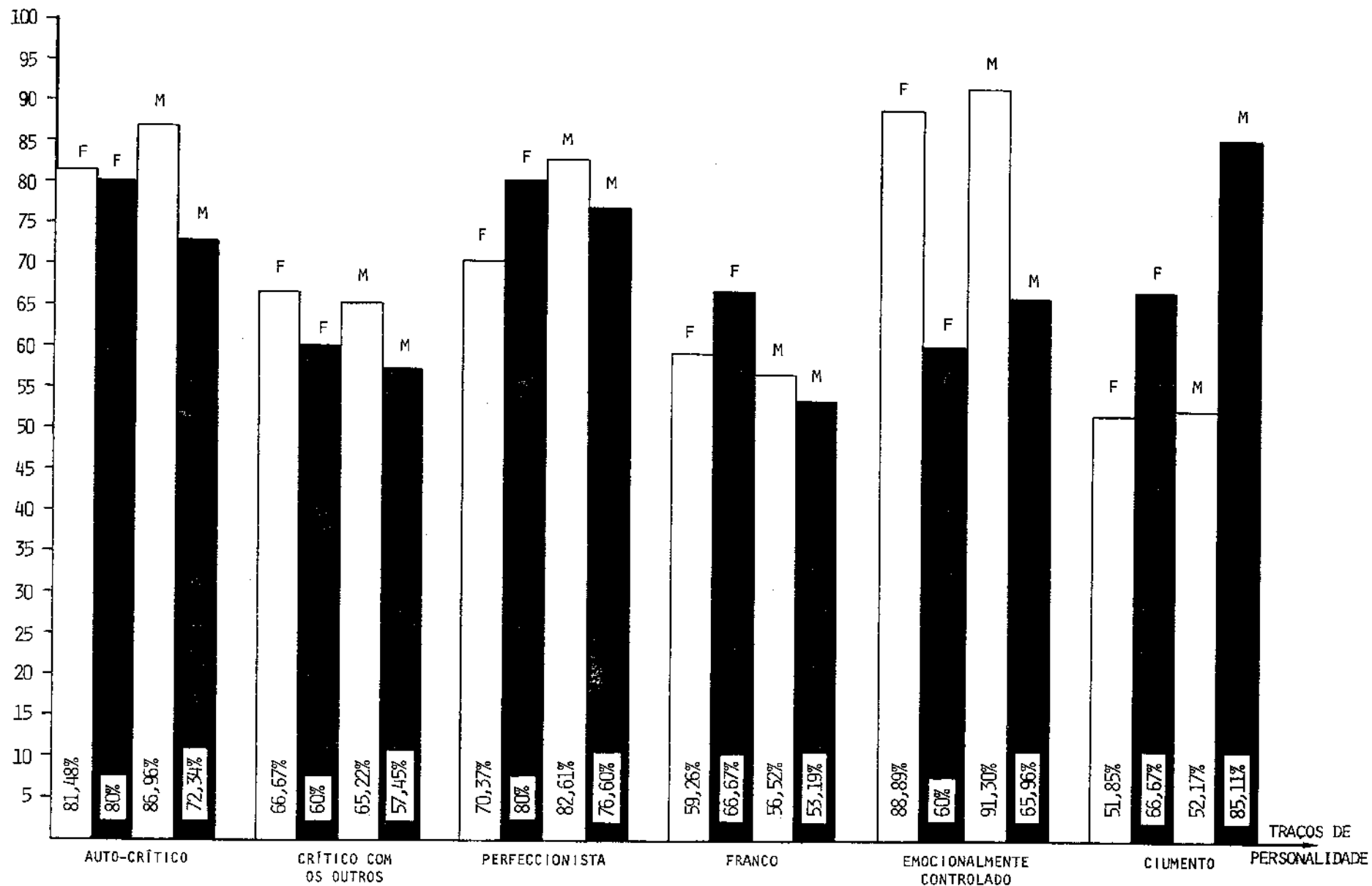


GRÁFICO 3 - CONTINUAÇÃO: REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS FREQUÊNCIAS DE RESPOSTAS POSITIVAS EM RELAÇÃO AOS TRAÇOS DE PERSONALIDADE PESQUISADOS NOS HOMENS E MULHERES DO GRUPO CONTROLE E DE ESTUDOS.



FREQUÊNCIA DAS  
RESPOSTAS POSITIVAS

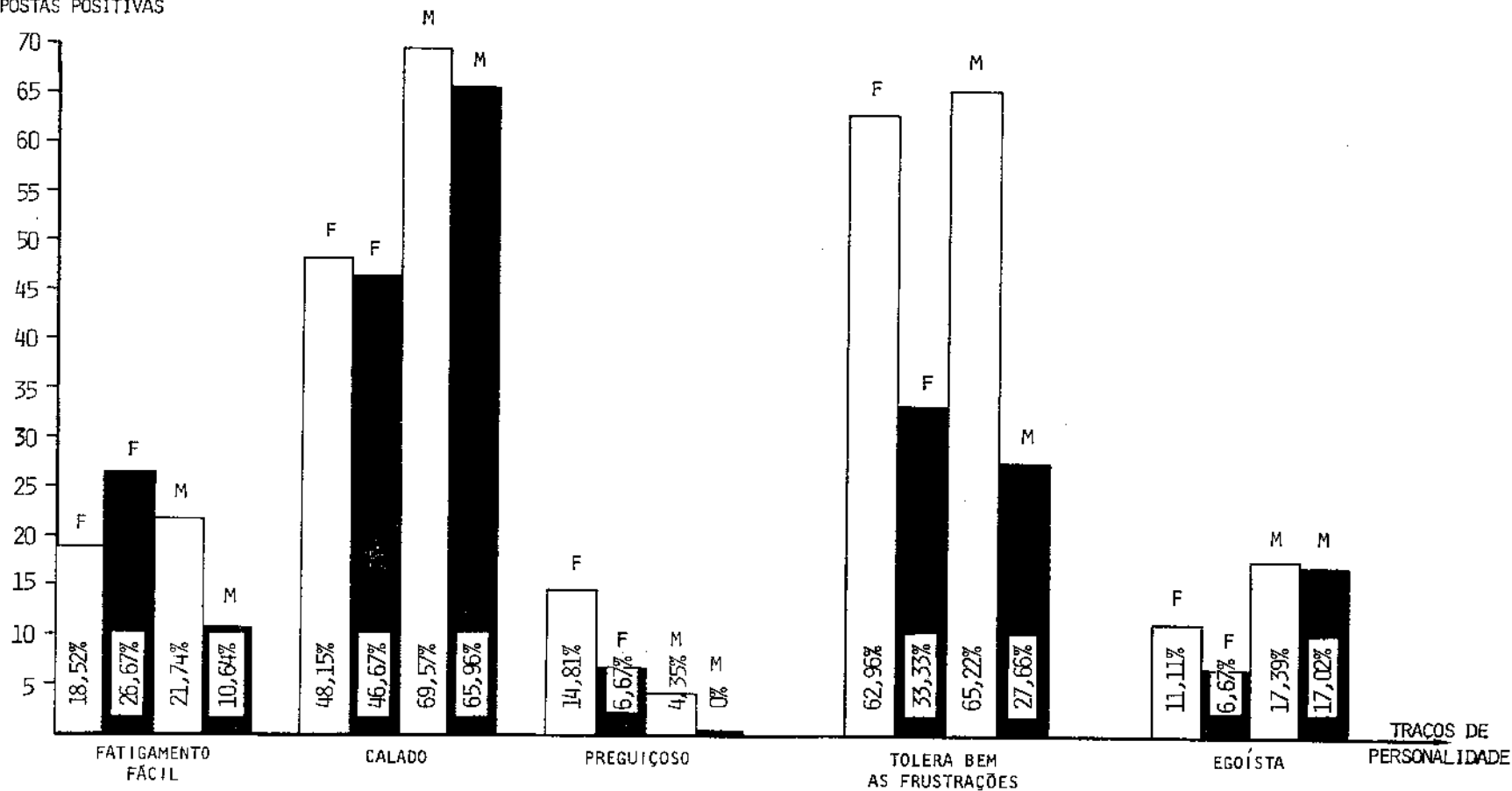


GRÁFICO 3 - CONTINUAÇÃO: REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS FREQUÊNCIAS DE RESPOSTAS POSITIVAS EM RELAÇÃO AOS TRAÇOS DE PERSONALIDADE PESQUISADOS NOS HOMENS E MULHERES DO GRUPO CONTROLE E DE ESTUDOS.

TABELA 130 - Distribuição do número de episódios de doenças somáticas entre homens e mulheres do Grupo Controle, no período de dez anos que antecederam a data da entrevista, assim como do número médio destes episódios por indivíduo.

DOENÇAS	S E X O		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
Cardio-Vasculares (A)	3 (Média = 0,13)	13 (M = 0,48)	16 (M = 0,32)
Bronco-Pulmonares (B)	6 (M = 0,26)	9 (M = 0,33)	15 (M = 0,30)
Gastro-Intestinais e de Vias Biliares (C)	8 (M = 0,34)	16 (M = 0,59)	24 (M = 0,48)
Endocrinológicas (D)	0	2 (M = 0,07)	2 (M = 0,04)
Infecção-Contagiosas Não venéreas (E)	11 (M = 0,47)	24 (M = 0,88)	35 (M = 0,70)
Venéreas (F)	2 (M = 0,08)	2 (M = 0,07)	4 (M = 0,08)
Tumores (G)	0	3 (M = 0,11)	3 (M = 0,06)
Doenças de Pele não venéreas (H)	10 (M = 0,43)	15 (M = 0,55)	25 (M = 0,50)
Osteo-Musculares (I)	15 (M = 0,65)	21 (M = 0,77)	36 (M = 0,72)
Outros (J)	5 (M = 0,21)	7 (M = 0,25)	12 (M = 0,24)
Cirurgias e Abortos (K)	13 (M = 0,56)	46 (M = 1,70)	59 (M = 1,18)
Acidentes (L)	14 (M = 0,60)	6 (M = 0,22)	20 (M = 0,4)
TOTAL	23	27	50

TABELA 131 - Distribuição do número de episódios de doenças somáticas entre homens e mulheres do Grupo de Estudos, no período de dez anos que antecederam a data da entrevista (exceto as contraídas nesta prisão, assim como do número médio deste episódio por indivíduo.

DOENÇAS	S E X O		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
A	6 (Média = 0,12)	13 (M = 0,86)	19 (M = 0,30)
B	11 (M = 0,23)	7 (M = 0,46)	18 (M = 0,29)
C	10 (M = 0,21)	10 (M = 0,66)	20 (M = 0,32)
D	0	0	0
E	27 (M = 0,57)	18 (M = 1,20)	45 (M = 0,72)
F	24 (M = 0,51)	6 (M = 0,40)	30 (M = 0,48)
G	4 (M = 0,08)	0	4 (M = 0,06)
H	2 (M = 0,04)	8 (M = 0,53)	10 (M = 0,16)
I	2 (M = 0,04)	7 (M = 0,46)	9 (M = 0,14)
J	6 (M = 0,12)	8 (M = 0,53)	14 (M = 0,22)
K	21 (M = 0,44)	22 (M = 1,46)	43 (M = 0,69)
L	30 (M = 0,63)	6 (M = 0,40)	36 (M = 0,58)
TOTAL	47	15	62

MÉDIA DE EPISÓDIOS POR  
PESSOA, NOS GRUPOS C E E

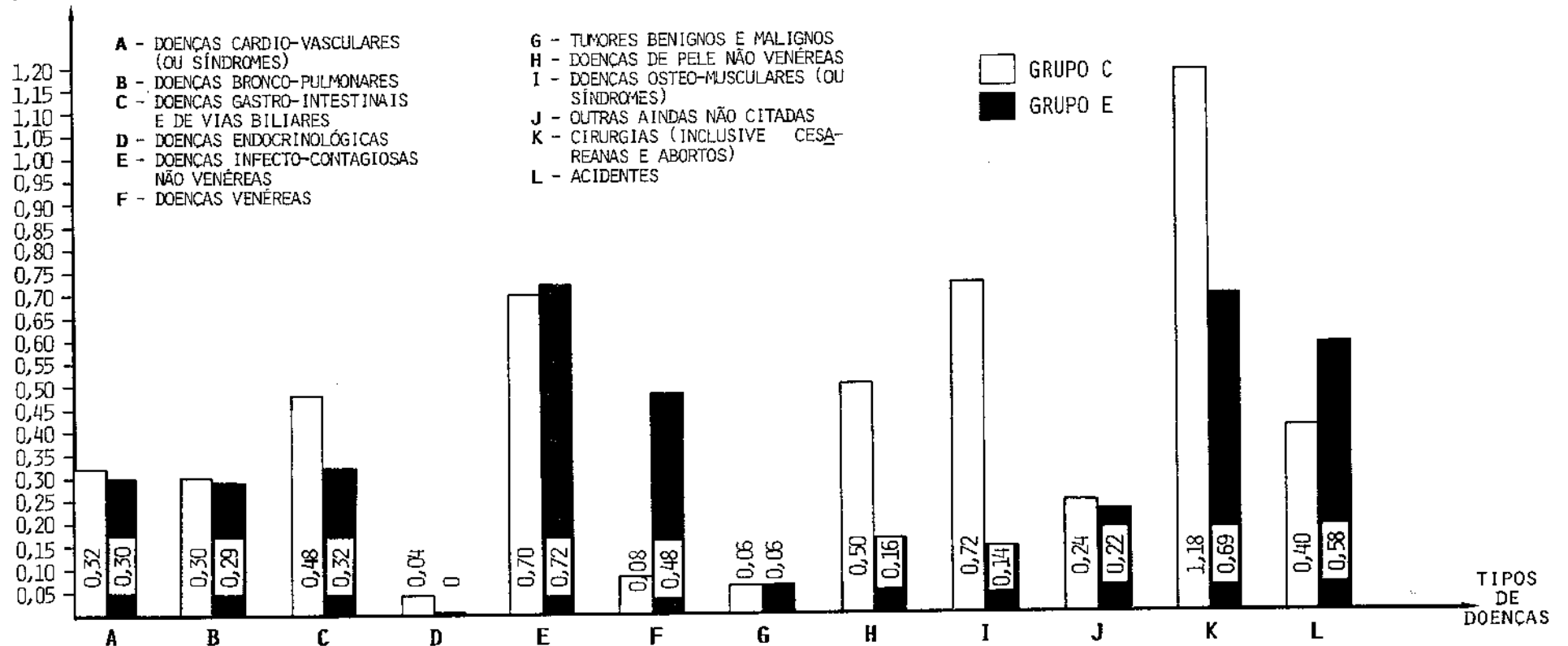


GRÁFICO 4 : REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA MÉDIA DE EPISÓDIOS POR PESSOA , DE DOENÇAS SOMÁTICAS OCORRIDAS NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS, NA VIDA DE 50 COMPONENTES DO GRUPO CONTROLE E DE 62 COMPONENTES DO GRUPO DE ESTUDOS: (EXCLUÍDAS AS TIDAS NESTA PRISÃO).

MÉDIA DE EPISÓDIOS POR  
PESSOA FEMININA OU MASCU-  
LINA, NOS GRUPOS C E E

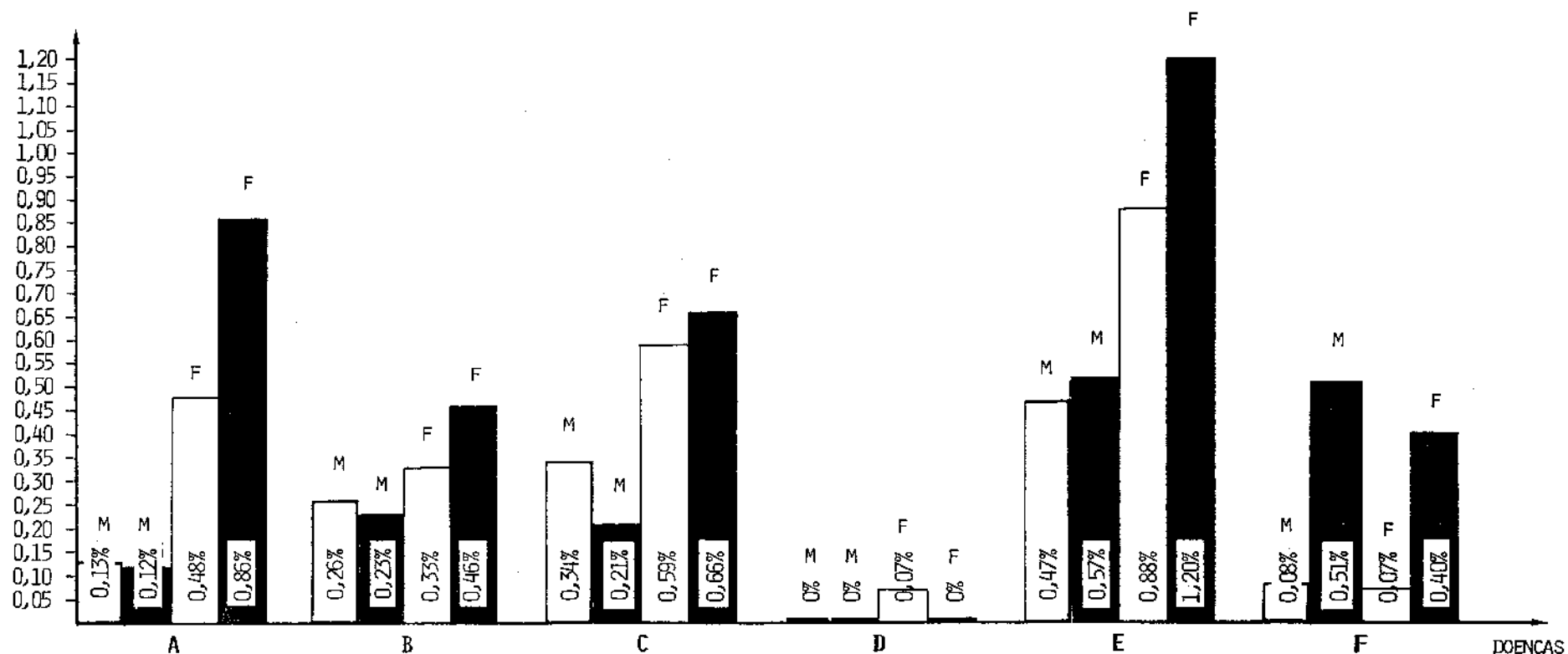


GRÁFICO 5: REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA MÉDIA DE EPISÓDIOS POR PESSOA, MASCULINA OU FEMININA, DE DOENÇAS SOMÁTICAS OCORRIDAS NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS, NA VIDA DOS PARTICIPANTES DO GRUPO CONTROLE E DE ESTUDOS.

MÉDIA DE EPISÓDIOS POR  
PESSOA FEMININA OU MASCU  
LINA, NOS GRUPOS C E E

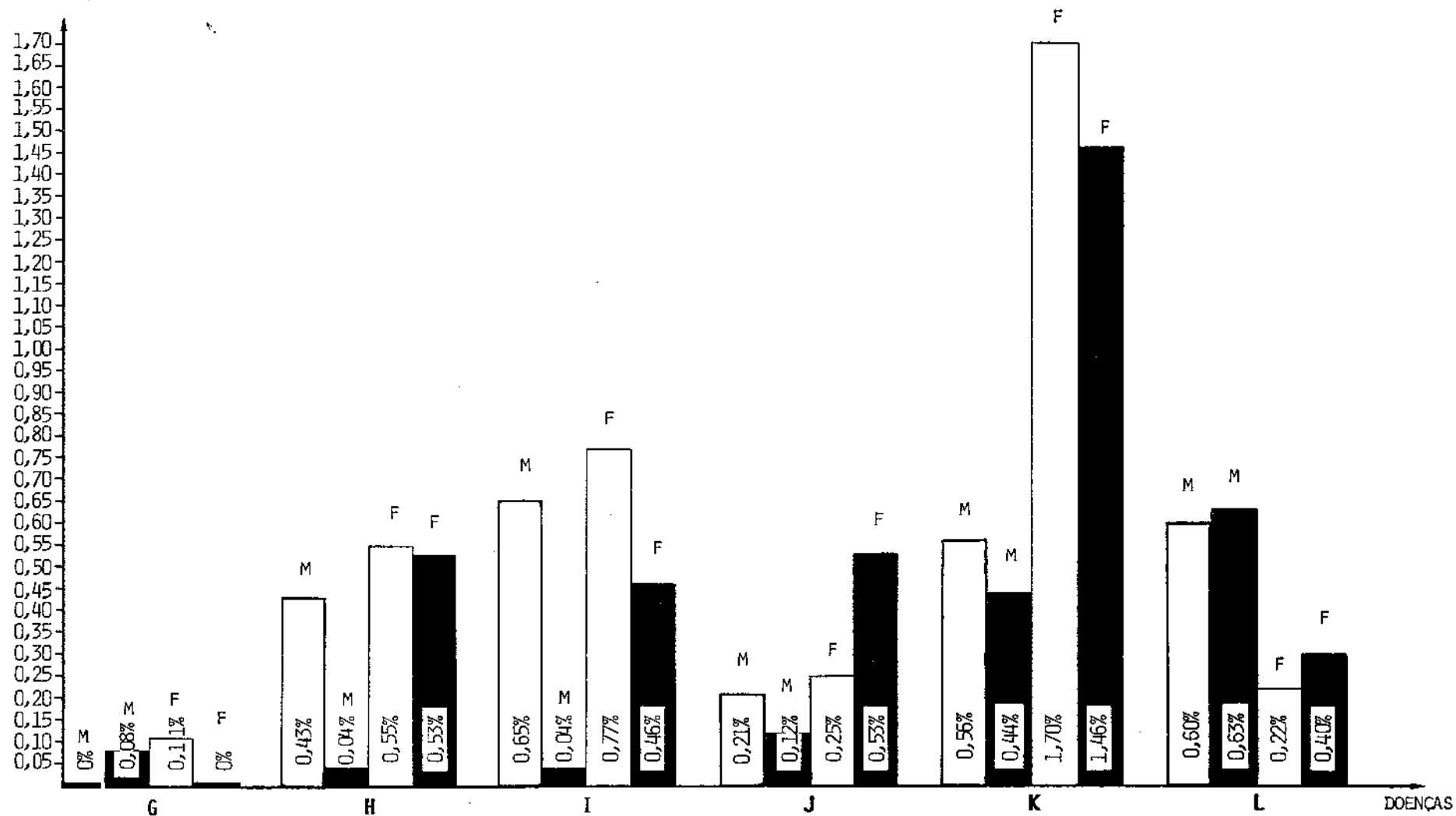


GRÁFICO 5 - CONTINUAÇÃO: REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA MÉDIA DE EPISÓDIOS POR PESSOA, MASCULINA OU FEMININA, DE DOENÇAS SOMÁTICAS OCORRIDAS NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS, NA VIDA DOS PARTICIPANTES DO GRUPO CONTROLE E DE ESTUDOS.

TABELA 132 - Distribuição do número de episódios de doenças somáticas entre homens e mulheres do Grupo de Estudos, contraídas no período desta prisão, assim como do número médio destes episódios por indivíduo.

DOENÇAS	S E X O		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
A	12 (Média = 0,25)	2 (M = 0,13)	14 (M = 0,22)
B	0	0	0
C	13 (M = 0,27)	1 (M = 0,06)	14 (M = 0,22)
D	0	0	0
E	2 (M = 0,04)	0	2 (M = 0,03)
F	1 (M = 0,02)	0	1 (M = 0,01)
G	0	0	0
H	0	0	0
I	20 (M = 0,42)	10 (M = 0,66)	30 (M = 0,48)
J	2 (M = 0,04)	0	2 (M = 0,03)
K	6 (M = 0,12)	0	6 (M = 0,09)
L	3 (M = 0,06)	0	3 (M = 0,04)
TOTAL	47	15	62

MÉDIA DE EPISÓDIOS POR  
PESSOA MASCULINA OU  
FEMININA, NO GRUPO E

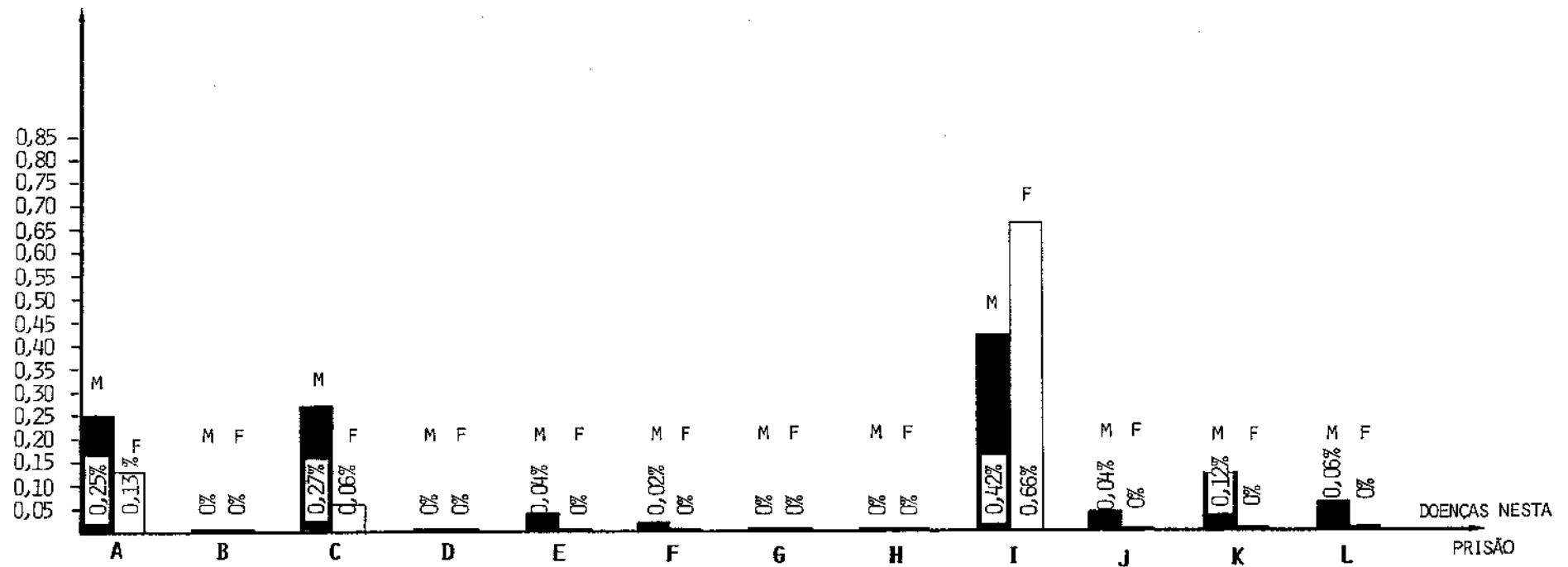


GRÁFICO 6 : REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA MÉDIA DE EPISÓDIOS POR PESSOA, MASCULINA OU FEMININA, DE DOENÇAS OCORRIDAS NO PERÍODO DE ENCARCERAMENTO, NA VIDA DOS 62 PRESIDÁRIOS.



TABELA 133 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de terem apresentado alguma doença psíquica anteriormente. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100% .

S E X O	DOENÇA PSÍQUICA ANTERIOR		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	5 (10%)	22 (44%)	27 (54%)
Masculino	2 (4%)	21 (42%)	23 (46%)
TOTAL	7 (14%)	43 (86%)	50 (100%)

TABELA 134 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de terem apresentado alguma doença psíquica anteriormente. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	DOENÇA PSÍQUICA ANTERIORMENTE		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	7 (11,29%)	8 (12,90%)	15 (24,19%)
Masculino	14 (22,58%)	33 (53,23%)	47 (75,81%)
TOTAL	21 (33,87%)	41 (66,13%)	62 (100%)

TABELA 135 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de terem feito algum tratamento psiquiátrico e/ou psicológico anteriormente. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	TRATAMENTO PSÍQUICO		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	5 (10%)	22 (44%)	27 (54%)
Masculino	2 (4%)	21 (42%)	23 (46%)
TOTAL	7 (14%)	43 (86%)	50 (100%)

TABELA 136 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de terem feito algum tratamento psiquiátrico e/ou psicológico anteriormente. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	TRATAMENTO PSÍQUICO		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	6 (9,68%)	9 (14,52%)	15 (24,19%)
Masculino	11 (17,74%)	36 (58,06%)	47 (75,81%)
TOTAL	17 (27,42%)	45 (72,58%)	62 (100%)

TABELA 137 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o(s) motivo(s) que justificaram o tratamento psíquico recebido. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	MOTIVO DO TRATAMENTO				TOTAL
	A	C	D	I	
Feminino	22 (44%)	0	4 (8%)	1 (2%)	27 (54%)
Masculino	21 (42%)	1 (2%)	0	1 (2%)	23 (46%)
TOTAL	43 (86%)	1 (2%)	4 (8%)	2 (4%)	50 (100%)

CÓDIGO: A = Nunca fez; D = Depressão e Ansiedade;  
 B = Depressão; E = Toxicofilia (inclusive alcoolismo);  
 C = Ansiedade; F = Psicoses;  
 G = Epilepsia;  
 H = Outros;  
 I = Somatório destes.

TABELA 138 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o(s) motivo(s) que justificaram o tratamento psíquico recebido. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	MOTIVO DO TRATAMENTO							TOTAL
	A	C	D	E	F	H	I	
Feminino	9 (14,52%)	1 (1,61%)	1 (1,61%)	0 (0%)	1 (1,61%)	0 (0%)	3 (4,84%)	15 (24,19%)
Masculino	36 (58,06%)	3 (4,84%)	0 (0%)	2 (3,23%)	0 (0%)	2 (3,23%)	4 (6,45%)	47 (75,81%)
TOTAL	45 (72,58%)	4 (6,45%)	1 (1,61%)	2 (3,23%)	1 (1,61%)	2 (3,23%)	7 (11,29%)	62 (100%)

TABELA 139 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato de consumirem bebidas alcoólicas, mesmo que socialmente (em festas ou ocasiões especiais). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	CONSUMO ALCOÓLICO		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	10 (20%)	17 (34%)	27 (54%)
Masculino	14 (28%)	9 (18%)	23 (46%)
TOTAL	24 (48%)	26 (52%)	50 (100%)

TABELA 140 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de consumirem bebidas alcoólicas, mesmo que socialmente (em festas ou ocasiões especiais). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	CONSUMO ALCOÓLICO			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Feminino	9 (14,52%)	6 (9,68%)	0 (0%)	15 (24,19%)
Masculino	33 (53,23%)	13 (20,97%)	1 (1,61%)	47 (75,81%)
TOTAL	42 (67,74%)	19 (30,65%)	1 (1,61%)	62 (100%)



TABELA 141 - Distribuição dos 112 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle e ao Grupo de Estudos, segundo ao fato de consumirem bebidas alcoólicas, mesmo que socialmente. A tabela nos mostra também o número de graus de liberdade (D.F.), o valor do Qui-quadrado entre os dois grupos, assim como o  $\alpha$  (nível de significância do teste).

GRUPO	CONSUMO ALCOÓLICO			TOTAL
	S I M	N Ã O	OUTRAS RES- POSTAS	
Controle	24 (21,43%)	26 (23,21%)	0 (0%)	50 (44,64%)
Estudos	42 (37,50%)	19 (16,96%)	1 (0,89%)	62 (55,36%)
TOTAL	66 (58,93%)	45 (40,18%)	1 (0,89%)	112 (100%)

Qui-quadrado  $\rightarrow$  D.F. = 2; Valor = 5,779;  $\alpha$  = 0,056

$H_0$  = há independência entre as duas variáveis dos dois grupos.

Para  $\alpha$  = 5%, não rejeitamos a hipótese de independência.

TABELA 142 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e a quantidade aproximada de bebida alcoólica ingerida . Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	Q U A N T I D A D E			
	A	C	D	TOTAL
Feminino	0 (0%)	10 (20%)	17 (34%)	27 (54%)
Masculino	3 (6%)	11 (22%)	9 (18%)	23 (46%)
TOTAL	3 (6%)	21 (42%)	26 (52%)	50 (100%)

- CÓDIGOS: A) Pouco (1 a 2 copos de cerveja ao dia);  
 B) Moderado/Muito (outras bebidas mais fortes que cerveja, mais de dois copos ao dia);  
 C) Não bebe diariamente, e quando bebe não são bebidas de forte teor alcoólico;  
 D) Não bebe;  
 E) Outras respostas.

TABELA 143 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e a quantidade aproximada de bebida alcoólica ingerida. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	Q U A N T I D A D E				TOTAL
	A	B	C	D	
Feminino	1 (1,61%)	4 (6,45%)	4 (6,45%)	6 (9,68%)	15 (24,18%)
Masculino	11 (17,74%)	7 (11,29%)	16 (25,81%)	13 (20,97%)	47 (75,81%)
TOTAL	12 (19,35%)	11 (17,74%)	20 (32,26%)	19 (30,65%)	62 (100%)

TABELA 144 - Distribuição dos 112 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle e ao Grupo de Estudos, segundo ao fato de serem viciados em drogas. A tabela nos mostra também o número de graus de liberdade (D.F.), o valor do Qui-quadrado entre os dois grupos, assim como o  $\alpha$  (nível de significância do teste).

GRUPO	VÍCIO EM DROGAS		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Controle	3 (2,68%)	47 (41,96%)	50 (44,64%)
Estudos	33 (29,46%)	29 (25,89%)	62 (55,36%)
TOTAL	36 (32,14%)	76 (67,86%)	112 (100%)

Qui-quadrado — D.F. = 1; Qui-quadrado = 28,302;  $\alpha$  = 0,000

$H_0$  = há independência entre as variáveis dos dois grupos.

Para  $\alpha$  = 5%, não rejeitamos a hipótese de independência.

TABELA 145 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o tipo de droga usada. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	DROGA USADA			TOTAL
	A	D	E	
Feminino	0 (0%)	1 (2%)	26 (52%)	27 (54%)
Masculino	2 (4%)	1 (2%)	20 (40%)	23 (46%)
TOTAL	2 (4%)	2 (4%)	46 (92%)	50 (100%)

CÓDIGOS: A = Maconha;  
 B = Cocaína;  
 C = Outras;  
 D = Associação de drogas;  
 E = Não usa drogas.

TABELA 146 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o tipo de droga usada. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	D R O G A U S A D A					TOTAL
	A	B	C	D	E	
Feminino	1 (1,61%)	1 (1,61%)	0 (0%)	4 (6,45%)	9 (14,52%)	15 (24,19%)
Masculino	11 (17,74%)	1 (1,61%)	1 (1,61%)	14 (22,58%)	20 (32,26%)	47 (75,81%)
TOTAL	12 (19,35%)	2 (3,23%)	1 (1,61%)	18 (29,03%)	29 (46,77%)	62 (100%)

CÓDIGOS: A = Maconha;  
 B = Cocaína;  
 C = Outras drogas;  
 D = Associação de drogas;  
 E = Não usa drogas.

TABELA 147 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o uso de tabaco. Os números em tre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	T A B A G I S M O		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	12 (24%)	15 (30%)	27 (54%)
Masculino	12 (24%)	11 (22%)	23 (46%)
TOTAL	24 (48%)	26 (52%)	50 (100%)

TABELA 148 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o uso de tabaco. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	T A B A G I S M O		
	S I M	N Ã O	TOTAL
Feminino	9 (14,52%)	6 (9,68%)	15 (24,19%)
Masculino	29 (46,77%)	18 (29,03%)	47 (75,81%)
TOTAL	38 (61,29%)	24 (38,71%)	62 (100%)



TABELA 149 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato dos pais serem vivos (ambos). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	P A I S V I V O S (AMBOS)			TOTAL
	DESCONHECE	N Ã O	S I M	
Feminino	1 (2%)	6 (12%)	20 (40%)	27 (54%)
Masculino	1 (2%)	8 (16%)	14 (28%)	23 (46%)
TOTAL	2 (4%)	14 (28%)	34 (68%)	50 (100%)

TABELA 150 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato dos pais serem vivos (ambos). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	P A I S V I V O S : (AMBOS)			TOTAL
	DESCONHECE	N Ã O	S I M	
Feminino	0 (0%)	6 (9,68%)	9 (14,58%)	15 (24,19%)
Masculino	3 (4,84%)	18 (29,03%)	26 (41,94%)	47 (75,81%)
TOTAL	3 (4,84%)	24 (38,71%)	35 (56,45%)	62 (100%)

TABELA 151 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato dos pais serem separados. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	PAIS SEPARADOS		
	N Ã O	S I M	TOTAL
Feminino	20 (40%)	7 (14%)	27 (54%)
Masculino	20 (40%)	3 (6%)	23 (46%)
TOTAL	40 (80%)	10 (20%)	50 (100%)

TABELA 152 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato dos pais serem separados. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	PAIS SEPARADOS		
	N Ã O	S I M	TOTAL
Feminino	12 (19,35%)	3 (4,84%)	15 (24,19%)
Masculino	36 (58,06%)	11 (17,74%)	47 (75,81%)
TOTAL	48 (77,42%)	14 (22,58%)	62 (100%)

TABELA 153 - Distribuição dos indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo apresentarem pais separados ou muito ausentes do lar, pais mortos (um dos dois), e pais que brigavam muito, até os doze anos de vida destes entrevistados. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total de homens ou de mulheres do Grupo, e na última linha, em relação ao número total de indivíduos do Grupo Controle.

S E X O	P A I S			TOTAL
	SEPARADOS OU AUSENTES	MORTOS	QUE BRIGAVAM MUITO	
Masculino	1 (4,34%)	3 (13,04%)	6 (26,08%)	10 (43,47%)
Feminino	7 (25,92%)	6 (22,22%)	3 (11,11%)	16 (59,25%)
TOTAL	8 (16%)	9 (18%)	9 (18%)	26 (52%)

TABELA 154 - Distribuição dos indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo apresentarem pais separados ou muito ausentes do lar, pais mortos (um dos dois), e pais que brigavam muito, até os doze anos de vida destes entrevistados. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total de homens ou mulheres do Grupo, e na última linha, em relação ao número total de indivíduos do Grupo de presidiários.

S E X O	P A I S			TOTAL
	SEPARADOS OU AUSENTES	MORTOS	QUE BRIGAVAM MUITO	
Masculino	11 (23,40%)	5 (10,63%)	10 (21,27%)	26 (55,31%)
Feminino	2 (13,33%)	6 (40%)	5 (33,33%)	13 (86,66%)
TOTAL	13 (20,96%)	11 (17,74%)	15 (24,19%)	39 (62,90%)

TABELA 155 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o fato dos pais terem relações de consangüinidade. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	C O N S A N G Ü I N I D A D E			TOTAL
	DESCONHECE	N Ã O	S I M	
Feminino	1 (2%)	25 (50%)	1 (2%)	27 (54%)
Masculino	0 (0%)	23 (46%)	0 (0%)	23 (46%)
TOTAL	1 (2%)	48 (96%)	1 (2%)	50 (100%)

TABELA 156 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato dos pais terem relações de consangüinidade. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	C O N S A N G Ü I N I D A D E		
	DESCONHECE	N ã O	TOTAL
Feminino	0 (0%)	15 (24,19%)	15 (24,19%)
Masculino	3 (4,84%)	44 (70,97%)	47 (75,81%)
TOTAL	3 (4,84%)	59 (95,16%)	62 (100%)



TABELA 157 - Distribuição dos 50 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o número de irmãos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

SEXO	NÚMERO DE IRMÃOS										TOTAL
	0	2	3	4	5	6	7	10	11	13	
Feminino	1 (2%)	4 (8%)	4 (8%)	5 (10%)	3 (6%)	1 (2%)	1 (2%)	2 (4%)	1 (2%)	0 (0%)	27 (54%)
Masculino	3 (6%)	3 (6%)	2 (4%)	1 (2%)	4 (8%)	4 (8%)	1 (2%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (2%)	23 (46%)
TOTAL	4 (8%)	7 (14%)	6 (12%)	6 (12%)	7 (14%)	5 (10%)	2 (4%)	2 (4%)	1 (2%)	1 (2%)	50 (100%)

TABELA 158 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o número de irmãos. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

SEXO	NÚMERO DE IRMÃOS										TOTAL
	0	1	2	3	10	11	12	15	17	18	
Feminino	2 (3,23%)	0 (0%)	1 (1,61%)	2 (3,23%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (1,61%)	1 (1,61%)	0 (0%)	0 (0%)	15 (24,19%)
Masculino	1 (1,61%)	1 (1,61%)	8 (12,90%)	8 (12,90%)	2 (3,23%)	2 (3,23%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (1,61%)	1 (1,61%)	47 (75,81%)
TOTAL	3 (4,84%)	1 (1,61%)	9 (14,52%)	10 (16,13%)	2 (3,23%)	2 (3,23%)	1 (1,61%)	1 (1,61%)	1 (1,61%)	1 (1,61%)	62 (100%)

TABELA 159 - Distribuição dos 18 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo Controle, segundo o sexo e o diagnóstico provável de familiares com doença mental. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

SEXO	DIAGNÓSTICO PROVÁVEL							TOTAL
	A	B	D	E	G	H	I	
Feminino	4 (22,22%)	1 (5,56%)	1 (5,56%)	2 (11,11%)	0 (0%)	1 (5,56%)	2 (11,11%)	11 (61,11%)
Masculino	6 (33,33%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5,56%)	0 (0%)	0 (0%)	7 (38,89%)
TOTAL	10 (55,56%)	1 (5,56%)	1 (5,56%)	2 (11,11%)	1 (5,56%)	1 (5,56%)	2 (11,11%)	18 (100%)

Frequência missing = 32.

CÓDIGOS: A = Alcoolismo; D = S. Depressiva-Ansiosa; G = Epilepsia;  
 B = S. Depressiva; E = Toxicofilia; H = Outras;  
 C = S. Ansiosa; F = Psicose Esquizofreniforme; I = Desconhece.

TABELA 160 - Distribuição dos 46 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o diagnóstico provável de familiares com doença mental. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

SEXO	DIAGNÓSTICO PROVÁVEL					TOTAL
	A	E	G	H	I	
Feminino	6 (13,04%)	3 (6,52%)	1 (2,17%)	1 (2,17%)	1 (2,17%)	12 (26,09%)
Masculino	26 (56,52%)	3 (6,52%)	1 (2,17%)	2 (4,35%)	2 (4,35%)	34 (73,91%)
TOTAL	32 (69,57%)	6 (13,04%)	2 (4,35%)	3 (6,52%)	3 (6,52%)	46 (100%)

Frequência missing = 16

CÓDIGOS: A = alcoolismo  
 E = toxicofilia  
 G = epilepsia  
 H = outras  
 I = desconhece

TABELA 161 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o tipo de crime cometido (última infração). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	ÚLTIMO(S) CRIME(S) COMETIDO(S) (ACUSAÇÃO ATUAL)						TOTAL
	A	B	C	D	E	H	
Feminino	1 (1,61%)	6 (9,68%)	0 (0%)	1 (1,61%)	0 (0%)	7 (11,29%)	15 (24,19%)
Masculino	9 (14,52%)	25 (40,32%)	1 (1,61%)	7 (11,29%)	1 (1,61%)	4 (6,45%)	47 (75,81%)
TOTAL	10 (16,13%)	31 (50%)	1 (1,61%)	8 (12,90%)	1 (1,61%)	11 (17,74%)	62 (100%)

CÓDIGOS: A = crime contra a pessoa;  
 B = crime contra o patrimônio;  
 C = crime contra os costumes;  
 D = crime contra a saúde pública;  
 E = crime contra a fé pública;  
 H = associação de dois ou mais crimes diferentes).

TABELA 162 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o tempo de prisão (em meses) já cumprido, até o momento da entrevista. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total de cada coluna, que é de 100%.

TEMPO DE PRISÃO (EM MESES)	S E X O		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
menor que três	16 (34,04%)	12 (80%)	28 (45,16%)
[3, 6)	5 (10,63%)	0 (0%)	5 (8,06%)
[6, 12)	7 (14,89%)	2 (13,33%)	9 (14,51%)
[12, 18)	8 (17,02%)	1 (6,66%)	9 (14,51%)
[18, 24)	5 (10,63%)	0 (0%)	5 (8,06%)
igual ou mais que 24 meses	6 (12,76%)	0 (0%)	6 (9,67%)
TOTAL	47 (100%)	15 (100%)	62 (100%)

TABELA 163 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e a penalidade (em anos) a ser cumprida (tempo de condenação). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total de cada coluna, que é de 100%.

PENA (EM ANOS)	S E X O		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
menor que um ano	2 (4,25%)	1 (6,66%)	3 (4,83%)
[1, 3)	4 (8,51%)	1 (6,66%)	5 (8,06%)
[3, 6)	12 (25,53%)	1 (6,66%)	13 (20,96%)
[6, 9)	6 (12,76%)	1 (6,66%)	7 (11,29%)
[9, 12)	0	0	0
[12, 15)	4 (8,51%)	0	4 (6,45%)
maior que 15	3 (6,38%)	0	3 (4,83%)
desconhecido completamente	13 (27,65%)	11 (73,33%)	24 (38,70%)
penas não definidas totalmente	3 (6,38%)	0	3 (4,83%)
TOTAL	47 (100%)	15 (100%)	62 (100%)

TABELA 164 - Distribuição dos 38 indivíduos que participaram desta pesquisa e já julgados criminalmente, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o número de infrações anteriores. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	NÚMERO DE INFRAÇÕES ANTERIORES					TOTAL
	UMA	[3, 5)	[5, 7)	MAIS DE SETE	NENHUMA	
Feminino	3 (7,89%)	0	0	2 (5,26%)	9 (23,68%)	14 (36,84%)
Masculino	12 (31,58%)	4 (10,53%)	5 (13,16%)	0	3 (7,89%)	24 (63,16%)
TOTAL	15 (39,47%)	4 (10,53%)	5 (13,16%)	2 (5,26%)	12 (31,58%)	38 (100%)

Frequência missing = 24



TABELA 165 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de ter havido algum desencadeante emocional estressante nos cinco anos que antecederam o primeiro crime. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

S E X O	DESENCADEANTE EMOCIONAL		
	N Ã O	S I M	TOTAL
Feminino	6 (9,68%)	9 (14,52%)	15 (24,19%)
Masculino	17 (27,42%)	30 (48,39%)	47 (75,81%)
TOTAL	23 (37,10%)	39 (62,90%)	62 (100%)

TABELA 166 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o fato de serem ou não viciados em drogas e o tipo de crime cometido por estes. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da última coluna, que é de 100%.

ADIÇÃO À DROGAS	TIPO DE CRIME						TOTAL
	A	B	C	D	E	H	
S i m	4 (6,45%)	16 (25,81%)	0	6 (9,68%)	0	7 (11,29%)	33 (53,23%)
N ã o	6 (9,68%)	15 (24,19%)	1 (1,61%)	2 (3,23%)	1 (1,61%)	4 (6,45%)	29 (46,77%)
TOTAL	10 (16,13%)	31 (50%)	1 (1,61%)	8 (12,90%)	1 (1,61%)	11 (17,74%)	62 (100%)

A = crime contra a pessoa  
 B = crime contra o patrimônio  
 C = crime contra os costumes  
 D = crime contra a saúde pública  
 E = crime contra a fé pública  
 H = associação de dois ou mais crimes

TABELA 167 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o número de pessoas numa mesma cela. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total das colunas, que é de 100%.

NÚMERO DE PESSOAS NUMA MESMA CELA	S E X O		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
uma	5 (10,63%)	0	5 (8,06%)
[2, 3)	0	0	0
[3, 6)	1 (2,12%)	0	1 (1,61%)
[6, 9)	8 (17,02%)	13 (86,66%)	21 (33,87%)
[9, 12)	6 (12,76%)	2 (13,33%)	8 (12,90%)
[12, 15)	9 (19,14%)	0	9 (14,51%)
[15, 18)	6 (12,76%)	0	6 (9,67%)
[18, 21)	6 (12,76%)	0	6 (9,67%)
mais que 21 (enfermaria)	6 (12,76%)	0	6 (9,67%)
TOTAL	47 (100%)	15 (100%)	62 (100%)

TABELA 168 - Distribuição dos 62 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, segundo o sexo e o fato de apresentarem tatuagens pelo corpo. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total de cada coluna, que é de 100%.

TATUAGEM	S E X O		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
S i m	22 (46,80%)	6 (40%)	28 (45,16%)
N ã o	25 (53,19%)	9 (60%)	34 (54,83%)
TOTAL	47 (100%)	15 (100%)	62 (100%)

TABELA 169 - Distribuição dos 28 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, e que se apresentavam tatuados, segundo o sexo e o número de tatuagens pelo corpo. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total de cada coluna, que é de 100%.

NÚMERO DE TATUAGENS	S E X O		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
uma	8 (36,36%)	4 (66,66%)	12 (42,85%)
duas	4 (18,18%)	1 (16,66%)	5 (17,85%)
três	6 (27,27%)	0	6 (21,42%)
quatro	1 (4,54%)	0	1 (3,57%)
mais de quatro	2 (9,09%)	1 (16,66%)	3 (10,71%)
não informa	1 (4,54%)	0	1 (3,57%)
TOTAL	22 (100%)	6 (100%)	28 (100%)

TABELA 170 - Distribuição dos 28 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, e que se apresentavam tatuados, segundo o sexo e o local onde se tatuaram. Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total de cada coluna, que é de 100%.

ONDE SE TATUOU	S E X O		
	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
Na rua	14 (63,63%)	6 (100%)	20 (71,42%)
Na cadeia	6 (27,27%)	0	6 (21,42%)
Na rua e na cadeia	1 (4,54%)	0	1 (3,57%)
Não informa	1 (4,54%)	0	1 (3,57%)
TOTAL	22 (100%)	6 (100%)	28 (100%)

TABELA 171 - Distribuição dos 28 indivíduos que participaram desta pesquisa, pertencentes ao Grupo de Estudos, e que se apresentavam tatuados, segundo o sexo e o(s) tipo(s) de infração(ões) cometida(s). Os números entre parênteses representam as porcentagens em relação ao total da coluna, que é de 100%.

TIPO DE INFRAÇÃO	S I M
A	1 (3,57%)
B	17 (60,71%)
C	0
D	4 (14,28%)
E	0
H	6 (21,42%)
TOTAL	28 (100%)

A = crime contra a pessoa; B = crime contra o patrimônio;  
C = crime contra os costumes; D = crime contra a saúde pública;  
E = crime contra a fé pública; H = associação de dois ou mais crimes.

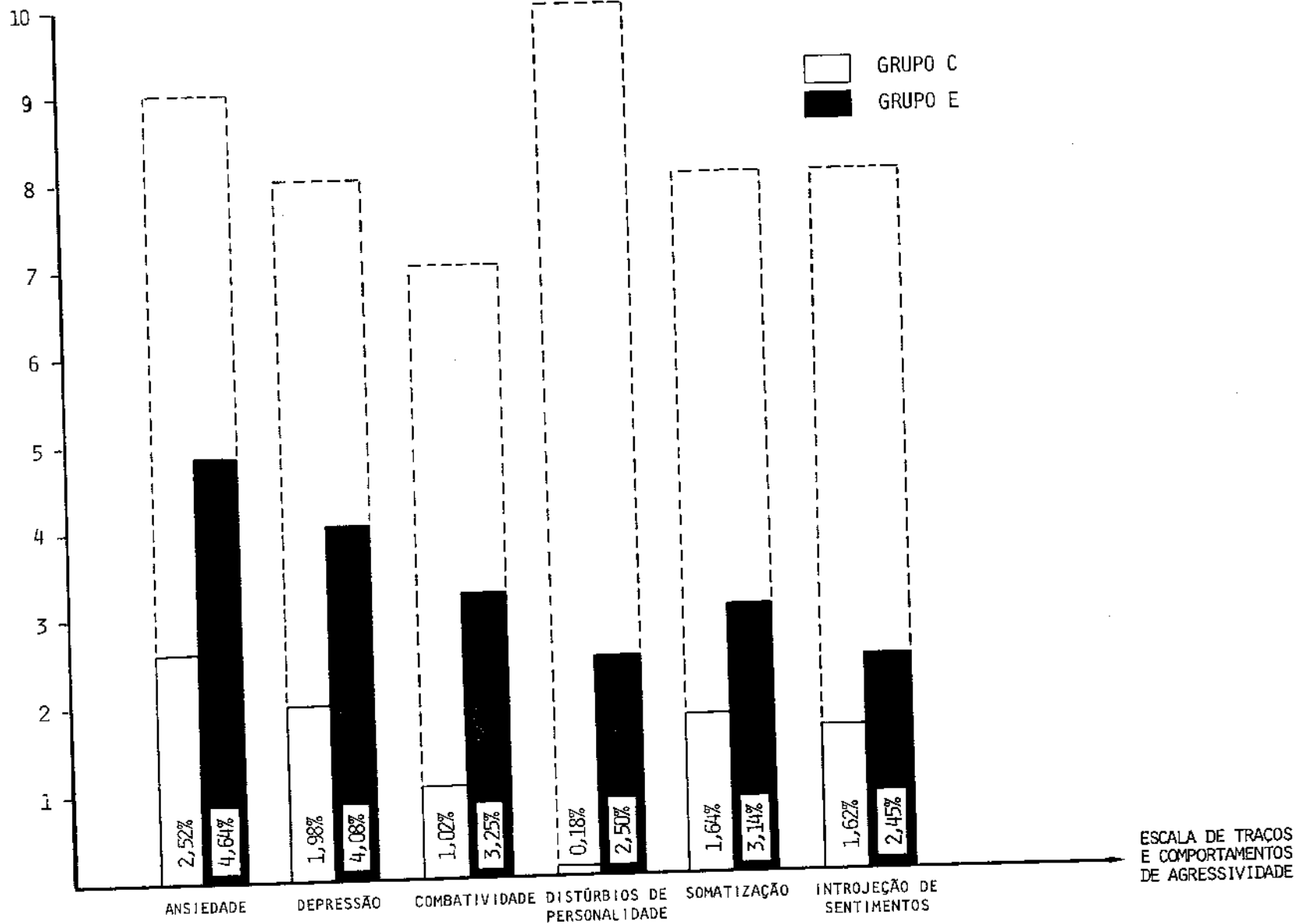


GRÁFICO 7 : REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS MÉDIAS DE PONTOS OBTIDAS NA APLICAÇÃO DA ESCALA DE TRAÇOS E DE COMPORTAMENTOS DE AGRESSIVIDADE NOS 50 INDIVÍDUOS DO GRUPO CONTROLE E NOS 62 DO GRUPO DE ESTUDOS. AS LINHAS TRACEJADAS REPRESENTAM A PONTUAÇÃO MÁXIMA DA ESCALA.



MÉDIA DE PONTOS

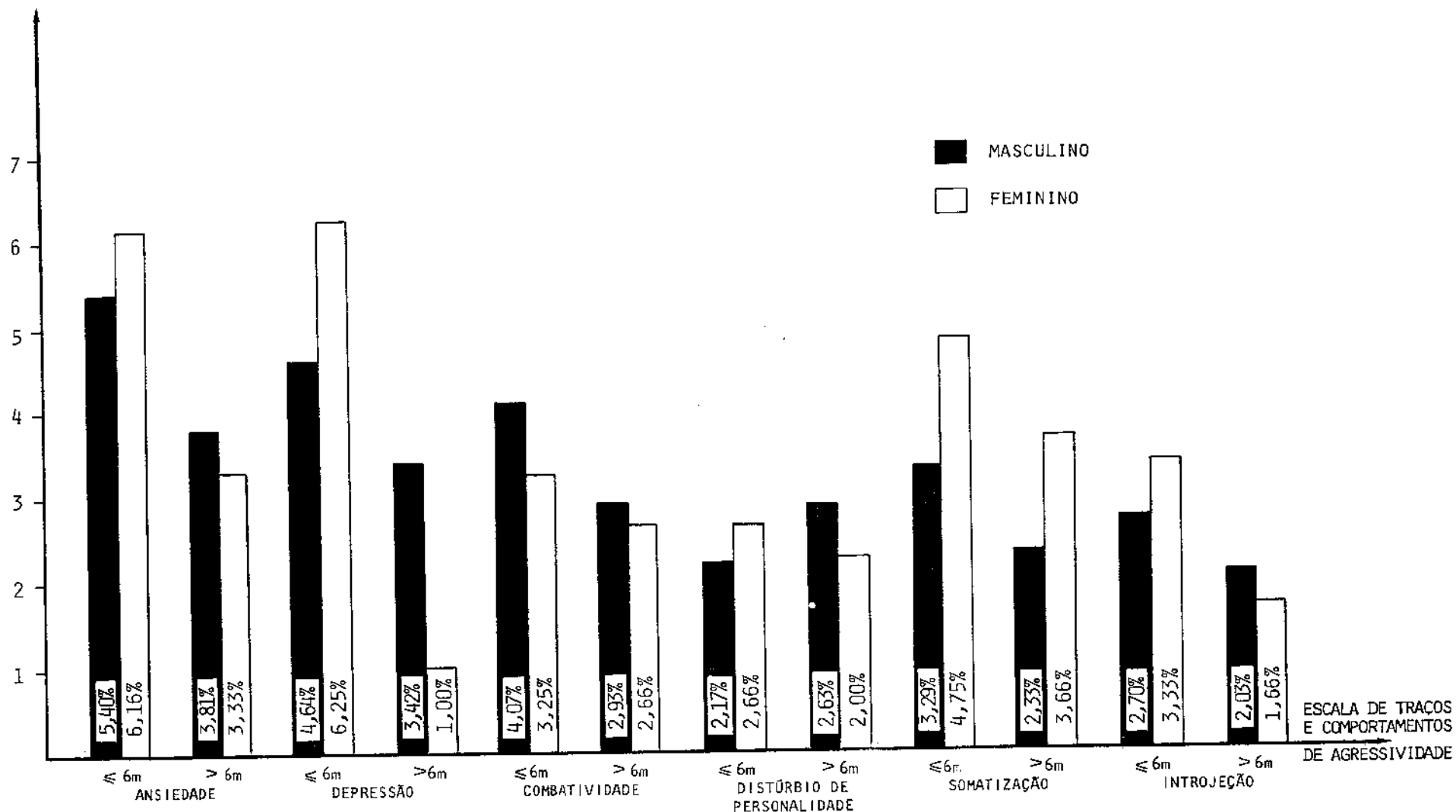


GRÁFICO 8 : REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS MÉDIAS DE PONTOS OBTIDAS NA APLICAÇÃO DA ESCALA DE TRAÇOS E DE COMPORTAMENTOS DE AGRESSIVIDADE, NOS HOMENS E MULHERES DO GRUPO DE ESTUDOS (GRUPO E), LEVANDO-SE EM CONSIDERAÇÃO O TEMPO DE PRISÃO, SUBDIVIDIDOS EM "ATÉ 6 MESES" E "MAIS DE 6 MESES" DE ENCARCERAMENTO.

## E2)RESUMO DAS HISTÓRIAS DE VIDA

CASO\_\_1:W.C.,28 anos,masc.,ginasial incompleto,sem ocupação,natural de Campinas-S.P.,procedente de Campinas-S.P.,testemunha de Jeová.

A primeira infração foi cometida em 1980,quando o presidiário tinha 22 anos.Neste furto ele carregou de uma loja relógios,rádios e gravadores.Foi preso em flagrante.

Acha que começou a roubar por vadiagem:"eu ficava sem fazer nada o dia todo-perambulava pelas ruas..."

O pai morreu em 1973,quando o detento tinha 15 anos.A mãe faleceu em 1975.Após perder os pais foi morar na casa da irmã mais velha,casada.Lá não se sentia à vontade-tinha a sensação de vazio,de que o mundo havia acabado."Roubei por roubar,porque nem dificuldades de dinheiro eu tinha.Ninguém influenciou-me a cair na vida,ao contrário,sempre tive boas orientações da família.Tenho até primos que são policiais"...

Conta que um irmão também está preso.Não sabe o que ele fez."Ele não queria que eu seguisse este caminho-batia-me muito quando eu fazia coisas erradas.Dava-me conselhos para eu sair desta vida..."Meu irmão também cumpre pena na Cadeia do São Bernardo,e envia-me bilhe-

tes, através de colegas, "para que eu não faça nada errado". "Seus amigos avisam-me que ele pede para eu melhorar de vida-ele não gosta de ver-me aqui."

Encontra-se numa cela com outros 16 presos. Diz viver bem entre eles, embora, às vezes, ocorram discussões: "um ou outro quer mandar em mim-quer dar-me ordens, porque tem amizade com o meu irmão e acha que tem liberdade comigo também". Tem medo de ficar entre os outros presos: "aqui tem muita falsidade"...

Tem medo que os colegas da cadeia descubram onde mora, e tentem prejudicá-lo, "fazendo falsidade e maldade comigo, ou com minha família"... Sente falta de casa, da família, dos passeios. Ao sair pretende visitar a tia; pensa em trabalhar "honestamente", para jamais retornar à Cadeia.

**Caso\_2:** A.C.P.; 19 anos, masc., primário incompleto, padeiro, natural de Campinas, procedente de Campinas-S.P., religião: Congregação Cristã do Brasil.

Iniciou sua vida criminal em 1983. Era menor de idade: "comecei nesta vida, porque queria ser independente... Meus pais não queriam que eu trabalhasse, mas eu queria ter o meu dinheiro. Fui trabalhar como entregador de pães, mas o pai conversou com o dono da padaria para ele mandar-me embora. Para não dar complicação, ele mandou-me pra rua. Depois disto fui trabalhar numa funilaria, ao lado de casa; meu pai foi lá, e disse ao dono que eu era de menor, e que ele não queria que eu trabalhasse. Meu pai achava que eu devia respeitar a opinião dele. Ele era

muito nervoso e eu não ficava atrás... Sempre pensei em fugir de casa, pois não aguentava mais. Hoje em dia, após ver o meu sofrimento na prisão, ele mudou muito- hoje posso dizer que ele é um santo..."

"Depois de sair da padaria e da funilaria fugi de casa- comecei a andar com os moleques da rua. Resolvi enfrentar o meu pai roubando..."

"A minha mãe sofre muito comigo, e eu sinto p'ra caramba isto... Se Deus quiser eu ainda vou dar um pouco de alegria para ela."

é o sétimo filho de uma prole de oito. Diz que sempre se deram bem- quase não brigavam entre si. Ninguém na família tem antecedentes criminais.

Vive numa cela com mais quatorze presos: "Vivo bem com eles. Há respeito e companheirismo entre a gente, principalmente porque quero ir embora o mais rápido possível. Se a gente fizer o que quer aqui, o fim é o mais triste possível... Neste lugar amizade não existe. Atrás de um amigo há sempre um inimigo... Já tive muito medo de estar na cadeia, de morrer à traição, mas agora tudo isto passou... Quando menos a gente espera pode morrer, não tenho medo, mas me cuido. Pensando bem, acho que todos têm medo- qualquer um tem medo... Sempre se pensa que podem armar uma pra gente, que se pode morrer a qualquer hora. Conforme passo o dia, conforme o que enfrento, sei se posso dormir tranquilo ou não..."

**Caso\_3:** R.B.; 36 anos, masc., primário completo, chaveiro, natural de Campinas, procedente de Campinas, católico.

"Comecei a roubar aos 18 anos. Nesta época meus pais se separaram, e eu fui morar sozinho. Trabalhava num estacionamento, onde tinha um quartinho pra eu dormir... Comecei a relacionar-me com outros garotos que tinham fama de fumar maconha e roubar. Achei que roubar seria uma saída à minha vida, que iria melhorar de situação, etc. No primeiro roubo que cometi fui preso, no Deic, e lá apanhei muito. Depois deste vieram outros e eu nem sei bem por quê..."

"Após a separação dos meus pais, voltei a vê-los cinco anos mais tarde. Em 1985 o pai morreu de Câncer no esôfago. Era alcóolatra e espancava os filhos e a mãe. A velha ainda é viva - nunca mais se casou".

Na cela vive com mais dezoito indivíduos. Não há camas suficientes: "dormimos embolados - dois em cada uma... Há problemas de higiene pois os dezoito usam um único banheiro. Só tenho medo de ficar doente, de pegar alguma doença incurável. Aqui um procura respeitar o outro, se quiser viver bem. É uma família unida... Nunca briguei na Cadeia."

"Medo a gente tem vinte e quatro horas por dia, porque ninguém sabe o que passa na cabeça do próximo, porém isto não chega a prejudicar o meu sono."

O que mais chama a minha atenção na cela é a convivência: se quiser ficar vivo e não enlouquecer, é fundamental tratar bem o outro, assim como esquecer o que lhe fizeram lá fora...

Quando sair daqui quero pegar minha mulher e minha filha e sumir... Uma pessoa quando passa por uma cadeia conhece muita gente e fica muito marcada pelos companheiros e pela polícia. Penso ir para bem longe, para não voltar novamente para o crime.

**Caso\_4:** P.S.C., 22 anos, masc., secundário incompleto, funileiro, natural de Campinas, procedente de Campinas, protestante.

Relaciona a sua entrada na criminalidade com a desunião da família: "meu pai era muito violento, muito desumano... Batia demais nos filhos e na mãe. Chegou a hora que crescemos e partimos pra cima dele. Era só pancadaria... Para nos ferir ele arranjou outra mulher e fugiu de casa. Eu nunca gostei que minha mãe tivesse outra pessoa-sentia-me mal só de pensar. O pai sumiu... Ele tem contato só com meu outro irmão, mas de mim ele tem medo, porque estou no tóxico. Encontrei-me certo dia com ele lá no Supermercado Eldorado. Ele levou-me à casa dele, e me convidou para ficar morando lá, trabalhando na oficina. Fiquei dois meses, pois certo dia ele comunicou à polícia que eu tinha droga escondida. Os guardas revistaram a casa toda, principalmente o meu quarto, mas não acharam nada. Ele fez uma cachorrada comigo. Acho que fez isto mais por causa da sua mulher-eu nunca fiz nada de mal para eles... Ele para mim acabou." "O relacionamento com a mãe é bom, mas às vezes a gente briga, porque ela leva namorado lá em casa. Tenho ciúmes dela-tenho medo que outra pessoa faça pra ela o que o meu pai já fez..."

"Quando o meu pai soube que eu usava drogas, pagou dois caras para irem dentro da minha casa e me quebrarem de surra. Toda semana era briga por causa disto. Eu pensava: "se eu apanho porque não estou usando, agora vou apanhar por usar..."

Está numa cela com mais quinze companheiros: a gente vive como se fosse uma família. O ritmo do xadrez é como se fosse a casa da gente. Limpa-se direitinho, ajuda-se a preparar uma comidinha diferente,

faz-se a faxina, a gente se ajuda nos manuais, e o dinheiro da venda deles serve pra comprar coisas melhores... A gente não tem discussão— todos são conscientes e têm a cabeça feita. Se houver desrespeito é quatorze em cima dele... Nem farra a gente faz... Todos querem é tirar esta cadeia, e irem direitinho para casa.

Diz dormir bem. Não tem medo, porque não tem rixa com ninguém. Está no pavilhão superior, e lá o pessoal é mais tranquilo.

Pensa em parar com os tóxicos, mas diz o seguinte: sou muito fraco pra isto... Se eu paro não durmo e meu intestino prende; fico muito nervoso, tenho dores de cabeça. Eu tomando normalizo no ato... Suporto mais a vida...

Passa o tempo livre trabalhando: faz prendedor e diversos trabalhos manuais, como por exemplo, abajur. É habilidoso, e quando vê alguém fazendo algo que gosta procura fazer também, mas jamais na frente da pessoa, para não provocar ciúmes...

**Caso\_\_5:** F.S.F.; 22 anos, masc., secundário completo, pequeno industrial, natural de Campinas, procedente de Minas Gerais, católico não praticante.

Acha que o envolvimento com muitas coisas, tanto na vida afetiva como profissional, colaborou para entrar na criminalidade. "Sou ambicioso—envolvi-me com maus elementos, que queriam mais me destruir e mandar-me para a cadeia, que qualquer outra coisa na vida... Sempre fui um cara que procurei cobrar tudo o que me faziam de errado. Uma vez fui magoado por alguém, e isto colaborou para eu sentir muito ódio desta

pessoa... (não fala quem é, e os motivos deste ódio). Talvez tenha sido ele que me entregou pros tiras..."

"Minha família sempre foi muito unida e tem boa situação financeira. Meus pais brigavam muito - nunca me dei bem com eles - sou uma espécie de ovelha negra da família. Depois de ter sido acusado deste roubo fugi - fui cuidar de um sítio do meu pai, em Minas. Aconteceu de eu ter sido preso num momento em que estava tentando refazer minha vida, reaproximando-me de meu pai. Fiquei mais de dois anos sendo procurado. Meu pai foi quem mais sentiu minha prisão."

Vive com mais dezoito colegas na cela, onde diz haver união e respeito. No começo ficou muito assustado, porém agora diz "estar mais frio": com o tempo a gente esquece o medo e se habitua...

Passa o dia fumando e andando de um lado para o outro. "Quando tinha os prendedores eu me distraía - agora não tem nada pra se fazer..."

**Caso 6:** L.A.S.; 21 anos, masc., secundário incompleto, cobrador de ônibus, natural de Souza's-S.P., procedente de Campinas, sem religião.

Não conhece os pais verdadeiros, e até os cinco anos foi criado por uma mãe adotiva. Após esta idade foi posto num orfanato, pois era muito "arteiro". "A mãe foi se cansando, e a patroa dela arranhou uma vaga num Colégio". Aos treze anos ela quiz tirar-me de lá, "mas eu não queria voltar à casa dela. Chorei para ficar no Colégio, mas não adiantou..." "Ao retornar teve que conviver com o amásio da mãe, que bebia e espancava os dois." "Ele não ia com a minha cara, e quando me batia a mãe não ia a meu favor..."



Fugiu de casa aos treze para quatorze anos, e foi morar numa favela. A mãe não o procurou. "Fui morar com uns caras, ladrões, e para comer e vestir-me comecei a fazer o mesmo que eles. Não tinha ninguém que me dissesse o que era certo ou errado. Aos dezoito anos comecei a andar armado, e daí por diante não vi mais saída p'ra mim..."

Vive com mais treze indivíduos na cela—"é indiferente viver com muita gente, pois estou acostumado. Só dá medo quando tem briga, quando penso em maldade... A gente esforça-se para ser bem querido. Tem cara aí que um dia trata a gente bem e em outro nem olha na cara. Tem muitos que trazem rixas de fora da cadeia. Em muitos dias, quando um está atacado começa a falar do outro, a invocar com a cara do outro. Tem somente onze camas para treze pessoas. Se um cara quer dormir e o outro incomodar, pode dar até morte."

"Não durmo bem à noite. Acordo e começo a pensar na vida. A gente vê aí dentro muito indivíduo morrer por nada. Às vezes morrem pessoas que tratavam todos bem... Eles, a qualquer hora, podem virar contra a gente. Aqui não se pode ter amizades, pois está tudo misturado: os bons e os maus. Tenho muito medo que o diretor pare de dar serviço pra gente, que ponha no nosso meio alguém mau, que possa nos prejudicar. Muitas vezes queremos coisas boas, mas para nos castigar eles tiram isto da gente..."

Como expectativa de vida pensa em guardar dinheiro para voltar a estudar. Quer fazer desenho artístico e trabalhar nisto. Caso não dê certo pensa lutar boxe.

**Caso\_Z:** C.R.E., 21 anos, masc., secundário incompleto, balconista, natural de Campinas, procedente de Campinas, Testemunha de Jeová.

Relata que vem de uma família que brigava muito: "não havia conversa-somente discussões... Um batia no outro, um chingava o outro". O irmão mais velho era o mais violento. Ele vivia envolvido com viciados em drogas e foi pra cadeia muito cedo. "A polícia ia em casa atrás dele. Chegava lá berrando com todo mundo, nos empurrando pros cantos. Tinha dez anos quando comecei a ver estas coisas. Quando a polícia chegava meu irmão pedia-me para esconder o revólver e as muambas no meio dos brinquedos. Tinha medo que a polícia o matasse. A mãe sempre foi mais compreensiva, o pai era desligadão. Ele era motorista, e vivia viajando-dormia mais fora de casa do que com a gente. Sentia muita falta dele. Meu maior desejo era viajar com ele, ser caminhoneiro também. Ele nunca levava-me nas viagens. Às vezes dava uma voltinha comigo no quarteirão, mas depois ia embora..."

"Entrei pro crime aos quinze anos, ao envolver-me com drogas: maconha e cocaína. Como não tinha dinheiro para comprar os tóxicos, comecei a roubar..."

Mora com mais seis indivíduos na cela, e é tido como um dos líderes da Cadeia. Diz não ter medo de nada e de ninguém. Denota excelente aparência, mostrando-se, em nossa conversa, extremamente reservado.

**Caso\_\_8:** C.A.T.L.; 44 anos, masc., universitário incompleto, pequeno industrial, natural de Campinas, procedente de Campinas, católico.

Nega-se a falar de sua vida pregressa, pois "nunca errou e não tem motivos para ter sido acusado de estelionato".

Mora sozinho na cela. Acha que tem este privilégio, porque entende de administração e datilografia. Diz que veio para a Cadeia "muito reservado", pelo que ouviu falar na televisão e lê nos jornais, porém já no terceiro dia fez amizades com facilidade. Acha que os presidiários são gente como a gente—não são bichos. "Eles são muito esseados, e estão sempre à procura de informações que os ajudem a sair o mais rápido possível daqui."

**Caso 9:** A.C.X., 32 anos, masc., primário incompleto, motorista, natural de Nova Granada-S.P., procedente de Nova Odessa-S.P., religião: Congregação Cristã do Brasil.

Antes de ser preso era motorista de caminhão—tinha vontade de progredir rápido na vida. Tinha um vizinho com o qual se dava muito bem, apesar de saber que ele envolvia-se em trambiques. Este convidou-o para trabalharem juntos, e em cada negócio que faziam ganhava o dobro, ou o triplo, que em seu serviço normal. "Quando comecei a ter lucros virei a cabeça, queria cada vez mais, sem me importar com as consequências que acabaram vindo."

"Aos cinco anos de idade comecei a trabalhar para ajudar o pai. Ele espancava muito os filhos—era extremamente exigente. Não se alimentava bem. Dos cinco aos sete anos fiquei muito doente, com anemia e verminose. Passei a comer carvão e terra, ficando verde e barrigudo. Um

amigo da família chamou a atenção do pai para levar-me ao médico. Tomei remédio para verminose durante três meses, e devido as doenças fiquei prejudicado em meu desenvolvimento. Dos sete aos oito anos era muito desligado-a mãe levou-me para "tratar dos nervos".

Diz ter tolerado o pai até os dezesseis anos. Após esta idade saiu de casa e foi trabalhar como peão, numa fazenda.

Aos dezesseis anos foi a um prostíbulo, levado por um colega da roça. Fugiu do local com medo, sem ter conseguido nada. "Fui punido pela igreja por frequentar estes lugares"... Fala que há "estupros" diários na Cadeia, e que aqui é proibido falar sobre o assunto, pois já houve mortes por "falarem demais". Diz que os travestis apanham muito, e que os outros presidiários não os aceitam, embora, aproveitem-se deles.

Casou-se aos dezoito anos-separou-se da primeira mulher. Atualmente está amasiado. Recebe visitas da esposa na Cadeia, inclusive para manter relações sexuais.

Vive com mais oito pessoas na cela. Sofre demais por ser diferente de todos. Diz não ter espírito para caçoada, para gozar dos erros dos outros. É dado mais a consolar... Se a família traz um suco, uma água gelada, procura repartir com os outros. Não usa tóxicos, porém para lhe gozarem colocaram artane no café. Com a droga sentiu-se completamente fora do ar.

"Há presos que tentam pôr a gente no mau caminho: aconselham a usar drogas, a abandonar a mulher. Só para judiar nos batem. Outros dão bons conselhos. Já disseram-me que eu nunca mais vou sair daqui, e por este motivo pensei até em separar-me de minha mulher. Eles falam que enquanto eu estou aqui pensando, ela está lá fora com outro. Uso barba e

cabelo grande, porque minha esposa fez uma promessa para eu me regenerar e voltar logo para casa". Nunca mais tomei café ou suco, com medo que coloquem drogas. Tomo só água com o pão. Fala em suicídio se não sair logo daqui. Mostra-se extremamente desesperado, aflito.

Diz não falar de seus problemas na Cadeia, pois os outros presos não permitem: eles não gostam de quem se queixa, de quem faz chora-deira. Tenho só cinco amigos, que se sentem como eu me sinto...

Fala de torturas na prisão, e também de ter sido forçado a confessar "serviços" que não fez. Não entra em muitos detalhes, sentindo-se muito perseguido.

**Caso\_10:** E.P.; 29 anos, masc., analfabeto, sem profissão definida, natural de Adamantina-S.P., procedente de Campinas, sem religião.

Relata que começou a roubar aos dezoito anos, acompanhando outros indivíduos na invasão de uma residência, onde roubaram um aparelho de som. Nega ter tido uma infância com problemas, embora o pai bebesse e fosse ausente na educação dos filhos. Relata que falava para os pais que ia procurar emprego, mas saía com maus elementos, que usavam drogas e praticavam furtos. Atribui o fato de começar a roubar às dificuldades econômicas e para manter sua adição às drogas.

Mora com oito companheiros na cela. "Cada um é cada um... Um faz abajour, outro faz navio, e assim a gente passa os dias... Nós nos damos bem, e ninguém é inimigo de ninguém, mas sabe como é... Se alguém faz alguma coisa errada tem sempre um para chamar a atenção de quem fez...

Está com suspeita de AIDS (Síndrome da Imune Deficiência Adquirida), tendo sido transferido para a Penitenciária do Estado onde ficou por seis meses. Nega que seja esta a doença, porém obteve confirmações que ele é portador do vírus.

Diz sentir-se triste, mas procura esquecer a tristeza, pois tem mesmo que "puxar esta Cadeia"... Ao sair pretende arranjar um emprego, se a sociedade me aceitar. Não quero nunca mais voltar para cá...

**Caso\_11:** J. I. A., 24 anos, masc., secundário completo, montador industrial, natural de Paulo Afonso-B.A., procedente de Minas Gerais, católico.

Não relaciona a sua entrada na criminalidade a conflitos familiares. Não sabe explicar como entrou. Iludimo-nos que as coisas são todas boas, e não é nada disto. É um meio de se adiantar na vida, de dar um passo à frente, de pôr a carroça na frente dos bois.

Comecei com dez para onze anos-era engraxate e cheguei a dormir na rua. Andava com más companhias..."Comecei a praticar pequenos furtos, a mexer nas coisas dos outros. Não deixava transparecer as coisas para minha mãe, pois ninguém em casa era desta forma. Acho que foi a droga que me fez proceder assim. Para esconder dos meus pais, não dormia mais em casa. A mãe ficava preocupada e saía pelas ruas a procurar-me; ela acabou-se por minha causa. Meu pai era pacífico demais-não falava nada: nem de bom, nem de ruim...

Está preso por Latrocínio e Homicídio. Mora com mais nove presos. Cada dia que passa a gente vai conhecendo mais as pessoas-a gente tem diálogo. Falamos da nossa família, porque é o que mais dá saudade...

Falamos da nossa infância...Tem gente que está há quase três anos comigo.Todos nós somos pessoas normais,como qualquer outro...Não é preciso ter medo.Não procuro cruzar o caminho de ninguém,e que ninguém cruze o meu também...

"Na Cadeia passo o tempo jogando bola,escrevendo cartas,assistindo televisão ou conversando com os companheiros.Aqui dentro é difícil encontrar amor...Gostaria de ter uma mulher,de ter uma família,de não me sentir sempre perseguido..."

Como não recebe visitas,tem relacionamentos homossexuais:"o ambiente fechado facilita aquela tensão;p'ra descarregar,na hora acontece..."

Caso\_\_12:W.F.J.;31 anos,masc.,primário completo,natural de Presidente Prudente-S.P.,procedente de Indaiatuba-S.P.,católico.

Relata que são em dezoito pessoas na família-vivem em paz.Os pais sempre se deram bem;ninguém tem vícios ou doença mental.Queixa-se de sua infância,pois teve necessidade de trabalhar muito cedo."De um lado acho que foi bom,porque aprendi muita coisa na roça;de outro,tirou todo o tempo para estudar e brincar..."

Acha que está preso injustamente,afirmando que o homem que foi morto em sua casa tinha a seguinte história:"um sujeito namorava a minha irmã,e era um ladrão.Cada dia aparecia em casa com um carro novo,trazendo com ele muitos amigos que dizia serem gente de bem:advogados,comerciantes bem sucedidos.Minha família e eu adquirimos confiança nele,pois pensávamos que fosse um bom sujeito.Certo dia ele estava em

nossa casa, e um bando de caras a invadiram querendo matá-lo. Eu sempre tive comigo uma arma, e quando vi tudo aquilo acontecendo saquei-a, para me defender. Pensei que os tais sujeitos fossem atirar em nós, e comecei a dar tiros neles. Um indivíduo morreu. Fomos todos levados presos, e na delegacia o namorado de minha irmã disse que eu havia matado o tal cara, que era cúmplice deles. Depois ele ficou com medo de mim, pensando que eu fosse matá-lo, e tentou se enforcar no xadrez. Como ele não conseguiu seu intento, foi transferido para o pavilhão de baixo. Lá, dormia com uma faca entre as pernas para me matar. Os colegas de cela dedaram-no. Ele ficou com medo que eu o matasse, e tentou novamente o suicídio, ateando fogo ao corpo. Ele queria matar meus dois colegas de cela, que me davam cobertura, para me enfraquecer e matar-me também. Como isto ficou difícil, ele ateou fogo ao corpo. Foi levado para a enfermaria, e lá se enforcou...

Sempre fui um cara de bem, trabalhador. Levei um único tiro, anos atrás, do pai de uma namorada, pois ele dizia que eu tinha feito mal p'ra ela..."

Mora sozinho numa cela, porque trabalha na faxina e não pode ter contato com os outros xadrezes. Não dorme bem, pois tem medo de ser assassinado-tem problemas demais na cabeça. "Aqui estou cercado... Tenho que me controlar para não esquentar minha cabeça. Já vi muitos colegas enlouquecerem aqui dentro, por tóxico, por medo e tristeza..." Depois que vim para cá perdi uma filha de dois anos. É muita coisa para mim... Tenho medo de ficar louco."

**Caso\_\_13:** J.C.L.F.; 26 anos, masc., secundário incompleto, sonoplasta, natural de Campinas, procedente de Campinas, católico.



Relata que ainda estava na barriga da mãe quando os pais se separaram: "minha mãe criou-me sozinho, sempre trabalhando, com muito sacrifício... Conheci meu pai aos seis anos de idade--foi um choque... Sempre pedia à mãe para conhecê-lo, mas ela negava. Dizia-me que tinha dificuldades para encontrá-lo. Depois que o conheci fiquei mais decepcionado ainda. Para mim era uma infelicidade grande saber que todos os garotos tinham pai, e eu não. Ia visitá-lo-a mãe levava-me, mas ele não era meu, e eu não podia ficar com ele..."

Criou-se mais pela rua, em companhia de drogados, tendo começado a fumar maconha muito criança. Aos vinte e cinco anos viciou-se em cocaína. Daí por diante começou a furtar, inclusive para manter o vício, que é caro.

Dorme na "gaiola" com quatorze pessoas. Atualmente está na enfermaria, porque pediu "seguro de vida". Aqui é uma tensão muito grande. Quando vem alguém de dentro da Cadeia para a enfermaria a gente não dorme direito, com medo que ele faça alguma coisa. Eles se fingem de doentes e se infiltram, para bater ou matar... O que mais marcou-me aqui foi a agressividade, a falta de humanidade com os outros. É uma coisa horrorosa, fora do normal. Esta greve de fome que estão fazendo é para abrir todos os xadrezes, catar as pessoas e judiar delas, batendo até morrer. Aqui é o verdadeiro inferno...

**Caso\_14:** M.C.T.; 21 anos, masc., colegial completo, ator de peças infantis, natural de Apucarana-P.R., procedente de São Paulo-Capital, católico.

Assassinou a namorada, que ele diz ter sido sua amante: "vivi um relacionamento de casado com ela, o que não deveria"... "Antes de cometer o crime consultei um parapsicólogo, que disse-me para pensar primeiro na minha vida profissional e depois na sentimental. Aconselhou-me a viver como namorado dela, mas eu fiz o contrário... Ela usava drogas, e forçou-me a voltar nos tóxicos (maconha e cocaína)."

Acha que o fato de não ter sido criado pelos pais verdadeiros influenciou a sua personalidade sensível. A mãe faleceu aos trinta e quatro anos, segundo ele, de injeção errada (Choque Anafilático?). Na época ele tinha dez meses. "O parapsicólogo disse que no fundo eu sentia falta da minha mãe. O que eu estava procurando era uma mãe verdadeira.

Ela mancava—tinha um problema na articulação. Não aceitava o seu defeito... Um dia, num barzinho, eu a chamei de manquinha, e ela mordeu-me no braço.

Eu a conheci numa danceteria—gostava de rock. Neste dia eu estava todo punk, de preto, e com o cabelo espetado. Ela procurava nos outros a beleza, e procurou isto também em mim. Ela não queria ficar com pessoas feias, mesmo que fossem boas de coração... Só queria ir a lugares onde houvessem pessoas bonitas. A minha profissão era importante para ela. Se eu tivesse percebido isto antes, nós não iríamos nos machucar. Tenho certeza que se eu falasse isto, ela não aceitaria. Gostava muito dela; queria que ficassemos juntos. Agora vejo que foi mais loucura que amor..."

Teve a primeira namorada aos dezesseis anos. Namorou antes desta, mais três moças, porém as relações não foram duráveis, e ele diz não tê-las valorizado.

Após ter assassinado a namorada, seis anos mais velha que ele, tentou o suicídio duas vezes: por enforcamento e injetando veneno de rato na veia.

Conta que após a morte da mãe o pai voltou a se casar. Passou a ser criado por uma tia, irmã da mãe. O pai bebia e raramente visitava-os. Tem mais uma irmã, também criada por esta tia, que não lhes deixou faltar nada. Lembra-se de muitas vezes ter disputado o colo do pai adotivo com os filhos deste - confessa que sentia muito ciúmes dele.

Está abrigado na enfermaria. "Lá estamos em vinte pessoas. A convivência é boa. Existe uma lei lá dentro: cada um sabe o seu lugar, cada um sabe que tem que ser gente, ser educado e higiênico. Cada um tem que respeitar o lugar do outro..."

Acha que o único caminho é Cristo. Diz-se anti-violência... "A cabeça é falha, embora em geral as pessoas confiem nela". Acha que a bíblia tem todos os conselhos, e que é só seguir o melhor. Existe preconceito de que na rua barbariza, e aqui dentro lê a bíblia. O importante é mostrar a gente mesmo que não é desta maneira.

Confessa sentir muito medo de ter relações homossexuais na Cadeia - se isto me ocorrer, minha cabeça vai girar a mil. Sinto-me protegido onde estou, mas se colocarem-me lá dentro não sei o que pode acontecer...

Diz ser ambicioso: gostaria de ter uma bela casa, um belo carro, ter bastante dinheiro para adquirir eletrodomésticos bons. Interessante salientar, que ele assassinou a namorada quando esta ameaçou abandoná-lo, com um utensílio doméstico, ou seja, com paneladas na cabeça até esfacelar-lhe o crânio.

**Caso\_15:** A. B. S., 27 anos, masc., secundário incompleto, desempregado, natural de Valinhos-S.P., procedente de Valinhos, católico.

Relata que sua infância "foi boa": brincava muito, morava em uma chácara-gostava de balançar-se nas árvores. Quando o pai bebia batia na mãe, e ele sentia muita vontade de bater nele. O pai era alcoolista; separou-se de sua mãe quando ele tinha doze anos. Era explosivo e espancava os filhos. Morreu de derrame cerebral há um ano e meio atrás. A mãe era calma e muito religiosa. Educou os filhos sozinha, com muito sacrifício, trabalhando na lavoura. O irmão mais velho, que ocupou o lugar do pai, era muito rígido, e "não dava dinheiro suficiente para que eles pudessem ter uma vida melhor"; bebia muito também.

Namorou bastante, e seu sonho sempre foi ter muitas mulheres. Nunca pensou cometer um ato como este. "Sempre considerei muito a virgindade"... Foi preso por ter estuprado duas moças.

Relata que antes de cometer este crime, estava muito chateado, porque fora despedido do trabalho. Com isto tinha mais tempo para andar em más companhias. Os dois crimes ocorreram em dias em que estava alcoolizado(SIC).

Está refugiado na enfermaria, onde coabitam mais vinte e cinco presos. No dia em que entrou apanhou muito. "Eles tiraram meu relógio, a minha roupa. Quando souberam que era estuprador foi pior... Queriam a minha camisa a qualquer custo, mas eu resisti e não dei porque ela é presente da minha mulher. Fiquei no meu canto chorando... Eles me proibem de conversar com os outros. Quando abro a boca eles acham que

estou falando demais...Já tentaram várias vezes manterem relações sexuais comigo, à força, no banheiro.Tenho medo de tomar banho e que me ocorra algo,por isto urino e evacuo na calça.Não tenho tomado banho de medo de tirar a roupa.Tenho receio de ir à galeria,e me matarem.Fico chocado com a forma como eles descrevem os crimes que praticaram.Parece que se orgulham do que fizeram de ruim."

Não está dormindo.Passa a noite numa cadeira,sentado,com medo de agressões físicas,inclusive sexuais:"O pessoal aí é muito louco- eles tiram tudo da gente...Quando não estou sentado,fico limpando e lavando as coisas deles.Eles falam que eu sou bonito,e que vão ter relações forçadas comigo.Falam que podem me matar se eu chamar o carcereiro.Quando bebem ou estão drogados, ficam piores...Não estou comendo, porque a fome sumiu...Não pensava que o inferno fosse aqui mesmo...O meu advogado disse que vai tentar me pôr num lugar melhor..."

**Caso 16;** 26 anos, masc., secundário completo, gráfico, natural de Campinas, procedente de Campinas, religião: Congregação Cristã do Brasil.

Antes de cometer o primeiro crime era gráfico e estava desempregado há mais de um ano.A situação financeira da família estava muito ruim.Achei que assaltando ganharia dinheiro mais facilmente e melhoraria minha condição.

Na segunda vez que roubei acho que me faltou apoio,faltou-me um serviço que me pagasse mais justo.

Está numa cela com mais dezessete pessoas. Participou da greve de fome- nela tomava água com sal. É horrível viver com dezessete pessoas-é como se eu vivesse trancado numa jaula. Em todos os aspectos é ruim... Não se tem liberdade; tem-se receio de brigas, de levar uma facada, principalmente quando se dorme... Para dormir bem é preciso estar muito cansado e aliviado. Este aliviado depende da convivência do dia-dia com os outros. Há falta completa de higiene. Há falta de ar para respirar. Há falta de espaço... No lugar em que estou não tem cama. Todos dormem no chão. Cada um tem seu colchão... Quando chega alguém novo a gente reparte o colchão, que é para o colega não dormir no chão frio. Às vezes acaba acontecendo isto. No frio faltam cobertores e a gente forra o colchão com lençol. Falta assistência jurídica na Cadeia: faltam advogados para os mais pobres- os primários poderiam ir embora mais rápido- aqui só ficam aprendendo coisas ruins. Eles aprendem facilmente como é o sistema de corrupção, e aí revoltam-se ainda mais e não se regeneram mais...

Caso\_12: M. G. ; 39 anos, masc., universitário completo, farmacêutico, natural de Fernandópolis-S.P., procedente de Campinas, católico

Acha que as dívidas o levaram a tráficar drogas. Comprou a farmácia e não tendo como saldar seus compromissos, começou a vender remédios sem ordem médica.

Esta é a sua terceira pena em prisão, e atribui o fato deste encarceramento a não ter mais dinheiro para dar aos policiais. "Eles

fizeram o depoimento que quiseram e eu tive que assinar. Isto é o que revolta a gente..."

Em 1985, após ter sido preso pela primeira vez, a sua vida desestruturou-se. Ao sair da prisão ficou com mais dívidas ainda, e reincidiu no crime. Ao conseguir reerguer-se achou que o crime não compensava e parou, porém os policiais não lhe davam sossego, e acabou sendo preso injustamente... (SIC)

Está na enfermaria com mais oito detentos. Acha que não tem inimigos na prisão. O problema é quando se está no pátio - ali não me dou bem, não... A qualquer hora pode-se ser pego à traição, sem motivo nenhum.

O que mais chama a sua atenção na prisão são os assaltantes, isto é, a maneira como eles contam que agem - a frieza deles...

**Caso\_18:** A.R.S.F., 34 anos, masc., secundário incompleto, pedreiro, natural de Teresina-Piauí, procedente de Campinas, sem religião.

O primeiro assalto foi aqui em Campinas. Acha que não tinha dificuldades financeiras para cometê-lo, pois tinha uma casa bem acabadinha, um carro, um terreno... Acha que foi **ambição** mesmo. Estava construindo um sobrado e queria terminá-lo logo. Com o dinheiro dos assaltos ajudou a família.

Relata que sua infância não foi das mais felizes: o pai era alcoolista e matou "um cara" quando ele tinha treze anos. O pai foi preso, porém diz não se lembrar como vivenciou este acontecimento. Conta que a mãe do pai também era alcoolista.

Mora com mais doze companheiros na cela. Referer ser muito difícil conviver com isto. Não adianta ficar nervoso, não adianta reclamar... O negócio é tirar na boa para poder ir embora... Um procura respeitar o outro - não há brigas. Tem cama para dez - um dorme de valete. Eles se entendem porque se conhecem da rua ou são parentes... No meu xadrez todo mundo é igual.

**Caso\_19:** R.G.; 34 anos, masc., secundário completo, comerciante, natural de Sorocaba-S.P., procedente de Salto de Pirapora-S.P., sem religião.

A primeira infração foi uma falsificação de documentos: recibos de bancos, assinaturas, etc. Sempre teve habilidades para falsificar assinaturas... Nesta época estava com falta de dinheiro, e atribui sua entrada na criminalidade à muita ambição.

Diz ter tido uma infância com muitas carências: "tinha vontade de ganhar presentes no Natal, de comer doces ou alguma comida melhor, e não podíamos... Presenciei muitas brigas entre os meus pais, por causa de dinheiro e falta das coisas para comer... Comecei a trabalhar muito cedo, mas sempre com a ambição de subir na vida."

O pai era alcoolista, e está diabético atualmente. Judiava muito da mãe. Ele traiu-a muito quando eu era menino.

Mora sozinho na cela. Quando chegou, morava com mais doze. "Fui pegando amizades e conhecimentos, e atualmente jogo no time de futebol da Cadeia. Cortava o cabelo dos colegas, e por ter um pouco de estudos



arranjei um trabalho melhor. Quero sair o mais rápido possível daqui..."

"Nunca tive medo da Cadeia. Em conversas com outros tive orientações de como comportar-me para viver melhor entre os bandidos. Aprendi que não se pode ser bobo demais, e esperto demais também... Na Cadeia há situações em que se é obrigado a ser agressivo; não se deve mostrar medo, porque senão vira Maria-vai-com-as-outras. Adaptei-me com o ritmo daqui..."

Quando a mulher vem visitá-lo faz planos para quando sair. Quer trabalhar como comerciante, em seus negócios. Quer cuidar de seu salão, "daquilo que é seu"... Quer fazer um clube na cidade, e pretende investir em muito divertimento...

Acha importante que a família esteja unida e próxima, principalmente para olhar a sua mulher, evitando que ela cometa um erro moral...

**Caso\_\_20:** M.C.; 42 anos, masc., analfabeto, lavrador, natural de Apucarama-S.P., procedente de Campinas, sem religião.

Foi criado por pais adotivos—os pais verdadeiros abandonaram os filhos por motivos que ele desconhece, deixando-os no Juizado de Menores. O juiz delegou-o a uma família, que cuidou dele até os quatorze anos. Conta que era muito judiado, que batiam e castigavam sem motivo. Fugiu de casa meses após, e "saiu pelo mundo"... Trabalhou em sítios e fazendas. Nunca mais soube notícias dos irmãos.

Após trabalhar oito anos numa fazenda arrumou uma namorada, com quem se casou. Tem cinco filhos.

Acha que entrou para o crime pelas dificuldades econômicas e por ser analfabeto: "estava desempregado, não tinha o que dar aos meus para comer. A solução foi roubar, pois não arranjava serviço." Morava numa favela, e lá conheci maus elementos. Achei que ser como eles me tiraria daquela situação—comecei a roubar". A bebida colaborou, pois comecei a me embriagar diariamente—bebia uma garrafa de pinga ao dia. Isto me fazia virar outra pessoa—ficava corajoso.

"...não tive pai, não tive mãe, não tive infância... Muitas vezes as pessoas me perguntam os nomes de meus pais e eu não sei o que dizer..."

Mora com mais oito detentos na cela. Eles cuidam da limpeza num sistema de rodízio. Sempre é o mais velho de Cadeia quem manda mais. "Quando cheguei tinha medo, principalmente de morrer aí dentro, sem saber por que. Depois fui acostumando-me e hoje consigo dormir melhor".

**Caso\_21:** C.L.S., 26 anos, masc., primário incompleto, operador de máquinas, natural de Paraquacú Paulista-S.P., procedente de Campinas, católico.

Não associa a sua entrada para a criminalidade a nenhum fato em particular. Diz ter tido uma infância feliz, e que os pais davam-se bem. Foi criado na roça até os doze anos—brincava muito. Depois veio trabalhar e morar na cidade. Relata que o pai foi assassinado quando

tinha sete anos. Ele levou uma facada numa briga de rua, porém não entra em pormenores sobre esta ocorrência. A mãe morreu de derrame cerebral, em 1984.

Conta que ao vir para a cidade enturmou-se com outros rapazes. Em 1985 começou a roubar.

Mora com mais oito presos na cela, vivendo em harmonia. Mantém-se reservado em relação a sua vida dentro e fora da prisão. Não insisti em prolongar nossa conversa.

**Caso\_22:** R.A.D., 33 anos, masc., primário completo, torneiro mecânico, natural de Campinas, procedente de Campinas, católico.

Acha que a situação financeira levou-o a roubar: "estava desempregado, queria ter dinheiro, melhorar de vida, e pratiquei este assalto..."

Os pais viviam bem, não brigavam muito. O pai era trabalhador, não tinha vícios; a mãe era calma, dava muito carinho aos filhos. Tem dez irmãos e apenas um é alcoolista.

Mora com outros dez detentos. Quando há desavenças "a gente arruma outro lugar para o briguento morar. Evita falar sobre o que se passa na prisão ou em sua cela.

**Caso\_23:** C.R.B., 33 anos, masc., primário completo, pintor de paredes, natural de Amparo-S.P., procedente de Campinas-S.P., católico.

Diz que os pais eram bons, que se dava bem com eles... "Não haviam problemas, embora relate que o pai era alcoolista desde que ele se entende por gente..." Apanhava muito na infância, porque era "levado". Andava em más companhias, chegava tarde em casa... Saiu de casa aos deztoito anos para se amasiar. Viveu com algumas mulheres, e ao acabar o relacionamento voltava sempre para a casa dos pais. O pai é vivo, tem noventa anos, e atualmente não bebe mais, porque teve derrame. A mãe é calma—sempre foi paciente com o marido e filhos. Um dos irmãos mais novos é alcoolista também.

Aos doze anos começou a usar drogas, e se diz viciado em maco-nha, "picada" e "bolinha"...

Mora com mais sete pessoas na cela. Nunca teve medo—acha "seu barraco" tranquilo. Cada um tem sua cama, limpam todos os dias o local. Gostam de higiene, conversam, trocam idéias... Recebe semanalmente a com-panheira para terem relacionamento sexual. O que mais chama sua atenção na cela é ver um colega violentando sexualmente o outro. O que mais gosta é a solidariedade, isto é, receber bem um colega novo e explicar para ele o que se passa, como ele deve se comportar, etc.

**Caso\_24:** J.B.O., 23 anos, masc., primário completo, coletor de li-xo, natural de Paranaguá—P.R., procedente de Campinas, católico.

Relata que o pai sempre foi uma pessoa descabeçada, descontro-lada, que sempre deixou faltar tudo em casa. Ele brigava muito com minha mãe, batia nela, deixava atrasar todas as contas... O pai bebia e eu que—

ria as coisas e não podia ter. Nos dias de pagamento ele vinha bêbedo e com os bolsos rasgados e sem dinheiro. Entrei nas drogas por ver outros como eu usando-as. Decidi experimentar e não saí mais. Comecei a roubar, porque tinha necessidade de coisas em casa para comer. Iniciei com furtos em casa de gente rica.

Está numa cela com mais oito detentos. A convivência é boa. Sente-se bem ali. Sente medo, pois ao mesmo tempo em que confia, desconfia... Sente-se um pouco mais tranquilo quando pensa que não deve nada a ninguém.

O que mais chama sua atenção na Cadeia é ver, como ontem, no meio do pátio, um grupo de presos matar alguém sozinho, indefeso... Muitas vezes o que está furando nem sabe por que está fazendo aquilo. Penso que estava bem na rua, com meu trabalho—nunca tinha visto isto... Agora estou aqui, no meio deste sofrimento...

**Caso\_\_25:** 45 anos, masc., primário completo, ferroviário, natural de Mairinqui-S.P., procedente de Osasco-S.P., católico.

A infância foi muito sofrida, pois os pais brigavam muito. O pai era alcoolista e batia na esposa e filhos. Não deixava faltar as coisas materiais, mas pensava que a vida resumia-se em chutes e pontapés. Quando tinha três anos o pai tentou me matar—ele me juntou e tentou afogar-me no tanque. Quando tinha quatro anos a mãe se separou. Como ela não podia sustentar a gente, nos pôs no orfanato. Ficou neste local até os onze anos, e lá não recebia visitas. "Se a gente interna alguém, e

não visita, a gente vira um peso pro colégio"...Sentia-se um peso para o orfanato.

Depois que saiu deste "colégio" voltou a ser criado pela mãe. Esta melhorou de situação e passou a cuidar dos filhos. O pai morreu quando o presidiário tinha dez anos. A mãe morreu no ano passado.

Vive com mais nove companheiros na cela. Dá-se bem com todos. Repartimos tudo o que vem de bom...Tenho medo de ser agredido, apesar de não ter problemas com ninguém. Quando houve aquelas mortes passei a não dormir bem- ficava pensando e imaginando a razão de uma destruição destas...Os próprios colegas se matando...Eu sou contra isto...

**Caso\_\_26:** C.G.G., 20 anos, masc., primário completo, ajudante de cozinha, natural de Minas Gerais, procedente de Goiás, religião: testemunha de Jeová.

O pai faleceu em 1981, quando o presidiário tinha quatorze anos. Na infância o pai bebia muito e brigava com a mãe... "Sempre fui um menino tímido, que conversava pouco; não tinha amigos, não brincava com outras crianças". Aos sete anos começou a trabalhar; não tinha tempo para brincar- quase não saía de casa.

Morava num bairro onde havia muita gente desocupada. Na adolescência andava com indivíduos que usavam drogas. Quis experimentá-las, e a partir dos dezoito anos tornou-se um viciado.

Começou a roubar, porque queria comprar um caminhão. Atribui suas atitudes criminais à ambição.

Vive com mais doze companheiros na cela. Sente-se muito triste e tem receios de muitas coisas. Não aprecia a conversa dos colegas: "eles ficam zoando a gente..." Eu fico muito quieto, e daí eles me atacam. O que mais chama a sua atenção na cela é a pederastia. Sente-se fraco em relação a isto. Ver outros presidiários agredindo fisicamente e moralmente os companheiros, aborrece-o muito.

**Caso 22:** A.L., 38 anos, masc., analfabeto, lavrador, natural de Campo Mourão-P.R., procedente de Indaiatuba-S.P., católico.

Minha infância foi trabalhando. À tarde, quando chegava do serviço, brincava com meus irmãos. O pai bebia, mas não era agressivo com a mulher e os filhos. Viveu no campo e conheceu a esposa numa fazenda, onde plantava algodão. Ela foi trabalhar lá, e logo se amasiaram. Os seus pais separaram-se quando ele tinha 28 anos, e desde então passou a ser o chefe da família.

No início do casamento ia tudo bem, mas depois ela começou a relaxar. Ia em casa de mulher da vida e em bailes de putaria... Foi aí que a deixei e voltei para a casa de minha mãe, no Paraná. Ela foi atrás de mim e pediu para eu voltar. Quando cedi vi que ela ainda andava com o outro. Fui morar numa pensão, mas ela não me dava sossego - vivia perturbando. Perdi a cabeça e fiz o serviço... Matei-a com várias facadas, na frente dos filhos dela. Diz-se muito arrependido do que fez, pois a gente não deve tirar a vida de ninguém - ela estava procurando pôr a gente na cadeia.

Acha-se muito bom de coração, dizendo que é por isto que muitas vezes a gente cai num lugar destes...

Mora com mais onze companheiros na cela. Se dá bem com todos - está num xadrez bom. Procura manter reservas sobre o que presenciar na prisão. Decidi respeitar sua vontade de nada falar a este respeito.

**Caso\_28:** J.B.A., 27 anos, masc., primário completo, soldador, natural de Limeira-S.P., procedente de Cosmópolis-S.P., católico.

Sua infância não foi das mais felizes. O pai bebia muito ("morreu de tanto beber") e brigava muito com a mãe.

Começou a trabalhar muito cedo para ajudar a família. Gostava de ter empregos variados para aprender de tudo um pouco.

Sempre foi muito apegado à mãe e sentia muita raiva em ver o pai embriagado. Começou a beber aos dezessete anos, e aos dezenove viciou-se em maconha e cocaína, para ficar mais alegre. Sempre teve problemas de insônia.

Quando deu entrada nesta Cadeia estava num quadro de Delirium Tremens, por uso crônico de álcool. "Disseram que eu, no Delirium, erguia os colchões dos companheiros para procurar coisas. Os outros presos bateram tanto em mim, que fracturei a costela e a mandíbula. Não consigo mais comer coisas sólidas, porque após seis cirurgias não mastigo mais, pelas dores...

Mora com mais dezoito pessoas na enfermaria. Sente medo, pois se houver alguma confusão pode levar uma batida no rosto... Faltam re-



médicos na Cadeia, e quando tem dor sofre muito. Por falta de antibióticos sua cirurgia complicou. Os banheiros, mesmo quando tentam limpá-los, são muito sujos e infectados. Há fases em que ficamos na enfermaria com mais de cinquenta pessoas, e a gente não tem espaço nem para se mexer. Um dorme por cima do outro.

O que mais chama sua atenção na prisão, é quando ocorre uma morte—é triste todos estarem num mesmo barco, e um matando o outro...

**Caso\_\_22:** H.B.R., 31 anos, masc., secundário incompleto, promotor de vendas, natural de São Paulo-Capital, procedente de Campinas, sem religião.

Lembra-se da prisão de seu pai, na infância, por brigas com vizinhos. "Ele era violento e batia na mulher e filhos. Na época eu era pequeno, mas criança grava as coisas..."

"A família de minha mãe não queria o casamento com o meu pai, e por isto ignorava a gente".

"Sempre fui um solitário, pois nunca tive sorte com amigos. Aos dezoito anos comecei a usar maconha". Acha que o que colaborou para sua entrada na criminalidade foram as más companhias. "Atualmente penso que não preciso tirar nada de ninguém, para ganhar o meu dinheiro". Acha que os pais têm que orientar os filhos para as necessidades básicas da vida—isto faltou na minha...

Está na enfermaria, com mais dezoito presos. Pediu seguro ao juiz para permanecer onde está, pois foi "jurado de morte" no pátio. A

lei na prisão é dura-vale pra eles quem é laranja, quem faz o que eles querem, quem apunhala pelas costas. Não queria sair do barraco, mas fui obrigado, senão eles me matariam pelo que não fiz... Tem medo de ser morto à traição.

**Caso\_30:** P.B., 35 anos, masc., primário completo, comerciante, natural de Artur Nogueira-S.P., procedente de Artur Nogueira-S.P., católico.

Foi criado na roça, começando a trabalhar desde criança. Não tive infância, não brinquei, sempre trabalhei... Ao sair da escola tinha que estar em casa dentro de meia hora, senão apanhava. Os pais eram ser- veros, mas muito honestos.

Sempre foi muito ambicioso e queria sempre mais. Foi preso como interceptador de mercadorias roubadas, embora negue as acusações. A última ambição que tinha era trocar os caminhões velhos por outros novos. Tem uma frota de cinco caminhões...

Conta que aos dezoito anos teve uma congestão, ao comer banana e abacaxi. A partir de então começou a ter problemas gástricos-tudo fazia mal. Tem úlcera duodenal-toma plasil enzimático e Lexotan de 6 mg. Quase não se alimenta aqui, pois passa muito mal do estômago. Se não tomar o calmante não dorme à noite.

Casou-se aos dezenove anos. Sua primeira esposa é doente mental-vive mais internada em sanatórios do que em casa. "Casei enganado pelo pai dela, que sempre me escondeu que ela era doente... Há dois anos está amasiado, e diz viver bem com sua segunda companheira."

Relata ter muita vergonha de voltar à sua cidade. Penso em vender meus caminhões e fugir de lá. Tenho vergonha até de meus próprios filhos.

Está na enfermaria com mais quatorze pessoas. Tem muito medo da Cadeia, pois os presos só falam em bater: se alguém passa perto deles sem lavar as mãos, eles ficam bravos; se alguém faz um ruído eles se irritam... Preciso muito de um médico, de um hospital, pois não consigo alimentar-me direito, não consigo dormir. Preciso tomar um soro, umas vitaminas... Estou muito fraco. Não dá para comer quase nada. Eles não querem que mexam nas bolachas com as mãos sujas. Tenho medo de pessoas desconhecidas, de que eles venham matar a gente dormindo, das violências sexuais. Aqui não é lugar de homens—é lugar de machões... Eles só falam em matar, em vingança contra os que os puseram aqui. Penso que neste lugar posso ficar louco...

**Caso\_31:** M.E.C., 22 anos, masc., colegial incompleto, vendedor de revistas e jornais, natural de Salto-S.P., procedente de Salto-S.P., católico.

Até os dezoito anos acha que viveu como qualquer adolescente de sua idade. Os pais discutiam bastante, mas "não era nada pesado"... A mãe dava mais atenção a ele do que às irmãs, e elas sentiam muito ciúmes. "Certo dia apareceu lá em casa um colega de uma delas, que fumava maconha. Ele foi pego pela polícia, e acabou preso. Aí meus pais o proibiram de voltar à nossa casa. A partir daí surgiu a curiosidade... Quan-

do meu pai deu-me um carro,comecei a ir a lugares onde fumavam.No início,principalmente quando comecei com a cocaína,sentia-me muito arrependido,mas depois tudo tornou-se normal,tanto quanto entrar num bar e tomar cerveja..."

"Comecei a assaltar numa época em que sentia necessidade de cocaína-usava-a com frequência.Surgiram dificuldades pra comprar,e em virtude disto passei a assaltar com amigos também viciados.Se não fosse a droga não teria entrado nessa,pois antes tinha dinheiro na poupança,tinha casa e terrenos que meu pai e eu adquirimos com trabalho."

Acha-se alguém de coração bom-"se eu puder ajudar alguém eu ajudo".Tenho lido livros espíritas-eles ajudam a colocar as coisas materiais em segundo plano...Acha-se mais alegre do que triste,e não gosta de quem só reclama da vida.

Mora sozinho há dez dias.Antes estava com mais doze companheiros,e não havia espaço nem para andar.

O que mais o desagrada na prisão é ver um matando o outro.

**Caso\_32:** J.R.V.A.,21 anos,masc.,primário completo,vendedor de bolachas,natural de Campinas,procedente de Campinas,sem religião.

Teve uma infância problemática,cujo pai alcoolista batia na esposa e filhos.A mãe é epiléptica,assim como o irmão caçula.

Começou a trabalhar aos treze anos,fazendo entregas num bar.

Está preso por tentativa de homicídio,justificando esta atitude como legítima defesa,pois o rapaz por ele esfaqueado tentou agredí-lo primeiro.

Está na enfermaria com mais dezesseis presos. Foi para lá após passar alguns meses em uma cela: "um cara queria tirar um ferro da grade e eu disse-lhe para não fazer isto. Ele começou a insultar-me, ofender minha família. Conteí para o meu pai, que pediu ao Juiz para me livrar de lá, pois este rapaz é muito violento...

Sente-se mais protegido na enfermaria-ela é mais calma e mais comprida. O xadrez é menor e eu não podia movimentar-me-tinha medo de morrer lá dentro...

**Caso\_33:** F.R.G., 27 anos, masc., colegial completo, comerciante, natural de Araraquara-S.P., procedente de Sorocaba-S.P., católico.

Não estabelece nenhum fator desencadeante para traficar e ser usuário de drogas.

Relata que a família é bem constituída afetiva e economicamente-os pais até superprotegeram-no, dando-lhe tudo o que desejava. Eles não tinham vícios, nem mesmo o de fumar e, raramente brigavam. A mãe comandava a casa-era bastante irritadiça e exigente.

Experimentou drogas com dezessete anos, porém não se julga viciado e dependente. Acha que as drogas acalmam-no, relaxam-no, principalmente quando se encontra tenso. Usava-as comumente, à noite. Admite gostar de fumar cigarros de maconha.

Está numa cela com mais duas pessoas, residindo ao lado da enfermaria. Sente-se seguro onde está.

Comenta que acha a prisão um lugar "reprimente": existe de tudo aqui dentro. As pessoas e o lugar são "reprimentes"...

Na maior parte de seu tempo lê, conversa com os colegas para sentir o tempo passar mais rápido. Ao sair pretende continuar sua vida normalmente.

**Caso\_34:** C.A.M., 23 anos, masc., secundário incompleto, vendedor, natural de Valparaíso-S.P., procedente de Campinas, católico.

Relata que sua infância não foi das piores. O pai sempre trabalhou muito, e ensinava bons princípios aos filhos. É rígido, porém nunca foi de espancá-los. Parou de estudar aos doze anos, porque queria trabalhar. Seu primeiro emprego foi de empacotador e carregador de carrinhos em um supermercado da cidade.

Aos quatorze anos dirigia o carro do pai. Não quis mais saber de ir à escola. Tentou voltar aos quinze anos, frequentando a quinta série durante meio ano. "Era um capeta, e foi convidado a retirar-se desta..."

Aos dezenove anos casou-se contra a vontade dos pais. Foi morar numa casa de fundos, onde pagava seu aluguel. Passou momentos financeiros difíceis e precisou voltar à casa paterna, durante cinco a seis meses-depois foi cuidar de sua vida sozinho... Como as condições tornaram-se cada vez piores retornou, definitivamente, à casa dos pais.

Desiludido com as suas condições financeiras começou a andar em companhia de amigos do tempo de solteiro, que o chamavam para

fazer "bicos": buscar material de construção. Estes amigos eram arrombadores de casas e começaram a aparecer com televisores, video-cassetes, móveis, etc. Aceitou participar do bando... Quando um deles foi preso, foi denunciado como cúmplice.

Sua segunda prisão foi por porte ilegal de armas: estava com cinco revólveres no carro, e pretendia vendê-los no Cambuí.

Mora com mais vinte e sete pessoas na enfermaria. Refere não temer a prisão, porém diz ver muita gente se desesperar. Há pessoas que se desesperam completamente. Dá um cinco minutos nelas, e elas se desfiguram totalmente. Aqui muitas vezes um detento espanca o outro, obriga-o a manter relações sexuais com ele. Há um presidiário paralítico, em cadeira de rodas, que está fedendo, porque ninguém dá banho nele. Ele faz as necessidades nas calças...

**Caso\_35:** J. D. L., 37 anos, masc., primário incompleto, natural de São Caetano do Sul-S.P., procedente de São Paulo-S.P., sem religião.

Conta que os pais se separaram quando tinha oito anos. É o segundo filho de uma prole de cinco. Enquanto a mãe trabalhava, cuidava dos irmãos menores. Muitas vezes faltava da escola para cumprir esta tarefa. A irmã mais velha (com doze anos na época da separação) trabalhava como empregada numa casa de família. O pai separou-se da mãe para morar com outra mulher. Não soube mais notícias dele.

Aos onze anos cometeu o primeiro furto. Acha que começou na criminalidade por andar solto demais na rua. Iniciou roubando doces, bolachas, etc.

Está preso por latrocínio. Mora numa cela com mais dez pessoas. Aqui dentro nós temos que ser uma família... Não pegamos qualquer um para pôr na cela. Não queremos arranjar encrencas com quem já vem da rua com elas—zelamos para ter um ambiente bom. Se vem um cara legal ensinamos tudo pra ele... Damo-nos muito bem, graças a Deus. Cada dia é um quem faz a limpeza. Eu sou um dos mais velhos do xadrez.

Acha que nada mais lhe choca ou chama-lhe a atenção na prisão—diz-se acostumado... Já passei anos na Casa de Detenção, em São Paulo, e sei muito bem como as coisas são... Lá fora conversamos com qualquer pessoa—aqui dentro temos que medir bem as palavras e conversar pouco. Aqui não podemos falar muito—só podemos falar o que é certo, o que temos muita certeza. Não podemos ser desesperados na Cadeia. Não podemos levar desespero para as outras pessoas... Temos que tratar bem a todos para irmos embora numa boa, pois senão não saímos jamais...

Faz três meses que não recebe visitas. A família mora muito longe e muitas vezes quando chega, não consegue entrar, pois já passou da hora...

Caso 36: R. S., 21 anos, masc., primário incompleto, pintor e servente de pedreiro, natural de Cachoeira Dourada-Goiás, procedente de Campinas, católico.

A mãe separou-se do pai quando o presidiário tinha doze anos, pois o mesmo bebia muito e a espancava demais. Após a separação nunca mais viu o pai.



Desde os três anos recorda-se de ver a mãe trabalhando como empregada doméstica para sustentar a família-por este motivo nós mesmos cuidavamos de nós...A maior parte do tempo brincava com a molecada, na rua.

O Irmão mais velho(três anos a mais que o detento) foi preso em 1983 por "arrombar uma menina de menor"...Em 1985 cometeu seu primeiro crime,assaltando uma residência com outros rapazes de seu bairro. Já neste primeiro assalto foi preso.Ficou dois anos e meio na Cadeia.

Atualmente está condenado por latrocínio há mais de trinta anos.Hora com mais onze indivíduos numa cela:um respeita o outro.Não dorme bem,porque fica pensando no tempo de cadeia que tem "que punxar"...

**Caso\_\_3Z:** O.S., 35 anos, masc., analfabeto, pedreiro e fundidor, natural de Bocaiúva do Sul-P.R., procedente de Mogi-Mirim-S.P., católico.

Não teve uma infância feliz.Os pais brigavam muito,devido o alcoolismo e agressividade do pai.Aos doze anos fugiu de casa.Dormiu nas estradas,trabalhou de peão-criou-se pelo mundo...Foi para o Paraná trabalhar numa fazenda,na colheita de arroz e feijão.O patrão dava moradia e alimentação.Dormia num paiol de milho,residindo ali durante uns oito anos.Após este tempo voltou à casa da mãe,porém eram constantes os atritos com o irmão mais velho.Ficou só oito meses neste local, até decidir voltar a trabalhar em fazenda.Neste tempo nem tinha docu-

mentos...Em 1985 foi para São Paulo,onde trabalhou por cinco meses.De lá seguiu para Ourinhos-S.P.,onde foi "bóia-fria ".De Ourinhos resolveu procurar novamente a família,porque sentia saudades.A família recusou-se a recebê-lo para morar juntos,sob a alegação que o dono da fazenda não aceitava mais ninguém por lá.

Foi morar em Mogi-Mirim,e nesta cidade conheceu uma moça,com quem se amasiou.Ela bebia muito,e vivia enchendo sua cabeça contra um de seus ex-amantes,que ela dizia não lhe pagar a pensão do filho.Foi querer tirar satisfações com este homem quando ambos estavam embriagados.No dia do crime o detento portava um revólver,que ele diz pertencer ao irmão mais velho,e no calor da discussão acabou atirando no velho.Acha que se iludiu demais com a companheira,que é uma prostituta,e por esta razão acabou cometendo o crime.

Diz estar passando fome na prisão(SIC)...Denota trejeitos efeminados,embora negue relações homossexuais.Não tem dinheiro para pagar um advogado.É o irmão mais velho quem paga um,a prestações,pois do contrário tem receio de morrer aqui-de fome ou doença...

Está na enfermaria com mais trinta e quatro presos.Não tem medo dos outros detentos,porque Deus o protege:fico no meu lugar,e não agrido ninguém...Chamo a todos de senhor,cubro os outros com meu cobertor,divido as coisas que tenho...A gente colabora para poder sair desta fase ruim.A gente evita o máximo-até se eu tomar um tapa na cara fico quieto...Evito de alguém querer implicar comigo e me matar.Fico no meu canto deitado,até quando Deus quiser,até chegar minha hora.

Tenho receio de perder minha vida aqui—não quero morrer, não quero brigar, quero vencer esta batalha. Há dias que penso estar no fim de minha vida. Ou é Deus, ou é nada...

**Caso\_38:** A.R.L.O., 33 anos, masc., secundário incompleto, encanador e eletricista, natural de Campinas, procedente de Campinas, católico.

Os pais se separaram, após muitas brigas, quando o presidiário tinha dois anos e meio. A avó paterna ficou com a guarda dos netos. "Quando eu tinha três anos a mãe foi embora com outro homem... Só voltei a vê-la na morte de meu pai, aos nove anos. Apanhava da avó, porque brigava muito com os irmãos. Achava-se o mais criticado, o mais injustiçado... Aos treze anos começou a usar maconha. Foi viciando-se em drogas, principalmente cocaína.

Acha que o advogado está enrolando-o: "ele vem aqui e diz não ter o que me dizer. Gostaria de ir para um presídio melhor, onde pudesse trabalhar. Não sou bandido não... Meu problema é ser viciado, e eu preciso de tratamento."

Está na enfermaria com mais trinta e cinco pessoas. "Está difícil demais, pois tem muita gente. Lá não entra sol, não entra vento. Tudo quanto é doente eles vão enfiando lá. Há pessoas que não tomam banho há mais de quinze dias. Não se tem um espaço certo pra gente... O ar tem cheiro de mofo. O meu único medo é ficar doente. Nesta Cadeia vejo tudo negativo... As condições são péssimas."

**Caso\_39:** M.B., 21 anos, masc., secundário incompleto, pedreiro, natural de Santo Antonio de Posse-S.P., procedente de Santo Antonio de Posse, católico.

Diz ter tido uma família sadia, unida. Acha que as más companhias o levaram ao crime. "Tudo começou com um colega, que me convidou a ir para Minas Gerais. Fui para lá e não conseguia emprego. Ele insistiu para que começássemos a roubar. Entrei nesta... Fiquei um mês em Minas e me mandei de volta para a casa de meus pais. Não vi mais o tal sujeito. No segundo roubo estava desempregado—achei que a saída era voltar a assaltar..."

Ao chegar à Cadeia foi posto na enfermaria, e após, transferido para um xadrez. Neste, ficaram em quatorze. "Sofri violências sexuais das mais humilhantes, e isto atrapalhou definitivamente a minha vida. Não são todos os que participam—uns só debocham, outros começam a pôr apelidos, a nos chingar... Mexem com a mãe da gente, com a irmã... Falavam que eu seria a mulherzinha da Cadeia e não me deixavam dormir direito, pois passavam a mão pelo meu corpo à noite toda. Comia no xadrez... Há dois dias voltei para a enfermaria. Lá sinto-me melhor. Minha família trouxe-me um acolchoado para eu não dormir no chão, mas quando transferiram-me para cá, não me deixaram carregá-lo. Estou dormindo no cimento, em cima de uma manta que trouxe de casa. Uma parte dela me cobre... Sinto tristeza, desgosto, vontade de sair correndo daqui..."

**Caso\_40:** F.V.P., 38 anos, masc., primário completo, natural de Palmeiras-M.G., procedente de Mogi-Mirim-S.P., católico.

Acha que o desemprego colaborou para ele roubar. "Procurava emprego e não achava. Estava sem dinheiro até para comer. Nunca tive o vício de mexer nas coisas dos outros. Os meus roubos foram em momentos ruins... Estou aqui pensando e pagando pelos meus erros. Meus pais foram muito bons—às vezes brigavam, mas era coisa normal. Eles sempre cuidaram bem da gente, e nos deram boa formação."

Está num xadrez com mais dezenove pessoas. "Moro este tempo todo lá e nunca encrenquei com ninguém. Quando alguém fala alguma coisa eu fico quieto—não respondo, para não ter prejuízo... Procuro controlar-me. Penso primeiro para dar uma resposta, e aí a coisa já passou, o indivíduo até já foi embora... No começo entrei muito cismado; depois a gente vai conhecendo as pessoas, e vê que eles são gente como a gente. Eu não sou melhor do que ninguém..."

O que mais chama sua atenção na Cadeia são as encrencas—não gosto de brigas, de discussões. Procuro fugir disto, procuro apaziguar...

**Caso\_41:** C.A.M., 26 anos, masc., secundário incompleto, guarda-vigilante municipal, natural de Campinas, procedente de Campinas, católico.

Não sei nada da minha infância—na pobreza não existe conversa sobre isto, minha senhora... Eles começam a fazer fileira de filhos, mas ninguém sabe deles. O pobre não tem condições de tratar de um só filho. Para um filho entrar na faculdade precisa de muito dinheiro... Eles vão ser todos escravos dos outros. O governo deveria impor aos pobres, um filho só.

Ri muito quando lhe pergunto sobre crises de birra e caprichos alimentares na infância. Reafirma que pobre não tem disso não. Acha que os pais não lhe deram nada de bom. Teve uma crise convulsiva aos dezessete anos. Não sabe caracterizar bem como foi esta crise. Refere-se a ela como tendo sido um desmaio. Fez um eletroencefalograma, e os médicos disseram-lhe que era **epiléptico** (SIC).

Matou o próprio irmão, com quem não tinha um bom relacionamento. Relata que este era um drogado, tendo sido preso com mais de um quilo de maconha. Brigaram, pois este mandou-o embora da casa dos pais. Discutiram, entraram em luta corporal, e o entrevistado puxou uma faca: queria acabar com ele mesmo... Vivíamos brigando, e aguentei-o seis anos dando problemas em casa.

Após o crime apresentou-se ao delegado. Foi solto uma semana depois. Procurou a família, arrebatando a porta com chutes, porque o receberam por uma janelinha... "Chamaram a polícia e o delegado me destratou, porque eu estava mal vestido. Fiquei um dia preso, e após sair da prisão procurei uma tia, que mora na praia azul. Ela aconselhou-me a procurar um médico. Foi o que fiz... Ele deu-me uma guia de internação para um hospital psiquiátrico. No hospital o médico impregnou-me e chamou a polícia. Trouxeram-me para cá, e colocaram-me na galeria. Eles me bateram tanto, que quase me destruíram..."

Relata já ter tomado Gardenal e Epelin, por vários meses. Acha que estes remédios quase o mataram. Procurou um Centro de Saúde em Paulínia, onde lhe receitaram Haldol, Amplictil e Akineton Retard. Melhorou com este tratamento. Fez psicoterapia durante cinco anos. Tinha dezoito anos quando começou a se tratar.

O pai era alcoolista, e a mãe, segundo ele, só sabia chorar num canto. Tinha vontade de pegar um trinta e oito e estourar os miolos do pai. A família era extremamente conturbada. Devido o seu nervosismo foi várias vezes internado em hospitais psiquiátricos. "Neles o inferno era pior do que em casa". No hospital Santa Isabel agitou-se tanto, que quebrou tudo. Acha que os psiquiatras só querem sedar os pacientes, e que nunca estão a fim de curar ninguém... "tenho vontade de tacar a mão na cara dos psiquiatras, mas se eu fizer isto, vou me tornar um leão da meia noite (faz alusão à sedação medicamentosa). Acha que o calmante só deixa a pessoa mais enlouquecida. "Quanto mais nervosa a pessoa está mais calmante eles dão... Tinha vontade de chamar os psiquiatras de burros e bestas... Por isto afastei-me deles."

Digo-lhe que está muito nervoso. Ele responde-me que é um escravo aqui, porque tem que lavar a louca, limpar banheiro fedido, como se fosse um empregado qualquer... (muda de cor, de tanta agitação)

Mora numa cela com mais quinze detentos: troco diálogo com eles com muito cuidado, pois ladrão é só ladrão... Estou passando aí por bandido. Para a polícia sou um ladrão; para os presos sou um polícia, porque era vigilante. Sou escravo deles... Quando entrei aqui eles quase mataram-me de tanto bater. Estou na ala superior-se eu descer eles me matam... Eu me mato se ficar aqui-suicido-me. Tem muita mula aqui dentro. Vai que eu perca a paciência e estoure a cabeça de um deles? Para eu ficar, só se fechar a cadeia para mim. Aqui há muita tentação. A cabeça da gente não aguenta... Quero sair nem que seja para ir debaixo da terra. Meu cérebro está cansado.

Às vezes nossa mente é guiada por diabólicos, como por exemplo matar os animais no pasto. Nós somos racionais, mas muitas vezes agimos como irracionais. A mente recebe muitos comandos, por isto é preciso entender bem para não se complicar...

"Sempre quis comprar uma arma de fogo, mas minha mãe era contra. Não comprei, mas em minha profissão deram-me uma. Muitas vezes tive vontade de atirar em muitos pela rua..."

"Não durmo bem só quando estou muito cansado. Só penso em sair daqui. Tenho que falar com um Juiz para ele indicar-me um hospital ou soltar-me..."

**Caso\_42:** J.C.S., 43 anos, masc., primário completo, pintor em metalúrgica, natural de Pereiras-S.P., procedente de Porto Feliz-S.P., católico.

Relata que o pai era ateu e a mãe católica. "Ela queria que eu fosse à missa e rezasse o catecismo, e o pai, ao contrário, dava-me mais liberdade para pecar, jogar bola, etc." O pai morreu quando ele tinha treze anos-era alcoolista crônico. Após a morte do pai saiu de casa e foi ser ajudante de cozinha, balconista, porteiro, etc. Decidiu fugir, porque a mãe arranhou um outro homem-"amigou"-se com o vizinho.

Após fugir de casa foi pego pela polícia, que o colocou na Casa do Menor Abandonado (R.P.M., isto é, Recolhimento Provisório de Menores). Lá ficou até os dezoito anos. Ao sair voltou para sua cidade natal, onde passou a trabalhar. Depois decidiu residir em Mato Grosso.



Quando morava em Mato Grosso vinha cada dois meses visitar a irmã, em São Paulo. Nestas visitas começou a acompanhar um bando de rapazes, ladrões, com os quais passou a furtar. Foi preso e condenado. Ao sair da cadeia, após onze meses, passou a trabalhar numa empresa, onde calculava os espaços para fazerem escavações para construções de canalizações de água e esgotos. Começou a namorar sua atual esposa. Neste espaço de tempo esteve envolvido com indivíduos viciados em drogas: álcool e maconha. Foi preso novamente em 1967, por furto de carro, e levado para a Penitenciária de Presidente Venceslau. Ficou recluso quatro anos e vinte e sete dias. Ao sair voltou à São Paulo, onde arrumou trabalho. Lá ficou até 1976. De São Paulo veio para Porto Feliz, onde tinha os sogros e havia se criado. Nesta cidade começou a trabalhar como pintor de casas.

Em 1976 arrumou uma confusão-uma briga de bar, tendo sido processado e condenado à revelia (SIC). Em Porto Feliz chegou a abrir uma firma de construção de casas, onde tinha dezesseis empregados.

Está preso por tentativa de homicídio. Tem uma " pensão familiar " em Campinas, e diz ter agredido um sujeito, porque ele não pagava a dívida de três mil e duzentos cruzados que havia contraído como seu hóspede. "Ele disse-me que só pagaria quando Deus quisesse". Achei isto uma afronta. Fui para casa buscar uma arma, pois segundo reafirma, vive do que ganha na pensão

Sempre sofreu de insônia-para dormir tem que beber um pouco (SIC). Faz críticas sociais fundamentadas. Diz ser realista, e quem é realista nunca fica alegre.

Está na enfermaria com mais trinta e duas pessoas. Lá dentro todos têm medo—até mesmo os guardas que andam com um trinta e oito na cintura. O que mais chama sua atenção na Cadeia são os mexames (mexidas): todos têm medo de se envolver. O que está com a moral baixa, para se elevar tenta armar uma loucura—é o escape dele. Nisto até eu posso ser envolvido.

**Caso\_43:** J.B.A., 37 anos, masc., primário incompleto, vendedor ambulante, natural de Bandeirantes-P.R., procedente de Sumarezinho (Jardim Rosolem), católico.

Dei muito trabalho para nascer—quase não nasci... Tenho até um risco na cabeça por causa disto. Até os dois anos tive problemas de saúde—vingaria ou não? Tanto que meu pai fazia muitas promessas para São João. Segundo a minha mãe, nasci fraco demais...

É o filho caçula—sempre foi muito adulado. Não tinha paciência para o estudo—preferia trabalhar. Quando pequeno gostava de olhar os sobrinhos. Era chamado por estes de **babão** (babá). A irmã tem onze filhos, e segundo ele, gostava de proteger as crianças das formigas (SIC).

Quando começou a trabalhar com encovais, aprendeu os **trambiões**, principalmente com os bancos. Conheceu pessoas desonestas e começou a enrolar-se. Até 1980 era limpo na polícia. Ao levar um tombo no banco, achou que tombo pagava-se com tombo. Não ligava mais para limpar seu nome. Com os erros tinha mais vantagens... Tinha a geladeira cheia, televisão à cores... Meu sonho sempre foi ter uma lavoura. Eu entendo de

lavoura, e gosto de trabalhar com cereais. Nunca fui violento. Se eu tivesse criado-me criado entre os meus, não estaria aqui. Quis mudar meu ritmo de vida e acabei assim. Os meus são de um outro mundo—muito diferente deste...

Em 1982 foi preso por estelionato. "Com a prisão tive que depender de meu irmão. Quando eu tinha lavoura ele sempre dependeu de mim, apesar de ser o mais velho. Ele sempre me viu bem... Atualmente acho-o contente com o meu tombo. Em vez dele comprar carne para os meus filhos, compra fubá. Acho que ele usou isto como uma desforra..." "Minha família é muito simples..."

Logo que cheguei puseram-me na enfermaria; depois é que o carcereiro nos põe em outro canto. Pretendo sair daqui, porque não suporto ver os problemas dos outros. Na enfermaria tem um sujeito com aquela bolsinha cheia de fezes, e vê-lo assim, tão descuidado, tira-me o apetite. Não gosto nem de pensar...

Atualmente estamos em trinta e duas pessoas. Acho bom estar com muitos—um fala uma coisa, outro fala outra, e assim o tempo passa. O duro é ficar sozinho—o dia e a hora não correm... Não tem uma pessoa para lhe dizer que horas são... Atrapalha só à noite, porque todos têm que dormir apertadinhos... Gosto de um amigo que arranjei aí dentro. Temos papos parecidos. Um anima o outro, e repartimos coisas. Ontem mesmo chegou pão feito em casa—dividi com ele...

Acho que foi a ganância que me jogou aí. Fui logo acreditando nas pessoas e fizeram-me de laranja. Achei que deveria ter minha casa na cidade, não depender de patrão... Minha família foi o melhor para

mim. Quero voltar para o campo, mas em melhores condições. Eu gosto de independência. Sempre fui uma pessoa honesta. Sinto falta de meu caráter moral.

**Caso\_44:** R.M.S.T., 23 anos, fem., secundário incompleto, auxiliar de escritório, natural de Atibaia-S.P., procedente de Atibaia, sem religião.

Relata que quando adolescente a mãe forçava-a a acompanhar a irmã mais velha nos passeios com o namorado. "Eu saía muito com ela e não falava nada do que via. Minha irmã escondia certos comprimidos num lugar da casa. Certo dia tomei um-depois soube que era **Artane**. Tempos mais tarde comecei, como ela, a fumar maconha. Fui várias vezes visitar minha irmã na cadeia, e através de meu cunhado viciiei-me de vez."

Quando pequena apanhava muito de meu pai, pois era extremamente peralta. Chegava a fazer coisas de gente perversa. Meu pai sempre foi muito rígido: se ele deixava recado para a minha cunhada para não irmos à rua, e íamos, a surra era certa... Ele era muito nervoso-irritava-se fácil. Minha mãe também é nervosa... Eles brigavam muito, e batiam nos filhos..."

Estão em nove na cela, porém já estiveram em quinze. Nesta situação, penso que em primeiro lugar devemos manter a calma e procurar entrar no ritmo de todas, respeitando todas. O nosso lema é ajudar em tudo. Às vezes há brigas, principalmente com pessoas que já cumpriram suas penas e não foram embora-elas ficam revoltadas. Não tenho medo de

ficar na cela, porque já dormi no meio de inimigas. Havia presa que queria mandar em tudo aqui dentro; outras que brigavam por causa da faxina... Nunca tive medo delas.

O que mais chama minha atenção na prisão é ver senhoras de quarenta anos, com seis filhos ou mais, dormindo ou querendo dormir, com sapatão. Esta gente, muitas vezes, nem quer ouvir falar dos filhos. Há algumas que querem curtir a cadeia com todas as suas perversidades.

Estamos sofrendo muito após a rebelião (ocorrida em meados de janeiro de 1988). Tiraram-nos a televisão, dormíamos com três acolchoados e agora estamos somente com um, quase dormindo no cimento.

Meu problema maior é ficar longe da minha filha. Sei que ela está bem com meus pais, mas preocupo-me. Para as presidiárias o problema maior é a separação dos filhos. Elas não chegam a pensar tanto nos maridos... Bem, eu digo isto mais pelo que se passa comigo.

Na rebelião a situação foi terrível. Quem fugiu, fugiu... Quem não fugiu ficou sem visitas... Revoltadas, as meninas puseram fogo em tudo. Daí conversamos com o Diretor e ele voltou a liberar as visitas. Agora tiraram a televisão, e estão nos transferindo para outras prisões. Aqui não tem um livro para ler, um manual para se fazer... Passei por cinco cadeias diferentes em oito meses de prisão. Ir para outra seria o fim.

Tem moça aí muito pobre, que passa muita necessidade. Tem gente que para obter um cigarro faz faxinas. Tem uma moça que está com a cadeia vencida e a mãe não vem buscá-la - está à toa, e isto torna a situação revoltante.

**Caso\_45:** S.A.M., 22 anos, fem., secundário completo, doméstica, natural de Munhoz.M.G., procedência de Bragança Paulista-S.P., crente.

Relata que o pai faleceu quando ela tinha um mês. Tinha ataque epiléptico e bebia muito. A mãe tem "juízo fraco", mas não por doença da cabeça-acho que ela é muito simples. Quem nos criou foi a minha avó. Minha mãe nunca chegou a ficar internada-ela era carinhosa e nunca batia...

"Minha mãe tinha um amigo, com o qual vivia. Nós ficávamos na casa da vó... Aos doze anos comecei a trabalhar como doméstica. Fui morar em Bragança, na casa de um irmão cuja mulher abandonou-o, e lá conheci um rapaz, nosso vizinho, que depois vim a saber, era um ladrão. Ao namorá-lo engravidei, e depois me amasiei. Vivendo com ele soube de sua ficha policial, de seus processos e prisões. Meu irmão deu-me muitos conselhos para largar dele, mas eu não escutava ninguém. Todos diziam-me que ele não prestava, mas eu gostava demais dele."

"Como meu amásio roubava, certo dia convidou-me para ir à pra-  
cinha da cidade. Lá, um amigo dele nos disse que conhecia um homem que  
tinha muito ouro: pulseiras, correntes, etc. Ele fez a minha cabeça para  
eu pegar o rapaz. Levei-o numas quebradas e, tudo começou por aí..."

Está numa cela com mais nove detentas. "Às vezes ocorrem dis-  
cussões, mas procuramos evitar brigas. Dorme bem e não tem receio das  
companheiras. O horário que se sente melhor é pela manhã, tomando sol no  
pátio.

**Caso\_46:** C.H.A.A.M., 23 anos, fem., secundário incompleto, atendente de enfermagem, natural de Itapira-S.P., procedente de Itapira, católica.

Os pais nunca se deram bem. O pai bebia muito e era uma pessoa neutra, ausente das decisões da casa. Não tomava conhecimento de nada—só aproveitava-se dos meus avós. Minha mãe, ao contrário, era nervosa, autoritária; em casa não tinha diálogo com a gente, mas para os de fora era ótima. A mãe sempre foi o homem da casa... Sou a filha mais velha, e sempre tive as responsabilidades nas costas: cuidava da casa e de meus irmãos menores, enquanto minha mãe trabalhava fora. Praticamente foi criada pela avó materna, a quem diz adorar e respeitar como sua verdadeira mãe.

Aos dezesseis anos os pais se separaram. A mãe apaixonou-se por um outro rapaz, bem mais jovem do que ela. Acha que por ciúmes a mãe forçou-a a se casar. "Nesta época, nem passava pela minha cabeça a palavra casamento". Casou-se, aos dezesseis anos, sem amar o namorado, e principalmente, sem saber direito o que queria. Após o casamento foi para São Paulo, e lá começou a beber e a ser espancada pelo companheiro. Engravidou, e por pancadas quase abortou por duas vezes. Tem um filho de seis anos com o primeiro marido.

"Meu ex-marido nunca ajudou-me em nada-e eu nem quero, pois senão ele vai se achar com muitos direitos sobre o meu filho. Quando o neném tinha cinco dias, ele se embriagou e deu um chute na criança. Separei-me dele após três meses do nascimento da criança. Tive que voltar a morar com a minha mãe, pois em 1981 não conseguia emprego. Minha mãe sempre foi muito ruim. Ela tinha comida em casa, leite, mas nunca nos dava nada. Minha avó ajudou-me muito nesta fase. Na hora do almoço ia à casa de conhecidos para que eles me convidassem para comer. Revoltava-me ter que me submeter a isto, vendo que minha mãe tinha tudo. Nunca me dei bem com ela. Agora que estou presa é que ela vem aqui me ver, e diz que vai dar-me uma força. Todos os que se ofereciam para ajudar pediam-me, em troca, o meu filho."

"Minha avó materna convidou-me para ir morar com ela. Fui, e ela olhava o meu filho para eu poder trabalhar, mas sempre é estar morando na casa dos outros, e os comentários e cobranças da família surgem e, de forma maldosa. Deixei meu filho com minha avó e fui morar numa pensão. Nesta fase comecei a usar drogas. Um dia apareceram uns amigos que usavam-pedi para experimentar. A cocaína parecia-me uma fuga. Fui tornado-me dependente. Surgiram outras porcarias: Catovit, Reativan, Xaropes, etc. Comecei a ficar doente, paralisada... Nesta época morava com um rapaz, que me pedia para largar os vícios. Fui tentando largar aos poucos, mas entrava em crise-entortava-me toda. **Estava viciadíssima.** Resolvi procurar ajuda hospitalar, pois tinha muitas dores nas costas e na barr-



riga. Eram cólicas fortes, contrações... Sequei todas as minhas veias, e no hospital eles nem tinham condições de medicar-me. Tinha que fazer um Raio-X dos rins, mas nem pude, pois eles não acharam a veia para aplicar o contraste. Tomo calmante-estou dependente de tudo. Por causa das drogas fiquei com hepatite, anemia e reumatismo. Melhorei com a internação, mas aos poucos voltei aos vícios... Quando não tomo as drogas fico como louca, desesperada. Debato-me, o sono não vem, tenho vontade de gritar. O médico receitou-me Diazepam."

"Há quatro meses perdi meu emprego de enfermeira particular (a mulher tinha Câncer e morreu). Resolvi passar três semanas no Rio de Janeiro, e quando voltava para Mogi-Mirim acabei encontrando um amigo de Itapira. Ele decidiu levar-me para casa, de táxi, e no caminho decidiu assaltar o motorista... Feriu o cara e fugiu, e a vítima acusou-me do crime. Fui presa em flagrante, e estou aqui..."

Está na cela com mais seis pessoas. "Sinto-me nova no meio delas; não consigo me abrir... Tenho medo de estar aqui, mas medo maior é o de ser transferida e cair num buraco pior, como Pedreira, Tremembé, etc."

**Caso\_47:** M. L. S., 26 anos, fem., primário completo, desocupada, natural de Mogi-Mirim-S.P., procedente de Mogi-Mirim, evangelista quadrangular.

"Cresci num ambiente sem paz. Meu pai bebia muito-foi criado sem pai, muito espancado. Por certo achava que os filhos tinham que pas-

sar o que ela passou. Comida não faltava, principalmente arroz e feijão, mas ele era ruim... Batia na mãe e nos filhos sem motivo algum. Vivía ameaçados, em desespero; corria debaixo da cama, escondia-me no guarda-roupa... Meu pai dominou a minha mãe, e nós fomos criando um nervosismo difícil de controlar."

"Pela primeira vez estou sendo presa (chora muito). Estava com falta de dinheiro até para pagar o aluguel e comer. Pensei em roubar para comer (roubou alimentos de um supermercado: pão pulmam, bisnaguinhas Seven-Boys, etc.). Não estava armada, estava só com minha bolsa tira-colo. Sujiei o nome de meu marido; ele nem sabia o que eu ia fazer... Ele é contra pegar uma agulha dos outros".

"Sempre fui muito nervosa. Já estive internada no Bairral por angústia e depressão. Fiz também tratamento com o Luís Otávio (SIC)."

"Minha família mandou minhas roupas para serem benzidas-eles disseram que eu tinha uma perturbação muito grande em cima de mim. Não sei bem se foi uma perturbação ou uma fraqueza..."

Diz viver bem com o marido. "Ele quando me viu na delegacia ficou muito triste e chocado-está muito decepcionado... Disse-me: põxa vida, você não devia ter feito isto... Minha revolta é minha família, principalmente o meu pai. Quando ele entrava porta a dentro, dava até tremores em mim. Só o olhar dele fazia a gente chorar."

"Quando trouxeram-me, eu nem tinha noção de onde estava. Pensei: onde estou meu Deus?... O que fiz?... Estava sem sentido, apavorada, com muito medo..." Preocupa-se se seu nome saiu nos jornais, pois não

quer sujar o nome do marido. Quando fui pega implorei para a dona do supermercado não chamar a polícia. Ofereci-me para emprestar o dinheiro e pagá-la, mas não adiantou... Também, era direito dela...

Está com mais seis detentas na cela: o pior é sentir cheiro forte de cigarro. A gente não pode ficar impaciente, discutir com elas. Algumas são muito agressivas. Se a gente quiser enfrentá-las, dá até sangue. Quero sair logo daqui... Não sou de agressão. Tem que se ter paciência, calma, e ficar pensando que vai sair logo. Já pedi perdão a Deus, porque minha religião é contra tudo isto. Traí até o meu Deus... Foi um grande pecado o que fiz. Foi uma prova que ele me deu, para eu ver o quanto é duro ficar numa cela, trancada. Sou contra ver um passarinho preso na gaiola... O pior é o cheiro forte de cigarro. Eu que nunca fumei, não suporto isto. Para mim o inferno é isto aqui mesmo. Elas insistem para eu tomar banho de sol, porque acham-me muito branca, mas eu não suporto o sol... Elas ficam insistindo- fico mais nervosa... Fica aquela perturbação no meu ouvido. Sou quieta na- preferia ficar numa cela sozinha...

**Caso\_48:** R. A. Q., 24 anos, fem., primário completo, vendedora ambulante, natural de Juiz de Fora-M.G., procedente de Campinas, católica.

Acha que começou a roubar devido usar drogas. Foi uma amiga que a iniciou no vício. "Fui certa vez à casa dela pedir um cigarro, e encontrei-a toda mole, torta, com uma seringa na mão. Perguntei-lhe o que

era: é cocaína, disse-me, e é uma delícia-faz a gente esquecer todos os problemas. Você quer experimentar? Quis e gostei, e daí ela fazia para ela e para mim..."

"Roubei os ovos de Páscoa para vendê-los e comprar drogas."

Relata que teve uma infância difícil. "Meu pai bebia muito, e batia na mãe. Engravidei aos dezesseis anos e ele me pôs fora de casa. Fiquei na rua. Um dia dormia na casa de uma amiga e em outros dormia em construções. Vivia feito andarilha-cada dia estava num lugar. Acabei entrando na prostituição para poder comer e me vestir. Fiquei em um prostíbulo por seis meses, e aí arrumei um homem para sair dali. Não deu nada certo, porque ele me espancava demais. Fugi dele, e atualmente estou amasiada com outro. Este companheiro atual trata-me bem-tudo o que lhe peço ele me dá, se estiver ao seu alcance."

Mora com mais seis detentas numa cela. Tem medo de ser agredida. Procura fazer sempre do jeito que elas gostam, para não ofender ninguém. Detesta ficar trancada.

**Caso\_49:** W.B., 21 anos, masc., secundário incompleto, vendedor no Ceasa, natural de Campinas, procedente de Campinas, católico.

Ácha que vem de uma família boa, bem constituída-deles não tenho o que falar. O que me fez entrar para o crime foram as drogas. Fui roubar para arranjar mais dinheiro e comprar uma moto, um carro, isto é, coisas que eu queria e não podia ter só com trabalho.

O pai tem 55 anos e não tem vícios.É muito trabalhador.A mãe é nervosa,mas nunca chegou a fazer tratamento psiquiátrico.O irmão mais velho é viciado também em entorpecentes.

Até o quarto ano do curso primário era bom aluno.Ao começar a usar drogas faltava às aulas,saía com garotos que eram malandros.Formaram uma quadrilha,que tramavam seus assaltos em jogos de futebol.Lá eles só falavam estas coisas,e eu deixei-me envolver...

Atualmente mora sozinho na cela.Já morou com quinze.No início tinha medo de arranjar inimigos,de ser espancado ou morto:depois a gente se ambienta.Está,no momento,sozinho,pois um amigo pediu ao diretor para dar uma mão...O que mais chama sua atenção na prisão é a violência."No período que estou aqui vi uns doze serem assassinados."Aí dentro,pouca coisa é um motivo grande.A gente não pode fazer nada fora da linha,pois tem mais de cinquenta vendo e dedando."

**Caso\_50:**M.R.L.O.,34 anos,fem.,secundário incompleto,comerciária,natural de Águas Claras-S.P.,procedente de Americana-S.P.,crente.

Foi presa como mandante de um crime-assassinato do próprio marido.Nega a autoria do ato.

Diz que teve uma infância regular,em que o pai,muito rígido,espancava os filhos e a mulher.A mãe era muito nervosa,embora tenha sido,em seu conceito,uma boa mãe.A gente sempre sabe perdoar mais a mãe do que o pai(SIC).

Mora com mais cinco na cela. A gente não sabe o risco que corre aqui dentro, pois nunca se sabe o que a outra pensa, o que a outra vai fazer... é sempre o medo de alguém nos pegar à traição. Não consigo dormir bem. Não há muitas brigas, pois todas se contêm muito. A gente só não gosta de pessoas autoritárias, mandonas. Sofro muito com isto aqui.

**Caso\_51:** A.H.A.R., 33 anos, masc., secundário incompleto, radialista, natural da Bolívia, procedente de Santa Cruz de la Sierra, católico.

Acha que a ambição levou-o a cometer este delito. Foi preso com vários pacotes de cocaína, em trânsito para a Europa. Relata que tinha uma boa vida na Bolívia, e que dinheiro não lhe faltava. Não queria mais ser empregado da rádio-com o tráfico da droga poderia montar seu próprio negócio.

Diz ter tido uma infância feliz, embora pobre. O pai ainda é vivo e tem 67 anos. Sempre lhe deu bons conselhos, e além do fumo, não tinha outros vícios. A mãe tem 64 anos-era muito rígida, principalmente obrigando-o a estudar. Sempre foram muito bons-eu é que lhes dei uma grande tristeza. Eles enviam-me dinheiro...

é filho único. Um tio paterno é alcoolista e foi viciado em cocaína. Ninguém tem antecedentes criminais na família. Ele mesmo não é usuário de drogas.

Está numa cela com mais quatorze detentos. Seis de seus colegas dormem no chão; ele tem sua cama. No início tinha muito medo da Cadeia,

agora me acostumei. O que mais me chama a atenção aqui é a violência, as brigas. A única coisa boa que vejo é a alegria dos que vão embora...

Diz passar seus dias sem fazer nada. "Gostaria de ter uma ocupação na prisão, pois antes costurava bolas e me sentia bem, porque o tempo passava mais rápido"...

Espera nunca mais voltar, nunca mais pisar no Brasil. Não quero mais sair do lado da minha família—tenho sofrido muito...

Teve relações homossexuais na Cadeia: queria experimentar, queria mostrar aos outros que era homem, mas foi péssimo...

Não recebe visitas há um ano e quatro meses.

**Caso\_52:** J.S.R., 37 anos, primário incompleto, comerciária, natural de Cordeirópolis—S.P., procedente de Campinas, católica.

Diz ter conhecido a mãe aos doze anos—ela abandonou-a quando foi viver com outro homem. O pai faleceu quando tinha três meses. Os avós paternos criaram-na até os dez anos, quando faleceram. Após esta idade foi morar com uma tia. Aos treze anos passou a residir com a irmã mais velha; quis namorar um rapaz, e como esta não aprovava o namoro fugiu de casa e foi procurar a mãe. Esta acolheu-a, e aos quinze anos casou-se.

Viveu com o marido por doze anos. Este abandonou-a para ir morar com outra. Apanhava demais dele. Após a separação fazia marmitas e tirava fotografias de crianças em festas para arranjar dinheiro e edu-

car os filhos. Em 1980 começou a vender jóias. A partir daí começou a complicar-se, pois passou a viver com um policial, que lhe roubou o mostruário, e como não tinha como pagar o produto foi processada. Passei a ser o Cristo da polícia, que me estorque dinheiro, e quando não tenho nada para dar eles me prendem. Tem mais de cinquenta processos a responder: por estelionato e falsa identidade.

Mora com mais seis presas na cela. Tem receio da violência entre as moças e de que algo acabe "sobrando" para ela. Sente desespero ao olhar as grades. Pensa muito nos filhos, que são universitários, aguentando o que lhe acontece pelo bem deles—para lhes dar o conforto que nunca teve.

**Caso\_53:** A.F., 27 anos, fem., primário incompleto, doméstica, natural de São Pedro-S.P., procedente de Campinas, católica.

Está presa por ter furtado duas calças. Iria revendê-las e comprar roupas para seu filho, que vai nascer daqui há três meses.

Diz ter sido mulher da vida para poder comer: "agora, afirma, não sou mais. A mãe judiava muito—ela tinha problemas na cabeça... Ela chingava-me de puta, de biscate. Eu dizia-lhe: hoje eu não sou, mas amanhã vou ser. Como empregada doméstica relata nunca ter mexido em nada dos outros: não é por eu estar aqui, que eu não sei fazer nada direito e honesto. Tenho vergonha que minhas ex-patroas venham a saber que estou presa.



Conta que o pai é alcoolista e ainda trabalha como cozinheiro. Em seu conceito ele foi um bom pai, pois cuidou dela na gravidez e parto de seu filho-sou mais parecida com ele do que com minha mãe. Ela é nervosa e agressiva...

Mora com mais seis pessoas na cela, e seu único pensamento, o tempo todo, é imaginar-se longe deste lugar..

**Caso\_54:** E.M.F., 26 anos, masc., colegial completo, motorista, natural de Campinas, procedente de Campinas, católico.

Relata que o pai é um indivíduo trabalhador, sem vícios, e que é coveiro num cemitério próximo desta cidade. "Ele sempre foi um bom pai-nunca me bateu. Um vez dei um tapa nele, e me arrependo até hoje. Estou ciente que estou preso porque errei... Se errei tenho que pagar. Minha mãe sofre do coração, e estes dias foi parar no hospital. Ela nunca imaginou que o filho dela viesse para uma cadeia... Tenho uma irmã gêmea comigo. Ela é casada, e está muito bem de vida-é rica. O marido dela tem chácaras, tem estacionamento..."

"Minha vida sempre foi trabalhar. Levantava cedo e ia p'ro trabalho. Aqui levanto cedo e vou pra onde?... Quero cumprir esta cadeia, mas num lugar em que eu possa trabalhar. Agora tenho algemas no braço-relógio de pobre... Tenho dó de meu pai."

"Em 1982 era amigado com uma mulher, com quem tenho um filho. Certo dia encontrei-a com outro. Face a isto peguei o meu filho, deixei-o com minha mãe e sumi... Arranjei outra mulher, e o fato repe-

tiu-se. Neste último caso, que gerou este assassinato, ela também ia deixar-me por causa de outro. Nunca dei certo com mulher nenhuma, embora elas gostem de mim-parece que tenho açúcar... Ela era rica e os familiares dela não queriam o namoro comigo-um simples motorista. Eles tinham inveja... Um dia destes quebraram a ponta de eixo do ônibus só para eu capotar, mas tive sorte..."

"Trabalhava demais-tomava reativan para não dormir no volante. Ia pra lá e pra cá a semana toda, e nos fins de semana fazia excursões para Aparecida do Norte, Santos, etc. Muitos motoristas dormem no volante. Os motoristas de hoje ganham mal-fazem isto para sobreviver."

Está numa cela com mais dezesseis pessoas. "No início não foi difícil, porque já os conhecia do bairro onde moro. Alguns eram passageiros de ônibus que dirigi. Comprei uma jega (cama) de um rapaz, pois tenho problemas de coluna, e se dormir no chão gelado no outro dia eu não me levanto. Aqui eles gostam de mulher pra caramba. Estuprador e assassino de mulher morre aí dentro mesmo. Tive sorte, porque conhecia algumas pessoas, senão eles já teriam me barbarizado. Estupradores eles jogam água quente na cara... Filhinho de papai ou alguém que dá uma de molenga na Cadeia, sofre muito mais..."

**Caso\_55:** R.S., 21 anos, masc., secundário incompleto, vendedor, natural de Campinas, procedente de Campinas, católico.

Nega desencadeantes emocionais para ter cometido seu crime. Fui pela minha cabeça mesmo... Está preso por tentativa de assalto.

Conta que o pai é falecido, e era alcoolista crônico. Segundo sua opinião, apesar de beber, sempre foi um bom pai. A mãe é também morta- era extremamente zelosa com os filhos. É o terceiro filho de uma prole de três. O irmão mais velho faleceu num acidente de carro, quando o detento tinha sete anos. Um outro irmão é toxicômano, e esteve preso por posse de drogas; nunca se deram bem- brigam muito.

Está com mais quatorze indivíduos na cela. Não tem medo e nem se sente ameaçado. Escolheu ir para esta cela, porque estava mais vazia e conhecia um lá dentro. Aqui, diz ele, conhecem demais o meu irmão e eles respeitam-me também por este motivo. Passa o dia observando os colegas trabalhando, porque não sabe fazer nada "de manual".

**Caso\_\_56:** V.L.R.S., 28 anos, fem., secundário incompleto, faxineira, natural de Reginópolis-S.P., procedente de Campinas, católica.

Acha que o que colaborou para ela estar aqui foi o apoio dado ao irmão, que é viciado em drogas e ladrão. "Tê-lo deixado ficar em casa foi o meu maior erro."

Relata que sua infância foi péssima. O pai era alcoolista, e batia demais na mulher e nos filhos. A mãe tem quarenta e cinco anos. É nervosa e alcoolista também.

Está com mais cinco pessoas na cela. Tem medo das discussões entre as demais detentas. Tem receio de ser agredida por elas. Quer voltar o mais rápido possível para casa, para os seus filhos, e sumir das confusões. Diz sentir muita vergonha dos vizinhos, das amigas... Chora muito ao dizer isto.

**Caso\_52:** A.A.P.D., 21 anos, fem., secundário incompleto, natural de Campinas, procedente de Campinas, sem religião.

Não sabe explicar os motivos de sua prisão, pois diz-se inocente. É usuária de drogas-e-las lhe acalmam. Tudo pesa menos... É a mesma coisa que calmante. A gente se diverte mais.

Sempre foi considerada a ovelha negra da família. O pai era alcoolista e morreu de ataque cardíaco. Era muito ausente das decisões da casa. A mãe era rígida, nervosa. Atualmente anda muito irritada, e sofre de pressão alta. Está com quarenta e três anos.

Está com mais cinco na cela, é prima da detenta entrevistada anteriormente. Foram presas no mesmo episódio, ou seja, agressão ao policial, porte ilegal de armas, tráfico e uso de drogas. Acha que ter mais pessoas na cela é mais divertido, deixa-a mais aliviada-tem mais gente para conversar.

Em sua infância brincava e brigava muito. "Sempre gostei de brincadeiras de meninos, porque era mais do lado de meu pai do que de minha mãe, mas não sou sapatão."

**Caso\_\_58:** R.A.F., 22 anos, fem., primário incompleto, operária, natural de Biriqui-S.P., procedente de Campinas, católica.

Foi abandonada pela mãe logo que nasceu-ela me deu para outra criar, e aos seis anos queria-me de volta, mas eu não quis voltar. Ficou com os pais adotivos até os nove anos, quando a mãe morreu de

Câncer no seio. Após a morte da mãe de criação, foi morar com a filha mais velha desta. Diz que sempre teve muita raiva da mãe verdadeira, e quando a outra faleceu, esta entrou com um pedido na justiça para reaver a filha. O juiz me perguntou com quem eu queria ficar—respondi que era com a família adotiva.

Não foi feliz na casa da irmã: ela me prendia muito, e fazia-me trabalhar o tempo todo. Não me deixava viver... Comecei a desobedecê-la e sair com más companhias. Certa vez uma delas deu-me drogas e eu gostei. Passei a usar com frequência... Foi mandada embora da casa da irmã, que dizia que ela não era sangue dela. "Saí e me amasiei. Meu companheiro bebia e espancava-me. Larguei-o e fugi para Campinas. Na época tinha dezesseis anos. Aos vinte anos voltei a amasiar-me com outro homem, com quem vivo há dois anos.

Está presa por posse e uso de entorpecentes. Está numa cela com mais seis pessoas. Não tem medo da prisão e das detentas, porque já conhece algumas da rua(SIC).

**Caso\_52:** N. M. S., 40 anos, fem., primário completo, vendedora, natural de Andradina-S.P, procedente de Campinas, sem religião.

Relata que desde pequena a mãe trata-a diferente—"ela não gosta de mim... Falava que eu não era filha dela, comprava sempre o melhor para as minhas irmãs. Fui crescendo quieta, muito apegada ao meu pai. Ele morreu de acidente, há cinco anos atrás. Casei-me mais para sair de casa—acho que nunca gostei verdadeiramente de meu marido. Não nos damos bem. Dei cheques sem fundo, porque precisava de coisas em casa para comer."

Tem vários processos por estelionato.

Mora com mais cinco detentas. Fala pouco e tem muito medo de ser agredida pelas outras companheiras. Diz que para evitar encrencas, procura fazer o que elas pedem. Tem receio de morrer na prisão, e nunca mais sair daqui...

**Caso\_60:** M.H.T., 24 anos, fem., primário completo, doméstica, natural de Campinas, procedente de Campinas, católica.

Está presa por uso e tráfico de cocaína. Não atribui a família o fato de hoje estar na prisão: foi curiosidade para saber como é estar drogada, para saber os efeitos da droga em mim...

Fala pouco - não forço o diálogo. Mora com mais seis na cela. Diz sentir-se bem onde está - não tem receio de nada, porque todas as colegas são primárias (SIC)...

**Caso\_61:** R.A.J.C., 22 anos, fem., primário incompleto, ajudante de cozinha, natural de Campinas, procedente de Campinas, católica.

Desde pequena via muita briga entre os meus pais. "O pai bebia muito - era epilético e batia em minha mãe. O ambiente era terrível. Não pensava muito em estudar. Com os problemas de casa a gente nem tem cabeça para pensar em outras coisas..."

Casou-se aos dezesseis anos, com um viciado em drogas. Ele já esteve preso por roubo, duas vezes. "Eu o conheci passeando na feira hippie. No início do casamento ele era muito bom, mas depois fomos per-

dendo o diálogo". Acha que se tivesse um marido honesto, trabalhador, jamais estaria aqui. Estava largada, e não tinha dinheiro nem para pagar o aluguel—seria despejada...

Mora com mais oito detentas. Não sente medo, porque conhece todas. "Há apenas muito barulho. No primeiro dia fiquei com muito medo, porque disseram-me que apanharia, que me tirariam tudo o que tenho. Cheguei aqui e não foi nada disto..." Tem apenas receio que sua prisão provoque a perda da guarda dos filhos.

**Caso\_\_62:** A.M.S., 33 anos, fem., primário incompleto, prendas domésticas, natural de Ribeirão Preto—S.P., procedente de Campinas, católica.

Diz que o pai é alcoolista, e separado de sua mãe desde o seu nascimento. Não teve praticamente contato com ele. A mãe é solteira e nervosa. Foi criada por um padrasto muito rígido e agressivo. "Apanhava muito deles, e fui revoltando-me com toda a minha situação. Conheci meu marido desde criança—éramos vizinhos."

Mora com mais oito na cela. Não tem receio de nada na prisão, porque, segundo ela, já não há como fugir... "Agora que estou aqui, tenho mais é que enfrentar."

## E2.1)Entrevista\_com\_um\_carcereiro

Observação:estes dados foram colhidos espontaneamente e transcritos estimulados pela "memória flutuante" da pesquisadora, que nada anotou na presença do voluntário. Este sentou-se à frente da psiquiatra, e disse-lhe que contaria tudo o que sabe sobre a Cadeia e os presidiários. Foi dada-lhe a palavra por mais de duas horas.

29/05/87

J.B., natural do C., colegial completo

Entrou para a polícia por acaso:era auxiliar de escritório e ouviu de um amigo que haveria concurso na polícia de São Paulo.Veio do C. para a capital paulista para ver como era-acabou ficando na casa de uma tia.Prestou o concurso e foi aprovado.Em São Paulo,estudava e trabalhava.

Ao conseguir a aprovação pensou que se tivesse que sair à caça de bandidos nas ruas,não aceitaria o cargo,pois achava muito perigoso.Pensou inúmeras vezes em desistir,porém ao ser chamado foi servir em Viracopos.Lá ficou durante cinco anos.Depois passou para um setor mais burocrático.Ao ser anunciado um concurso para carcereiro decidiu prestá-lo.Ao ser aprovado teve muito medo de enfrentar,mas acha que nem sequer imaginou o quão duro seria...Acha a profissão muito cansativa-trabalha vinte e quatro horas por setenta e duas.Nas horas em que não está na polícia faz "um bico" para ganhar um pouco mais.Diz



ser um injustiçado, chegando a responder sindicância, pois achavam, e acham, que ele tem familiaridade demais com os presos; acusam-no de "fazer tráfico" com os presidiários, etc. "O radialista W.D. já chegou a dizer na rádio que não sabe como eu, um simples carcereiro, que ganha menos de cr\$4000,00 (quatro mil cruzados), tem um monte de correntes de ouro no pescoço. Na rebelião de 1981, chegaram a me culpar de estar envolvido com o caso. Os presos amotinados gritavam que era eu o culpado, e cheguei até em pensar que seria morto ou preso."

"Tenho família: mulher e duas meninas—só penso nelas. Não tenho medo de morrer, pois acho que não deve doer". Queixa-se que vive em estado de alerta., com receio de ser morto aqui dentro: aqui a gente tem que mostrar que é como eles. Certa vez, um grupo de um xadrez (há trinta e quatro xadrezes aqui) desafiou-me. Não contei nada para ninguém—numa noite cheguei lá sozinho, abri a cela, soltei os caras, e disse para eles—se vocês querem briga, vamos encarar... Os caras achavam que eu caçava eles para o diretor. Não faço isto. Procuro nunca dizer não para esta gente. Se não posso atendê-los, pois algumas vezes eles nos pedem coisas absurdas, só para rirem da gente, digo que vou ver o que posso fazer, que vou falar com meu superior, etc. Nunca deixo-os sem esperanças, pois senão eles ficam com raiva da gente e podem armar alguma pelas costas, e somos nós que arcamos com isto, porque nós é que temos maior contato com os presos. Tem dia que passo horas e horas conversando com eles, e eles se abrem comigo. A maioria mente muito, e eles devem ter contado muita mentira para a senhora, mas como a senhora é psicóloga, deve ter percebido isto. Aqui dentro não tem ninguém que conheça os presos mais do que eu. É por isto que eles (se refere aos diretores da

Cadeia), não gostam de mim. Se eles me dão uma ordem que vejo que não posso cumprir, digo que não faço, e que vou colocar meu cargo à disposição... Eles não gostam de mim... Se eu sei que vai haver uma rebelião, eu chego para os caras e digo: nem tenta que eles já estão de olho... Eles respeitam-me, e isto já é motivo para adiarem a coisa, ou então, para ficarem ressabiados.

Aqui dentro tudo que é de mal acontece. Ninguém pode mostrar que é bonzinho. O indivíduo tem que mostrar que conhece a malandragem: se um cara novo chega e quer dar uma de bom, ele apanha e sofre todo tipo de violência sexual. Ele além de apanhar tem que lavar a louça, lavar as roupas dos outros, ser a mulher do xadrez. Não interessa se é homem ou bicha, se é feio ou bonito, se é moço ou velho. O simples fato de um cara, às vezes, aceitar o sabonete e a toalha de alguém quando ele entra aqui, já pode ser sinônimo que ele aceita, por exemplo, dormir com o cara que lhe ofereceu algo. Se ele chega no xadrez e alguém o convida para sentar-se em uma cama que não é dele, a confusão já está armada. Isto pode significar que o indivíduo aceita ter relações sexuais com o dono da cama. Ele pode também, nestes casos, apanhar muito, somente pelo fato de sentar num lugar que não lhe pertence.

Na cozinha do xadrez só mexe um. Mexer nas coisas com a mão suja é crime, e se o cara insistir pode ser motivo até de morte. Eles não toleram que um cara vá ao banheiro se tem alguém comendo-fazer isto é desacatar a lei do xadrez, e será punido. Se alguém conder-se apanha junto, e se fugir para outro xadrez, os caras que o aceitarem passarão a ser inimigos de todos do xadrez anterior. Com isto acabam surgindo muitas mortes. Eles só agem em grupos, e muitas vezes eu lhes digo

que será meu melhor amigo aquele que ao saber que alguém quer me matar contar-me antes...

Eles não toleram nem mesmo cheiro de necessidade fisiológica. Se um cara vai ao banheiro deve acender uma espécie de fitinha trançada, que aqui chama-se jebi. Esta fitinha é queimada, exalando no ambiente um odor de pano.

À noite, quando não há o que fazer, eles pegam um cara (em geral o mais novo no xadrez ou o mais tímido, o mais indefeso, sem visitas e sem família, e têm relações sexuais com ele(s). Ou eles comem o cara, ou seviciam-no, ou o obrigam a fazer streap-tease na cela. Às vezes enfiam um cabo de vassoura no ânus do sujeito, e fazem ele andar de quatro. Eles fazem isto para rirem do cara, ou para humilhá-lo. Se eles não praticam o ato sexual, obrigam outro a fazê-lo, só para verem como é... Muitas vezes chegam a raspar todo o corpo do indivíduo, para que este sirva de mulher no xadrez.

O cara que entra aqui tem que dar uma de esperto, contar vantagem. Se o crime que ele praticou saiu no jornal, deu pano, como dizem (deu manchete, deu trabalho à polícia) este sim é respeitado. Se, por exemplo, no caso de um indivíduo chegar sujo da rua, porque apanhou, rolou na terra, ou porque ficou três dias no Distrito sem tomar banho, a primeira coisa que ele deve fazer, se ele é esperto, é tentar barganhar com os caras: por exemplo—olha cara, eu cheguei agora da rua, mas tenho uma grana aqui, tenho um relógio que a gente pode vender para melhorar o xadrez, ou, olha cara, não dá para vocês me emprestarem um sabonete em troca desta camisa, ou deste tênis, etc. Eles escolhem garotos mais novos para terem relações, por eles serem mais limpos. É como a gente lá fora,

que prefere moças que não andam com muitos homens, só para não pegarmos doenças...

No xadrez há sempre um líder (embora eles neguem), que são chamados de xerifes, que devem também obedecer as regras da casa para não tornarem-se antipáticos face ao grupo.

Aqui ninguém é bom. Não vi nenhum que não tenha decepcionado. Às vezes eles têm uma cara de anjo, mas são terríveis... Por exemplo, se eu fosse um deles e cismasse que a senhora tem cr\$1000,00 (mil cruzados) na bolsa, eu a mataria para conseguir este dinheiro...

À noite, quando eles estão aprontando alguma, eles parecem pior que índio. Fazem as coisas, mas se escondem no silêncio. Silêncio na Cadeia é sinal de que algo está acontecendo. Pode contar que eles estão tramando alguma... Quando eles cismam de matar alguém, muitas vezes a cadeia inteira já sabe, mas o cara que vai morrer não. Nessas horas de defender alguém não surge ninguém para ajudar, porque sabe que morre também.

Queixa-se de esquecimento e de gastrite. Diz que de uns tempos para cá anda por demais esquecido. Seu sonho é voltar para a sua terra natal, porém só não faz isto, porque acha que seu nível de vida vai cair muito. Diz ser espírita, e acha que as explicações para as coisas estão neste caminho.

A vida fechada é terrível... Há indivíduos que para atravessarem estas grades e virem aqui conversar um pouco, fazem qualquer coisa... Eles chegam até a se rasgarem para serem levados ao médico ou a um pronto-socorro, e assim verem a luz do dia do lado de fora. Ver pessoas diferentes é para eles uma grande coisa—é sair do sufoco, mesmo que por alguns momentos, é sair do inferno, que é estar lá dentro.

G) DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

## DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

### 1.1 Tabelas e Gráficos

#### Tabela 1

Observando os dados da tabela 1, verificamos que 112 indivíduos participaram desse estudo. 50 pertencem ao Grupo Controle, constituído de 27 mulheres e 23 homens, sorteados de uma relação nominal, ocupacional e de faixa etária, fornecida pela Instituição Pública Estadual onde trabalham. Esta lista foi conseguida após esta pesquisadora ter apresentado ao Sr. Coordenador de Assuntos Pessoais da Instituição todos os dados do Plano de Estudos, principalmente dos objetivos. Após a aprovação, o Serviço de Computação relacionou todos os funcionários que preenchiam o pré-requisito de ganharem entre um a três salários mínimos vigentes, isto é, a mesma faixa salarial em que se encontravam os indivíduos que trabalhavam antes do encarceramento. Cerca de 18 indivíduos do Grupo Controle recusaram-se a participar, alegando motivos diversos, conforme foi discutido na metodologia desse trabalho.

O Grupo de Estudos, também chamado Grupo de Presidiários, é constituído de 15 mulheres (14 delas habitantes no Presídio Feminino de Indaiatuba, distante 48 Km de Campinas, e uma alojada no Presídio de Pe-

dreira, distante 43 Km de Campinas) e de 47 homens, habitantes na Cadeia Pública do São Bernardo, na cidade de Campinas-S.P.

### Tabela\_2\_e\_3

Analisando os dados da tabela 2, verificamos que dos 50 indivíduos entrevistados como Grupo Controle (Grupo C), 22 deles, isto é, 44% da amostra, tinham entre 21 e 30 anos, enquanto 36 indivíduos (36%) tinham entre 31 e 40 anos; logo, 80% da amostra estava na faixa etária dos 21 aos 40 anos.

Verificando os dados da tabela 3, pertencentes ao Grupo de Estudos (Grupo E), observamos que dos 62 indivíduos participantes, 34 presos (23 homens e 11 mulheres), correspondentes a 54,84% da amostra total, estavam na faixa etária dos 21 aos 30 anos, enquanto 22 (35,48%) tinham entre 31 e 40 anos; logo, 56 indivíduos (90,32%) tinham de 21 a 40 anos.

Esta faixa etária corresponde a uma fase da vida altamente produtiva, cujos indivíduos, trabalhando, colaboram para o seu sustento e o de suas famílias, assim como para o progresso das nações onde vivem. Nesta faixa de idade, a sociedade espera contar com cidadãos atuantes em todos os níveis: familiar, profissional, patriótico; portanto, ter indivíduos encarcerados e marginalizados numa fase de saúde plena e não perfeitamente aproveitável, aumenta os danos psico-físicos, sociais, econômicos, e mesmo políticos aos envolvidos, que somos todos nós, pois são nossos trabalhos e impostos que sustentam estes seres, assim como esta estrutura judiciária inoperante e incompetente, que é mais geradora de

criminosos, do que reabilitadora dos possíveis recuperáveis. As consequências desta situação, discutiremos mais adiante.

#### Tablelas\_4\_e\_5

Analisando os dados da tabela 4, encontramos no Grupo Controle 27 indivíduos brancos (54% da amostra total), sendo 11 mulheres e 16 homens; 23 indivíduos têm a pele negra (46% da população), distribuídos em 16 mulheres e 7 homens. Logo, há praticamente uma distribuição homogênea entre brancos e pretos na população total deste grupo.

Na tabela 5 encontramos 48 indivíduos brancos (77,48% dos entrevistados do Grupo de Estudos) sendo 9 mulheres e 39 homens; 14 presos são pretos (22,58% da amostra total), sendo 6 mulheres e 8 homens. Portanto, a população de indivíduos de pele branca é aproximadamente três vezes maior no Grupo de Estudos.

Fatores culturais preconceituosos, assim como sócio-econômicos e políticos, têm nos mostrado que a população brasileira e a de outros países mais desenvolvidos, temem mais os negros do que aos brancos, no que concerne à violência criminal. Frases populares que todos nós ouvimos, e até repetimos, como por exemplo: "...apesar de ser preto, ele é muito direito" ou "...só podia mesmo ser coisa de preto", ilustram preconceitos raciais na sociedade brasileira. Interessante observar que não encontrei referências à distribuição dos presos segundo a cor de pele nas classificações do IBGE, de 1982 a 1986. Tendência a passar por cima dos preconceitos, ignorando-os, ou ajudando a mantê-los? Fica este questionamento, para o qual não encontrei resposta plausível.



Sobre esta temática, Chesnais(40) faz referências a questões ligadas aos preconceitos raciais na América do Norte, após a guerra da Secessão(1861-1865), esta conseguiu abolir a escravidão, porém deixa exposta, nevrálgicamente, a problemática do negro. Lá, os sulistas escravagistas, acostumados à mão de obra servil, vão se afrontar com os negros, provocando numerosos episódios sangrentos. A taxa de homicídios, por volta de 1940, era duas vezes e meia maior nos Estados do Sul, comparativamente aos do Norte. Segundo Chesnais(40), os imigrantes negros, vindos da África, não conseguiram ser perfeitamente absorvidos e considerados nos Estados Unidos, como foram outras colônias, como a dos europeus Irlandeses e dos Italianos, mesmo com a questão da Máfia. A eles faltavam trabalhos dignos e credibilidade, o que favoreceu ainda mais a desestruturação da comunidade negra, assim como o aumento de crimes envolvendo-os. Este autor francês ressalta também que se em muitos territórios os negros cometem mais delitos, eles são, por outro lado, aqueles que recebem a maior carga de violência, de todos os tipos: raciais, sociais, institucionais.

No Brasil observamos fenômeno parecido ou em certos pontos pior do que a história da América do Norte, devido a pobreza do nosso povo. Com a abolição da escravidão, os negros e os mestiços não tiveram as mesmas oportunidades sociais que a população branca, recaindo sobre eles o preconceito de que são os mais violentos, e os maiores infratores. Isto favorece o Mito da Marginalidade(153), sendo dever dos mais esclarecidos trabalhar contra os próprios preconceitos, lendo e pesquisando historicamente as causas e efeitos da criminalidade em nossa sociedade, pois só desta maneira vamos adquirir a compreensão, o conheci-

mento, e conseqüentemente, transmitir aos que nos cercam a profundidade de fenômenos que necessitam ser combatidos em suas raízes, sem serem realimentados pela ignorância preconceituosa.

### Tabelas 6 e 7

Analisando os dados da tabela 6 verificamos que no Grupo Controle, 30% da amostra total tinha primário completo; 16% tinha colegial completo e 16% tinha frequentado pelo menos um ano da Universidade. Encontramos também 22% de analfabetos e semi-analfabetos.

Na tabela 7 observamos que no Grupo de Estudos há 27,42% de analfabetos e semi-analfabetos; 20,97% tinha nível secundário incompleto; 16,13% possuía nível colegial incompleto; apenas 3,22% frequentou um ano de Universidade. Logo, há um número maior de indivíduos no Grupo C com formação cultural dada em estabelecimentos escolares. Foi observado, também, que nesta população concentram-se mais indivíduos com disposição em continuarem estudando, acreditando que é este o caminho para terem alguma ascensão sócio-econômica em suas vidas. Os presidiários não demonstravam tal crença, afirmando não acreditarem que o estudo possibilite uma melhora de vida para eles e suas famílias. Alguns disseram-me que estudo é coisa para ricos, e que pobre não pode sonhar com isto não, embora, ambigüamente, muitos destes tenham intenções de dar estudos aos seus filhos. Muitos presidiários verbalizaram que estudo não dá camisa para ninguém..., o que denota a descrença destes nos meios tradicionais de progressão através de esforços pessoais e legais.

As maiores dificuldades apresentadas pelos presidiários para continuarem estudando foram: condições sócio-econômicas precárias, o que fez com que abandonassem precocemente a escola ou não a frequentassem; dificuldades em matemática (Cálculos); por não gostarem de estudar.

### Tabelas\_8\_e\_9

Pelos dados da tabela 8, verificamos que 54% da população total do Grupo Controle é casada, sendo 13 mulheres (48,15% do total de mulheres) e 14 homens; 36% é solteira, sendo 10 mulheres (37,04% do total feminino) e 8 homens (34,78% do total masculino). Apenas 6% é amasiada, sendo duas mulheres (7,41% do total feminino) e um homem (4,35% do total de homens).

A tabela 9 mostra-nos que no Grupo de Estudos 29,03% da população é casada, sendo 2 mulheres (13,33% do total de mulheres) e 16 homens (34,04% do total de homens); 30,65% é solteira, sendo 2 mulheres (13,33% do total feminino) e 17 homens (36,17% do total masculino). Encontramos, neste grupo, 33,87% de indivíduos amasiados, sendo 8 mulheres (53,33% do total de mulheres) e 13 homens (27,66% do total de homens).

Podemos observar que a população de presidiários assume mais comportamentos considerados não padrões, em relação à vida conjugal, quando comparados com o Grupo Controle. Esta diferença é mais nítida no comportamento das mulheres presidiárias, embora possamos notar a mesma tendência, se bem que em nível mais discreto, entre as mulheres do Grupo C. Provavelmente os indivíduos do Grupo Controle têm mais obrigações e

satisfações sociais a darem, seja no ambiente doméstico, como no profissional, religioso, etc.

Casar implica também em gastos financeiros altos e, portanto, em ter uma ocupação e uma renda mensal. A falta destes recursos pode ser um dos elementos favoráveis aos amasiamentos no Grupo E.

#### Tabelas 10 e 11

Analisando os dados da tabela 10, verificamos que 62% da população total do Grupo Controle, sendo 17 mulheres (62,96% do total feminino) e 14 homens (60,87% do total de homens) refere ter uma união legalizada em suas vidas.

Na população do Grupo de Estudos 48,39% referia ter uma união legalizada, sendo 9 mulheres (60% do total feminino) e 21 homens (44,68% do total de homens).

#### Tabelas 12 e 13

Pelos dados da tabela 12 observamos que 10% da população do Grupo Controle, constituídos de 3 mulheres (11,11% do total feminino) e de 2 homens (8,70 do total masculino) refere uma união não legalizada, isto é, um amasiamento.

Na população do Grupo de Estudos, 29,08% deles informa que teve uma união não legalizada, sendo 7 mulheres (46,67% do total de mulheres) e 11 homens (23,40% do total de homens); 8,06% refere duas uniões não legalizadas, sendo 2 mulheres (13,33% do total de mulheres) e

3 homens(6,38% do total masculino); logo, 37,36% da população de presidiários entrevistados, têm uniões não legalizadas, sendo 9 mulheres(60% do total feminino) e 14 homens(29,78% do total masculino). No Grupo Controle encontramos quatro vezes menos amasiamentos do que no Grupo E, havendo quase seis vezes mais mulheres presidiárias com histórias de uniões não legalizadas, comparativamente às mulheres do Grupo C. Estes dados ratificam as observações feitas anteriormente. Podemos concluir também, que os indivíduos do Grupo de Estudos formam vínculos conjugais mais instáveis e, conseqüentemente, menos duradouros.

#### Tabelas 14 e 15

Analisando os dados da tabela 14, observamos que 16 mulheres do Grupo Controle(59,26% do total de mulheres) unem-se pela primeira vez a um homem entre os 15 e 25 anos, enquanto que 10 homens(43,48% do total masculino) o fazem na mesma faixa etária. Nove destas 16 mulheres(33,33%) unem-se dos 15 aos 20 anos. Portanto, as primeiras uniões são mais precoces para as mulheres.

Pela tabela 15, verificamos que 13 mulheres(86,66% da população total do Grupo E) apresentam suas primeiras uniões dos 15 aos 25 anos, enquanto 48,93% dos homens o faz na mesma faixa etária. Onze destas 13 mulheres(73,33%) unem-se a um homem dos 15 aos 20 anos, enquanto 8 homens(17,02%) unem-se a uma mulher nesta faixa de idade. Logo, concluímos que tantos os homens quanto as mulheres do Grupo de Estudos unem-se, através do casamento ou de amasiamentos, mais precocemente do que os indivíduos do Grupo Controle. As mulheres, nos dois grupos, unem-se mais entre os 15 e 20 anos.

### Tabelas\_16\_e\_17

Observando os dados da tabela 16 verificamos que 50% da população do Grupo Controle, constituída de 15 mulheres (55,56% do total feminino) e 10 homens (43,48% do total masculino) começou a estudar por volta dos sete aos oito anos, como grande parte das crianças brasileiras. 24% desta população iniciou seus estudos com menos de sete anos, enquanto 12% foi à escola com mais de dez anos. 4% dos indivíduos do Grupo Controle nunca frequentou escola, sendo este percentual constituído de 3,70% do total de mulheres e 4,35% do total de homens.

Pelos dados da tabela 17 notamos que 53,23% da população do Grupo de Estudos, constituída de 7 mulheres (46,67% do total feminino) e 26 homens (55,32% do total masculino) começou a estudar a partir dos sete aos oito anos. 22,58% foi à escola com menos de sete anos, e 8,06% começou seus estudos com mais de dez anos, sendo este percentual constituído de uma mulher, que representa 6,67% do total feminino e, quatro homens (8,51% do total masculino). 4,84% nunca estudou, não havendo nenhuma mulher nesta condição. Este percentual é atribuído a três homens (6,38% do total masculino).

### Tabelas\_18\_e\_19

Observando os dados da tabela 18 notamos que 45 indivíduos do Grupo Controle informam com precisão a data de término de seus estudos. Dos 5 excluídos, 3 continuam estudando. 24,44% dos 45 deixa a es-

cola entre dez e doze anos, sendo 5 mulheres (20% deste total parcial feminino) e 6 homens (30% deste total parcial masculino). 13,33% deixa a escola entre doze e quatorze anos (12% das mulheres e 15% dos homens). 42,22% desta população termina seus estudos após os dezoito anos: 48% deste total parcial de mulheres, e 35% deste total parcial de homens. Logo, as mulheres mantêm-se mais tempo estudando, comparativamente aos homens.

No Grupo de Estudos verificamos que 54 indivíduos que frequentaram a escola sabem informar com precisão a data de término de seus estudos. 24,07% deste total deixa os estudos entre dez e doze anos, sendo 5 mulheres (35,71% deste total parcial feminino) e 8 homens (20% deste total parcial masculino). 25,93% deixa a escola entre doze e quatorze anos, sendo este percentual constituído de 3 mulheres (21,43% deste total parcial feminino) e 11 homens (27,50% deste total parcial masculino). 14,82% terminou seus estudos após os dezoito anos, não havendo mulheres neste percentual. Encontramos, portanto, quatro vezes menos indivíduos que estudaram até os dezoito anos, no Grupo E, não existindo mulheres neste contingente, ao contrário do que observamos no Grupo C. Isto pode se dever aos fatores: a população de presidiários engloba indivíduos que se desestimulam com a escola precocemente, por falta de incentivo familiar ou profissional; necessidades econômicas familiares maiores, o que faz crescer a tensão para abandono da escola e ingresso no trabalho; por serem desajustados no ambiente escolar, assumindo comportamentos marginais numa fase inicial da adolescência, conforme poderemos constatar nas histórias de vida, e em outras tabelas que analizaremos mais adiante.

O que predomina nestes depoimentos é que, eles abandonam a escola após conhecerem outros rapazes do bairro ou do ambiente escolar, e aí passam a fumar maconha juntos. Formam pequenas "gangs", que tramam os furtos e roubos pelas ruas ou em campos de futebol. Assim, longe da vigilância dos pais, e fora da escola, passam a adotar comportamentos que, estimulados pelas drogas, os lança em caminhos perigosos e sem volta.

#### Tabelas\_20\_e\_21

Pelos dados da tabela 20 constatamos que 32% da população do Grupo Controle, constituída de 9 mulheres (33,33% do total feminino) e 7 homens (30,43% do total masculino) começou a trabalhar entre seis e dez anos. 46% da amostra total começou a trabalhar entre dez e quinze anos, sendo 11 mulheres (40,74% do total feminino) e 12 homens (52,17% do total masculino). Apenas 4% desta população, constituída de 2 mulheres (7,41% do total feminino) começou a trabalhar com mais de 20 anos. Não encontramos neste grupo nenhum indivíduo que tenha trabalhado antes dos seis anos.

No Grupo de Estudos, 20,97% desta população, constituída de 3 mulheres (20% do total feminino) e 10 homens (21,28% do total masculino) começou a trabalhar dos seis aos dez anos. 59,68% começou a trabalhar dos dez aos quinze anos, sendo 9 mulheres (60% do total feminino) e 28 homens (59,57% do total masculino). Somente 1 mulher (1,61% da população total deste Grupo e, 6,67% da população feminina do mesmo) começou a trabalhar após os vinte anos. Um homem (1,61% da população total e, 2,13%



da população masculina do Grupo) começou a trabalhar antes dos seis anos de idade. Portanto, na população de presidiários encontramos indivíduos que começaram a trabalhar mais precocemente do que os do Grupo Controle.

### Tabelas 22 e 23

Observando os dados da tabela 22 notamos que 28% da população do Grupo Controle exerce atividades ocupacionais ligadas à Administração da Instituição, sendo em geral técnicos de apoio administrativo, supervisores de seção. Destes, 3 são homens, isto é, 13,04% do total masculino, e 11 são mulheres (40,74% do total feminino). Outros 28% exercem atividades ligadas à limpeza (faxina), sendo 1 homem (4,34% do total masculino) e 13 mulheres (46,14% do total feminino). 18% está ligada à atividades da construção civil: pedreiros, mestres de obras, carpinteiros, etc., sendo este percentual constituído de 9 homens (39,13% do total masculino).

No Grupo de Estudos 33,84% do total da amostra exercia ocupações de comerciários ou de operários em indústrias, como vendedores em supermercados, em bancas de jornais, etc.; outros eram soldadores, operadores de máquinas. Destes, 20 são homens (42,55% do total masculino) e 1 é mulher (6,66% do total feminino). 14,51% trabalhava na construção civil, como pedreiro, pintor de paredes, sendo este percentual constituído de 9 homens (19,14% do total masculino). 9,67% do total da amostra, constituída de 6 mulheres (40% do total feminino) eram faxineiras ou empregadas domésticas. 3,22% era vigilante em serviços de segurança pública,

portando armas no exercício profissional.9,67% da população estava desempregada ao ser presa(4,25% do total masculino e 26,66% do total feminino).

Os indivíduos empregados ganhavam de um a tres salários mínimos.

### Labelas\_24\_e\_25

Pelos dados da tabela 24 observamos que 39 indivíduos do Grupo Controle,78% da amostra total,constituído de 22 mulheres e 17 homens,diziam-se satisfeitos em seus trabalhos.Onze,isto é,22%,não tinham qualquer satisfação profissional:estavam insatisfeitos com o que realizavam ou ganhavam;muitos achavam que para executarem suas tarefas não necessitavam do nível escolar que possuíam;outros atribuíam a insatisfação à rotina de suas atividades.Estas queixas foram citadas mais pelos indivíduos que exerciam atividades ligadas à administração. Os integrantes da construção civil queixavam-se das condições de trabalho:muita sujeira,poeira e barulho.A maioria mostrava,no entanto,contentamento com o salário,principalmente os migrantes,pois eram unânimes em afirmar que não perceberiam o mesmo salário em outros lugares.

No Grupo de Estudos,49 presidiários(79,03%),constituídos de 8 mulheres e 41 homens,diziam-se satisfeitos em seus últimos empregos, enquanto 7(11,29%) mostravam insatisfações por motivos variados:baixa remuneração,incompatibilidade com o ambiente profissional,achando-se perseguidos pelos patrões,etc...Notamos que a maioria dos satisfeitos

(cerca de 66,13% deles), tinha complementação de suas rendas com produtos de furtos ou roubos; alguns até incrementavam seus negócios com o dinheiro que entrava de forma ilegal, como por exemplo os interceptadores de mercadorias roubadas, os estelionatários, etc. Estes diziam-se ambiciosos e com desejo de progredirem rápido na vida; o contrário observamos no Grupo Controle, que justificava suas satisfações principalmente na estabilidade dada pela Instituição: ...ganho mal, mas sei que amanhã não estarei desempregado... A falta de rigidez nos horários, o trabalho não excessivo, a flexibilidade em poder conversar com os colegas, são motivos de satisfações entre os trabalhadores do Grupo Controle, o que denota o acomodamento maior desta população a certas situações improdutivas ao Serviço Público, e a eles próprios.

#### Tabelas 26 e 27

Pelos dados da tabela 26 notamos que 34% da população do Grupo Controle, constituída de 12 homens (52,17% do total masculino) e 5 mulheres (18,51% do total feminino), nasceu em outros Estados do Brasil, como Minas Gerais, Mato Grosso, etc. 30%, sendo quatro homens (17,39% do total masculino) e 11 mulheres (40,74% do total feminino) é natural de outras cidades do interior de São Paulo, enquanto 32% (5 homens e 11 mulheres) é de Campinas. Logo, 68% do total deste Grupo, é nascido fora desta cidade.

No Grupo de Estudos encontramos 22,58% de indivíduos que nasceram em outros Estados brasileiros, sendo 11 homens (22,40% do total masculino) e 3 mulheres (20% do total feminino). 43,54% da amostra total,

constituída de 18 homens (38,29% do total masculino) e 9 mulheres (60% do total feminino) nasceu em outras cidades do interior de São Paulo. 30,64% do total da amostra, constituída de 16 homens (34,04% do total masculino) e 3 mulheres (20% do total feminino) é natural de Campinas. 1 homem é nascido na Bolívia (1,61% da amostra total). Portanto, 67,73% do total do Grupo E é nascido em outras localidades fora de Campinas. Este total aproxima-se muito daquele encontrado no Grupo Controle, isto é, a maioria da população é constituída de migrantes, oriundos de outras regiões do Estado de São Paulo, e mesmo fora dele.

#### Tabélas\_28\_e\_29

Analisando a tabela 28 notamos que 92% dos indivíduos do Grupo Controle, constituído de 20 homens (86,95% do total masculino) e 26 mulheres (96,29% do total feminino) procedem de Campinas, isto é, têm residência fixa nesta cidade. 8% da amostra total não reside nesta.

No Grupo de Estudos observamos que 58,06% reside em Campinas, sendo 26 homens (55,31% do total masculino) e 10 mulheres (66,66% do total feminino). 32,25% do total do Grupo E, constituído de 15 homens (31,91% do total masculino) e 5 mulheres (33,33% do total feminino) mora em outras cidades do interior de São Paulo. O fato de estarem aprisionados aqui fundamenta-se por terem vindo praticar os furtos ou roubos em Campinas, e serem capturados, ou por terem sido transferidos de outras localidades, em decorrência da precariedade dos estabelecimentos de detenção. Às vezes, por questões de segurança do detento, ameaçado de linchamento ou jurado de morte por companheiros, ou, ainda, devido a sua per-

riculosidade, procuram-se locais mais seguros para seu encarceramento. Isto colabora para agravar os problemas dos presídios, cadeias, e mesmo delegacias da região, que já se encontram superpopulosos e em estado crítico, como é o caso da Cadeia Pública do São Bernardo, que hoje (17/04/89) encontra-se com mais de 740 presos, quando tem capacidade para duzentos e cinquenta.

### Tabelas 30 e 31

Analisando os dados da tabela 30 concluímos que 35 indivíduos, 70% da população total, constituída de 16 mulheres e 19 homens, apresentam pelo menos uma migração em suas vidas. Procuraram Campinas para residir por acharem (ou porque a família achava) que aqui teriam maiores chances de trabalho e ganhariam mais do que em seus locais de origem. As causas da(s) migração(ões) são, em geral, sócio-econômicas (67, 80, 86, 112, 133, 143), e mobilizam uma parte da população descontente-mais crítica e organizada, oriundas, em sua grande maioria, de zonas rurais.

No Grupo de Estudos encontramos 36 indivíduos (58,06% do total), sendo 9 mulheres (60% do total feminino) e 27 homens (57,45% do total masculino), que apresentam pelo menos uma história de migração em suas vidas. Estes vieram pelos mesmos motivos que os migrantes do Grupo Controle, porém, por circunstâncias internas ou externas ao indivíduo, acabaram desviando-se dos objetivos iniciais da migração, isto é, o trabalho decente, e por consequência, o progresso pessoal e familiar. Para este desvio concorrem:

1)Fatores predisponentes biológicos,conforme discutido na Introdução desse trabalho(04,14,20,39,41,56,57,64,76,85,86,94,96,100,101,109,110,130,136,137,152,155,165,188,191,196).

2)Fatores sociais:eles não encontram o que almejavam.A população nativa é fechada,preconceituosa e hostil na aceitação do migrante.Este refugia-se,ou é empurrado,à periferia dos grandes Centros Urbanos(41,112,133,153,155,156,159,173,174,175).

3)O mercado de trabalho dos grandes Centros Urbanos não é suficiente para absorver tanta mão-de-obra,e,se a absorve,o faz de maneira barata e sem os mesmos privilégios que para a população nativa.Isto gera descontentamento e condutas agressivas por parte dos injustiçados(41,133).

4)Há nítido despreparo da população migrante para viver nos grandes Centros-o modo de comunicação gestual,linguístico,alimentar,e mesmo climático,diferem;a habilitação profissional,em geral não é a mesma.

5)As doenças que estes migrantes,por vezes,portam como:desnutrição,verminoses,etc.colaboram para diminuir,ou mesmo suprimir,a vontade de lutar por um espaço digno.

6)A desestruturação da família,a falta de amigos,a quebra de vínculos,colaboram para atitudes marginais,principalmente aos predisponentes e inconformados.Roubar fica sendo uma saída para comer,ou até um elemento fantasioso de enriquecer do dia para a noite,e assim ser aceito num ambiente que os rejeita e os trata como dejetos.

Os marginais não migrantes (41,94% da amostra), em mais de 80% dos casos, tinham pais migrantes, cujas famílias se desestruturaram mais após a migração, trazendo como consequência o alcoolismo do pai, o abandono dos filhos, inclusive pelas longas horas que passavam fora de casa trabalhando. Estes problemas colaboram para favorecer o desejo de vencer a miséria a qualquer preço, mesmo que seja roubando; de punir os pais que não satisfizeram os seus desejos infantis de comer um doce ou ter um brinquedo no aniversário; de punir a sociedade que os rejeita, tirando dos mais favorecidos aquilo que eles valorizam e não repartem.

#### Tabelas 32 e 33

Analisando os dados da tabela 32 notamos que 72% dos indivíduos do Grupo Controle, constituídos de 15 homens (65,21% do total masculino) e 21 mulheres (77,77% do total feminino) dizem-se católicos (em sua maioria - mais de 70% - não praticantes). 14% deles dizem-se crentes, sendo 4 homens e 3 mulheres. 12% confessa-se sem religião, sendo este percentual constituído de 4 homens (17,39% do total masculino) e 2 mulheres (7,40% do total feminino).

No Grupo de Estudos 64,51% da amostra, constituída de 31 homens (65,95% do total masculino) e 9 mulheres (60% do total feminino) dizem-se católica, sendo 87% deles não praticantes. 14,51% diz-se crente, sendo 7 homens e 2 mulheres. 19,35% admite não ter qualquer religião, sendo este percentual constituído de 9 homens (19,14% do total masculino) e 3 mulheres (20% do total feminino). Portanto, observamos que o Grupo E possui um número maior de indivíduos que se dizem sem religião, e quando

com formação religiosa, proveniente de ensinamentos dos pais ou da frequência à igreja, não rezam mais, não vão mais à missa. Notamos, no entanto, que muitos presidiários possuem bíblias, e rezam na Cadeia. Estas foram dadas por pastores evangelistas ou por padres que visitam os presos, tentando, através de seus ensinamentos, convencê-los que o crime não compensa - é obra do demônio. A reza é utilizada por muitos como uma forma de aliviar a culpa sentida, principalmente por homicidas que cometeram crimes passionais, e também como amortizadora da agressividade, num ambiente em que é necessário controlar-se para sobreviver. Apegar-se a Deus fica sendo a tábua de salvação para suportar dias difíceis passados ali.



### Tabelas 34 e 35

Pelos dados da tabela 34 verificamos que 88% da população do Grupo Controle refere ter nascido de parto normal, sendo este percentual constituído de 24 mulheres (88,89% do total feminino) e 20 homens (86,96% do total masculino). 6% respondeu não ter nascido de parto normal, e sim, de cesareana, enquanto outros 6% desconhecem esta informação.

No Grupo de Estudos, 80,65% respondeu ter nascido de parto normal, sendo 13 mulheres (86,67% do total feminino) e 37 homens, isto é, 78,72% do total masculino. 19,35% respondeu desconhecer esta informação.

Notamos que o número de pessoas que nasceu de parto normal, nos dois grupos, é muito próximo, entretanto, chama-nos a atenção o fato de que no Grupo de Estudos, comparativamente ao Grupo Controle, encontramos um número três vezes maior de indivíduos que desconhecem esta condição de nascimento. Isto pode dever-se a vários fatores, como:

a) menor tempo de contato com a mãe, o que dificulta o acesso a estas informações. A mãe pode ter sido muito mais ausente na vida destes filhos, que as do Grupo Controle, por questões de trabalho, ou de desagregação familiar. Conversas em família, ou o acompanhamento ao médico, visto que estas questões fazem parte do interrogatório clínico de quase todas as especialidades, podem levar estes conhecimentos às pessoas;

b)desligamentos mais precoces dos indivíduos do Grupo de Estudos,em relação à família.Estes saem mais precocemente de casa ou permanecem mais tempo na rua,em contato com outros grupos marginais,o que dificulta o acesso à informações deste tipo;

c)maior desinteresse das famílias,e do próprio indivíduo,a questões ligadas à sua vida,ao seu nascimento,ao seu corpo,principalmente em casos de famílias muito numerosas,em que as crianças podem ser mal tratadas,ou sentem-se muito rejeitadas.

O interesse deste dado dentro da história clínica centra-se na questão de traumas encefálicos,que podem ocorrer com mais probabilidades em partos efetuados dentro de condições anômalas, com sofrimento fetal,podendo acarretar problemas neuro-psiquiátricos,como:disritmia cerebral,comportamentos psicopáticos,etc.

### Tabelas 36 e 37

Observando os dados da tabela 36 verificamos que 90% dos indivíduos do Grupo Controle nasceram de parto a termo,isto é,de nove meses de gestação,sendo 23 mulheres(85,19% do total feminino) e 22 homens(95,65% do total masculino).6% não nasceu de parto a termo,e 4% da amostra desconhece esta informação.

No Grupo de Estudos 75,81% dos indivíduos relatam ter nascido após nove meses de gestação,sendo 13 mulheres(86,67% do total feminino) e 34 homens(72,34% do total masculino).6,45% não nasceu de parto a termo,enquanto 17,74% desconhece esta informação.

Novamente, aqui, encontramos um número quatro vezes maior de indivíduos que dizem desconhecer este dado, o que pode ratificar as hipóteses feitas anteriormente.

### Tabelas 38 e 39

Pelos dados da tabela 38 observamos que 70% dos indivíduos do Grupo Controle dizem ter recebido alimentação materna até pelo menos os seis meses de idade, sendo 16 mulheres (59,26% do total feminino) e 19 homens (82,61% do total masculino). 8% recebeu alimentação artificial (leite em pó) antes desta idade, e 20% desconhece esta informação.

No Grupo de Estudos, 75,81% diz ter sido amamentado pela mãe até os seis meses, sendo 12 mulheres (80% do total feminino) e 35 homens (74,47% do total masculino). 6,45% recebeu alimentação artificial antes desta idade, e 16,13% desconhece esta informação.

Notamos que as mulheres do Grupo E foram amamentadas pela mãe por um período maior que os demais indivíduos dos dois grupos. Os homens do Grupo E foram os menos amamentados por suas mães. O leite materno é um alimento essencial à nutrição e proteção imunológica, além do que, o ato de amamentar, é um contato afetivo deveras importante ao desenvolvimento psico-físico sadio. Notamos, entretanto, que a maioria das mulheres que participaram dessa pesquisa queixavam-se de suas mães (ver histórias de vida das presidiárias), principalmente as viciadas em drogas, o que denota contato afetivo deficiente, agressivo ou ausente. Logo, a amamentação como alimento apenas físico, é insuficiente. É neces-

sário que ela se acompanhe de carinho, proteção, desejo de contato... A estabilidade da família, e nisto colaboram as condições bio-psico-sociais, é fundamental para dar à criança ou ao adolescente, condições favoráveis ao seu desenvolvimento no lar e no meio social. Esta estabilidade dá também à mãe satisfações em cumprir bem o seu papel, pois a tensão que esta vive, é transmitida à criança através da amamentação, colaborando na criação de adultos inseguros, auto e hetero agressivos.

#### Tabelas 40 e 41

Observando os dados da tabela 40 notamos que 28% da população do Grupo Controle, diz ter apresentado terrores noturnos na infância (entre três e doze anos de idade), sendo este percentual constituído de 7 mulheres (25,93% do total feminino) e 7 homens (30,43% do total masculino). 70% desta população nega a ocorrência destes fenômenos, sendo 20 mulheres (74,07% da população feminina) e 15 homens (65,22% do extrato masculino).

No Grupo de Estudos, 35,48% da população diz ter tido episódios de terrores noturnos na infância, sendo 6 mulheres (40% da população feminina) e 16 homens (34,04% do total masculino). 59,68% desta população de estudo, nega a ocorrência destes episódios, sendo 8 mulheres (53,33% da população feminina) e 29 homens (61,70% do total masculino). Notamos, portanto, que há no Grupo de presidiários, comparativamente ao Grupo Controle, um número maior de indivíduos que admitem ter tido terrores noturnos na infância. O terror noturno pode ser um sintoma/sinal de:

1) perturbações que podem evidenciar uma neurose na infância ou num futuro próximo. Pode estar presente em crianças que compõem famílias desagregadas, onde o clima de agressividade manifesta ou latente, predomina. Estas desenvolvem-se em ambientes exaltados, e manifestam agitação nos seus períodos de sono e sonhos, que na maior parte das vezes têm conteúdo terrificante (81,103);

2) disritmia Cerebral (95,155,165,188), podendo vir acompanhado de outros cortejos sintomáticos, como: sonambulismo, sonilóquio, crises convulsivas, e até alterações eletroencefalográficas. Somente a anamnese completa e exames complementares, como o eletroencefalograma, podem fechar o diagnóstico desta hipótese.

#### **Tabelas 42 e 43**

Analisando os dados da tabela 42 notamos que 14% da população do Grupo Controle afirma ter tido episódios de sonambulismo (81) na infância (entre os três e doze anos), sendo 4 mulheres (14,81% do total feminino) e 3 homens (13,04% do total masculino). 86% desta população (23 mulheres e 20 homens) nega qualquer episódio de sonambulismo.

No Grupo E, 8,06% diz ter sofrido episódios de sonambulismo na infância, sendo 2 mulheres e 3 homens. 90,32% não teve qualquer episódio de caminhar dormindo.

#### **Tabelas 44 e 45**

Observando os dados da **tabela 44**, notamos que 46% da população do Grupo Controle falava dormindo (sonilóquio) na infância, sendo 13 mulheres (48,15% do total feminino) e 10 homens (43,48% do total masculino). 50% da população, constituída de 12 mulheres e 13 homens, negou a presença deste sinal.

Pelos dados da **tabela 44**, verificamos que 48,39% da população de presidiários referia sonilóquio na infância, sendo 10 mulheres (66,67% do total feminino) e 20 homens (42,55% do total masculino). 48,39% negou a ocorrência deste fenômeno. Logo, não há grandes diferenças percentuais em relação a positividade desta ocorrência, nos dois grupos.

#### **Tabelas 46 e 47**

Pelos dados da **tabela 46** observamos que 24% da população do Grupo Controle, constituída de 7 mulheres (25,93% do total feminino) e 5 homens (21,74% do total masculino) apresentava enurese noturna na infância (81,85, 103,155), isto é, urinavam na cama com muita frequência, após os três anos de idade, extendendo-se este fenômeno, na maioria das vezes, até os seis a sete anos. 46% dos indivíduos deste grupo, negaram este sintoma/sinal, assim como 30% deles não sabiam informar com precisão se tiveram ou não enurese noturna na infância.

No Grupo de Estudos, 40,32% dos indivíduos relataram enurese noturna na infância, em média até os dez anos, sendo 5 mulheres (33,33% do total feminino) e 20 homens (42,55% do total masculino). Outros 38,71%

desta população de estudo negaram a ocorrência destes episódios, sendo 4 mulheres e 20 homens, enquanto 20,97% não sabia informar. Portanto, há um número quase duas vezes maior de enuréticos entre os presidiários, em comparação com o Grupo Controle, coincidindo este dado com o referido na literatura, por outros pesquisadores (81,103).

Funcionalmente, a enurese (81,103) pode ser definida como o ato de urinar na cama e nas roupas, observado em pessoas com mais de três anos de idade, que não conseguem inibir este reflexo, seja na vigília, seja durante o sono. Os meninos têm duas vezes mais probabilidades de serem enuréticos do que as meninas. Aproximadamente 8% das crianças param de urinar na cama por volta de um ano; 88% param por volta dos quatro anos e meio. Em 16% as crianças são enuréticas após os cinco anos. Por volta dos sete anos e meio apenas 7% são enuréticas; entre os sete anos e meio e os dezoito anos, a população de enuréticos cai para os 2%. Naqueles que são enuréticos apenas à noite, é menor a probabilidade de patologia orgânica associada.

Comparadas com controles, aqueles que persistiam com enurese na adolescência, apresentavam maior frequência de associações com: reações passivo-agressivas (148), sonambulismo, problemas crônicos no trato genito-urinário, etc.

Os fatores causais apontados na enurese são, em geral, de origem psicológica, porém não devemos nos esquecer de causas biológicas, e mesmo sócio-culturais. Estudos com enuréticos adolescentes mostram que estes crescem em lares conflitivos, com muitas brigas. As mulheres enuréticas têm, segundo estudos, fortes ligações com o pai, enquanto os ho-

### Tabelas\_48\_e\_49

Verificamos pelos dados da **tabela 48** que 68% da população do Grupo Controle negou a ocorrência de encoprese, isto é, o escoamento repetido e involuntário de fezes nas roupas, sem a presença de qualquer causa orgânica que explique o sintoma/sinal. 32% desta amostra não soube informar.

No **Grupo de Estudos**, 75,81% dos indivíduos negaram a ocorrência de encoprese na infância (entre os três e doze anos de idade), enquanto 20,97% dos indivíduos não souberam informar. Apenas 2 homens relataram esta ocorrência.

A encoprese (81,103) é mais frequente em meninos, numa proporção de cinco casos para um. Mesmo assim é bem menos frequente que a enurese. Cerca de um terço dos encopréticos é também enurético. Um quarto dos encopréticos sofrem de obstipação intestinal associada.

O estudo das causas desta ocorrência tem demonstrado que a relação mãe-filho é decisiva no aparecimento da encoprese. Frequentemente a mãe é vista como coercitiva, punitiva, ou ambas, no treinamento da toailete genital e anal. Os problemas no desenvolvimento neuro-psicológico incluem distração fácil, baixa tolerância à frustração, hiperatividade e coordenação motora deficiente. A criança parece lenta para adquirir controle do esfíncter anal. Tal situação pode dar início à mágoas entre os pais e a criança, sendo este sentimento um dos responsá-



veis pelas dificuldades no tratamento deste sintoma. A criança passa a sentir-se indesejada, e a ter baixo conceito de si mesma.

A encoprese não é exclusivamente noturna, entretanto, quase metade dos encopréticos que são também enuréticos, têm encoprese noturna e diurna. Pode ser um sintoma frequente na escola.

Dinamicamente a mãe do encoprético mostra-se deprimida, insatisfeita com sua relação conjugal e maternal, apresentando sentimentos de desvalorização do eu. Nestes lares o pai mostra-se muito crítico e afetivamente distante dos filhos.

#### Tabelas 50 e 51

Pelos dados da tabela 50, 8% dos indivíduos do Grupo Controle relatavam chupar algum dedo da mão entre os três e doze anos, sendo este percentual constituído de 2 mulheres (7,41% do total feminino) e 2 homens (8,70% do total masculino). 92% negou esta ocorrência.

No Grupo de Estudos, 98,71% negou ter chupado o dedo nesta fase da vida. 4,84%, sendo 1 mulher e 2 homens, relata esta ocorrência, o que representa metade da incidência no Grupo Controle. Em nenhum dos grupos a incidência deste sintoma é alta.

Acredita-se que o ato de chupar o polegar (S1,103), ou qualquer um dos dedos, seja o resultado de uma regressão à satisfações orais, quando a pessoa está sob pressão, ou fadiga psíquica. É mais frequente em meninas. Culturalistas acham que este ato é fruto do aprendizado.

O ato de chupar o dedo está presente em quase todos os bebês, até o primeiro ano de vida. Dos dois aos cinco anos, as crianças podem chupar principalmente o polegar, quando sob estresse emocional. A persistência do ato pode estar associada com imaturidade geral, caracterizada por alguns hábitos mais regressivos, como: falar como bebê, urinar na cama, etc.

### Tabelas 52 e 53

Pelos dados da tabela 52, 20% da população do Grupo Controle roía suas unhas na infância, entre os três e doze anos de idade, sendo este percentual constituído de 6 mulheres (22,22% do total feminino) e 4 homens (17,39% do total masculino). 80% desta população negou esta ocorrência.

No Grupo de Estudos, 40,32% relatava ter roído unhas entre os três e doze anos de idade, sendo 7 mulheres (46,67% do total feminino) e 18 homens (38,30% do total masculino).

Observamos, portanto, que a população que roía unhas na infância é duas vezes maior no Grupo de Estudos do que no Grupo Controle, sendo este aumento devido, principalmente, às mulheres presidiárias.

Na teoria psicanalítica supõe-se que o ato de roer unhas (81,103), que pode começar após um ano de vida, é causado por impulsos competitivos intensos, em relação aos pais. Se tal impulso fosse efetivado, a criança destruiria sua fonte de gratificação e de dependência. Para resolver o conflito, a criança rói suas unhas, negando sua hostili-

dade, ferindo a si mesma, e demonstrando sua punição. Ela é capaz de demonstrar agressividade, porém isenta de sua agressão, o objeto pretendido como alvo. O ato de roer unhas é uma atitude regressiva oral, que reduz a tensão. Frequentemente ocorre em deprimidos e ansiosos crônicos.

#### **Tabelas 54 e 55**

Pelos dados da tabela 54, 12% da população do Grupo Controle refere ter tido episódios frequentes de crises de birra na infância, sendo 4 mulheres (14,81% do total feminino) e 2 homens (8,70% do total masculino). 86% desta população negou episódios de crise de birra. 2% não soube informar.

No Grupo E, 16,13% relatou crises de birra na infância, sendo 1 mulher (6,67% do total feminino) e 9 homens (19,15% do total masculino). 82,26% desta população, negou tais episódios, enquanto um indivíduo (1,61% da amostra total) não soube informar.

Observamos mais uma vez que a população do Grupo E apresenta, embora de forma discreta, um número maior de indivíduos com crises de birra na infância, comparativamente ao Grupo Controle.

#### **Tabelas 56 e 57**

Pelos dados da tabela 56, 8% da população do Grupo Controle, constituída de 2 mulheres (7,41% do total feminino) e 2 homens (8,70% do total masculino) apresentou tartamudez (gagueira) na infância. 92% negou tal ocorrência.

No Grupo de Estudos, 16,13% referia ter tido gagueira na infância, sendo este percentual constituído de 10 homens (21,28% do total masculino). 83,87% negou este distúrbio da linguagem, na infância. Encontramos, portanto, praticamente o dobro de indivíduos com tartamudez no Grupo de Estudos.

A tartamudez consiste num distúrbio da fala (81,104), devido a um bloqueio intermitente, uma repetição compulsiva, ou a um prolongamento de sons, sílabas e frases. Acredita-se que esta seja devido a espasmos tônicos e clônicos envolvendo respiração, fonação e articulação. Também pode estar associada a outros sinais, como: piscar de olhos, tiques, tremores dos lábios, trejeitos da cabeça, etc.

Aproximadamente 1% da população sofre de gagueira. Metade dos gogos são crianças. Há maior incidência entre os meninos.

Uma das teorias causais é de que a gagueira está associada a fatores predisponentes genéticos constitucionais, havendo um conflito entre as duas metades do cérebro, pelo controle da atividade dos órgãos da fala. A maior parte das teorias psicogênicas salientam os mecanismos obsessivo-compulsivos e uma variedade de fatores psico-sociais, tais como a ocorrência de famílias desestruturadas. A tartamudez é vista como uma neurose causada pela persistência, até a idade adulta, de componentes primitivos pré-genitais orais-sádicos e anais-sádicos.

Johnson (apud 104) salienta que a gagueira pode ser induzida por críticas indevidas dos próprios pais, em relação às atitudes da criança. As primeiras teorias sugeriam que a gagueira satisfaria necessidades de gratificação oral, ou que refletiria preocupações orais agressivas ou anais agressivas, conforme já dito acima.

### Gráfico\_1

O Gráfico 1 apresenta um resumo das condições de nascimento e dos sintomas e sinais neuróticos presentes na infância dos 50 indivíduos do Grupo Controle e dos 62 componentes do Grupo de Estudos. Notamos que este resalta a presença de terrores noturnos, sonilóquio e roer unhas, entre as mulheres do Grupo E. A enurese noturna, encoprese, crises de birra e gagueira, são mais frequentes entre os presidiários. Comparativamente ao Grupo C, estes apresentam também maior frequência de roedores de unhas. Logo, resumindo as tabelas de número 34 a 57, constatamos que os presidiários têm mais sintomas e sinais neuróticos na infância, em comparação com os indivíduos do Grupo C.

### Tabelas\_58\_e\_59

Pelos dados da tabela 58, 1 mulher, isto é, 2% da população do Grupo Controle, referia a ocorrência de crises convulsivas na infância. Esta continuou tendo episódios de convulsões, estando sob tratamento com anticonvulsivantes.

Observando os dados da tabela 59, notamos que 4,84% da população do Grupo de Estudos apresentou convulsões na infância, sendo 2 mulheres (13,33% do total feminino) e 1 homem (2,13% do total masculino). Das 2 mulheres que referiram convulsões na infância, uma apresenta diagnóstico de Epilepsia, assim como o homem constante deste percentual

positivo. 95,16% negou qualquer episódio convulsivo em suas vidas, mesmo quando adultos.

Através do Teste Exato de Fisher, para avaliar as probabilidades de significância entre as respostas aos itens de sintomas e sinais neuróticos na infância, encontramos as seguintes associações (todas positivas) entre as respostas:

#### A) Grupo de Estudos-Mulheres

1) Terrors noturnos com Sonambulismo, ao nível de 5%, isto é, há associação positiva forte entre estas duas respostas: quando um indivíduo respondeu sim para terrors noturnos, tendeu a responder sim também para sonambulismo.

2) Terrors noturnos com Estados de Medo, ao nível de 0,1%, isto é, há uma associação positiva fortíssima entre estas respostas.

3) Enurese noturna com Encoprese, ao nível de 3%, havendo também forte associação positiva entre estas respostas.

#### B) Grupo de Estudos-Homens

1) Terrors noturnos com Sonilóquio, ao nível de 5%, havendo associação positiva forte entre estas respostas.

2) Terrors noturnos com Roer unhas, ao nível de 5%, havendo associação positiva forte entre estas respostas.

3) Sonilóquio com Crise de Birra, ao nível de 3%.

4) Enurese noturna com Estados de Medo, ao nível de 4%.

5)Roer unhas com Gagueira,ao nível de 4%.

### C)Grupo Controle-Mulheres

- 1)Terroros noturnos com Sonambulismo,ao nível de 4%.
- 2)Terroros noturnos com Sonilóquio,ao nível de 5%.
- 3)Terroros noturnos com Encoprese,ao nível de 5%.
- 4)Terroros noturnos com Estados de Medo,ao nível de 1%.
- 5)Sonilóquio com Estados de Medo,ao nível de 4,5%.
- 6)Enurese noturna com Encoprese,ao nível de 4%.

### D)Grupo Controle-Homens

1)Sonambulismo com Roer unhas,ao nível de 2%.

2)Enurese noturna com Encoprese,ao nível de 0,0000,isto é,há uma associação positiva,muito forte,entre estas respostas:quando um indivíduo respondeu ter tido enurese na infância,tendeu fortemente a dizer sim também para encoprese.

### Tabelas 60 e 61

Pelos dados da tabela 60,observamos que 42% dos indivíduos do Grupo Controle,constituídos de 6 mulheres(22,22% do total feminino) e 15 homens(65,22% do total masculino),obtiveram suas primeiras informações sexuais na rua,isto é,em conversas com amigos,colegas,etc. 30%

obteve estas informações através de revistas pornográficas, filmes ou livros educativos. Apenas 10% destes, sendo 5 mulheres (18,52% do total feminino) receberam estas informações através de conversas e orientações de seus pais ou irmãos mais velhos (dentro de casa).

No Grupo E, 59,68% dos indivíduos, constituídos de 12 mulheres (80% do total feminino) e 25 homens (53,19% do total masculino) obtiveram suas primeiras informações sexuais na rua. 20,97% obteve estas informações através de revistas, livros ou filmes pornográficos. 11,29% destes obtiveram estas informações na escola, principalmente em aulas de Ciências e Biologia. Apenas 8,06% (1 mulher e 2 homens) recebeu estas informações em conversas com os pais.

Logo, concluímos que, nos dois grupos, é muito pequena a porcentagem de indivíduos que conversam sobre sexo em casa. O desconhecimento dos próprios pais em relação a sexualidade, o pouco contato afetivo e social com os filhos, e mesmo a maneira vergonhosa com que encaram o sexo, contribuem para que o adolescente busque este conhecimento fora de casa. A falta de diálogo e de informações (por vezes incompletas e incorretas), colaboram para gerar culpa e ansiedade em adolescentes já problemáticos e desestruturados, favorecendo-os a buscarem respostas nas drogas e nos desvios sexuais (106). Favorecem, igualmente, as contaminações por doenças venéreas, como: sífilis, gonorréia, e a própria AIDS, conforme discutiremos mais adiante.



Pelos dados da tabela 62, notamos que 32% da população do Grupo Controle, constituída de 9 homens (39,13% do total masculino) e 7 mulheres (25,92% do total feminino), começou a manter relações heterossexuais por volta dos 15 aos 18 anos de idade. 22%, isto é, 4 homens e 7 mulheres, iniciou suas relações sexuais completas dos 18 aos 21 anos. 20% dos indivíduos do Grupo C, isto é, 10 mulheres (37,03%) relatavam nunca terem tido relações sexuais. 6%, constituídos de 3 homens, começou a manter relações heterossexuais antes dos 15 anos.

No Grupo de Estudos observamos que 56,45% dos indivíduos iniciaram suas relações heterossexuais na faixa etária dos 15 aos 18 anos, sendo 24 homens (51,06% do total masculino) e 11 mulheres (73,33% do total feminino). 14,51% (7 homens e 2 mulheres) começou a manter relações sexuais completas dos 18 aos 21 anos, e 24,19% desta população, iniciou suas relações heterossexuais antes dos 15 anos, sendo 14 homens (29,78% do total masculino) e 1 mulher (6,66% do total feminino). Apenas 1 homem desta população nunca manteve relações sexuais (1,61%). Logo, verificamos que a população de presidiários começa mais precocemente a relacionar-se sexualmente. Em praticamente 100% da amostra masculina, as experiências sexuais iniciam-se com prostitutas.

#### Tabelas 64 e 65

Observando os dados da tabela 64, notamos que 92% dos indivíduos do Grupo Controle não relatavam relações homossexuais, ou seja, com pessoas do mesmo sexo. 6% relatava ter mantido relações homossexuais

após a puberdade, sendo 2 mulheres (7,41% do total feminino) e 1 homem (4,35% do total masculino).

No Grupo de Estudos, 87,10% dos entrevistados responderam nunca ter mantido relações homossexuais (45,10%) após a puberdade, sendo 15 mulheres (100% da amostra feminina) e 39 homens (82,98% do total masculino). 8 homens (12,90% da amostra total) responderam ter tido relações homossexuais.

Dos que mantiveram relações homossexuais, 3 responderam que iniciaram esta prática fora do presídio, alegando que se submetiam a elas como uma forma de ganharem dinheiro e se sustentarem. Os outros 5 indivíduos disseram que começaram a manter estas relações na Cadeia, por vários motivos:

1) são sozinhos e não recebem visitas de mulheres; logo, quando a tensão sexual aumenta, eles procuram rapazes para se satisfazerem. Em geral preferem os bem aparentados e asseados, imberbes, ou que eles obrigam a raspar os pêlos do corpo. Estes, via de regra, são os mais indefesos e comportados, e não oferecem, ou não podem oferecer resistências aos seus assédios sexuais.

2) dois dos 5, responderam que são obrigados a manter relações homossexuais na Cadeia, porque se não o fizerem serão mortos, como alguns já o foram. Dizem que não podem sequer comentar o fato, pois isto é motivo de agressão, e mortal, aqui dentro...

3) um indivíduo disse-me que manteve relações homossexuais para provar aos outros que era mesmo homem (SIC).

Dos 8 componentes do Grupo E que mantiveram relações homossexuais, 3 disseram ter sido ativos, 3 foram ativos e passivos e 2 foram apenas passivos.

No Grupo Controle 1 indivíduo foi ativo e as 2 mulheres disseram ter sido passivas.

Nenhum destes indivíduos, pertencentes aos dois grupos, admitiram ser homossexuais, embora alguns tenham referido prazer nestas relações (6, no total). No Grupo Controle justificaram esta prática como curiosidade em experimentar, e no Grupo de Estudos admitiam dificuldades sócio-econômicas e ambientais.

#### Tabelas 66 e 67

Observando os dados da tabela 66 notamos que dos 44 indivíduos que se dispuseram a responder este item, 52,27% deste total dizia praticar masturbação atualmente, sendo 9 mulheres (33,33% do total feminino) e 14 homens (82,35% do total masculino). 47,73% da amostra dizia não praticar masturbação, sendo 18 mulheres (66,67% do total feminino) e 3 homens (17,65% do total masculino). A maioria das mulheres deste grupo encontravam as maiores dificuldades em abordar este assunto, que permanece um tabú, extremamente vergonhoso e pecaminoso, sendo que algumas diziam, inclusive, desconhecer o termo; outras negavam rapidamente, com a expressão-jamais...jamais...

No Grupo de Estudos, 64,41% dizia praticar masturbação atualmente, sendo 3 mulheres (as que estão há mais tempo no presídio, isto é, 20% do total feminino) e 35 homens (79,55% do total masculino).

35,59% desta população nega a prática de masturbação atualmente, sendo 12 mulheres (80% do total feminino) e 9 homens (20,45% do total masculino).

### Tabelas 68 e 69

Analisando os dados da tabela 68, notamos que 72,92% da amostra do Grupo C que se dispôs a responder este item (48 indivíduos), dizia manter relações heterossexuais atualmente, sendo 14 mulheres e 21 homens. 27,08% desta população dizia não estar mantendo relações heterossexuais atualmente, sendo esta porcentagem constituída de 13 mulheres (48,15% do total feminino). As justificativas para este fato foram várias:

1) algumas são solteiras, e nunca tiveram relações heterossexuais.

2) uma é viúva, e não refez sua vida conjugal.

3) outra negava-se a manter relações com o marido alcoolista.

Pelos dados da tabela 69, observamos que 40,32% da amostra do Grupo E, dizia estar mantendo relações heterossexuais atualmente, com suas esposas ou amasias. 59,68% da amostra total negava estar tendo relações heterossexuais atualmente, sendo 15 mulheres (100% do total feminino) e 22 homens (46,81% do total masculino).

Sabemos que é permitido aos presidiários receberem suas mulheres para encontros íntimos, nas visitas de final de semana. Tal fato

não é permitido às mulheres presidiárias, que reclamam os mesmos direitos, pois sofrem as mesmas carências. Será que esta discriminação reside ainda nas afirmações positivistas de Augusto Comte (apud 89), que julgava as mulheres isentas de desejo sexual, e com a função precípua de apenas servirem seus maridos?...

Os homens presidiários que não estavam tendo relações heterossexuais, atribuíam o fato a:

1) estavam separados de suas esposas ou amasias, ou não tinham namoradas ao ingressarem na Cadeia; logo não recebiam visitas femininas desde então.

2) alguns são homossexuais, sendo que 1 deles nunca teve experiências heterossexuais.

3) outros evitavam trazer suas mulheres à Cadeia, com receio de que estas pudessem sofrer alguma agressão verbal, ou mesmo sexual. Apesar de haver um código de honra entre os presidiários-de respeitarem mutuamente suas famílias-houve relatos sigilosos de que presos mais fortes e poderosos exigiam como forma de pagamento para a segurança de alguns, que estes cedessem suas mulheres nas visitas. Esta mesma queixa tem sido feita em outros presídios superpopulosos, conforme notícia a Folha de São Paulo, datada de 12 de março de 1989: "...na detenção, presos entregam mulheres para se proteger..."

Além da perversidade psico-física que este sistema implica, vemos aí uma possibilidade enorme de transmissões de doenças venéreas à população intra e extra-carcerária.

### Tabelas 70 e 71

Verificamos pelos dados da tabela 70, que no Grupo Controle 48% dos indivíduos não tinham filhos, sendo 13 mulheres e 11 homens. 16% desta população, constituída de 4 mulheres e 4 homens, tem dois filhos. 18%, sendo 5 mulheres e 4 homens, tem três filhos. Logo, 34% da população do Grupo C tem de dois a três filhos.

Pelos dados da tabela 71, notamos que 40,32% dos presidiários entrevistados não têm filhos, sendo este percentual constituído de 3 mulheres e 22 homens. 24,19% desta população, sendo 5 mulheres e 10 homens, tem um filho. 16,13% tem 2 filhos e 11,29%, sendo 2 mulheres e 5 homens, tem três filhos.

Logo, concluímos que, proporcionalmente, a população de presidiários, principalmente as mulheres, têm mais filhos que a população do

Grupo Controle. Isto representa sérios problemas, pois encarcerados eles não têm como sustentar e educar suas crianças, que ficam sob a guarda de parentes ou do Juizado de Menores, prejudicando seriamente o desenvolvimento psico-físico destes. Este fato colabora por desagregar ainda mais as famílias, favorecendo o ciclo da criminalidade, visto que os pais são figuras imprescindíveis nos processos de formação psicológica de seus filhos.

A totalidade das mulheres presidiárias que são mães, demonstravam que suas maiores preocupações relacionavam-se com os filhos. Indagavam-se, interiormente, de como estavam?... Se estariam se alimentando bem? Se sentiam sua falta?... Esta preocupação pode ser um dos motivos dos altos índices de ansiedade e depressão nas mulheres, quando estas entram na prisão. A maioria delas, inclusive, justifica que começou a roubar ou furtar, para dar um futuro melhor as suas crianças, ou mesmo para alimentá-las e vesti-las. Os homens mostravam-se menos preocupados, pois justificavam que suas esposas cuidariam bem delas. A maioria, no entanto, queixava-se de saudades, e manifestava não querer para os filhos um futuro igual ao seu presente.

O controle de natalidade é uma medida mais utilizada no Grupo Controle. Eles se mostram preocupados e zelosos com o engravidar e com as conseqüências de terem mais filhos. Os indivíduos do Grupo de Estudos não denotam a mesma conscientização em relação aos métodos contraceptivos.

Observando os dados da tabela 72, notamos que 49,18% dos indivíduos que responderam este item (61, no total) recebiam visitas de suas esposas na Cadeia. Este percentual era constituído de 4 mulheres e 26 homens. 19,67%, sendo 9 mulheres e 3 homens, não recebia visitas, até o momento da entrevista. 31,15% destes, sendo 1 mulher e 18 homens, não tinham companheiros para visitá-los, ou então deram outras respostas, como: ainda não deu tempo para ele (ou ela) vir me ver; ele virá na próxima semana, etc.

Pelos dados da tabela 73 observamos que 32,26% dos indivíduos que possuem filhos (4 mulheres e 16 homens), recebem visitas destes. 17,74%, sendo 7 mulheres e 4 homens, não recebem visitas dos filhos. 50% da população do Grupo E se enquadra na categoria de não ter filhos, ou de receber visitas de um número parcial destes. Por exemplo: recebe visitas dos filhos do casamento atual, mas não do primeiro, etc.

Aqueles que não recebem visitas dos filhos, em 100% dos casos dizem não querer que eles conheçam o que é uma Cadeia, sentindo-se envergonhados por estarem ali e darem este exemplo. Alguns temem a violência dentro da Instituição, assim como temem que seus filhos possam pegar alguma doença nas visitas. Este temor, inclusive, fez com que o Diretor Titular da Cadeia suspendesse as visitas das crianças, como medida de prevenção (?), em 1987, alegando falta de segurança e possibilidades de contágio por doenças infecto-contagiosas. No momento em que realizávamos estas entrevistas, esta medida já havia sido parcialmente revogada, e era permitida uma visita mensal aos pais, na Cadeia Pública do São Bernardo, para crianças menores de cinco anos. Crianças com mais



idade tinham a visita liberada. Podemos supor o que significa a estes menores ficarem privados da presença paterna, por tanto tempo. O mesmo pode-se dizer em vir visitá-los em lugar tão perigoso e promíscuo. Os danos parecem irreparáveis, principalmente se não nos preocuparmos em dar assistência social e psicológica aos familiares de presidiários, como medida, inclusive preventiva, da criminalidade em nosso país.

#### Tabelas 74 e 75

Analisando os dados da tabela 74 observamos que 76% dos indivíduos do Grupo Controle, constituídos de 21 mulheres (77,78% do total feminino) e 17 homens (73,91% do total masculino), diziam-se dependentes afetivamente dos familiares, principalmente da mãe ou de amigos. 22% desta amostra negava ser dependente, isto é, não se sentia ligada a ninguém, podendo viver muito bem sem vê-los, sem procurá-los.

No Grupo de Estudos, 61,29% dos indivíduos confessam-se afetivamente dependentes dos familiares ou de amigos, sendo este percentual constituído de 7 mulheres (46,67% do total feminino) e 31 homens (65,96% do total masculino). 38,71% desta população nega qualquer dependência afetiva, sendo 8 mulheres (53,33% do total feminino) e 16 homens (34,04% do total masculino). Logo, nesta população, os homens se mostram mais ligados à família e/ou amigos do que as mulheres, fato contrário ocorre na população do Grupo Controle, onde notamos certo equilíbrio no percentual de homens e mulheres que se dizem dependentes afetivamente.

### Tabelas 26 e 27

Observando os dados da tabela 76 notamos que 74% dos indivíduos do Grupo Controle, constituídos de 19 mulheres (70,37% do total feminino) e 18 homens (78,26% do total masculino) diziam-se organizados em suas funções e tarefas, fossem elas domiciliares ou profissionais. Em 22% da amostra tivemos resposta negativa a esta questão, isto é, eles negavam ser organizados.

No Grupo E, 82,26% da população de presidiários diziam-se organizados, ordeiros, sendo este percentual constituído de 15 mulheres (100% do total feminino) e 36 homens (76,60% do total masculino). 17,74% negava ser organizada.

Observamos, portanto, no Grupo Controle, um discreto aumento da população masculina que se diz organizada, comparativamente às mulheres, enquanto no Grupo E notamos o inverso.

A organização, principalmente quando excessiva, pode ser um mecanismo de defesa contra desorganizações interiores. Aparece principalmente em personalidades neuróticas obsessivas (75,125) conjuntamente com outras características, como: metodismo, perseverança, rigidez de condutas, etc. É um traço de personalidade importante para o desempenho de tarefas administrativas ou burocráticas, assim como de outras atividades que impliquem em minuciosidade, detalhismo, e exigem alto índice de concentração, visto que qualquer erro pode ser fatal. Na atitude criminal, a organização é um elemento deveras importante a esta atuação, visto que quanto mais organizado e metódico é o criminoso, menos pistas ele pode deixar, porém colabora para que se identifique seu estilo de

ação. Estas características metódicas têm sido bastante salientadas em filmes que comentam estilos de crimes famosos, como o do bandido da luz vermelha, o de Jack o estripador, etc.

#### Tabelas 78 e 79

Pelos dados da tabela 78, notamos que 80% da população do Grupo Controle, constituída de 23 mulheres (85,19% do total feminino) e 21 homens (91,30% do total masculino) não se dizia agressiva. 10% desta população, sendo 3 mulheres (11,11% do total feminino) e 2 homens (8,70% do total masculino) reconhecia-se como agressiva e explosiva.

No Grupo de Estudos, 69,35% do total da amostra, constituída de 11 mulheres (73,33% do total feminino) e 32 homens (68,09% do total masculino) negava ser agressiva. 30,65% desta população, constituída de 4 mulheres (26,67% do total feminino) e 15 homens (31,91% do total masculino) dizia-se agressiva, colérica, impulsiva. Logo, a população de presidiários, tanto masculina como feminina, é bem mais agressiva do que a população do Grupo Controle, numa proporção de três para um.

#### Tabelas 80 e 81

Pelos dados da tabela 80, notamos que 64% da população do Grupo Controle, constituída de 16 mulheres (59,26% do total feminino) e 16 homens (69,57% do total masculino) dizia-se com capacidade de liderança. 36% desta população não apresentava, segundo eles próprios, qualquer aptidão neste sentido.

No Grupo de Estudos, 51,61% da amostra dizia-se com capacidade de liderança, sendo 7 mulheres (46,67% do total feminino) e 25 homens (53,19% do total masculino). 48,39% deste grupo negava tal capacidade.

#### Tabelas 82 e 83

Analisando os dados da tabela 82, notamos que 76% da população do Grupo Controle, sendo 19 mulheres (70,37% do total feminino) e 19 homens (82,61% do total masculino) não se dizia ambiciosa. 24% do total desta população reconhecia-se como tal, sendo esta ambição dirigida à ascensão no trabalho e aquisição de bens materiais, como: casas, eletrodomésticos, carros do ano, etc.

No Grupo de Estudos, 50% da população, isto é, 13 mulheres (86,67% do total feminino) e 18 homens (38,30% do total masculino) não se reconhecia como ambiciosa. Outros 50%, sendo 2 mulheres (13,33% do total feminino) e 29 homens (61,70% do total masculino) confessavam-se ambiciosos. Muitos destes indivíduos atribuíam à ambição, as suas atitudes criminais. Queriam mais dinheiro para ampliarem negócios, para comprarem casas, eletrodomésticos, etc., quando já tinham uma condição de vida razoável.

Observamos, portanto, que há mais ambiciosos no Grupo de Estudos, sendo os homens os mais gananciosos, e os que—segundo eles mesmos—mais roubam e matam por ambição.

#### Tabelas 84 e 85

Analisando os dados da **tabela 84**,notamos que 82% da população do **Grupo Controle**,constituída de 19 mulheres(70,37% do total feminino) e 22 homens(95,65% do total masculino) não se dizia submissa. 16% desta população,sendo 7 mulheres(25,93% do total feminino) e 1 homem(4,35% do total masculino) confessava-se submissa,subserviente ao cônjuge e demais pessoas de seu convívio familiar ou profissional.

No **Grupo E**,90,32% dos indivíduos não se reconheciam como submissos,sendo 13 mulheres(86,67% do total feminino) e 43 homens(91,49% do total masculino).9,68% desta população dizia-se submissa,sendo 2 mulheres(13,33% do total feminino) e 4 homens(8,51% do total de homens).Logo,encontramos um número menor de indivíduos que acatam mansamente as ordens,mandos e desmandos no ambiente familiar,social ou profissional,entre os presidiários,comparativamente ao **Grupo Controle**,numa proporção de quase dois para um.Esta submissão está mais presente entre as mulheres do **Grupo C**.

#### **Tabelas 86 e 87**

Observando os dados da **tabela 86**,notamos que 56% dos indivíduos do **Grupo Controle**,constituídos de 16 mulheres(59,26% do total feminino) e 12 homens(52,17% do total masculino) diziam não se perturbar facilmente pelas responsabilidades e deveres.44% desta população,sendo 11 mulheres e 11 homens,dizia perturbar-se facilmente com suas obrigações,perdendo noites de sono,angustiando-se demais,quanto mais complexas estas tarefas eram sentidas,embora muitas vezes fossem simples para outros.

No Grupo E, encontramos 43,55% de indivíduos, sendo este percentual constituído de 6 mulheres (40% do total feminino) e 21 homens (44,68% do total masculino) que diziam não se perturbar facilmente pelas responsabilidades. 54,84%, sendo 8 mulheres (53,33% do total feminino) e 26 homens (55,32% do total masculino) dizia perturbar-se facilmente com seus deveres e obrigações. Portanto, encontramos um número maior de indivíduos que se perturbam facilmente por responsabilidades no Grupo E, provavelmente por terem uma personalidade mais desestruturada, mais instável, assim como por exercerem atividades marginais paralelas, que fazem com que vivam em constante estado de alerta-ameaçados e perseguidos.

#### Tabelas 88 e 89

Analisando os dados da tabela 88 verificamos que 78% dos indivíduos do Grupo Controle, sendo 20 mulheres (74,07% do total feminino) e 19 homens (82,61% do total masculino) negavam ser auto-depreciativos, isto é, não se julgavam os piores do mundo, os mais infelizes, os mais feios, os mais incapacitados, etc. 16% desta amostra, constituída de seis mulheres e dois homens, dizia-se auto-depreciativa.

No Grupo de Estudos, 83,87% dos indivíduos negavam ser auto-depreciativos, sendo 12 mulheres (80% do total feminino) e 40 homens (85,11% do total masculino). 11,29%, constituídos de 2 mulheres e 5 homens, admitia esta característica.

O auto-depreciar-se pode estar associado a sentimentos depressivos (78, 90, 132, 161, 166, , 172, 194), de insegurança, de desvalorização

do eu, o que pode colaborar para dificuldades na sociabilidade destes indivíduos, favorecendo o isolamento, assim como os processos auto-destrutivos, como por exemplo, as doenças psicossomáticas. O rendimento destes indivíduos no trabalho não é bom, pois tudo o que realizam eles próprios minimizam ou colaboram para que outros o façam, fazendo crescer dentro deles sentimentos de impotência face a vida, sentimentos de culpa, dificuldades em prosperarem. Observamos que há um número discretamente maior de auto-depreciativos entre as mulheres do Grupo Controle. A origem deste traço de personalidade pode estar na infância, e ter sido gerado pelo contato com os pais, (principalmente com a mãe, que é a figura de maior ligação afetiva) que podem também ser inseguros, políquelos ou muito agressivos e rígidos, não dando à criança demonstrações de contentamento por nada que ela realiza; ao contrário, colocam insistentemente defeitos em tudo o que provém do filho. Estes pais, em geral, não acariciam suas crianças, não as presenteiam, não conversam de forma calma, tranquila: a comunicação é o berro, que é sentido como rejeição. Estes sentimentos podem gerar comportamentos sociopáticos de revolta.

#### Tabelas 20 e 21

No Grupo Controle observamos que 72% dos indivíduos, constituídos de 19 mulheres (70,37% do total feminino) e 17 homens (73,91% do total masculino) diziam-se estáveis no humor, isto é, não alternavam ciclicamente, ou abruptamente, seu estado de ânimo: alegria com tristeza, irritação com excesso de zelo, etc., principalmente, sem motivo aparente. 28% destes indivíduos admitiam ter um humor instável.

No Grupo de Estudos, 67,74% dos indivíduos, constituídos de 10 mulheres (66,67% do total feminino) e 32 homens (68,09% do total masculino) diziam apresentar um humor estável. 32,26% desta amostra, sendo 5 mulheres e 15 homens, dizia-se com humor instável, sujeitos principalmente a irritação, mau-humor, e até mesmo manifestações coléricas repentinas. Logo, a instabilidade no humor está mais presente no Grupo de Estudos, principalmente entre as mulheres presidiárias.

#### Tabelas 92 e 93

Pelos dados da tabela 92, notamos que 46% dos indivíduos, isto é, 10 mulheres (37,04% do total feminino) e 13 homens (56,52% do total masculino) diziam tomar decisões com facilidades, tanto em casa como no trabalho. Outros 46% desta mesma amostra, constituídos de 16 mulheres e 7 homens, referiam o oposto, isto é, pensavam muito antes de tomarem qualquer decisão, consultando parentes ou amigos próximos.

No Grupo de Estudos, 54,84% da amostra, sendo 7 mulheres (46,67% do total feminino) e 27 homens (57,45% do total masculino) dizia não tomar decisões com facilidades. 33,87% desta amostragem, constituída de 5 mulheres (33,33% do total feminino) e 16 homens (34,04% do total masculino) dizia que tomava decisões facilmente, isto é, não se preocupava muito com o que tinha a fazer—decidia logo. 11,29% respondeu que o seu grau de facilidade ou de dificuldade na resolução das atitudes a serem tomadas dependia do tipo de decisão e do momento em que isto ocorria em suas vidas. Logo, o Grupo Controle parece tomar decisões com mais facilidades do que os componentes do Grupo E, provavelmente por sentirem-se menos ameaçados e vigiados naquilo em que se envolvem.



### Tabelas 94 e 95

Observamos pelos dados da tabela 94 que 86% dos indivíduos do Grupo Controle diziam-se perseverantes em suas atitudes—quando querem algo, insistem até conseguirem. Este percentual é constituído de 21 mulheres (77,78% do total feminino) e 22 homens (95,65% do total masculino). 14% desta amostra não se dizia assim.

No Grupo de Estudos, 87,10%, constituídos de 15 mulheres (100% da amostra feminina) e 39 homens (82,98% da amostra masculina) confessava-se perseverante. 11,29%, constituído de 7 homens (14,89% do extrato masculino) negava esta característica. Portanto, a população de presidiários se diz mais perseverante do que os indivíduos do Grupo C. é mais difícil demovê-los de uma idéia ou atitude. Eles insistem até conseguirem seu intento, ou se verem fracassados totalmente; mesmo assim, muitos deles referem que voltam a tentar o que desejam conseguir: se dizem cabeça-dura, teimosos...

### Tabelas 96 e 97

Notamos pelos dados da tabela 96, que 64% da população do Grupo Controle, constituída de 19 mulheres (70,37% do total feminino) e 13 homens (56,52% do total masculino) dizia-se rígida. 34% não admitia esta característica em si mesmos.

No Grupo de Estudos, 58,06% da amostra, constituída de 7 mulheres (46,67% do total feminino) e 29 homens (61,70% do total masculi-

no) dizia-se rígida. 40,32% desta população, sendo 7 mulheres e 18 homens negava a rigidez. Logo, esta característica de personalidade está mais presente nos indivíduos do Grupo Controle, principalmente entre as mulheres. A rigidez de valores é também um elemento defensivo importante para manter sob controle determinados estímulos que podem colaborar para o indivíduo fugir da ordem, da organização, de princípios morais considerados padrões, etc. Utilizando-se deste mecanismo defensivo, ele vigia a si mesmo e aos outros, não correndo o risco de deixar escapar suas fraquezas, inseguranças, desejos reprimidos. Esta rigidez, ou inflexibilidade diante dos fatos e da vida, pode colaborar no aparecimento de doenças psicossomáticas, como por exemplo as doenças osteomusculares, assim como pode estar presente em malfetores que se comportam de forma impiedosa com suas vítimas ou com seus comparsas do crime, castigando-os severamente quando cometem qualquer deslize ou traição.

#### Tabelas 98 e 99

Observando os dados da tabela 98, notamos que 60% dos indivíduos do Grupo Controle, constituídos de 16 mulheres (59,26% do total feminino) e 14 homens (60,87% do total masculino) diziam-se metódicos, isto é, realizavam suas tarefas sempre da mesma maneira, seguindo um padrão, uma rotina. 40% dos indivíduos deste grupo, sendo 11 mulheres e 9 homens, não se diziam assim.

No Grupo de Estudos, 54,84% dos indivíduos, constituídos de 9 mulheres (60% do total feminino) e 25 homens (53,19% do total masculino)

diziam-se metódicos. 43,55% desta amostragem, sendo 6 mulheres e 21 homens, negava tal característica. Logo, há um número maior de metódicos entre os indivíduos do Grupo Controle, com discreta exceção às mulheres presidiárias, que apresentam um percentual muito próximo ao das mulheres do Grupo C.

#### Tabelas 100 e 101

Pelos dados da tabela 100 notamos que 60% dos indivíduos do Grupo Controle, constituídos de 17 mulheres (62,96% do total feminino) e 13 homens (56,52% do total masculino) diziam-se tímidos. 34% dos indivíduos desta amostragem, sendo 8 mulheres (29,63% do extrato feminino) e 9 homens (39,13% do total masculino), negavam tal característica.

No Grupo de Estudos, 62,90% dos indivíduos, sendo 8 mulheres (53,33% do total feminino) e 31 homens (65,96% do total masculino) diziam-se tímidos. 35,48%, constituídos de 7 mulheres e 15 homens, negava apresentar timidez. Logo, as mulheres do Grupo C mostravam-se mais tímidas do que os demais indivíduos dos dois grupos.

#### Tabelas 102 e 103

Observando os dados da tabela 102, notamos que 54% dos indivíduos do Grupo C, constituídos de 11 mulheres (40,74% do total feminino) e 16 homens (69,57% do total masculino) diziam-se calmos, tranquilos, sem sentimentos de aflição, sem inquietude psico-motora, etc. 38% desta amostragem, sendo 13 mulheres (48,15% do total feminino) e 6 homens

(26,09% do total masculino) dizia-se nervosa, intranquila, irritada, etc. A maioria destes não sabia explicar os motivos do nervosismo, porém atribuíam boa parcela dele ao ambiente de trabalho e a situação sócio-econômica da família e do país.

No Grupo de Estudos, 50% dos indivíduos, isto é, 4 mulheres (26,67% do total feminino) e 27 homens (57,45% do total masculino) diziam-se calmos, tranquilos, antes de serem presos. 43,55% destes presidiários, sendo 10 mulheres (66,67% do extrato feminino) e 17 homens (36,17% do total masculino) diziam-se nervosos, inquietos, preocupados. Atribuíam este estado a conflitos familiares e a situação sócio-econômica em que viviam.

Verificamos, portanto, que as mulheres presidiárias são as que se diziam mais tensas, nervosas, intranquilas, preocupadas, antes de entrarem para a criminalidade, comparativamente aos demais indivíduos dos dois grupos. Isto pode estar ligado a uma desestruturação psicológica maior das mulheres que procuram o caminho do crime, associado a conflitos neuróticos originários da infância sofrida.

#### Tabelas 104 e 105

Analisando os dados da tabela 104, observamos que 60% dos indivíduos do Grupo Controle, constituídos de 14 mulheres (51,85% do total feminino) e 16 homens (69,57% do total masculino) diziam-se alegres, contentes. 26% desta população, sendo 11 mulheres (40,74% do total feminino) e 2 homens (8,70% do total masculino) reconhecia-se como triste, aborrecida, desanimada por motivos diversos, como insatisfação

com o cônjuge ou no trabalho, desavenças na família, insatisfações existenciais, isto é, não gostava da vida, não sabia porque estava viva, questionava o viver. 14% não se sentia nem alegre nem triste, ou respondeu que seu estado de ânimo dependia do dia e das ocorrências deste.

No Grupo de Estudos verificamos que 59,68% dos indivíduos, sendo 7 mulheres (46,67% do total feminino) e 30 homens (63,83% do total masculino) diziam-se alegres. 24,19% deles, constituídos de 5 mulheres (33,33% do extrato feminino) e 10 homens (21,28% do extrato masculino) diziam-se tristes, desanimados, acabados. Esta característica de estado de ânimo antecedia a prisão.

Analisando mais profundamente esses dados, notamos uma porcentagem maior de mulheres tristes no Grupo Controle, e de homens tristes no Grupo de Estudos. Esta tristeza está associada a sentimentos de desvalorização pessoal, não interessando mais zelar por si e pelos outros (05,60,71,78,195. Discutiremos melhor as repercussões do estado do humor ao abordarmos a ocorrência das doenças psicossomáticas nestes indivíduos.

#### Tabelas 106 e 107

Observando os dados da tabela 106, 84% dos indivíduos do Grupo Controle diziam-se otimistas, isto é, 20 mulheres (74,07% do total feminino) e 22 homens (95,65% do total masculino). Apenas 10% desta amostragem (5 mulheres) confessava-se pessimista em relação à vida.

No Grupo de Estudos 79,03% dos indivíduos, sendo 12 mulheres (80% do total feminino) e 37 homens (78,72% do total masculino) di-

ziam-se otimistas.9,68%,constituído de 2 mulheres e 4 homens reconhecia-se pessimista,e 11,29% da amostra deste grupo respondeu ser otimista algumas vezes e em outras não.Tudo dependia dos fatos ou da análise de cada fato.

Os otimistas estão em maior número no Grupo Controle,embora as diferenças não sejam muito grandes,a não ser em relação aos homens do Grupo C,que se dizem mais esperançosos em relação ao que podem conseguir no futuro,na profissão,em relação a família.Um dos motivos de pessimismo concentra-se no que esperam deste país.

#### Tabelas\_108\_e\_109

Pelos dados da tabela 108,observamos que 84% dos indivíduos do Grupo Controle,sendo 22 mulheres(81,48% do total feminino) e 20 homens(86,96% do total masculino) diziam-se críticos,exigentes demais consigo mesmos,não perdoando seus erros,etc...14% da amostra,sendo 4 mulheres e 3 homens,negava esta característica.

No Grupo de Estudos,observamos que 74,19% da amostra total,constituída de 12 mulheres(80% do extrato feminino)e 34 homens(72,34% do total masculino)confessava-se auto-crítica severa,enquanto 25,81% negava ser assim.

Logo,há um número maior de auto-críticos no Grupo Controle,principalmente entre os homens.

### Tabelas 110 e 111

Notamos pelos dados da tabela 110, que 66% dos indivíduos do Grupo Controle, constituídos de 18 mulheres (66,67% do total feminino) e 15 homens (65,22% do total masculino), diziam-se críticos em relação aos outros, isto é, observavam muito o que as pessoas ao seu redor faziam, perturbando-se com as atitudes destas, e abordando-as com reprimendas, quando sentiam-se muito incomodados. Em geral, esta atitude mais severa era tomada no ambiente familiar. No trabalho sentiam-se mais receosos, temendo inimizades, justamente por falarem o que sentiam.

No Grupo de Estudos, 58,06% dos indivíduos, sendo 9 mulheres (60% do total feminino) e 27 homens (57,45% do total masculino) confessavam-se críticos com os outros. Achavam que os erros alheios não só incomodavam, como podiam atrapalhar a realização de suas tarefas. 41,94% desta população, sendo 6 mulheres e 20 homens, não se dizia crítica com os outros. Logo, havia um número maior de indivíduos críticos e severos com os outros, na população do Grupo C, principalmente entre as mulheres.

### Tabelas 112 e 113

Verificamos pelos dados da tabela 112, que 76% dos indivíduos do Grupo Controle, sendo 19 mulheres (70,37% do total feminino) e 19 homens (82,61% do total masculino) diziam-se perfeccionistas, isto é, gostavam de tudo bem feito, nos mínimos detalhes. Esmeravam-se em seus tra-

balhos, sendo minuciosos e exigentes. 24% destes, compostos de 8 mulheres e 4 homens, não se achavam perfeccionistas.

No Grupo de Estudos, 77,42% dos indivíduos deste grupo, constituídos de 12 mulheres (80% do extrato feminino) e 36 homens (76,60% do total masculino) diziam-se perfeccionistas. 22,58% desta amostragem, constituída de 3 mulheres (20% do extrato feminino) e 11 homens (23,40% do total masculino) não se reconhecia como tal. Notamos mais perfeccionistas entre os homens do Grupo Controle, embora, na amostra geral, haja um número discretamente maior desta característica entre os presidiários. Os números, no entanto, caminham muito próximos, nos dois grupos.

#### Tablelas 114 e 115

Observando os dados da tabela 114, 58% dos indivíduos do Grupo Controle, constituídos de 16 mulheres (59,26% do total feminino) e 13 homens (56,52% do total masculino), diziam-se francos, abertos, verdadeiros, no que falavam e como agiam, em relação às pessoas. 40% destes, sendo 11 mulheres (40,74% do extrato feminino) e 9 homens (39,13% do total masculino), não se reconheciam como francos, isto é, muitas vezes, para não magoarem as pessoas, acabavam não dizendo o que pensavam ou sentiam.

No Grupo de Estudos, 56,45% da amostra total, constituída de 10 mulheres (66,67% do total feminino) e 25 homens (53,19% do total masculino) dizia-se franca. 40,32% dos indivíduos deste grupo, sendo 4 mulheres (26,67% do total feminino) e 21 homens (44,68% do total masculino)



diziam-se não francos. Há, portanto, um número maior de indivíduos francos entre as mulheres do Grupo de Estudos..

#### Tabelas 116 e 117

Observando os dados da tabela 116, notamos que 90% dos indivíduos do Grupo Controle, sendo 24 mulheres (88,89% do total feminino) e 21 homens (91,30% do total masculino) confessavam-se emocionalmente controlados. 10% dos indivíduos deste grupo negavam tal característica, isto é, eram impulsivos, coléricos, agiam sem pensar, etc.

No Grupo de presidiários, 64,52% dos indivíduos reconheciam-se como emocionalmente controlados, sendo 9 mulheres (60% do total feminino) e 31 homens (65,96% do total masculino). 32,26% desta amostragem, sendo 5 mulheres (33,33% do total feminino) e 15 homens (65,96% do total masculino) negava ter controle emocional.

Notamos que os presidiários, principalmente as mulheres, são menos controlados emocionalmente. Isto favorece condutas impulsivas (146), sem pensar, que prejudicam sumamente estes indivíduos e a outros. Esta característica pode estar associada a conflitos neuróticos ou psicóticos, assim como pode estar presente em indivíduos que apresentam foco disrítmico cerebral.

#### Tabelas 118 e 119

Verificamos pelos dados da tabela 118, que 52% dos indivíduos do Grupo Controle, constituídos de 14 mulheres (51,85% do total femini-

no) e 12 homens(52,17% do total masculino) diziam-se ciumentos.46% desta população,sendo 13 mulheres(48,15% do extrato feminino) e 10 homens(43,48% do extrato masculino) não se confessava ciumenta.

No Grupo de Estudos,80,65% desta população,sendo 10 mulheres(66,67% do total feminino) e 40 homens(85,11% do total masculino) reconhecia-se como ciumenta.19,35% deste grupo,constituído de 5 mulheres(33,33% do total feminino) e 7 homens(14,89% do total masculino) negava esta característica.

Logo,há um número muito maior de ciumentos entre os indivíduos do Grupo E,principalmente entre os homens.Estes relacionam-se com os objetos externos de forma possessiva e neurótica(102)-querem dominá-los,pois sentem-se inseguros e sob a ameaça constante de perdê-los ou dividí-los.A origem deste conflito está na infância,centrado na relação edípica não resolvida,em que a criança tem que repartir o pai com a mãe,ou vice-versa,querendo-o(a) só para si.Este ciúme exagerado de pessoas e objetos,pode levar o indivíduo a ter atitudes agressivas em relação aos competidores,assim como pode voltar esta agressão aos objetos desejados,com os quais mantém uma relação de posse.

#### Tabelas 120 e 121

Observando os dados da tabela 120,notamos que 80% da população do Grupo Controle,constituída de 22 mulheres(81,48% da população feminina) e 18 homens(78,26% da população masculina) dizia não se cansar facilmente com suas tarefas diárias.20% desta amostragem dizia o oposto,sendo este percentual constituído de 5 homens(21,74% da população masculina).

No Grupo de Estudos, 85,48% dizia não se cansar facilmente em suas atividades, sendo 11 mulheres (73,33% do extrato feminino) e 42 homens (89,36% do extrato masculino). 14,52% admitia que se cansava facilmente, sendo 4 mulheres e 5 homens. Neste grupo, as mulheres se dizem mais fatigadas.

#### Tabelas 122 e 123

Verificamos pelos dados da tabela 122, que 58% da população do Grupo C dizia-se mais calada e introvertida, sendo 13 mulheres (48,15% do total feminino) e 16 homens (69,57% do total masculino). 38% desta população, constituída de 13 mulheres e 6 homens, reconhecia-se como falante, extrovertida.

No Grupo de Estudos, 61,29% destes diziam-se calados, sendo 7 mulheres (46,67% do total feminino) e 31 homens (65,96% do total masculino). 33,87% desta amostra, sendo 6 mulheres (40% da população feminina) e 15 homens (31,91% do extrato masculino) negava tal característica: diziam-se abertos, comunicativos...

Logo, notamos que os presidiários tendem a ser mais introvertidos, menos falantes. Entretanto, quando analisamos por extratos ligados ao sexo, verificamos que os homens do Grupo Controle reconhecem-se como mais calados e contidos do que os demais indivíduos dos dois grupos. O falar menos implica em complicar-se menos também; no entanto, guardar demais pode significar reprimir sentimentos agressivos, ansiosos, depressivos, que podem gerar condutas auto-destrutivas, e até explosivas, quando a descarga aparece. O falar, assim como saber adequar as palavras

e os gestos, são elementos fundamentais à catarse de sentimentos variados, colaborando muito para a saúde psico-física dos indivíduos.

#### Tabelas 124 e 125

Observando os dados da tabela 124, notamos que 90% da população do Grupo Controle não se dizia preguiçosa, sendo este percentual constituído de 23 mulheres (85,19% do extrato feminino) e 22 homens (95,65% da população masculina). 96,77% da população do Grupo de Estudos dizia o mesmo, sendo 14 mulheres (93,33% do total feminino) e 46 homens (97,87% do total masculino).

A população de presidiários entrevistada reclamava do sistema penitenciário, que os mantém fechados e não lhes dá trabalho. Acham que o trabalho (36) pode ajudá-los a se recuperarem, assim como ajuda a passar o tempo. Alguns complementavam dizendo que a prisão atuando desta maneira, acaba por tornar o preso preguiçoso, pois dentro dela eles acordam a hora que bem entendem, não há disciplina, não fazem nada o dia todo, ficando algumas tarefas na incumbência de poucos. O longo tempo que lhes resta, eles vêem televisão, jogam baralho, conversam sobre crimes, quando não estão tramando ou agredindo outros. Logo, a prisão da forma como está, é a prática do ócio, da preguiça. Ao sair, ficará mais difícil reorganizar a vida e readquirir disciplina de horários e deveres.

#### Tabelas 126 e 127

Verificamos pelos dados da tabela 126, que 64% da população do Grupo C, constituída de 17 mulheres (62,96% do extrato feminino) e 15 homens (65,22% do extrato masculino) tolera bem as frustrações. 28% desta amostragem, constituída de 7 mulheres (25,93% do total feminino) e 7 homens (30,43% do total masculino) relatava o oposto. 8% respondeu que dependendo da situação, poderia ou não tolerar bem as frustrações.

No Grupo de Estudos, 70,97% desta amostragem, sendo 10 mulheres (66,67% do total feminino) e 34 homens (72,34% do total masculino) não tolera bem as frustrações (155), isto é, não aceita quando as coisas não dão certo, não aceita quando não pode ter o que deseja. Em geral reagem a esta situação tentando alcançar o que almejam de alguma maneira, mesmo que isto implique em furtar ou roubar, e até mesmo, matar... Atribuem a esta característica, o fato de muitos estarem na prisão. 29,03% desta população, constituída de 5 mulheres (33,33% do extrato feminino) e 13 homens (27,66% do total masculino) dizia tolerar bem as frustrações.

#### Tabelas 128 e 129

Observando os dados da tabela 128, notamos que 82% da população do Grupo Controle constituída de 24 mulheres (88,89% do total feminino) e 17 homens (73,91% do total masculino) não se diz egoísta. 14% desta população, sendo 3 mulheres (11,11% do extrato feminino) e 4 homens (17,39%) diz possuir esta característica.

No Grupo de Estudos, 83,87% não se diz egoísta, sendo 13 mulheres (86,67% do extrato feminino) e 39 homens (82,98% do total mascu-

lino). 14,52% confessa-se egoísta, sendo 1 mulher (6,67% do total feminino) e 8 homens (17,02% do total masculino). Logo, as mulheres do Grupo C são mais egoístas do que as presidiárias, havendo um certo equilíbrio no número de homens que admitem tal característica, nos dois grupos.

### Gráfico\_2\_e\_3

O Gráfico 2, resume o discutido nas tabelas de número 74 a 129, onde analisamos o percentual de respostas positivas ou negativas a vários itens relacionados a traços de personalidade (75, 102, 125, 155, 164). Nele sobressaem, nitidamente, um número maior de indivíduos do Grupo de presidiários que se dizem: agressivos, ambiciosos, ciumentos e tolerarem mal as frustrações.

O Gráfico 3, resume os mesmos percentuais, somente que levando em consideração os extratos feminino e masculino. Nele observamos com mais evidência, que as mulheres presidiárias não se destacam em nenhum item; discretamente elas são mais agressivas do que as mulheres do Grupo Controle. Os homens presidiários, no entanto, mostram-se mais fortemente agressivos, ambiciosos, ciumentos, havendo também ligeiro predomínio para características como: dependência afetiva, egoísmo, organização, metodismo, introversão. Estas características agressivas, egoístas e de ciúmes, estão mais ligadas a indivíduos que na infância tiveram mais frustrações em conquistar os objetos amados. Impondo-se e buscando dominar, pensam conquistar os objetos externos, principalmente os sentidos como rejeitantes. Analisaremos agora as associações entre as respostas aos 28 traços de personalidade pesquisados, através do Teste Exato de

Fisher(29), que mede a probabilidade de significância entre estas respostas:

A)Grupo Controle-Mulheres

1)Dependência Afetiva está forte e positivamente associada à Organização,ao nível de 4,5%,isto é,aqueles que se dizem afetivamente dependentes,tendem a responder que são também organizados.

2)Dependência afetiva está forte e negativamente associada a ciúme,ao nível de 1,5%,isto é,aqueles que se dizem dependentes afetivamente de parentes e amigos,tendem a não serem ciumentos.

3)Liderança está forte e positivamente associada a Humor estável,ao nível de 3%.

4)Liderança está forte e positivamente associada com Tomar decisões com facilidade,ao nível de 1,5%.

5)Liderança está forte e positivamente associada com Ciúmes, ao nível de 5%.

6)Organizado está forte e positivamente associado com Perseverante,ao nível de 4%.

7)Organizado está forte e negativamente associado com Preguiçoso,ao nível de 4%.

8)Agressivo está forte e positivamente associado com Emocionalmente Controlado,ao nível de 5%.

9)Submisso está forte e positivamente associado com Ciumento,ao nível de 1,5%.

10)Ambicioso está forte e positivamente associado com Egoísta,ao nível de 2%.

11) Alegre está forte e positivamente associado com Otimista, ao nível de 1%.

12) Alegre está forte e positivamente associado com auto-depreciativo, ao nível de 3%.

13) Alegre está forte e positivamente associado com Metódico, ao nível de 2,5%.

14) Calmo está forte e positivamente associado com Calado, ao nível de 2%.

15) Calmo está forte e positivamente associado com Perfeccionista, ao nível de 2%.

16) Auto-depreciativo está forte e positivamente associado com Humor estável, ao nível de 1%.

17) Auto-depreciativo está forte e positivamente associado com Perturbar-se fácil com as responsabilidades, ao nível de 5%.

18) Auto-depreciativo está forte e positivamente associado com Emocionalmente controlado, ao nível de 5%.

19) Humor estável está forte e negativamente associado com Perturbar-se fácil pelas responsabilidades, ao nível de 3%.

20) Perturbar-se fácil pelas responsabilidades está forte e negativamente associado com Tomar Decisões com facilidade, ao nível de 1%.

21) Metódico está forte e positivamente associado com Rígido, ao nível de 1,5%.

22) Metódico está forte e negativamente associado com Calado, ao nível de 2,5%.

23) Perseverante está forte e positivamente associado com Perfeccionista, ao nível de 5%.



24) Calado está forte e positivamente associado com Perfeccionista, ao nível de 4%.

25) Calado está forte e positivamente associado com Auto-crítico, ao nível de 2%.

26) Auto-crítico está forte e positivamente associado com Crítico com os outros, ao nível de 5%.

27) Tolerar fácil as frustrações está forte e positivamente associado com Fatigabilidade fácil, ao nível de 5%.

28) Egoísta está forte e positivamente associado com Preguiçoso, ao nível de 5%.

#### B) Grupo Controle-Homens

1) Dependência afetiva está forte e positivamente associada com Tomar decisões com facilidade, ao nível de 4%.

2) Dependência afetiva está forte e positivamente associada com Metódico, ao nível de 2%.

3) Dependência afetiva está forte e positivamente associada com Timidez, ao nível de 5%.

4) Dependência afetiva está forte e positivamente associada a Egoísmo, ao nível de 4%.

5) Dependência afetiva está forte e positivamente associada com Tolerar fácil as frustrações, ao nível de 4%.

6) Liderança está forte e positivamente associada com Tomar decisões com facilidade, ao nível de 1%.

7) Liderança está forte e positivamente associada com Rigidez, ao nível de 2%.

8) Liderança está forte e positivamente associada com Franqueza, ao nível de 4%.

9) Agressividade está forte e positivamente associada com Faticabilidade fácil, ao nível de 4%.

10) Ambicioso está forte e positivamente associado com Egoísmo, ao nível de 5%.

11) Alegre está forte e positivamente associado com Calmo, ao nível de 5%.

12) Calmo está forte e positivamente associado com Humor estável, ao nível de 5%.

13) Calmo está forte e positivamente associado com Auto-crítico, ao nível de 0,8%.

14) Perturbar-se fácil com as responsabilidades está forte e positivamente associado com Tolerar bem as frustrações, ao nível de 1%.

15) Tomar decisões com facilidade está forte e positivamente associado com Franqueza, ao nível de 3%.

16) Rígido está forte e positivamente associado com Franco, ao nível de 2%.

17) Rígido está forte e negativamente associado com Preguiçoso, ao nível de 4%.

18) Tímido está forte e positivamente associado com Crítico com os outros, ao nível de 4%.

19) Ciumento está forte e positivamente associado com Crítico com os outros, ao nível de 1%.

20) Emocionalmente controlado está forte e positivamente associado com Calado, ao nível de 2%.

21) Crítico com os outros está forte e positivamente associado com Egoísmo, ao nível de 5%.

22) Tolerar bem as frustrações está forte e positivamente associado com Fatigabilidade Fácil, ao nível de 3%.

### C) Grupo de Estudos-Mulheres

1) Agressividade está forte e positivamente associada com Emocionalmente controlado, ao nível de 4%.

2) Agressividade está forte e positivamente associada com Tomar decisões com facilidade, ao nível de 5%.

3) Submisso está forte e positivamente associado com Auto-depreciativo, ao nível de 3%.

4) Alegre está forte e positivamente associado com Humor estável, ao nível de 5%.

5) Calmo está forte e positivamente associado com Auto-crítico, ao nível de 2%.

6) Otimista está forte e positivamente associado com Franqueza, ao nível de 2%.

7) Otimista está forte e positivamente associado com Crítico com os outros, ao nível de 4%.

8) Auto-depreciativo está forte e positivamente associado com Humor estável, ao nível de 2%.

9) Tomar decisões com facilidade está forte e positivamente associado com Rigidez, ao nível de 3%.

10) Tomar decisões com facilidade está forte e positivamente associado com Emocionalmente controlado, ao nível de 3%.

11) Tomar decisões com facilidade está forte e positivamente associado com Auto-crítico, ao nível de 3%.

12) Rigidez está forte e positivamente associada com Emocionalmente controlado, ao nível de 5%.

13) Emocionalmente controlado está forte e positivamente associado com Crítico com os outros, ao nível de 5%.

14) Franco está forte e positivamente associado com Crítico com os outros, ao nível de 1%.

#### D) Grupo de Estudos-Homens

1) Liderança está forte e negativamente associada com Submissão, ao nível de 4%.

2) Agressividade está forte e positivamente associada com Alegre, ao nível de 4%.

3) Agressividade está forte e positivamente associada com Otimismo, ao nível de 5%.

4) Agressividade está forte e negativamente associada com Humor estável, ao nível de 4%.

5) Agressividade está forte e positivamente associada com Emocionalmente controlado, ao nível de 1%.

6) Agressividade está forte e positivamente associada com Crítico com os outros, ao nível de 1%.

7) Agressividade está forte e negativamente associada com Tolerar bem as frustrações, ao nível de 4%.

8) Ambicioso está forte e positivamente associado com Perseverante, ao nível de 5%.

9) Ambicioso está forte e positivamente associado com Calado, ao nível de 2%.

10) Alegre está forte e positivamente associado com Ciumento, ao nível de 1%.

11) Alegre está forte e positivamente associado com Humor estável, ao nível de 5%.

12) Alegre está forte e positivamente associado com Perturbar-se fácil com as responsabilidades, ao nível de 1%.

13) Calmo está forte e positivamente associado com Emocionalmente controlado, ao nível de 3%.

14) Otimista está forte e positivamente associado com Humor estável, ao nível de 5%.

15) Humor estável está forte e negativamente associado com Perturbar-se fácil pelas responsabilidades, ao nível de 3%.

16) Humor estável está forte e positivamente associado com Emocionalmente controlado, ao nível de 2%.

17) Humor estável está forte e positivamente associado com Egoísmo, ao nível de 4%.

18) Humor estável está forte e positivamente associado com Tolerar bem as frustrações, ao nível de 0,4%.

19) Perturbar-se fácil com as responsabilidades está forte e positivamente associado com Perfeccionismo, ao nível de 0,6%.

20) Perturbar-se fácil com as responsabilidades está forte e positivamente associado com Auto-crítico, ao nível de 5%.

21) Tomar decisões com facilidade está forte e positivamente associado com Auto-crítico, ao nível de 4%.

22)Metódico está forte e positivamente associado com Rígi-  
dez,ao nível de 3%.

23)Rígido está forte e positivamente associado com Persever-  
rante,ao nível de 5%.

24)Rígido está forte e positivamente associado com Perfec-  
cionista,ao nível de 0,1%.

25)Rígido está forte e positivamente associado com Auto-  
crítico,ao nível de 0,1%.

26)Rígido está forte e positivamente associado com Crítico  
com os outros,ao nível de 0,2%.

27)Perseverante está forte e positivamente associado com  
Ciumento,ao nível de 0,8%.

28)Emocionalmente controlado está forte e positivamente as-  
sociado com Preguiçoso,ao nível de 2%.

29)Franco está forte e positivamente associado com Auto-  
crítico,ao nível de 4%.

30)Perfeccionista está forte e positivamente associado com  
Crítico com os outros,ao nível de 0,5%.

31)Auto-crítico está forte e positivamente associado com  
Crítico com os outros,ao nível de 0,01%.

Tabelas 130, 131 e 132

Observando os dados da tabela 130, encontramos no Grupo Controle 59 episódios cirúrgicos, como: gastrectomias, histerectomias, apendicectomias, etc. Destes 59 processos cirúrgicos citados, 13 foram executados no grupo masculino e 46 no grupo feminino, incluindo-se as cesarianas e abortos. Há, por exemplo, o caso de uma senhora de 37 anos, que já realizou mais de 12 cirurgias nestes dez últimos anos. Esta mostrou-se depressiva, com componentes hipocondríacos, apresentando uma história conflituosa, tendo perdido a mãe nos primeiros meses de vida. A média de episódios cirúrgicos, por indivíduo masculino, é de 0,56, enquanto no grupo feminino é de 1,70. Na amostra geral é de 1,18.

Sabemos que cirurgias são indicadas em doenças somáticas mais graves, implicando muitas vezes na extirpação parcial ou total do órgão acometido. Engel (60, apud 71), um notório pesquisador das doenças psicossomáticas, diz que o elevado número de processos cirúrgicos num mesmo indivíduo pode indicar conflitos psíquicos severos, como: 1) utilização do corpo para expiação de sentimentos de culpa, principalmente quando sentem que perderam o controle da agressividade. Nestes casos, a dor destes procedimentos pode servir como elemento de reparação da culpa sentida; 2) fortes tendências agressivas, que não são expressas adequadamente, sendo a dor vivenciada no lugar delas; 3) tendências sado-masoquistas, que propiciam experiências dolorosas, como: cirurgias, quimioterapias, etc.; 4) perda do objeto amado ou ameaças de perdas, que podem mobilizar sentimentos depressivos e ansiosos, provocando cefaléias, mial-

gias, artralguas, dores abdominais, que levam cirurgiões menos experientes à práticas cirúrgicas exploratórias desnecessárias; 5) **vivências familiares conflitivas**, com histórias de espancamentos, sevícias e estupro, que favorecem manifestações somáticas dolorosas, que terminam muitas vezes em cirurgias.

Para complementar, podemos citar casos de doentes com privações de afeto desde a infância, que buscam chamar a atenção sobre si através de queixas físicas, hipocondríacas, levando muitos médicos não atentos aos aspectos psicológicos a operarem sem necessidade, agravando os problemas destes indivíduos, visto que os sintomas recrudescem ou migram para outros órgãos.

Encontramos também neste grupo, 36 ocorrências de doenças ou síndromes, osteo-musculares (média de ocorrências por pessoa igual a 0,72), como: lombalgias, artrites (reumatóide), hérnia de disco, etc., sendo 15 ocorrências entre os homens (média de 0,65 ocorrências por pessoa) e 21 ocorrências entre as mulheres (média de 0,77 ocorrências por pessoa). Há vários trabalhos que mostram uma maior incidência destes sintomas em indivíduos de personalidade obsessiva: rígidos, perfeccionistas, metódicos, perseverantes, acumulando dentro de si maiores tensões e agressividade. Eles atuam no ambiente profissional de forma impecável e incansável, manifestando uma hiperatividade produtiva: trabalham muito e sem descanso. Esta hiperatividade, acompanhada de ansiedade, favorece fortes tensões em nível muscular e osteo-articular, colaborando no aparecimento de distúrbios funcionais, e até mesmo lesionais, como por exemplo, a Artrite Reumatóide (03,46,71,132).



Neste grupo, há também 35 ocorrências de doenças infecto-contagiosas não venéreas: tuberculose, hepatite, etc..., numa média de 0,70 ocorrências por pessoa, sendo 11 entre os homens (média de 0,47), e 24 entre as mulheres (média de 0,88).

É muito importante, segundo o ponto de vista de diversos investigadores, desfazermo-nos da noção simplista de que o estresse (03, 05, 06, 08, 30, 43, 54, 59, 60, 71, 78, 90, 99, 113, 119, 120, 121, 132, 134, 161, 166, 167, 172, 177, 194) é a causa das doenças ditas, redundantemente, psicossomáticas. Ele é, de fato, um dos elementos que participam de uma rede complexa de causalidades, que compreende a estrutura biológica do indivíduo, seu psiquismo, a intensidade e duração dos estímulos estressantes, e inclusive, o suporte social, isto é, um conjunto de medidas e recursos que ajudam o indivíduo a sentir-se amado, respeitado, e membro pragmático de seu meio. Se este suporte social é favorável, ele pode proteger o indivíduo das consequências nocivas do estresse; caso contrário, ele pode colaborar em sentido inverso.

Durante nossa existência, somos comumente expostos a diversos agentes estressantes, de natureza física, química ou psicológica. H. Selye (apud 46) complementando estudos desenvolvidos por Cannon (apud 46), verifica que havia modificações fisiológicas comuns a todos os organismos, quando estes eram submetidos à agressões. A estas reações fisiológicas o pesquisador chamou de Síndrome Geral da Adaptação (S.G.A.). Selye (apud 46) esquematizava os fenômenos fisiológicos da S.G.A. da seguinte maneira:

Estresse → estimulação do hipotálamo → modificações nas secreções do lobo anterior da hipófise → aumento da produção de corticotro-

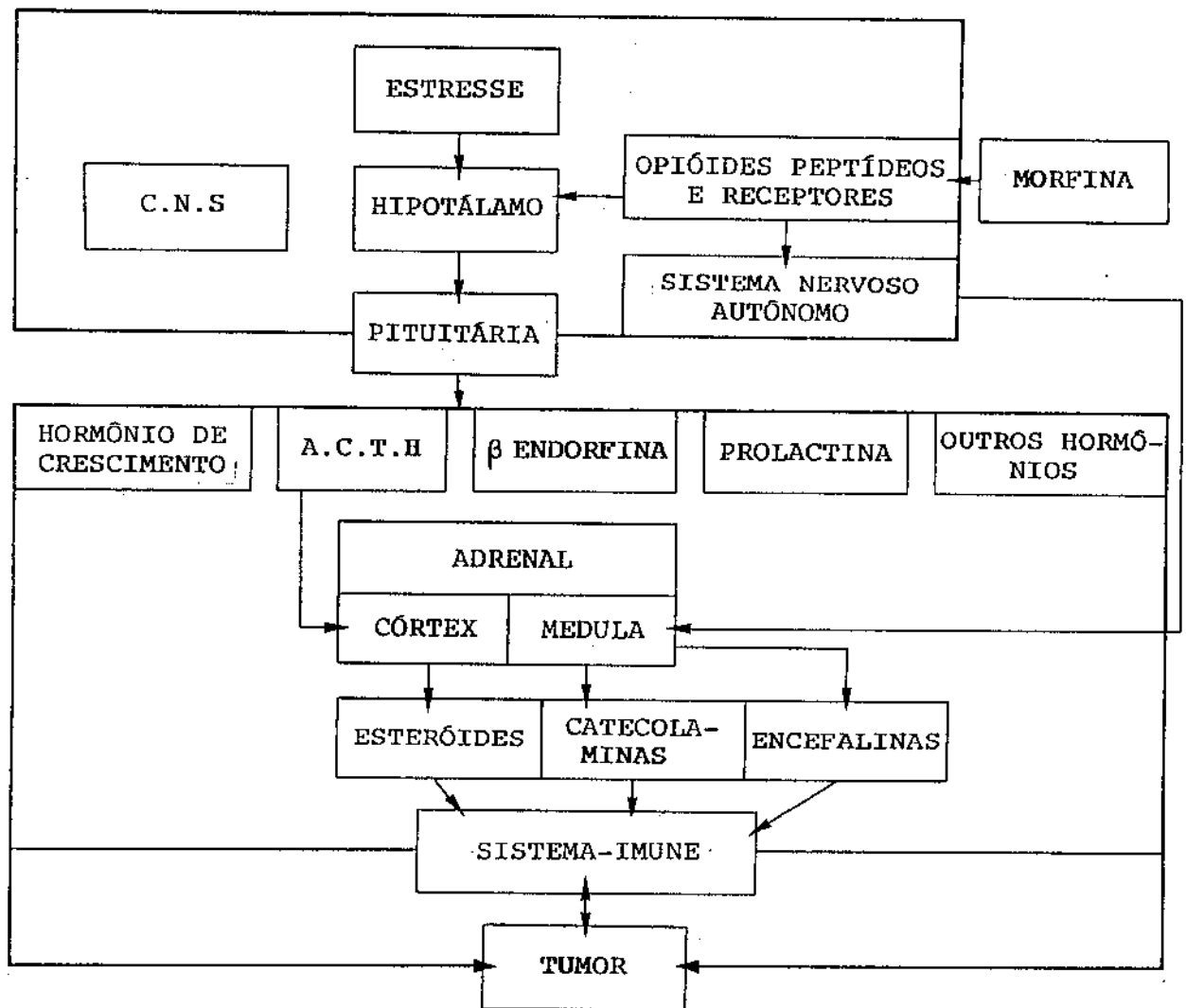
fina (A.C.T.H). Este hormônio provoca, por sua vez, a secreção de dois grupos de hormônios corticosuprarenais: os mineralocorticóides e os glicocorticóides. Os mineralocorticóides desencadeiam reações eficazes contra o choque provocado por um estímulo estressante: há um aumento da resistência vascular, retenção de Cloreto de Sódio, retenção hídrica, eliminação de potássio, hipertensão, modificações renais e humorais. Os glicocorticóides teriam propriedades antagônicas, isto é, promovem a li- se de proteínas, a neoglicogênese (o que eleva a glicemia), ativa o sis- tema reticulo-endotelial (a fagocitose, a formação de anticorpos), a ação anti-histamínica, etc.

Observamos, portanto, que diante da excitação do sistema nervo- so central, há respostas efetivas nos sistemas: endócrino, imunológico, cardio-vascular, renal, osteo-muscular, etc. Estas respostas visam, sobre- tudo, mobilizar todas as capacidades orgânicas de defesa, principalmente as de movimentação e fuga, tentando preservar as espécies mais evoluí- das. Não obstante estas modificações fisiológicas alterarem a homeosta- se, o organismo tenta, de todos os modos possíveis, organizar defesas eficazes após exposições repetidas dos mesmos agentes nocivos, no sen- tido de diminuir o nível de excitação neuro-endócrino a cada reapre- sentação dos agressores.

Face a qualquer anormalidade nos sistemas adaptativos (no S.G.A.), ou quando a exposição aos estímulos estressantes são prolonga- das demais e há susceptibilidade individual, podemos ter o que se chama Síndrome da Má Adaptação, com o desenvolvimento de distúrbios funcio- nais significativos, ou mesmo, instalações de lesões. Dentre as funções orgânicas que podem ser afetadas pelo estresse citamos as endócrinas e

imunológicas (25, 26, 72, 97, 118, 134, 176, 177), por serem as mais estudadas. O aspecto mais discutido é o efeito imunossupressor humoral, isto é, uma baixa no nível de anticorpos séricos: IgA, IgG, IgM e IgE. O estresse pode provocar também um efeito imunossupressor celular, isto é, uma diminuição no número de linfócitos. Resumindo descobertas recentes, particularmente no aparecimento de tumores em indivíduos estressados, esquematizamos alguns dados na página seguinte (Ver gráfico).

Notamos que no Grupo Controle há apenas quatro ocorrências de Doenças Venéreas (média de 0,08 ocorrências por pessoa), sendo 2 no grupo masculino (média de 0,086 ocorrências por pessoa) e 2 no grupo feminino (média de 0,07 ocorrências por pessoa). No Grupo Controle há também a incidência de 25 episódios de Doenças de Pele Não Venéreas (média de ocorrências de 0,50 por pessoa), sendo 10 episódios entre os homens (média de ocorrências de 0,43) e 15 episódios entre as mulheres (média de 0,55 por pessoa). Poderíamos correlacionar a maior incidência de doenças de pele neste grupo pela utilização, no trabalho, de produtos químicos, como desinfetantes, tintas, etc.; entretanto, as doenças de pele no Grupo C são Psoríase, Viteligo, Eczemas atópicos, em pessoas ligadas à área administrativa. Sabemos que a pele não é apenas um invólucro do nosso corpo - ela é também vítima de certos sentimentos auto-destrutivos neuróticos ou masoquistas. É pela cor da pele que distinguimos as raças e exteriorizamos nossos preconceitos. É através dela que sentimos prazer ou desprazer, que reagimos ao frio e ao calor, a sujeira, etc... Inclusive, muitas lesões cutâneas são vistas como extravasamento inconsciente e incontrolável da sujeira que está dentro de nós. A pele, como diz Hélio de Souza Luz (114), frequentemente tenta comunicar-nos



SUMÁRIO DE MECANISMOS NEURAI E NEURO-HUMORAIS, PELOS QUAIS O ESTRESSE E A MORFINA PODEM AFETAR O SISTEMA IMUNE E TUMORES

algo que não pode ser verbalizado. Este algo pode ser um apelo ao amor, a desejos não revelados, assim como pode representar um grito de alerta à coisas que não se suporta mais contatar: no trabalho, na vida amorosa (ou desamorosa), etc.

Observamos também no Grupo Controle, 48 episódios de Doenças (ou Síndromes) Gastro-Intestinais e de Vias Biliares (Gastrites, Úlceras, Calculose, Colites, etc.), sendo 8 ocorrências no grupo masculino (média de 0,34 ocorrências por pessoa) e 16 ocorrências no grupo feminino (média de 0,59 ocorrências por pessoa). Estas doenças, segundo descreve Henry Ey (59), podem estar associadas a quatro tipos de personalidade, classificadas por M'Uzan y Bonfils (apud 59):

Tipo 1) Hiperativo, que apresenta comportamento de rivalidade, de independência e competição. Mostra-se sempre muito tenso e agitado.

Tipo 2) Equilibrado, que é o estável social e familiar, sendo o bom pai ou a boa mãe: jamais esboça aspectos agressivos.

Tipo 3) Instável, que alterna fases de dependência e independência, em relação aos demais. Às vezes é por demais agressivo e explosivo, e em outras situações é contido e passivo.

Tipo 4) Passivo, que se mostra dependente afetivamente dos outros. Sua vida familiar e social é muito transtornada. Pode apresentar problemas de alcoolismo e impotência sexual.

Encontramos também no Grupo Controle, 16 ocorrências de Doenças ou de Síndromes, Cardio-Vasculares, sendo 3 entre os homens (média de 0,13 episódios/pessoa) e 13 entre as mulheres (média de 0,48 episódios/pessoa). Frisamos, novamente, que a pesquisa destas doenças abrangeu os

últimos dez anos de vida de cada um dos entrevistados. Nas Doenças ou Síndromes Cardio-Vasculares foram englobadas as Arritmias (inclusive as extrassístoles paroxísticas), as Estenoses de Válvulas (que provocam o popular sopro cardíaco), a Insuficiência Cardíaca, a Hipertensão Arterial, etc. No caso das enxaquecas (ou de outras cefaléias), somente consideramos os sofredores crônicos, que referiam mais de 10 episódios mensais. Estes sofredores crônicos, como metodologia adequada aos dois grupos, computamos como um episódio.

No Grupo de Estudos, notamos que houve 45 ocorrências de Doenças Infecto-Contagiosas Não Venéreas, isto é, 27 episódios entre os homens (média de 0,57 ocorrências/pessoa) e 18 entre as mulheres (média de 1,20 ocorrências/pessoa).

Chama-nos a atenção, o número acentuado de ocorrências de Doenças Venéreas: 30, sendo 24 em homens (média de 0,51 ocorrências/pessoa) e 6 em mulheres (média de 0,4 ocorrências/pessoa) no Grupo de Estudos, comparativamente ao Grupo Controle. Esta observação denota o alto grau de promiscuidade reinante entre os indivíduos deste grupo.

Observamos também que no Grupo E ocorreram 36 episódios de acidentes, sendo 30 entre os homens (média de 0,63 ocorrências/pessoa) e 6 episódios entre as mulheres (média de 0,4 ocorrências/pessoa). Nesta população, mais de 80% dos acidentes foram provocados no trânsito, em veículos conduzidos pelos presidiários. No Grupo Controle, a maior incidência de acidentes é decorrente de quedas acidentais ou transtornos acontecidos no trabalho. Logo, o Grupo de presidiários parece ter maior incidência de condutas agressivas, tidas como acidentais, em comparação ao Grupo Controle. Estas condutas são tanto auto como hetero-agressi-

vas, ao contrário dos indivíduos do Grupo C, que têm condutas mais auto-agressivas, visto que nas quedas ou nos acidentes de trabalho, apenas eles ficaram feridos.

Há também no Grupo de Estudos, 43 episódios cirúrgicos, sendo 21 entre os homens (média de 0,44 ocorrências/pessoa) e 22 entre as mulheres (média de 1,46 ocorrências/pessoa). Dentre os homens, muitas destas ocorrências envolviam extrações de projéteis, assim como correções cirúrgicas de danos provocados por espancamentos ou brigas. Dentre as mulheres encontrávamos, principalmente, cesareanas e abortos. As histerectomias também têm grande incidência, talvez até como complicações dos abortamentos.

Na tabela 132, observamos que a maior incidência de Doenças ou Síndromes ocorridas dentro da prisão deve-se a Lombalgias e Artralgias (30 episódios, isto é, média de 0,48 ocorrências/pessoa), sendo 20 entre os homens (média de 0,42) e 10 entre as mulheres (média de 0,66 episódios/pessoa). Isto está associado à forte tensão emocional que estes indivíduos vivem no sistema carcerário superpopuloso, assim como às condições físicas dentro da prisão: dormem encolhidos, no chão frio, ou em camas de alvenaria recobertas por colchonetes. Embora para a maioria dos detentos as condições físicas já fossem estas antes da prisão, pois estes, em geral, provêm de aglomerações subumanas (favelas), sabemos que o controle da agressividade somado à tensão psico-física do ambiente, favorece as Doenças Osteo-musculares. Embora não possamos comparar a incidência qualitativa e quantitativa de doenças antes e durante a prisão, por não termos, para a maioria, os dez anos de encarceramento, visualizamos uma tendência ao aumento de Doenças Gastro-intestinais e de

Vias Biliares, assim como o aumento de enxaquecas. Parece-nos que o controle da agressividade favorece alguns tipos de somatizações (Doenças Osteo-musculares, Cardio-Vasculares e Gastro-Intestinais, por exemplo), enquanto a liberação desta favorece outros, como: acidentes e doenças venéreas.

O gráfico 4 resume as médias de ocorrências, por pessoa, nos dois grupos, salientando a alta incidência de Doenças Venéreas no Grupo de presidiários, assim como de Doenças Osteo-musculares no Grupo Controle. O mesmo pode-se dizer em relação ao número de ocorrências cirúrgicas neste último grupo.

O gráfico 5 resume as médias de episódios nos grupos feminino e masculino. Observamos que as mulheres presidiárias apresentam maior incidência de Enxaquecas e de Doenças Infecto-contagiosas Não Venéreas e Venéreas. As mulheres do Grupo C destacam-se pela maior incidência de Doenças ou Síndromes Osteo-Musculares, principalmente Lombalgias e Artrite Reumatóide, assim como de processos cirúrgicos. Os presidiários têm maior incidência de Doenças Infecto-Contagiosas Não Venéreas e Venéreas.

O gráfico 6 mostra-nos a incidência de doenças na prisão, onde destaca-se, entre os homens, a média mais alta para ocorrências de Enxaquecas, Gastrites e Correções Cirúrgicas de Fraturas ou Extrações de Projéteis. Entre as mulheres há maior incidência de Mialgias e Artralgias.



Observando os dados da tabela 133, verificamos que no Grupo Controle 86% da população, constituída de 22 mulheres (81,48% do total feminino) e 21 homens (91,30% do total masculino), respondeu nunca ter apresentado qualquer doença mental até o momento da entrevista. 14% da população deste grupo, sendo 5 mulheres e 2 homens, respondeu ter apresentado, no decorrer de suas vidas, alguma doença mental, cujos diagnósticos e tratamentos veremos nas tabelas seguintes.

No Grupo de Estudos, 66,13% desta população, sendo 8 mulheres (53,33% do total feminino) e 33 homens (70,21% do total masculino) respondeu não ter antecedentes de doença mental. 33,87%, portanto duas vezes e meia a mais que a porcentagem do Grupo C, respondeu que tinha antecedentes de doença mental, sendo este percentual constituído de 7 mulheres (46,67% do total feminino) e 14 homens (29,79% do total masculino)

#### Tabelas 135, 136, 137 e 138

Pelos dados da tabela 135, observamos que no Grupo Controle 86% da população, constituída de 22 mulheres (81,48% do total feminino) e 21 homens (91,30% do total masculino) nunca fez tratamento psicológico ou psiquiátrico anteriormente. 7 indivíduos, sendo 5 mulheres e 2 homens, responderam que já fizeram tratamentos psiquiátricos. Estes 7 indivíduos, conforme mostra a tabela 136, justificam seus tratamentos com os diagnósticos seguintes:

a) um homem por Neurose de Ansiedade, tendo sido tratado com tranquilizantes menores ou benzodiazepínicos;

b) quatro mulheres por quadro de Neurose Depressiva-Ansiosa, tendo sido medicadas com antidepressivos de características ansiolíticas (Amitriptilina) ou com uma associação de antidepressivos mais estimulantes (derivados da Imipramina) e benzodiazepínicos;

c) uma mulher por Epilepsia, acompanhada de sintomas Depressivos e ansiosos, recebendo medicamentos anticonvulsivantes e benzodiazepínicos;

d) um homem por Alcoolismo e Neurose de Ansiedade, tendo recebido tratamento constituído de vitaminas e benzodiazepínicos.

Apenas 1 mulher deste grupo fez tratamento psicoterápico associado à medicações antidepressivas e ansiolíticas.

No Grupo de Estudos, 17 indivíduos responderam ter feito tratamento psiquiátrico, conforme mostra a tabela 137, sendo 6 mulheres (40% do total feminino) e 11 homens (23,40% do total masculino). Pela tabela 138, verificamos que estes 17 indivíduos apresentavam os diagnósticos seguintes:

a) três homens e uma mulher tinham Neurose de Ansiedade e foram tratados com benzodiazepínicos;

b) dois homens fizeram tratamento para Toxicofilia (uso abusivo de drogas), tendo várias internações em Clínicas Psiquiátricas, onde receberam tratamento de desintoxicação, e após: benzodiazepínicos e vitaminoterapia;

c) uma mulher tinha diagnóstico de Psicose, provavelmente de característica histeriforme, tendo sido hospitalizada por duas vezes, e tratada com neurolépticos ou tranquilizantes maiores (butirofeno-na), associada a benzodiazepínicos;

d)três mulheres e quatro homens apresentaram um somatório de diagnósticos,principalmente de Toxicofilia e Neurose de Ansiedade,sendo um caso de Epilepsia e Psicose com componentes paranóides(que para algumas escolas entraria na classificação das Psicoses Epilépticas).Todos foram hospitalizados,pelo menos uma vez,em Clínicas Psiquiátricas,tendo sido medicados com antiepilépticos(barbituratos), benzodizepínicos,neurolépticos,etc.;

e)dois homens não souberam caracterizar seus quadros e diagnósticos,embora referissem tratamentos com psicofármacos,em Clínicas conveniadas ao INAMPS.

#### Tabelas 139,140 e 141

Observando os dados da tabela 139,52% dos indivíduos do Grupo Controle,constituídos de 17 mulheres(62,96% do total feminino) e 9 homens(39,13% do total masculino) disseram não ingerir bebidas alcóolicas,inclusive socialmente.48% dos indivíduos do Grupo Controle,sendo 10 mulheres e 14 homens,disseram beber etílicos socialmente ou fora destas situações de comemorações.

No Grupo de Estudos,30,65% desta população dizia não ingerir etílicos,mesmo que socialmente.67,74% destes,constituídos de 9 mulheres(60% do total feminino) e 33 homens(70,21% do total masculino),disseram ingerir etílicos,estando entre estes os que bebem socialmente. Logo,no Grupo de Estudos encontramos uma porcentagem maior de indivíduos que dizia ingerir etílicos,porém esta diferença não é significativa:para um QUI quadrado de valor 5,779(para dois graus de liberdade),o alfa é maior que 0,05(ver tabela 141).

Tabelas 142 e 143

Pelos dados da tabela 142, verificamos que no Grupo Controle 6% dos indivíduos: três homens, disseram beber pouco, isto é, de um a dois copos de cerveja ao dia; 42% da população, constituída de 10 mulheres (37,04% do total feminino) e 11 homens (47,83% do total masculino), disse não beber etílicos diariamente, e quando o fazem é de forma muito comedida, ingerindo bebidas de fraco teor alcóolico; 52% dos indivíduos, sendo 17 mulheres (62,96% do total feminino) e 9 homens (39,13% do total masculino) disseram nunca ingerir bebidas alcóolicas.

No Grupo de Estudos, encontramos as seguintes respostas:

a) 19,35% desta população, sendo 1 mulher e 11 homens, disse beber pouco (de um a dois copos de cerveja ao dia);

b) 17,74% destes, constituídos de 4 mulheres (26,67% do total feminino) e 7 homens (14,89% do total masculino) disse beber todos os dias, moderadamente ou muito, bebidas de teor alcóolico maior que a cerveja (pinga, em geral);

c) 32,26%, sendo 4 mulheres (26,67% do total feminino) e 16 homens (34,04% do total masculino) disse não beber etílicos diariamente, porém quando o fazem, ingerem cerveja, pinga, vinho, etc., podendo ou não ser comedidos. Em geral, encaixavam-se neste grupo, os bebedores de finais de semana e os etilistas sociais;

d) 30,65% da população, constituída de 6 mulheres (40% do total feminino) e 13 homens (27,66% do total masculino) dizia não ingerir etílicos.

A ingestão diária de etílicos, assim como a ocasional de forma abusiva e de teor alcóolico mais elevado que a cerveja, não parece ser a toxicofilia de escolha em nosso Grupo de Estudos. Segundo relatos dos entrevistados, apenas 3 indivíduos confessam que cometeram seus crimes sob ação do álcool (ler anamneses).

O alcoolismo (58), de um ponto de vista prático, pode ser agudo ou crônico. Pode ser um sintoma, uma síndrome ou um quadro nosográfico, que para muitos está ligado a fatores hereditários ou constitucionais. Para outras escolas, a etiopatogênese do alcoolismo fundamenta-se em conflitos neuróticos e também a fatores culturais.

As primeiras manifestações clínicas do alcoolismo caracterizam-se por uma excitação intelectual e motora, por uma sensação de euforia, de otimismo exagerado, podendo existir também uma diminuição do auto-domínio e da vigilância, uma loquacidade anormal (o indivíduo fala muito, e em geral, fala mais do que deve), além de certa irritabilidade e liberação agressiva. Este quadro pode assemelhar-se ao estado hipomaniaco, presente nas doenças afetivas; entretanto, alguns indivíduos podem manifestar nesta primeira fase do alcoolismo, uma alteração tímica (do humor) polarizada à depressão.

Depois deste estado inicial, as palavras tendem à incoerência - a crítica diminui ou é praticamente nula. As perturbações motoras são evidentes (torpor, incoordenação e titubeação nos movimentos). Os transtornos do humor são caracterizados por uma exaltação: o indivíduo canta, chinga, etc.. Há uma hipoestesia geral, principalmente sensorial.

Na terceira e última fase, o indivíduo alcoolizado **pode** apresentar, dependendo de sua susceptibilidade ao álcool, assim como de ex-

periências anteriores e das doses ingeridas, um quadro de desmoronamento físico, náuseas e vômitos, respiração estertorosa, hálito com um odor característico, que nos faz lembrar a acetona; os reflexos diminuem, a anestesia instala-se, podendo-se observar incontinência de esfíncteres. Depois de várias horas de sono profundo, às vezes até comatoso, o indivíduo desperta e volta ao seu estado normal. Excepcionalmente, se a dose de álcool ingerida é muito elevada, ou se existe uma deficiência orgânica anterior, a Embriaguez Comatosa pode evoluir para um estado mais grave, podendo levar o indivíduo à morte.

Um indivíduo alcoolizado pode apresentar três tipos de Embriaguez patológica, que podem favorecer acontecimentos criminais.

a) Embriaguez excitomotriz, que se caracteriza por impulsos agressivos e furiosos, podendo ser precedidos de alguns pró-dromos, como: cefaléia, angústia. Neste estado o indivíduo pode agredir pessoas, e até mesmo matá-las, visto que esta violência impulsiva assemelha-se aos estados de furor do epiléptico.

b) Embriaguez alucinatória, que se caracteriza pelo caráter dramático das alucinações visuais ou auditivas, sendo estas de conteúdo frequentemente trágicos, que se mesclam com a realidade: alucinações de infidelidade, de matanças, de atitude ameaçadora ou injuriosas. Neste estado o indivíduo pode apresentar reações homicidas impulsivas.

c) Embriaguez delirante: neste quadro a fabulação (que consiste no relato de coisas fantásticas (160), que na realidade nunca ocorreram, tratando-se de uma invenção livre, tida pelo indivíduo como real) predomina, sendo que um psiquiatra chamado Garnier (apud 58), descreve quatro temas essenciais nestas fabulações:

c1) temas megalomaniacos, em que o indivíduo pode, por exemplo, achar que tem condições de invadir o Palácio do Governo, destruir objetos de arte, matar o Presidente da República, etc.

c2) a auto-denúncia delirante, estudada por um investigador chamado Dupré (1902) -- o alcoolista acha-se acusado de ter cometido um crime, e num primeiro plano devemos temer um impulso suicida.

c3) temas de ciúmes, em que o indivíduo vê e ouve os amantes da mulher ou da mãe, podendo provocar reações homicidas.

c4) temas persecutórios: o indivíduo embriagado sente-se ameaçado, perseguido, podendo pedir proteção à polícia, agindo agressivamente contra familiares, vizinhos, e mesmo transeuntes desconhecidos, numa forma de reação defensiva.

A Embriaguez delirante, conforme acreditava Clérambault (apud 58), poderia levar a uma transformação da personalidade do embriagado, que age como se fosse um outro indivíduo, cometendo, por vezes, atos absurdos, até mesmo delituosos.

Kraepellin (apud 58) e outros autores alemães, dividiam a embriaguez em dois tipos:

a) Embriaguez normal

b) Embriaguez patológica, que pode ser acompanhada de transtornos da consciência (em geral, turvamento desta), pensamentos oniróides (que se assemelham a um sonho), idéias delirantes de conteúdo ameaçador e persecutório, distúrbios alucinatorios visuais ou auditivos. Esta embriaguez patológica poderia ser subdividida em: embriaguez tipo deliróide (Delirium) e embriaguez tipo estado crepuscular (Epilep-

tóide). Devido as alterações do nível de consciência, após a embriaguez patológica são frequentes os estados de perturbações da memória: amnésia ou hipomnésia, que fazem com que os indivíduos não se lembrem (ou lembrem-se parcialmente) do ocorrido.

O alcoolismo em indivíduos epiléticos (15% dos alcoolistas, segundo observações de Lennox e Lereboullet (apud 58)) pode provocar crises convulsivas, assim como pode provocar a liberação de condutas agressivas, que podem levar ao homicídio (124). A liberação da agressividade sobrevem após turvamento da consciência, conforme descrito acima. O eletroencefalograma, em geral, mostra sinais indiscutíveis de comicialidade, sendo o álcool um fator que predispõe à baixa do limiar da célula nervosa, favorecendo estas crises.

#### Tabelas 144, 145 e 146

Observando os dados da tabela 144, notamos que no Grupo Controle 92% dos indivíduos, constituídos de 26 mulheres (96,30% da população feminina) e 20 homens (86,96% da população masculina) diziam nunca ter feito uso de drogas, não considerando aqui os psicofármacos prescritos por médicos, em situações de doenças psiquiátricas ou psicossomáticas. 8% da população, sendo 3 homens (13,05% do total masculino) e 1 mulher (3,70% do total feminino) dizia-se viciada em alguma droga:

- a) uma mulher e um homem, em cocaína e maconha;
- b) dois homens, em maconha.



No Grupo de Estudos, observamos que 46,77% da população, sendo 9 mulheres (60% do total feminino) e 20 homens (42,55% do total masculino) disse nunca ter usado drogas. 19,35% desta população, constituída de 1 mulher (6,67% do total feminino) e 11 homens (23,40% do total masculino) dizia-se viciada em maconha. 3,23% desta população, constituída de 1 homem e 1 mulher, dizia-se viciada em cocaína. 1,61%, constituído de 1 homem, fazia uso de Psilocibina (chá de cogumelo). 29,03%, constituído de 4 mulheres (26,67% do total feminino) e 14 homens (29,79% do total masculino) dizia-se viciado em maconha e cocaína, e por vezes fazia uso de uma associação de drogas, como: vitaminas endovenosas, em altas doses diárias (Catovit, Glucoenergán), xaropes com codeína, etc. Logo, 53,23% da população do Grupo de Estudos, fazia uso frequente de drogas. O Qui quadrado mostra-nos que o uso de drogas no Grupo E é maior e estatisticamente significativa, em comparação ao Grupo C (QUI quadrado igual a 28,302, para um grau de liberdade, sendo o alfa menor que 0,0001).

Praticamente todos os presidiários dependentes destas drogas citadas, referiram que praticavam seus crimes sob ação destas, pois as drogas lhes davam coragem e relaxavam (SIC). É, no entanto, extremamente controvertida a atuação destas sobre a atitude criminal.

As drogas derivadas da Cannabinaceae (105) variam bastante em qualidade e potência, dependendo do tipo (existem provavelmente três espécies ou vários ecotipos), clima, solo, cultivo e método de preparação. Quando a planta cultivada está totalmente madura, uma resina viscosa amarelo-dourada, com uma fragrância de hortelã, cobre os cachos de flores e a superfície das folhas. A resina da planta contém a substância ativa. Os preparados da droga aparecem em três níveis, identificados por

nomes indianos. A mais barata e menos potente chama-se **bharg**; esta tem baixa quantidade de resina. A **ganja** é obtida a partir das florescências superiores e das folhas de plantas cultivadas, e tem uma qualidade e uma quantidade de resina superiores. O terceiro e mais alto nível da droga, chamado de **Charas** na Índia, é feito totalmente da própria resina, obtida da parte superior das plantas maduras. Esta última porção citada da droga é também chamada de **haxixe**. A maior parte da maconha usada nos Estados Unidos é a **bharg**.

Os efeitos da **Cannabis** (tetra-hidrocanabinol) (37,105), um termo geral usado para as várias formas dos produtos psicoativos da planta, em estudos realizados com animais, mostra-nos que estes estão restritos ao S.N.C.. A droga não afeta claramente o comportamento geral de ratos ou camundongos, ou a aprendizagem simples em ratos; entretanto, acalma os camundongos que se tornavam agressivos, provocando o isolamento destes. Em cães provocava sonolência, plena de sonhos. Em grandes doses, a **Cannabis** provoca em animais alguns sintomas, como vômitos, diarreia, tremores fibrilares e falhas de coordenação muscular. Doses letais têm sido fixadas para poucos animais: absorvida por via oral, a dose letal para gatos, por exemplo, é de 3 gramas de **charas**, 8 gramas de **ganja**, ou de 10 gramas de **bharg**/kg de peso.

Os efeitos provocados em homens podem ser variados: para iniciantes pode provocar **ansiedade**, que é aliviada se a pessoa está entre amigos. Alguns afirmam que a intoxicação pode provocar um aumento da **sensibilidade a estímulos externos**, tornando as cores mais brilhantes e vivas, aumentando a sensibilidade à música. Sob seu efeito, a **noção de tempo** fica distorcida. O fumante pode, por exemplo, ser perturbado na in-

toxicação por pensamentos paranóides, e ao mesmo tempo, estar razoavelmente consciente deles, e até mesmo rir, zombar de suas idéias.

A maconha é comumente apresentada como alucinógeno. Assim como o L.S.D. (Dietilamida do Ácido Lisérgico), a maconha pode apresentar fenômenos de despersonalização, percepção deformada de várias partes do corpo, distorção espacial e temporal. Está pouco provado que a maconha provoque dependência física ou psicológica, e se esta existir, é menor que a provocada pelo álcool e o fumo. Há também controvérsias quanto a liberação de agressividade e violência com a Cannabis. Há autores que acreditam no inverso: a maconha suprimiria estes efeitos. Não havendo uma predisposição à criminalidade, um indivíduo não irá cometer crimes sob efeito da maconha(105). O mesmo se pode dizer das psicoses desencadeadas por esta droga.

Quanto a Cocaína(105), esta pode ser inalada, injetada ou pulverizada em órgãos genitais. A cocaína mais popularmente usada, é em geral misturada com procaína e anfetaminas. Sua pureza varia de 30% à 60%.

Seus efeitos são estimulantes e simpaticomiméticos centrais, lembrando muito os efeitos das anfetaminas, porém são mais moderados, menos físicos. Estes efeitos duram em média uma hora, ao contrário das muitas horas de duração dos efeitos das anfetaminas. O efeito desagradável mais comum é a irritabilidade e fadiga, após a euforia. Esta irritabilidade pode vir acompanhada do desejo de mais droga. Alguns médicos têm relatado uma reação de ansiedade aguda, com sintomas que incluem aumento da pressão arterial, taquicardia, sentimentos persecutórios, etc. Alucinações e ilusões são mais raras, porém podem ocorrer. Em altas doses

ses pode provocar crises convulsivas, depressão dos centros medulares, e até mesmo mortes por parada cardíaca, ou mais frequentemente, respiratória.

A cocaína aumenta a energia e a confiança, e pode provocar irritabilidade e paranóia. Diz-se que ela motiva agressões físicas e o crime, porém, não há evidências claras a este respeito. O que se sabe é que a cocaína não conduz tanto à agressão como o álcool, barbitúricos e anfetaminas (84, 105).

Cronicamente, a cocaína quando inalada diariamente e em grandes doses, pode provocar: distúrbios do sono, do apetite, aumento da irritabilidade, diminuição da concentração. Cria dependência psicológica, e por vezes aparecem sinais de abstinência, como ansiedade e depressão. Podem ocorrer ideação delirante paranóide, alucinações, ilusões. Narinas obstruídas ou com corrimento, são comuns. Estas podem mostrar-se inflamadas, inchadas, ou mesmo, ulceradas.

A literatura psicanalítica (105) associa o uso de drogas à fixação libidinal ao nível oral. Em geral, há associação entre abuso de drogas e distúrbios afetivos, assim como com dificuldades nos controles impulsivos e nos mecanismos adaptativos à situações de privações e frustrações.

Há relatos de sinais de alto risco à droga-adição já na infância(105)envolvendo crianças com problemas prematuros de saúde,problemas de comportamento escolar ou no lar,principalmente às refeições,falta de auto-confiança(insegurança),perturbações de conduta,etc.As crianças com alto-risco de envolvimento futuro com drogas,têm sido descritas como egocêntricas,com tendências anti-autoritárias.Famílias desestruturadas,pais que fazem uso de drogas,podem favorecer o abuso destas em seus filhos.

Os viciados parecem usar a droga como um elemento que alivia ou suprime suas emoções,resolvendo,pelo menos a curto prazo,problemas associados à questões interpessoais.Poderia ser também um suporte para aliviar angústias ou sentimentos de depressão e ansiedade(105,169).

#### Tabelas 147 e 148

Observando os dados da tabela 147,notamos que no Grupo Controle 48% dos indivíduos,sendo 12 mulheres(44,44% do total feminino) e 12 homens(52,17% do total masculino),diziam-se tabagistas.52% desta população,constituída de 15 mulheres(55,67% do total feminino) e 11 homens(47,83% do total masculino),negavam o tabagismo.

No Grupo de Estudos,61,29% da população,constituída de 9 mulheres(60% do total feminino) e 29 homens(61,70% do total masculino) é tabagista.38,71%,sendo 6 mulheres e 18 homens,não fuma.Logo,há uma porcentagem maior de fumantes no Grupo E,principalmente entre os homens.

O tabagismo é hoje considerado uma das mais severas toxicomanias, devido a dependência psico-física que a nicotina acarreta. Aqui também devemos ressaltar a importância da associação entre o uso do fumo e a busca de alívio de sintomas ansiosos e depressivos. Em estudos psicanalíticos, o fumo estaria ligado à fixação do indivíduo a fase oral de seu desenvolvimento psico-sexual, conforme já discutido (105).

#### Tabelas 149 e 150

Analisando os dados da tabela 149, verificamos que 68% da população do Grupo Controle apresentava seus pais vivos, sendo 20 mulheres (74,07% do total feminino) e 14 homens (60,87% do total masculino). 28% desta amostra, constituída de 6 mulheres (22,22% do total feminino) e 8 homens (34,78% do total masculino) não apresenta pelo menos um dos pais vivos. 4% desconhece esta informação, pois há muitos anos não recebe notícias da família.

No Grupo de Estudos, 56,45% da população, constituída de 9 mulheres (60% do total feminino) e 26 homens (55,32% do total masculino) apresentavam seus pais vivos. 38,71%, sendo 6 mulheres (40% do total feminino) e 18 homens (38,30% do total masculino) não apresentam pelo menos um dos pais vivos. Portanto, há maior incidência de mortes de um dos pais na população do Grupo de Estudos, principalmente na população feminina.

#### Tabelas 151 e 152

Observando os dados da **tabela 151**, verificamos que 20% da população do Grupo Controle, sendo 7 mulheres (25,93% do total feminino) e 3 homens (13,04% do total masculino) apresentava pais separados. 80% desta amostra não apresentava pais separados.

Dentre os presidiários, 22,58% da população apresentava pais separados, sendo 3 mulheres (20% do total feminino) e 11 homens (23,40% do total masculino). 77,42% da população do Grupo de Estudos, constituída de 12 mulheres (80% do total feminino) e 36 homens (76,60% do total masculino) não apresentava pais separados. Há, portanto, uma porcentagem maior de pais separados entre os homens do Grupo E.

#### **Tabelas 153 e 154**

Analisando os dados da **tabela 153**, encontramos no Grupo Controle 52% da população que apresentava até os doze anos:

a) 16% dos 52%, isto é, 1 homem (4,34% da população masculina) e 7 mulheres (25,92% da população feminina) os pais ausentes (viajantes, caminhoneiros) ou, separados;

b) 18% dos 52%, sendo 3 homens (13,04% da população masculina) e 6 mulheres (22,22% da população feminina) um dos pais mortos;

c) 18% dos 52%, sendo 6 homens (26,08% do total masculino) e 3 mulheres (11,11% do total feminino) os pais que brigavam muito, cujo ambiente familiar era de pancadarias, gritos, traições conjugais, etc.

Pelos dados da **tabela 154**, verificamos no Grupo de Estudos 62,90% da população que apresentava, até os doze anos:

a) 20,96% dos 62,90%, sendo 11 homens (23,40% do total masculino) e 2 mulheres (13,33% do total feminino) os pais ausentes ou separados;

b) 17,74% dos 62,90%, sendo 5 homens (10,63% do total masculino) e 6 mulheres (40% do total feminino) um dos pais mortos;

c) 24,19% dos 62,90%, sendo 10 homens (21,27% do total masculino) e 5 mulheres (33,33% do total feminino) pais que brigavam muito.

Verificamos, de um ponto de vista descritivo, uma porcentagem maior, embora discreta, de lares desestruturados, em decorrência dos três fatores, no Grupo de Estudos, principalmente entre as presidiárias. Entretanto, há predominância, comparando os dois grupos, de pais ausentes ou separados, entre as mulheres do Grupo Controle, assim como se compararmos a incidência de pais que brigavam muito, vamos ver que os homens do Grupo C mostram maior percentual. No Grupo de Estudos, há predominância entre as mulheres, de pais mortos e que brigavam muito, comparativamente aos indivíduos dos dois grupos.

Ao realizarmos um trabalho estatístico mais preciso, notamos que o Modelo Log-Linear (29) utilizado para analisar as diferenças de respostas à desestruturações nos lares, forneceu-nos os seguintes resultados:

Efeito	G.L.	Qui quadrado	Prob. Significância
Intercepto	2	1,23	0,5402 (não sign.)
Sexo	2	3,21	0,2013 (não sign.)
Grupo	2	0,22	0,8959 (não sign.)
Sexo X Grupo	2	5,55	0,0623 (sign.)



Verificamos que a interação entre sexo e grupo é significativa (prob. sign. igual a 0,06), isto é, as diferenças entre as respostas dos diversos grupos (Estudo-masculino, Estudo-feminino, Controle-masculino e Controle feminino) é devido a um efeito conjunto de Grupo e Sexo. Isto nos diz que não podemos valorizar estes dados considerando apenas as diferenças entre os grupos, mas sim, grupo e sexo, visto que no Grupo C predomina um efeito, dependendo se o sexo é feminino ou masculino, o mesmo ocorrendo no Grupo E. Acredito que isto já tenha ficado claro, até mesmo na análise descritiva dos dados.

Sabemos que lares desestruturados (05, 18, 22, 23, 24, 81, 91, 192, 193) levam à privações de afeto, podendo acarretar danos irreparáveis ao caráter da criança, conforme discutimos na Introdução desse trabalho. Não vamos extendermo-nos mais sobre isto, para não nos alongarmos demais.

#### **Tabelas 155 e 156**

Pelos dados da tabela 155 verificamos que em 96% dos indivíduos do Grupo Controle, não há qualquer relação de consanguinidade entre os pais dos entrevistados. 2% desta população, constituída de 1 mulher, os pais são primos em primeiro grau. Outros 2% desconhecem esta informação.

No Grupo de Estudos, 95,16% nega consanguinidade entre os pais. 4,84% destes, constituídos de 3 homens (6,38% da população masculina) desconhecem esta informação.

A consanguinidade é um dado importante na tentativa de sabermos se algumas doenças geneticamente transmissíveis, como por

exemplo a Epilepsia(165,188),em que podemos ter transtornos agressivos de conduta,é mais incidente em algum destes dois grupos.Isto não parece ocorrer.

#### Tabelas\_157\_e\_158

Pelos dados da tabela 157,verificamos que 52% do Grupo Controle tem cinco ou mais irmãos,sendo 12 mulheres(44,44% do total feminino) e 14 homens(60,86% do total masculino).

No Grupo de Estudos,51,61% do total da amostra,sendo 9 mulheres(60% do total feminino) e 23 homens(48,93% do total masculino) possui de 5 a mais irmãos.Logo,a incidência de famílias numerosas,com 5 filhos ou mais,constitui mais de 50% do total da população nos dois grupos,havendo no Grupo Controle,um número maior de irmãos entre os homens,enquanto no Grupo de Estudos ocorre o inverso.

Famílias numerosas podem levar à privações em vários sentidos:agravamento de problemas sócio-econômicos,com repercussões na alimentação,saúde e educação dos filhos;afetivamente não há como dar atenção e carinho a todos.Isto redundam em um fator a mais para agravar os terríveis danos ocasionados à população brasileira,despreparada para compreender e atuar sobre suas dificuldades.Assistimos,então,o ciclo do desafeto,em que irmão agride irmão e onde a vida vale menos que uma banana,provavelmente de dinamite.

#### Tabelas\_159\_e\_160

Observando os dados da **tabela 159**, notamos que 36% da população do **Grupo Controle**, constituída de 11 mulheres (40,74% do total feminino) e 7 homens (30,43% do total masculino) dizia apresentar casos de Doença Mental entre os familiares. As doenças referidas eram:

a) 55,56% dos 18 indivíduos, sendo 4 mulheres (36,36% deste total parcial feminino) e 6 homens (85,71% do total parcial masculino) referiam **Alcoolismo** entre os familiares, principalmente do pai;

b) 5,56% referia **Síndrome Depressiva**, principalmente da mãe;

c) 5,56% referia **Síndrome Depressiva-Ansiosa**, principalmente da mãe;

d) 11,11% referia **Toxicofilia**, principalmente entre os irmãos;

e) 11,11% referia desconhecer o diagnóstico correto da doença apresentada pelo familiar, assim como não fornecia dados concretos para fazermos uma hipótese diagnóstica.

No **Grupo de Estudos**, verificamos que 74,19% da amostra referia Doença Mental na família, sendo 12 mulheres (80% do total feminino) e 34 homens (72,34% do total masculino). As Doenças mais citadas foram:

a) 69,57% do total desta amostra parcial, sendo 6 mulheres (50% do total parcial de mulheres, isto é, das que relatavam positividade neste item) e 26 homens (55,31% do total parcial de homens) referia **Alcoolismo**, principalmente do pai e/ou de irmãos;

b) 13,04% dos 46 indivíduos, sendo 3 mulheres e 3 homens, relatavam **Síndrome Depressiva**, geralmente da mãe;

c) 6,52% destes, constituídos de 1 mulher e 2 homens, relatavam Epilepsia (1 caso de uma mãe, e os outros 2 de irmãos).

Logo, verificamos um número grande de pais alcoolistas nos dois grupos: Controle e de Estudos, com discreto aumento no Grupo de presidiários. Isto favorece desavenças entre os membros da família, fomentando sentimentos agressivos dirigidos à figura materna e/ou paterna. Há também um número pequeno, mas que deve ser ressaltado, principalmente no Grupo de Estudos, de mães deprimidas, provavelmente sentidas por seus filhos como rejeitantes ou ausentes.

#### Tabela\_161

Observando os dados da tabela 161, notamos que 50% da população do Grupo de Estudos cometeu, como último delito, crimes contra o patrimônio, sendo 6 mulheres (40% do total feminino) e 25 homens, isto é, 53,19% do total masculino. 16,13% destes, constituídos de 1 mulher (6,67% do total feminino) e 9 homens (19,15% do total masculino) cometeram crimes contra a pessoa. 12,90%, constituídos de 1 mulher e 7 homens, cometeram crimes contra a saúde pública e, 17,74% cometeu dois ou mais tipos de crimes, como: formação de quadrilhas e crimes contra o patrimônio, porte ilegal de armas e crimes contra a pessoa, etc.

#### Tabela\_162

Verificamos pelos dados da tabela 162 que 45,16% dos entrevistados tinham menos de três meses de prisão, sendo 16 homens (34,04%

do total masculino) e 12 mulheres(80% do total feminino).O fato de termos uma alta porcentagem de mulheres nestas condições deveu-se ao fato de ter ocorrido uma rebelião no Presídio Feminino de Indaiatuba, após a fuga de duas detentas,motivando medidas punitivas por parte da equipe dirigente.Estas medidas provocaram uma revolta das presidiárias,com conseqüente queima dos colchões,cortinas,etc.,nas celas e enfermarias.Isto ocasionou a transferência da maioria das presidiárias com mais tempo de encarceramento,para outras localidades,como São Paulo e Pedreira,conforme descrito na Metodologia desse trabalho.

14,51% dos presidiários tinham de seis a doze meses de prisão,sendo 7 homens(14,89% do total masculino) e 2 mulheres,isto é, 13,33% do total feminino;.

14,51% estava preso entre doze a dezoito meses,sendo 8 homens(17,02% do total masculino).e 1 mulher(6,66% do total feminino).

9,67% dos presidiários,constituídos de 6 homens(12,76% do total masculino),estavam na Cadeia há mais de dois anos.

#### **Tabela\_163**

Observando os dados da tabela 163,notamos que 38,70% do total de presidiários,sendo 13 homens(27,65% do total masculino) e 11 mulheres(73,33% do total feminino) desconheciam totalmente suas penalidades,ou seja,por quanto tempo ficariam na prisão.Isto se devia a dois fatores:tinham cometido seus crimes há pouco tempo ou,em alguns casos,pela morosidade no julgamento dos criminosos,o que colabora para aumentar a ansiedade e revolta dos presos(52).20,96% destes presidiários

tinham penas variáveis de três a seis meses. 11,29% tinham penas de seis a nove meses. 4,83% tinham penas que iam além de 15 anos.

Vale ressaltar que Cadeia é um lugar para aguardar julgamento, e a maioria dos presos da Cadeia Pública do São Bernardo já havia sido julgada; portanto, estavam em local inadequado. Esta ocorrência pode ser explicada por:

a) falta absoluta de presídios, sendo que os existentes encontram-se em situação deplorável de conservação, além de estarem superpopulosos;

b) aumento crescente de crimes, o que ocasiona o amontoamento de indivíduos em locais inadequados, favorecendo as revoltas e o não cumprimento da função precípua da prisão, que é a recuperação do detento, dar trabalho a este, assistência médica e social, etc. Acrescentando-se a este fato, a morosidade dos julgamentos dos processos, por vezes de delitos menos graves, que poderiam levar o preso a cumprir penas alternativas. Quando esta situação ocorre, devemos estar cientes que estes aglomerados humanos são mais escolas da criminalidade, mantidas e geridas oficialmente, inclusive com nosso voto e dinheiro. Diminuir a criminalidade inclui como função básica atacar as suas causas, e nestas estão os fatores psico-sociais de nossa população. Aumentar o número de presídios (fato tão ouvido nos comícios eleitorais e eleições) é apenas um paliativo aos efeitos destas causas.

**Tabela\_164**

Dentre os 38 presos sobre os quais tínhamos informações precisas e seguras dos crimes cometidos (inclusive, já julgados), visto que alguns negavam a autoria das acusações, 12 deles, isto é, 31,58% deste total parcial, sendo 9 mulheres e 3 homens, não tinham nenhuma acusação, ou penalidade anterior—eram réus primários. 39,47 por cento deste total parcial, sendo 3 mulheres e 12 homens, tinha uma infração anterior. 13,16% destes, constituídos de 5 homens, tinham de cinco a sete infrações anteriores. 10,53%, constituídos de 4 homens, tinham de três à cinco infrações anteriores. Logo, mais da metade dos réus entrevistados na Cadeia do São Bernardo eram réus reincidentes no crime. 44,90% das reincidências eram crimes contra o patrimônio.

#### Tabala\_165

Dos 62 presidiários entrevistados e questionados sobre a ocorrência de algum evento estressante de vida (negativo ou positivo) (91, 122, 155, 164, 192, 193), nos cinco anos que antecederam o primeiro delito, 62,90% responderam sim, sendo 9 mulheres (60% do total feminino) e 30 homens (63,83% do total masculino). 37,10% desta população de estudos respondeu não, sendo 6 mulheres (40% do total feminino) e 17 homens (36,17% do total masculino). Os eventos citados foram:

a) Em 50% dos casos, sendo 8 mulheres (72,73% do total feminino) e 13 homens (41,94% do total masculino) por mudanças de condições de vida (crises sócio-econômicas, provocadas por perda do emprego, falta de dinheiro, etc.);

- b)30,95% dos casos,por perdas(mortes na família,separações definitivas dos pais,etc.) e ameaças de perdas;
- c)11,90% dos casos,por conflitos conjugais;
- d)7,14% dos casos,por empreendimentos pessoais(dívidas).

#### Tabela\_166

Observando os dados da tabela 166,notamos que dos 33 indivíduos viciados em drogas,48,48% deles praticaram crimes contra o patrimônio,a maioria com o intuito de vender o produto do roubo e adquirir mais drogas,para consumo próprio ou tráfico.12,12% dos viciados cometeram crimes contra a pessoa,e 21,21% deles cometeram mais de um crime que justificava a prisão atual,sendo principalmente: formação de quadrilhas,porte ilegal de armas e roubos.

Dos 33 viciados em drogas,26 deles(60,77% desta população parcial)são reincidentes no crime.

#### Tabela\_167

Pelos dados da tabela 167,verificamos que 33,87% da população de estudos habitava celas com 6 a 8 indivíduos,estando nestas condições 9 homens(17,02% do total masculino) e 13 mulheres (86,66% do total feminino).12,90%,sendo 6 homens(12,76% do total masculino) e 2 mulheres(13,33% do total feminino) estavam em celas com 9 a 11 pessoas.14,51% desta população,constituída de 9 homens,morava com 12 a 14



pessoas.9,67%,isto é,6 homens,estavam em celas com 15 a 17 indivíduos.9,67% deles,constituídos de 6 entrevistados,encontravam-se na enfermaria com mais de 21 pessoas,a maioria não porque estivesse verdadeiramente doente,mas por ter pedido seguro de vida(por estarem ameaçados de morte) ou por terem sérios riscos de serem violentados sexualmente nas celas(SIC).Logo,61,28% desta população,estava em celas com mais de seis pessoas.

As celas medem,aproximadamente,dois por três metros quadrados,e conseqüentemente,um número de 10 a mais pessoas,constitui-se num aglomerado superpopuloso,onde as agressões psico-físicas são maiores.A Cadeia do São Bernardo,onde desenvolvemos a maior parte deste trabalho,foi fundada em 18/01/76,no Governo do Dr.Paulo Egídio Martins,que tinha,na época,como secretário de segurança pública,o Dr.Erasmo Dias. Tem capacidade para 240 pessoas,porém na fase da realização desse trabalho,chegou a possuir mais de 460 presos.Atualmente(maio de 1989), conta com mais de 740.Ele é tido como um dos mais violentos do país, devido a alta incidência de assassinatos entre seus habitantes,assim como de suicídios(ler notícias veiculadas na imprensa).

Esta Cadeia é guardada pela Polícia Militar e Civil.Possui dois delegados,sendo um titular.Tem quatro carcereiros de plantão por dia,o que representa um número extremamente baixo.Estes,queixam-se de estafa e dos baixos salários,apresentando inúmeras Doenças Psicossomáticas ligadas ao estresse,como:gastrite,enxaquecas,angina psicogênica, associadas a um temor imenso do ambiente.A maioria padece de insônia. As funções destes carcereiros consistem em:

a)abrir as celas e retirar os presos para o banho de sol,para as visitas médicas,para irem ao Fórum,etc...

- b)retrancar os presos;
- c)fazer relatórios de ocorrências do plantão;
- d)entregar utensílios,alimentos,etc.enviados por

familiares aos detentos e vice-versa.

A Cadeia superpopulosa tem vários líderes.Estes assumem esta função por serem os mais violentos,os mais fortes fisicamente,os que têm mais armas,os que conseguem subtrair mais coisas dos outros.De acordo com informes,eles exigem dinheiro e mantimentos(na Cadeia os pacotes de alimentos são conhecidos como jumbo,em referência a um rede de supermercados)dos coagidos.Desta forma,os menos poderosos pagam a sua tranquilidade,e por vezes a de suas famílias,que são ameaçadas de várias maneiras,dentro e fora da Cadeia.Com o dinheiro arrecadado,os líderes pagam seus advogados,sustentam suas famílias,compram drogas, que entram através das visitas ou de outros elementos,que cabe à justiça apurar.

Em geral os presos têm um comportamento grupal(168)-nunca agem sozinhos,visto serem franzinos,pequenos,e até desnutridos.O grupo dá-lhes força e poder;fortalece as condutas e as defesas.Cito o caso relatado,de um preso vigoroso,alto,musculoso,que enfrentava sozinho todas as brigas,e que foi morto à traição,por mais de 8 detentos.Eles induziram-no a jogar de goleiro no time de futebol da Cadeia,e nesta função,para saltar e agarrar a bola,ele não poderia jogar armado.No fim do jogo o levaram a utilizar o sanitário,no fundo do pátio.Lá,o grupo atacou-o,e o matou com mais de dezessete estiletadas.

Normalmente,em Presídios e Cadeias superpopulosas como esta,os presos possuem sistemas de comunicação,dentro e fora da Instituição.

Segundo o delegado titular, ele extinguiu o COTA, um destes sistemas, por este motivo. Este fato gerou uma greve de fome e quase uma rebelião. A COTA era um grupo de presos, que com suas lideranças mantinham os contatos entre eles, assim como encaminhavam suas reivindicações à equipe dirigente. Muitas vezes, segundo o Diretor, um destes indivíduos, com a desculpa de ser enfermeiro e aplicar uma injeção num falso doente, passava informações de um lado a outro da Cadeia. Através deste Shunt de Comunicação, eles se fortaleciam.

Os presos não toleram aqueles que têm privilégios na Cadeia. Estes têm que lhes prestar favores, senão podem ser mortos.

Há leis severas entre eles, como:

a) não caguetar, isto é, não entregar os demais - manter-se calado;

b) não estuprar ou matar mulheres e crianças. Os que cometem estes crimes são severamente espancados ou mortos;

c) manter boa higiene.

d) nunca mostrar-se fraco, isto é, enfrentar as provocações, não se queixar dos problemas, não lamuriar, etc.

e) respeito à família do outro.

O indivíduo ao entrar na Cadeia, na maioria das vezes, é solto numa das alas (superior ou inferior); exceção a esta regra, é feita quando o detento já possui algum privilégio, ou então quando apresenta sérios riscos de agressões violentas por parte dos outros detentos. Nestas condições eles podem pedir seguro de vida e serem colocados na enfermaria, que representa um local menos agressivo. Nas alas, segundo in-

formas dos mesmos, pode ou não haver um convite para o indivíduo entrar num determinado xadrez. Nestes, eles podem se aglomerar por conhecimentos anteriores de outras Instituições Penitenciárias ou da rua; podem também se juntar por afinidades sexuais, por exemplo: os travestis e homossexuais ou aqueles que já sofreram agressões sexuais na Cadeia; podem se aglomerar por faixa etária, por tipo de crimes cometidos, etc. Caso o recém-presidiário não consiga ajeitar-se, cabe ao carcereiro arrumar-lhe um local, e nesta situação o detento está sujeito a maiores riscos de agressões (145), incluindo espancamentos, sevícias, relações homossexuais forçadas, etc. Em geral, quando um preso é novato, ele apanha dos demais. Com o passar dos dias, as agressões diminuem... Após ganhar a confiança dos outros, é comum ver o que apanhou, bater também nos recém-ingressos.

Os crimes na Cadeia podem ocorrer por motivos banais, mas geralmente estão ligados à disputa de liderança ou rivalidades entre quadrilhas. Eles, em geral, não matam qualquer um, segundo disse-me um líder-matam sempre alguém influente, pois isto é sinal de poder, de respeito, maior até do que possuía o morto. Quando matam qualquer um, o ato é interpretado como sinal de fraqueza. É por este motivo, que morte na Cadeia é sempre um sinal de que algo aconteceu ou vai acontecer.

A questão da saúde nas Prisões e Cadeias é gravíssima. Um dos colegas médicos da Instituição falava-me em 1986, das dificuldades em se trabalhar neste campo. Segundo ele, são os líderes quem selecionam aqueles que devem ou não ser examinados, e inclusive a hora em que o médico deve entrar na sala de exames; são eles também quem determinam se um preso deve ou não ser transferido para um hospital. A questão de

vida e morte parece ser determinada por estes sujeitos, temidos até pela equipe dirigente(?). Não há fichas médicas dos presos, o que dificulta qualquer seguimento clínico destes presidiários. O médico confessa não examinar seus pacientes; não há medicamentos (as receitas são jogadas fora, caso a família não se interesse em comprar os remédios); não há medidas profiláticas para as Doenças Infecto-Contagiosas, principalmente Venéreas, que proliferam intensamente e gravemente nestes locais. Em meados de 1987 e início de 1988 (durante mais de seis meses) os presos ficaram sem nenhum médico na Cadeia, visto que o único que havia, afastou-se. As queixas, em nível de saúde, o medo do contágio de Doenças, principalmente da AIDS, torna o ambiente extremamente tenso e perigoso aos que lá estão, e mesmo à Comunidade, visto haver ali um barril de pólvora humano. Cabe as autoridades sanitárias e judiciárias do Estado de São Paulo, maiores cuidados e providências neste sentido.

As medidas punitivas aos detentos que infringem as normas impostas pela equipe dirigente variam desde: proibição de visitas por uma semana ou mais, fechamento em cela forte, proibição ao banho de sol, de ver televisão e participar de atividades recreativas, como: jogos de futebol, etc.

#### Tabelas 168, 169, 170 e 171

Observando os dados da tabela 168, verificamos que 54,83% desta população de estudos não se apresentava tatuada, sendo este percentual constituído de 25 homens (53,19% da população masculina) e 9 mulheres (60% da população feminina). 45,16% apresentava-se tatuada, sen-

do 22 homens(46,80% do total masculino) e 6 mulheres(40% do total feminino).

Pela tabela 169,42,85% dos 28 indivíduos tatuados,sendo 8 homens(36,36% do total parcial de 22 homens) e 4 mulheres(66,66% do total parcial de 6 mulheres) apresentavam uma única tatuagem.17,85%,sendo 4 homens e 1 mulher,apresentava duas tatuagens.21,42%, constituído de 6 homens,apresentava três tatuagens.10,71% apresentava mais de quatro tatuagens.

No Grupo Controle não encontramos nenhum indivíduo tatuado.

Dos 28 tatuados(tabela 170),71,42%,constituídos de 14 homens(63,63% do total de homens tatuados) e 6 mulheres(100% das mulheres tatuadas),fizeram seus desenhos na rua;21,42% destes,constituídos de 6 homens,tatuaram-se na Cadeia,enquanto 3,57%,isto é,1 homem,fez algumas tatuagens na rua e outras na Cadeia.

A tabela 171 mostra-nos que dos 28 tatuados,60,71% cometeram crimes contra o patrimônio;21,42% cometeu mais de um tipo de crime;14,28% cometeu crimes contra a saúde pública e,3,57 por cento cometeu crimes contra a pessoa.

A tatuagem(182),isto é,gravar na pele um símbolo,pode estar relacionada a vários fatores:

a)pode ser um modismo,tanto que não é encontrado somente em presidiários,mas também em jovens mais liberais,em artistas,surfistas,etc.

b)pode ser um gosto ou um código,que pode significar respeito;pode representar que o indivíduo conhece as malandragens do crime;pode estar associada a "corpo fechado",protegido por alguma

entidade espiritual(sinal da cruz,etc.);pode ser um símbolo amoroso dedicado à mãe,à esposa ou namorada;pode significar,de acordo com o desenho,a pena cumprida(um pingo a mais ou a menos);pode ter relação com o tipo de crime cometido:duas pintinhas entre os dedos revelam um batedor de carteiras,cinco pontinhos caracterizam um assaltante,a inscrição pica-pau ou o desenho de um pênis,denunciam um estuprador,uma pinta tatuada no rosto pode significar que aquele preso já serviu de mulher para outros detentos,etc.(Carvalho,S.A.:Tatuadores buscam superar riscos da AIDS.Correio Popular,Campinas-S.P.,16/10/89,p.4).

Baseados na crença de que a tatuagem seria transportada para o paraíso juntamente com a alma,os egípcios já se utilizavam desta arte no século VI a.C..Pelas marcas detectadas nas múmias,os sacerdotes adornavam-se com tintas azuis,enquanto alguns grupos da Índia definiam suas castas através dos diferentes símbolos aplicados na pele.Essa forma de decoração parecia curiosa para os Europeus,e acabou sendo introduzida no Ocidente através dos exploradores,em suas incursões navais.A indulgência com que o Ocidente tratou esta arte acabou sendo justificada.Homens,mulheres e crianças foram identificadas como escravos ou criminosos,desertores dos exércitos,ou até mesmo como subumanos,em Campos de Concentração alemães,indicando que a tatuagem tinha a função primordial de demonstrar a separação de classes sociais(*idem* referência do parágrafo anterior).Isto justifica também o fato da tatuagem não ser proibida nos Presídios e Cadeias,mesmo com o risco de transmissão de doenças,por suas agulhas.A tatuagem é a marca do crime,e por vezes pode não ser desejada.Uma grande porcentagem dos tatuados arrependeu-se,porém a gravação é praticamente irreparável,a não ser

que o indivíduo submeta-se à cirurgias plásticas corretivas, nem sempre com 100% de sucesso. Os tatuados sabem que ficam marcados demais, não só por seus semelhantes, como também pela polícia, que muitas vezes tem seu trabalho facilitado, porém pode equivocar-se, visto que um tatuado pode reabilitar-se socialmente.

A tatuagem, quando realizada espontaneamente, pode estar associada a traços de personalidade (125) bem marcantes:

a) no modismo, à características histéricas, narcisistas.

b) nos presidiários, à características sado-masoquistas, isto é, que sofrem ou fazem sofrer, obtendo com isto até satisfações eróticas.

### Gráfico 7 e 8

Pelos dados do Gráfico 7, que nos mostra as médias de pontos obtidas na Escala de traços e de comportamentos de agressividade (83) observamos que os indivíduos do Grupo de Estudos, comparativamente ao Grupo Controle, apresentam maior índice em todos os itens, estão mais ansiosos, mais depressivos, exteriorizam mais seus sentimentos agressivos, somatizam mais e apresentam maior grau de introjeção de raiva.

Observando o Gráfico 8, notamos que os homens e mulheres subdivididos em até seis meses de detenção e os com mais de seis meses, apresentam:



a) os com até seis meses de prisão encontram-se mais ansiosos, mais deprimidos, estão exteriorizando mais sentimentos agressivos, somatizam mais e introjetam mais raiva. Em todos estes itens, com exceção da combatividade (exteriorização de sentimentos de agressividade), as mulheres mantêm maior índice de pontuação. Estes dados observados podem ser devidos a vários fatores (62, 131):

a) há mais réus primários entre as mulheres e, portanto, estas experimentam pela primeira vez o terrível sentimento de privação da liberdade. Desconhecem o ambiente carcerário (35), temendo-o mais, principalmente no que concerne à violência física;

b) há o afastamento dos filhos e a preocupação com estes;

c) há o isolamento da família, sentindo-se abandonadas e sem proteção;

d) há o desconhecimento da pena (52), isto é, do tempo em que serão obrigadas a permanecerem ali;

e) há as possibilidades de transferências para outras Instituições Penais, por vezes mais violentas e subumanas, exigindo esforços maiores de adaptação;

f) há o truncamento na vida sexual, visto que não há visitas íntimas para as detentas.

Os fatos mais perturbadores observados no Presídio Feminino foram o choro das presidiárias (131, 163) e a sujeira e umidade do local. Os ratos proliferam, e para evitar a invasão das celas, as presidiárias são obrigadas a deixarem alimentos nos corredores da prisão. Fatos semelhantes ocorrem entre os homens.

Para os que tinham mais de seis meses de detenção (o estabelecimento deste intervalo de tempo foi em função da duração de distúrbios afetivos reativos ou situacionais), notamos uma queda na média de pontos da escala, principalmente entre as mulheres.

O ideal teria sido aplicar a escala no início e após os seis meses de prisão, porém esta metodologia mostrou-se impossível, devido o grande número de transferências dos detentos para outros estabelecimentos penitenciários, em curto espaço de tempo.

Analisando os Coeficientes de Correlação de Spearman (29) para as respostas aos itens da escala, notamos as seguintes associações:

#### A) Grupo Controle-Mulheres

1) Ansiedade associada forte e positivamente à Depressão (coeficiente de correlação igual a 0,67321, com a probabilidade de significância de 2%), portanto, os que se diziam ansiosos tendiam fortemente a responder que estavam também deprimidos.

2) Ansiedade associada forte e positivamente à Combatividade (coeficiente de correlação igual a 0,49972, com probabilidade de significância de 2,5%), isto é, os que se diziam ansiosos tendiam a exteriorizar mais seus sentimentos agressivos.

3) Combatividade associada forte e positivamente à Introjeção de Sentimentos Agressivos (coeficiente de correlação igual a 0,63293, com a probabilidade de significância de 3,6%).

#### B) Grupo Controle-Homens

1) Depressão associada negativamente à Combatividade (coeficiente de correlação igual a  $-0,59196$ , com a probabilidade de significância de 9%, isto é, os homens do Grupo C que se diziam deprimidos tendiam a não exteriorizarem sua agressividade.

#### C) Grupo de Estudos-Mulheres

1) Ansiedade associada forte e positivamente à Depressão (coeficiente de correlação igual a  $0,62931$ , com a probabilidade de significância de 2%).

2) Depressão associada forte e positivamente à Combatividade (coeficiente de correlação igual a  $0,57152$ , com a probabilidade de significância de 4%).

#### D) Grupo de Estudos-Homens

1) Ansiedade associada forte e positivamente à Depressão (coeficiente de correlação igual a  $0,35541$ , com a probabilidade de significância de 3,6%).

2) Ansiedade associada forte e positivamente à Combatividade (coeficiente de correlação igual a  $0,44623$ , com a probabilidade de significância de 3,9%).

3) Depressão associada forte e positivamente à Somatização (coeficiente de correlação igual a  $0,60613$ , com a probabilidade de significância de 2%).

4) Depressão associada forte e positivamente à Combatividade (coeficiente de correlação igual a 0,53566, com a probabilidade de significância de 3%).

5) Combatividade associada forte e positivamente à Somatização (coeficiente de correlação igual a 0,39374, com a probabilidade de significância de 1,9%).

6) Combatividade associada forte e positivamente à Introjeção de Raiva (coeficiente de correlação igual a 0,32908, com a probabilidade de significância de 4%).

Análise dos aspectos psico-sociais mais relevantes evidenciados nas histórias de vida dos 62 presidiários entrevistados nessa pesquisa.

Sabemos que não é um fator único que colabora para um indivíduo tornar-se criminoso—é uma rede complexa de causalidades, que passaremos a analisar nesse tópico, a partir do relatado pelos próprios detentos:

### 1) Fator Sócio-Econômico

A maioria dos presidiários entrevistados relaciona a falta de dinheiro, até para se alimentar e vestir, como elemento importante para suas iniciações na criminalidade.

O desemprego e a falta de empregos justos, isto é, que possibilitem ao indivíduo trabalhar e ganhar um salário suficiente para viver dignamente, foram muito salientados em nossas conversas.

Sabemos que na sociedade brasileira há uma má distribuição de rendas, e que a maior parte desta é colocada nas mãos de poucos. Os demais mal conseguem viver do que arduamente ganham. A solução para alguns é a aceitação, sobrevivendo subnutridos, doentes, colocando precocemente seus filhos para trabalharem, o que colabora para manter o ciclo de sofrimento das doenças psico-físicas e da marginalidade. Para outros a solução é a alienação. A revolta, até mesmo armada, é pregada pela minoria.

Não há empregos para todos, embora o código penal brasileiro, paradoxalmente, preveja punição aos ditos vadios. A vadiagem é contravenção penal (68), que consiste em entregar-se por hábito à ociosidade, apesar de ser apto para o trabalho, e assim sendo, não contar com renda que lhe assegure a subsistência, ou em prover a esta, por meio de ocupação ilícita (70). Portanto, por esta conceituação, notamos que em nossa sociedade há vadios ricos, e na maioria das vezes, vadios por falta de emprego. Esta é uma questão sócio-econômica das mais graves, pois acomete muitos dos nossos jovens, que ficam a maior parte do tempo sem fazerem nada, desestimulados pelos problemas do país e pela desestruturação de seus lares. A população cresce, principalmente nos grandes centros urbanos, e a demanda de ocupação, principalmente para uma mão-de-obra não qualificada, não tem acompanhado este crescimento. A ociosidade nos jovens propicia que estes formem grupos marginais (inclusive pela própria tendência grupal da adolescência (82)), favorecendo as reuniões para uso de tóxicos, onde buscam anestesiar suas frustrações dentro de um mundo consumista, ao qual não podem ter acesso, e que ilusoriamente pensam alcançar através das contravenções. A maioria dos presidiários relata uma infância com muitas carências: "...vontade de comer doces ou uma comida melhor, vontade de ganhar um brinquedo".

Não são todos os pobres, mesmo os mais famintos, que roubam, portanto acreditamos em outros fatores incidentes sobre esta população criminosa, como por exemplo, a formação da personalidade destes, com características de baixa tolerância à frustrações, ambição, ciúmes exagerado de pessoas e objetos, agressividade manifesta, etc... Muitos falam em ambição como um motivo para começarem a roubar, notando-se que esta

tem origem nas carências infantis já relatadas acima. Quando estes indivíduos concretizam seus roubos, muitas vezes não sabem o que fazer do dinheiro ou dos objetos roubados: enterram ou distribuem a outros, o que colabora para pensarmos que é o ato (193), e não propriamente os produtos deste, o fundamental na problemática de um grande número de criminosos. O ato (re)presentaria a (re)volta ao momento originário da carência e, portanto, seria o (re)contato com quem nega o desejado: no profundo, é a (re)apresentação das figuras maternas e paternas rejeitantes; (re)presentaria também o sentimento de prazer intenso, que chega ao nível do erotismo sádico, de dominar, subjugar, humilhar o que detém o que lhe foi negado. Este prazer é exemplificado pelo fato de muitos ladrões ejacularem, urinarem, e até evacuarem no local do crime. Notamos que após muitos roubos o ladrão espanca ou mesmo mata suas vítimas, como se deslocasse para estas a raiva acumulada desde a infância, dirigida principalmente aos pais, que não puderam ou souberam suprir estas necessidades básicas.

## 2) Desestruturacões precoces dos lares

A morte precoce dos pais, a separação ou ausência prolongada destes do lar, favorece a privação de afetos (18, 22, 23, 91, 180, 181, 192, 193), comprometendo a educação e a formação psico-física dos filhos.

A família brasileira precisa ser melhor estudada, principalmente a dos mais pobres. São em geral numerosas, relacionam-se de forma agressiva, principalmente no que tange ao contato com as crianças. Nos

grandes centros urbanos constitui-se, em sua maioria, de migrantes vindos do campo, onde por situações climáticas indesejáveis ou por brigas pela posse da terra, perderam tudo ou quase tudo. Vêm, ilusoriamente, buscar dinheiro e apoio no Frio Sul... Provavelmente a única fonte de prazer destes indivíduos é o sexo, que por sua vez, leva à procriação. Despreparados em todos os níveis (social, educacional, profissional), "cheios" de filhos, desnutridos ou subnutridos, são vistos perambulando pelas ruas. Quando conseguem organizar-se um pouco mais, vão engrossar as favelas na periferia das grandes cidades, e lá, são presas fáceis dos mais espertos. Marginais pela situação vigente, serão sugados nas construções civis, ou então começam a servir de laranja (termo usado pelos marginais, para exprimirem aqueles que cometem crimes pouco inteligentes, mandados ou orientados por outros considerados mais espertos, e depois de sugados, são jogados como bagaço nas prisões). Estes indivíduos já vêm viciados em pinga de suas regiões, ou começam a fazer uso desta para fugirem de suas frustrações, impotência e incapacidade. As mulheres, maltrapilhas, espancadas, envelhecidas precocemente, com vários filhos nos braços ou agarrados às suas pernas, saem pedindo comida pelas ruas; muitas vezes mandam seus filhos pedirem, o que colabora para fomentar sentimentos de hostilidade, pelo desnível social que já presenciavam. Grande parte destas crianças começam a roubar precocemente, e inclusive, a se prostituírem, em número cada vez maior, em nossos dias. Nos aglomerados subumanos ou pelas ruas, cheiram cola, praticam troca-troca, têm relações heterossexuais, inclusive incestuosas, conforme relato de alguns presidiários entrevistados. Fumam maconha quando os adultos lhes dão ou quando conseguem dinheiro para comprá-la; são aliciados pelos



mais velhos a furtar, e até mesmo a pegar em armas. Assim evolui a escola do crime no Brasil...

A maioria dos entrevistados vivia em barracos, em que o pai era alcoolista e a mãe submissa, traída e espancada. Muitos fugiram de suas casas na infância, dizendo-se solidários e apegados à mãe sofrida. O furto, o roubo, e até o latrocínio, vêm numa escala crescente, acompanhando o uso de drogas, cada vez mais fortes e nocivas. O ato criminal, assim como as psicossomatizações(43) são também atos suicidas.

Alguns dos presidiários referiram que quando começaram a furtar ou roubar, tinham outros elementos da família que já pertenciam ao crime, em geral, irmãos mais velhos. Em personalidades predisponentes, o exemplo da agressividade(155) pode ser um campo fértil para o delito.

Aqueles que vinham de famílias de melhor nível social, referiam desentendimentos com os pais, tidos como autoritários, e por vezes, violentos, o que favorecia a fuga de casa, com conseqüente formação de bandos, com outros jovens considerados pelos pais como maus elementos (atitude agressiva e hostil voltada, principalmente, à figura paterna).

Havia presidiários, dentre os entrevistados, que referiam não ter conhecido seus verdadeiros pais - foram criados por famílias adotivas ou abandonados em orfanatos e em casas correcionais. Reclamavam que não tinham ninguém para lhes dizer o que é certo ou errado...; outros verbalizavam que não tiveram pai, não tiveram mãe, e quando lhes perguntavam o nome destes, nem sabiam o que dizer...

Muitos deles, enquanto crianças, mentiam aos pais que iam procurar emprego e saíam com amigos que já utilizavam drogas e praticavam furtos. Denotavam precário contato afetivo com as figuras parentais:

pouca conversa, escassos diálogos, mentiras e busca de alívio às tensões nos grupos (2,87), onde, segundo eles, um buscava dar força ao outro, e a droga ajudava a ver melhor as coisas. Tudo pesava menos - a gente divertia-se mais.

As mulheres relatavam a desestruturação marcante da família devido, principalmente, a pais alcoolistas e passivos e a mães autoritárias, por vezes sentidas como agressivas e violentas. Para muitas, o ódio era dirigido à figura materna, revelando conflitos edípicos não resolvidos. A criminalidade se segue, em muitos casos, a uma passagem pela prostituição, assim como ao uso de drogas. Uma moça relata que a mãe vivia chingando-a, durante a infância e adolescência, de biscate e puta, ao que ela respondia: agora não sou, mas quando eu crescer vou ser. Este caminho foi realmente o seguido, desembocando na criminalidade. Muitas destas mulheres são também usadas por seus companheiros como iscas, para atrair vítimas aos locais dos crimes.

### 3) Predisposição

Muitos falam em famílias bem constituídas, lares estruturados e, no entanto, confessam-se, desde pequenos, com habilidades para atitudes criminais, como: falsificar assinaturas, boa lábia, ou seja, boa capacidade de sedução, através de conversas e ações. Outros relatam, que apesar de terem boas condições de vida, de terem formação universitária, sempre foram por demais ambiciosos e com facilidades para trambiques. Dedicavam-se ao comércio, e neste ramo conheceram pessoas mais influentes, também enroladas, ou seja, com o desejo de enriquecerem ilícitamente, e

aí:tombo paga-se com tombo,verbaliza um destes indivíduos.Uma presidiária confessa-se perversa desde pequena.

Doenças genéticas como a epilepsia(04,39,64,86,165),que podem levar a comportamentos agressivos e delituosos,deveriam ser melhor pesquisados antes de se oferecerem empregos que necessitem a utilização de armas de fogo,como por exemplo,o de segurança em empresas privadas.Com isto estaríamos fazendo a profilaxia de alguns tipos de crimes,conforme observado nas histórias de vida.

#### **4)Complexo\_Abandono-Abandonado**

(05,60,71,172)

Notamos esta situação,principalmente em crimes passionais,em que o namorado(a) ou esposo(a) face a atitude do(a) companheirs(o) de romper laços afetivos,reagem agressivamente,cometendo crimes bárbaros. Estes indivíduos,em sua maioria,tinham história pregressa de perda da mãe na primeira infância(antes dos cinco anos de vida) ou carências intensas envolvendo as figuras parentais.Confessam-se com baixa tolerância à frustrações e ciumentos.Este estado de abandono é descrito por alguns autores(5,60,71,172) como um sentimento de desolação,de desencorajamento,de falta de vontade em ultrapassar os obstáculos sentidos como intransponíveis.Há um desinteresse por tudo e,principalmente, por si mesmo,revelado pela falta de iniciativa em cuidar de sua higiene corporal,de sua alimentação,etc.O indivíduo,vivenciando a separação,sente-se abandonado pelo objeto amado e cai no completo abandono de si mesmo.Constata a incapacidade de se amar e em realizar qualquer ação boa dirigida ao seu eu.Muitas vezes tenta o suicídio nesta fase.

Este estado pode ser seguido por uma aflicção, por uma inquietação, como se fosse o fim de tudo. Nada parece ter uma saída honrosa. Tudo o incita a uma angústia insuportável... Neste desespero ele pode atentar contra a própria vida ou de outros, principalmente, contra a da pessoa que quer abandoná-lo.

### A observação crítica da prisão, feita pelos presidiários e pela pesquisadora

#### 1) Superpopulação Carcerária

(1, 11, 32, 34, 51, 53, 88, 123, 139, 163)

Em muitos países, inclusive no Brasil, tem se chamado a atenção para a questão do número elevado de pessoas em Cadeias, Presídios e até Delegacias, devido a falta de locais para que os detentos cumpram suas penas. Já vimos os efeitos da superpopulação em vários pontos desse trabalho, porém o que pensam os presidiários sobre isto?

a) nem todos reclamam da superpopulação. Há muitos que se dizem acostumados, pois já viviam (ou sempre viveram) em aglomerados subumanos, como as favelas, amontoados em um único cômodo, em barracos que constituíam suas casas. Alguns verbalizam que é bom estar com muitos na Cadeia - cada um fala um assunto diferente e assim as horas passam... O duro é quando se está sozinho e não se tem com quem conversar... Falam que na cela vivem como uma verdadeira família (a má família ou a família má, onde todos se agredem, mas se mantêm unidos?...). Provavelmente, é este o modelo de família que grande parte da população brasileira conhece: agressiva, amontoadada, aprisionada, vigiada - sem possi-

bilidades de serem ouvidas em suas mais justas reivindicações e direitos humanos.

Somos favoráveis que estes presos cumpram suas penas com rigor, porém dentro dos princípios da lei. A superpopulação, da forma como é mantida no Brasil, favorece, conforme já dissemos anteriormente, a escola do crime, o aprendizado deste, assim como refortalece o desejo de vingança destes presidiários sobre a sociedade, que somos todos nós.

b) Os que se queixam da superpopulação, falam dos seguintes medos:

### **2) Medo de contrair doenças graves**

Os presos falam da sujeira da Cadeia. Os banheiros, segundo eles, por mais que sejam limpos diariamente, exalam odores horríveis, devido o acúmulo exagerado de pessoas que os utilizam. Nem todos mantêm uma higiene adequada. A AIDS prolifera, inclusive pelo uso de drogas e práticas sexuais daqueles que já vêm contaminados da rua e passam a doença para outros dentro desta. Há também a proliferação de casos de sífilis, gonorréia, tuberculose, visto ser o ambiente dos mais promíscuos. Como não há interesse preventivo ou curativo destas doenças nesta população, os detentos sobrevivem às custas de sua própria sorte.

### **3) Uso de drogas**

As drogas entram facilmente nos Presídios e Cadeias, segundo relatos de muitos dos entrevistados. As fontes fornecedoras são muitas; dentre estas são citadas as visitas e funcionários da Instituição. Estas colaboram para manter a agressividade e perversidade de alguns, favorecendo as brigas de grupos(12) que querem o poder, assim como o lucro da venda destas drogas aos demais detentos.

#### **4)Violências sexuais**

É favorecida no ambiente superpopuloso, visto não haver camas para todos. É praticada por presos que não recebem visitas femininas, ou por motivos perversos(12). Pode ser utilizada em detentos que praticaram crimes envolvendo violências sexuais contra mulheres e crianças.

#### **5)Medo\_da\_loucura**

É comum o estresse psíquico na Cadeia superpopulosa. Este manifesta-se com crises de ansiedade, pânico, depressão (que pode envolver até tentativas de suicídio). Alguns presidiários manifestam o medo de enlouquecer, devido a insegurança em que vivem, a agressividade e perversidade dos que lhes cercam, devido a falta de comunicação e angústia em não poderem verbalizar os seus problemas pessoais.

Tivemos a oportunidade de entrevistar pacientes psicóticos dentro da Cadeia do São Bernardo, assim como no Presídio Feminino. As psicoses mais frequentes são as esquizofreniformes(126), isto é, que

evoluem com desorganização da personalidade, agitação psico-motora, distúrbios alucinatórios visuais ou auditivos, idéias delirantes persecutórias, etc. Estas podem ser causadas (ou desencadeadas) pelo uso de drogas psicoestimulantes, ou mesmo pela predisposição em apresentarem psicoses esquizofrênicas (126). São relatadas também as crises histeriformes (125), que evoluem com agitação psico-motora, labilidade no humor (choro alternando-se com risos imotivados), dramatização nos gestos e atitudes, paralisias e afasias históricas (perda completa da voz), tran-ses históricos. A pseudo-demência histórica (125), tipicamente representada pela chamada Síndrome de Ganser (1898), é uma síndrome mal descrita, caracterizada pela chamada Pseudo-Estupidez Histórica, que ocorre quase que exclusivamente nos cárceres, tendo sido considerada rara, ou talvez inexistente, segundo alguns psicólogos ingleses (Goldin e McDornald, 1955, apud 125). Poderia ser a própria crise histórica mal caracterizada, ou uma simulação psicótica, tão presente nas prisões.

As psicoses alcóolicas (Delirium Tremens) (58) também são citadas como casos psiquiátricos que podem ocorrer nas prisões, porém são mais frequentes nos Distritos policiais e Delegacias, que são os locais onde os presidiários passam os primeiros dias de encarceramento.

#### 6) Medo da infidelidade do cônjuge

O medo de que as esposas sejam infiéis durante o tempo em que estes presidiários permanecem na prisão, representa um incômodo grande aos casados e amasiados. Alguns chegam a pedir a ajuda de familiares para vigiarem suas mulheres, e sentem-se aliviados quando estes trazem

notícias boas. Os comentários maldosos são comuns, buscando atormentar os companheiros de cela, dizendo-lhes que não existem "mulheres santas"—todas traem seus maridos, que elas não esperão que eles saiam da prisão, etc. Chegam a incentivar a separação, alegando que as esposas só estão usufruindo dos bens do atormentado. Estes comentários podem aumentar a ansiedade do presidiário, principalmente do réu primário, que inseguro pode se auto-agredir ou agredir suas esposas nas visitas, ou mesmo, mandar agredí-las. Esta é mais uma das violências que as mulheres de detentos podem sofrer, visto que, nem toda mulher de malandro é malandra também...

### Z) Carência de medicamentos e de assistência médica

As condições de saúde e de assistência médica nas Cadeias e Presídios (119) são extremamente precárias. Conforme já dissemos anteriormente, o próprio médico da Cadeia revela-se impotente face à situação: as visitas médicas não são efetuadas dentro de um padrão no mínimo decente; os presos não são examinados fisicamente; faltam medicamentos de todos os tipos e fins; são comuns as complicações por infecções pós-ferimentos.

Os presos, quando necessitam de cuidados mais urgentes, são transferidos por viaturas aos Pronto-Socorros da cidade, porém, queixam-se que, por vezes, necessitam esperar dias para obterem este tipo de recurso, visto que esta liberação depende de pessoas que mantêm o poder na prisão, e não do médico, que é, teoricamente, a autoridade máxima de saúde no local.



### **8) Denúncias de corrupção**

As denúncias de corrupção contra funcionários da Cadeia do São Bernardo, envolvendo principalmente os carcereiros, são frequentes e noticiadas pela imprensa local (ver notícias divulgadas), entretanto, estas ficam por conta apenas de denúncias, visto que não temos nenhum dado oficial das apurações das verdades e das punições, se for o caso.

Sabemos que os salários dos funcionários e dos policiais são muito baixos, porém esta questão é assunto para o Governo do Estado resolver. Corrupção é crime tão grave como os cometidos pelos presidiários que estes funcionários, pagos com nossos impostos, guardam em nome da lei. É nosso dever, enquanto povo, cobrarmos dos responsáveis a apuração rigorosa dos fatos.

Segundo denúncias, a corrupção não ocorre somente dentro da prisão, mas também para evitar a esta. Muitos presidiários dizem que, muitas vezes, molham as mãos de policiais, investigadores, e até de delegados. Estes criminosos, que deveriam estar cumprindo pena na Cadeia, estão soltos, até o momento em que decidirem (e puderem) colaborar com as vergonhosas caixinhas. Portanto, esta questão constitui-se num estado, dos mais graves, de manutenção da violência, amparada pela Instituição.

### **9) Denúncias contra a atuação de advogados**

Muitas são as queixas dos presidiários contra a atuação de maus advogados, que pegam dinheiro de seus clientes e não atuam da ma-

neira como deveriam. Falta interesse, segundo eles, e quando percebem a situação de exploração, já gastaram o que tinham e o que não tinham, contraindo dívidas, entregando seus bens, como por exemplo, a própria casa onde mora a família. Deixando de lado a impaciência em recuperar a "liberdade", e considerando a morosidade da justiça, não devemos deixar de ressaltar que há advogados não muito bem preparados e que não zelam pela ética profissional. Cabe a Ordem dos Advogados do Brasil apurar as denúncias e verificar as procedências destas queixas nestas Instituições. São por estes motivos que um presidiário disse-me certo dia: doutora, isto aqui nunca vai acabar, pois não há interesse em exterminar o que representa uma mina de ouro para muitos...

#### 10) Assistência jurídica aos pobres

Muitos processos não caminham por falta de assistência jurídica adequada. Permanecendo na prisão, por vezes por um tempo injusto, e às expensas do dinheiro público, os presos recuperáveis se revoltam e aprendem o que não deveriam. Os mais pobres são os mais penalizados por esta situação, sendo necessário uma colaboração de entidades envolvidas nestas questões, para se obter um resultado penal melhor a estes envolvidos.

#### 11) Necessidade de acolhimento psicossocial às famílias de presidiários

Os filhos de detentos, assim como suas esposas e pais, necessitam de acolhimento e assistência médica, social, educacional e psicológica, que contribuam para reorientar, formar e assistir aqueles que se encontram envolvidos no ciclo psico-social da violência. Estes, se não receberem assistência, serão os criminosos do amanhã ou do daqui a pouco. Logo, deter a criminalidade não implica apenas em culpar os bandidos ou construir presídios—envolve atitudes preventivas, que incluam, principalmente, os familiares de detentos(108) e as crianças ditas-tragicamente-da rua. Envolve medidas sociais e políticas profundas, no sentido de distribuir melhor a renda neste país, pois caso contrário não diminuiríamos o número de lares desestruturados pela miséria, pelo de nível sócio-econômico reinante.

#### 12) Criação de serviços de atendimento aos egressos dos sistemas penitenciários

O atendimento psicológico e social aos egressos dos sistemas penitenciários é vital(147), no sentido de amparar aquele que sai estigmatizado, arrasado e com distúrbios psico-físicos e sociais da prisão. Principalmente os viciados em drogas, os mais carentes financeiramente, os sem família(ou os que a família abandonou), necessitam deste atendimento para adaptarem-se às novas condições fora da Cadeia, pois caso contrário, voltarão rapidamente à ela, inclusive como refúgio ao mundo exterior, que já não conseguem enfrentar. Este atendimento deveria incluir um albergue especializado, com serviço social e psicológico, que daria assistência médica, profissional(116), educacional a estas

pessoas. Se isto não for feito, continuaremos tendo um índice de reincidivas ao crime (147), alarmante. Certamente estes serviços custariam menos ao Governo do que as estadias destes reincidentes na prisão. É por este conjunto complexo de problemas, que tento levantar estas questões no meio universitário, pois é nosso dever colaborar com a comunidade nas soluções destes. Em muitas áreas (psicológica, médica, social) podemos atuar e ajudar, pois só assim vamos estar fazendo um Brasil melhor, com mais amor e menos interesses individualistas, que realimentam a violência, e até mesmo, tiram proveito dela.

Comentários de alguns aspectos observados na entrevista  
com o carcereiro

1) A ambiguidade de sentimentos deste em relação aos presos: proximidade e distanciamento, familiaridade e desconfiança.

2) A sua impossibilidade de (d)iscriminar o lado em que se situa (ou é situado): na equipe supervisora (dos dirigentes) ou na equipe dos internos (vigiada)? Ele, por vezes, referia-se como um presidiário ou, como um deles.

3) O temor de ser denunciado por algo não cometido (ou cometido?), pois as suas abordagens, em relação a minha pessoa, foram constantes, principalmente no início da pesquisa, querendo saber o que faríamos com os dados coletados, etc..

A frase: "...eles mentem muito e devem ter mentido também para a senhora, mas psicóloga tem meios de saber se é mentira ou não", denota uma preocupação com o que foi dito nas entrevistas.

4) Os aspectos persecutórios e as psicossomatizações de quem trabalha despreparado, em todos os níveis, principalmente psicológico e físico, em Instituições Penais como esta.

É necessário preparar e escolher criteriosamente a equipe que trabalha com os presidiários, se quisermos profundas mudanças no Sistema Carcerário Brasileiro. Caso contrário continuaremos no mesmo sistema: não sabemos quem nos ataca e quem nos defende.

H ) C O N C L U S Õ E S

## II CONCLUSÕES

1) Encontramos, numa análise estatística descritiva, uma porcentagem maior de lares desestruturados no Grupo de presidiários: 62,90% da amostra total referem pais separados ou ausentes do lar, mortos ou que brigavam excessivamente, até os seus doze anos de vida; nesta porcentagem encontram-se 55,31% do total da amostra masculina e 86,66% da amostra feminina. No Grupo Controle encontramos, em relação ao mesmo item, 52% de indivíduos que relatavam desestruturações de seus lares na infância, sendo este percentual constituído de 43,47% do total da amostra masculina e 59,25% da amostra feminina. Logo, a desestruturação dos lares na infância é maior no Grupo de Presidiários, principalmente entre as mulheres.

Através de uma análise estatística mais precisa, isto é, o Modelo Log-linear, chegamos a seguinte conclusão: não há diferenças significativas nas respostas positivas de lares desestruturados na infância, quando analisamos os Grupos E e C no total de suas amostras. A diferença significativa passa a existir quando consideramos a interação Grupo e Sexo. Como exemplo do que pretendemos esclarecer, citamos que as desestruturações de lares devido a pais mortos ou que brigavam muito, é maior e significativa entre as mulheres presidiárias, sem generalizarmos isto para todo o Grupo de presidiários.

2) 62,90% dos detentos relatam a ocorrência de eventos estressantes de vida nos cinco anos que antecedem a sua primeira ocor-

rência criminal, sendo este percentual constituído de 60% da amostra feminina e 63,83% da amostra masculina. Os eventos citados foram:

a) Em 50% destes, constituídos de 8 mulheres (72,73% do total feminino) e 13 homens (41,94% do total masculino) por mudanças de condições de vida (crises sócio-econômicas, provocadas por perda do emprego, falta de dinheiro para suprir as necessidades básicas, como: comer e vestir-se, etc.)

b) Em 30,95% dos casos por perdas (mortes na família, separações definitivas dos pais, etc.) e ameaças de perdas.

c) Em 11,90% dos casos por conflitos conjugais

d) Em 7,14% dos casos por empreendimentos pessoais (dívidas contraídas e que não podiam saldar).

3) Verificamos que há uma incidência variável de doenças psicossomáticas nos dois grupos, tanto em nível qualitativo como quantitativo. No Grupo de Presidiários predominam as Doenças Venéreas, assim como no Grupo Controle predominam as Doenças Osteo-Musculares. Os homens presidiários têm uma incidência maior de Doenças Venéreas e Acidentes de Trânsito, enquanto os homens do Grupo Controle tem maior incidência de Doenças Osteo-Musculares e Acidentes de Trabalho e Quedas. As mulheres presidiárias têm uma incidência maior de Enxaquecas e Doenças Infecto-Contagiosas Não Venéreas e Venéreas; as mulheres do Grupo Controle têm uma incidência maior de Doenças ou Síndromes Osteo-Musculares, principalmente Lombalgias e Artrite Reumatóide, assim como sofrem muitos Processos Cirúrgicos. Uma hipótese para esta diferenciação seria a de que a contenção da agressividade favorece alguns tipos de somatiza-



ções, auto-destrutivas, como as doenças osteo-musculares, gastro-intestinais e cardio-vasculares, enquanto que a liberação desta favorece processos ligados tanto à auto-agressão quanto à hetero-agressão, como é o caso dos acidentes de trânsito e das doenças venéreas, em que o indivíduo fere a si e a outros, dentro de um mesmo processo.

4) De acordo com a análise global da história de vida dos presidiários, em comparação com o Grupo Controle, chegamos a conclusão que as características de personalidade destes é do tipo Boderline, isto é, intermediária entre a neurose e a psicose. Os sintomas neuróticos são múltiplos, sustentados por uma ansiedade crônica. A sexualidade é frequentemente promíscua e perversa. Há uma regressão afetivo-emocional a níveis infantis, predominando uma necessidade imperativa de satisfazer impulsos. O narcisismo é um elemento frequente na estrutura do caráter. Subjacente a estes elementos está um núcleo de paranóia, baseado na projeção de violência oral primitiva. O comportamento social destes indivíduos pode exprimir sintomas de uma patologia depressivo-masoquista grave. (102)

A organização interna da personalidade boderline revela a fragilidade na estrutura do ego. Há baixa tolerância à frustrações, as expectativas narcisistas são altas, faltando-lhes canais adequados para a sublimação (102). Todos estes elementos podem ser constatados nos resumos das anamneses dos presidiários, assim como nas discussões dos dados reunidos nas tabelas e gráficos desse trabalho.

I ) R E S U M O

## RESUMO

Esse trabalho de pesquisa focaliza aspectos psico-sociais e psicossomáticos da vida de presidiários confinados em cárceres superpopulosos.

Tem como objetivo fundamental estudar a história de vida destes seres, desde a infância, verificando se há ocorrências de lares desestruturados por separações, mortes e brigas frequentes entre as figuras parentais. Esta desestruturação familiar pode levar à privações de afetos na etapa primordial da formação da personalidade destes indivíduos, favorecendo condutas anti-sociais. Para constatar a importância deste dado, fizemos um estudo comparativo com um Grupo Controle, constituído de trabalhadores, sem antecedentes criminais, de uma Instituição Pública Aberta, que se assemelhavam em nível sócio-econômico, faixa etária e qualificação profissional, aos indivíduos do Grupo de Estudos.

Estudamos também a incidência de eventos estressantes de vida nos cinco anos que antecedem a primeira atitude criminal, que possam ter participado da complexa rede de causalidades, que motiva um indivíduo a cometer um delito.

A ocorrência de doenças psicossomáticas, antes e durante a prisão, também é focalizada, buscando verificar se há maior ocorrência destas num dos dois Grupos, assim como se há predominância de um tipo particular de somatização entre os indivíduos que mantêm a agressividade sob controle, e vice-versa.

J) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## VIII) Referências bibliográficas

- 01) ATLAS, R.: Violence in prison: architectural determinism. *Dissertation Abstract International*, vol. 43(3-A): 933, sep., 1982.
- 02) ABELASTURY, A. e KNOBEL, M.: *Adolescência Normal*. Trad. Suzana Maria G. Ballve, Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1981.
- 03) ANSELL, B.M.: Psyche and rheuma. *J. Intern. Med. Res.*, 50(Suppl 2): 50-53, 1976.
- 04) AMARAL, M.: Crime e patologia. *J. Bras. Psic.*, 36(2): 115-117, 1987.
- 05) ADAMSON, J.D. and SCHMALE, A.H.: Object loss, giving up and the onset of psychiatric disease. *Psychosom. Med.*, 22(6): 557-576, 1965.
- 06) ADER, R.: Psychosomatic and psychoimmunologic research. *Psychosom. Med.* 42(3): 307-321, 1980.
- 07) ALMEIDA, Jr. A. e COSTA Jr. J.B. de O.: *Licões de Medicina Legal*. 9a ed., R. J., Ed. Nacional, 1970, 614 p., p. 507.
- 08) APPLEY, M.H. and TRUMBULL, R.: On Concept of Psychological Stress. In: *Psychological Stress*. N. Y., Ed. Appleton-Century-Crofts, 1967.

- 09) BONTA, J.: Prison crowding: searching for the functional correlates. American Psychologist, vol. 41(1):99-101, Jan., 1986.
- 010) BAXTER, D. J. et al.: Deviant sexual behavior: differentiating sex offenders by criminal and personal history, psychometric measures, and sexual response. Criminal Justice and Behavior, vol. 11(4):477-501, dec., 1984.
- 011) BYLUND, S. L.: The relationship between social density, the perception of crowding, and group identification in prison inmates. Dissertation Abstract International, vol. 44(5-B):1636, nov., 1983.
- 012) BRYANT, W. P.: Machiavellianism, perspective taking, and partners response as predictors of interpersonal measured by a modified prisoner's dilemma game. Dissertation Abstract International, vol. 38(12-B):6139, jun., 1978.
- 013) BIDNA, H.: Effects of increased security on prison violence. Journal of Criminal Justice, vol. 3(1):33-46, spr., 1975.
- 014) BACH-Y-RITA, G.; VEND, A.: Habitual violence: a profile of 62 men. American Journal of Psychiatry, vol. 131(9):1015-1017, sep., 1974.

- 015) BOND, A. and LADER, M.: The relationship between induced behavioural aggression and mood after the consumption of two doses of alcohol. *British Journal of Addiction*, 81: 65-75, 1986.
- 016) BION, W.R.: Differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities. *Inter. J. Psychoanal.*, 38: 226-270, 1957.
- 017) BOWLBY, J.: Apego. Volume 1 da Trilogia Apego e Perda. Trad. Álvaro Cabral, São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1984, 423p.
- 018) BOWLBY, J.: Separação=Angústia e Raiva. Volume 2 da Trilogia Apego e Perda. Trad. Leonidas H.B. Hegenberg, Octanny S. da Mota, Mauro Hegenberg. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1984, 451p.
- 019) BOWLBY, J.: Perda=Tristeza e Depressão. Volume 3 da Trilogia Apego e Perda. Trad. Valtensir Dutra. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1985, 486p.
- 020) BRAIN, P.F.: Hormones and Aggression. Londres, Ed. Churchill Livingstone Edinburg, 1977.
- 021) BAAR, J.: O Criminoso e as Impressões Criminais. Trad. J.P. Ferrando, São Paulo, Ed. Europa Press, 1976.

- 022) BAKWIN, H.: Emotional deprivation in infants. *J. Pediatr.*, 25: 513-520, 1949.
- 023) BAKWIN, H.: Loneliness in infants. *A. M. A. J. Dis. Child*, 62: 27-30, 1942.
- 024) BLEICHMAR, H. B.: *Depressão-Um Estudo Psicanalítico*. Trad. de Maria Cecília Tschiedel, Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1983, 132p. p. 17, 18, 19.
- 025) BLOOM, F. E.: Neuropeptides and other mediators in the central nervous system. *The Journal of Immunology*, vol. 135(2): 743-745, august, 1985.
- 026) BESEDOVSKY, H. O.; DEL REY, A. and SORKIN, E.: Immune-neuro-endocrine interaction. *The Journal of Immunology*, vol. 135(2): 750-754, august, 1985.
- 027) BARBUT, M.: *Mathématiques des Sciences Humaines-I*. 2a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1969, 254p.
- 028) BARBUT, M.: *Mathématiques des Sciences Humaines-II*. 2a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1970, 293p.
- 029) BOX, G. E. P. and HUNTER, W. G. and HUNTER, J. S.: *Statistics for Experimenters. An Introduction to Design, Data Analysis, and Model*



Building Library of Congress Cataloging in Publication  
Data. 1a ed., U.S.A., 1978, 653p.

030) BURCHFIELD, S.R.: The stress response. A new perspective (review article). Psychosom. Med. 41(8): 661-672, 1979.

031) BICUDO, H.P.: Meu Depoimento Sobre O Esquadrão Da Morte. 3a ed., S.P., Ed. da Pontifícia Comissão de Justiça e Paz, 1976.

032) COX, V.C.; PAULUS, P.B.; MC. CAIN, G.: Prison crowding research: the relevance for prison housing standards and a general approach regarding crowding phenomena. American Psychologist, vol. 32(10): 1148-1160, oct, 1984.

033) CONKLIN, M.M.: An investigation of delinquent and nondelinquent adolescent performance on the prisoner's dilemma game when paired with an adult confederate under three different strategy conditions. Dissertation Abstracts International, vol. 44(3-A): 699, sep, 1983.

034) CARR, T.S.: The effects of crowding on recidivism, cardiovascular deaths, and infraction rates in a large prison system. Dissertation Abstracts International, vol. 41(10-B), apr., 1981.

- 035)CHASE, D.L.: Empathy and trustworthiness in female prisoners. Dissertation Abstracts International, vol. 32(12-B, PT 1): 6318 Jun., 1977.
- 036)CHASON, K.J.: A comparison of social interest among service-oriented professionals, prisoners, and psychiatric patients. Dissertation Abstracts International, vol. 35(10-B): 5102, apr., 1975.
- 037)CARLINI, P.A. and MANSUR, J.: Development of fighting behaviour in starved rats by chronic administration of a nine tetrahydrocannabinol and cannabis extract. Commun. Beh. Biol. Part. A, 5: 57-61, 1970.
- 038)CHRISTIANSEN, N.; ANDENAES, J. and SKIRBERKK, S.: A study of self-reported crime in Scandinavian studies in criminology. Ed. K.O. Christiansen, 1985.
- 039)CARVALHO, H.V.: Compêndio de Criminologia. São Paulo, Ed. José Bushatsky, 1973.
- 040)CHESNAIS, J.C.: Histoire de la Violence en Occident de 1800 à nos jours. Paris, Editions Robert Laffont, 1981, 436p.
- 041)CARAM, D.: Violência na Sociedade Contemporânea. Petrópolis, Ed. Vozes, 1977, 250p., p. 9-58.

- 042) CUNHA, A.G. da: Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. 2a ed., R.J., Ed. Nova Fronteira, 1987, p. 823.
- 043) CHARAZAC, B.M.: Peut-on considérer le symptôme psychosomatique comme un équivalent suicidaire? Psychologie Médicale, 13(8):1195-1198, 1981.
- 044) COBB, S.: Social support as a moderator of life stress. Psychosom. Med., 38(5):300-314, 1976.
- 045) CONCEIÇÃO, I.S.; SILVA, A.M. da; CONCEIÇÃO, J.G.: Homossexualismo Feminino no Manicômio Judiciário de São Paulo. Rev. Ass. Bras. Psig., São Paulo, vol. 5(18):179-183, 1984.
- 046) CABRAL, M.A.A.: Estudo Descritivo de Aspectos Psico-Sociais de Pacientes Acometidos de Artrite Reumatóide, Tratados na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas-S.P., 1985. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências Médicas-UNICAMP.
- 047) CALHOUN, J.B.: Population density and social pathology. Scientific American, 206:139-148, 1962.

- 048) D'ATRI, D.A. et al.: Crowding in prison: the relationship between changes in housing mode and blood pressure. *Psychosom. Med.*, vol. 42(2): 95-105, apr., 1981.
- 049) D'ATRI, D.A.: Psychophysiological responses to crowding. *Environment and Behaviour*, vol. 7(2): 237-252, jun., 1975.
- 050) DENZIN, N.K.: Collective behaviour in total institutions: the case of the mental hospital and the prison. *Social Problems*, 15(3): 355-365.
- 051) ELLIS, D.: Crowding and prison violence: integration of research and theory. *Criminal Justice and Behavior*, vol. 11(3): 277-308, sep., 1984.
- 052) ENGLISH, C.: The impact of the indeterminate sentence on an inmate social system. *Journal of Offenders Counseling Services and Rehabilitation*, vol. 2(1-2): 69-82, fall-winter, 1983.
- 053) EKLAND-OLSON, S.; BARRICK, D.M.; COHEN, L.E.: Prison overcrowding and disciplinary problems: an analysis of the Texas prison systems. *Journal of Applied Behavioral Science*, vol. 12(2): 163-192, 1983.

- 054) ECTINGER, L.: Psychosomatic problems in concentration camp survivors. Journal of Psychosomatic Research, 13(2):183-189, 1969.
- 055) EINIG, K.G. Jr.: A factor analytic study of the interpersonal behavior of adult prisoners. Dissertation Abstracts International, vol. 22(1-B):356-357, 1968.
- 056) EHRENKRANZ, J.; BLISS, E. and SHEARD, M.H.: Plasma testosterone correlation with aggressive behaviour and social dominance in man. Psychosom. Med., 36:469-487, 1974.
- 057) EHRHARDT, H.E. and MONEY, J.: Testosterone and aggression in man. Psychosom. Med., 36:467-468, 1974.
- 058) EY, H.; BERNARD, P.; BRISSET, C.H.: Psicosis Alcohólicas. In: \_\_\_\_\_ Tratado de Psiquiatría. 7a ed., Barcelona, Ed. Toray-Masson, 1975, p.706-713.
- 059) EY, H.; BERNARD, P.; BRISSET, C.H.: Medicina Psicosomática. In: \_\_\_\_\_ Tratado de Psiquiatría. 7a ed., Barcelona, Ed. Toray-Masson, 1975, p.889-907.
- 060) ENGEL, G.L. et SCHMALE, A.H.: Théorie psychanalytique du trouble somatique: conversion, spécificité et circonstance d'invasion

de la maladie. Révue de Médecine Psychosomatique. 10(2):195-216, 1968.

061) ENGEL, G.L.: Anxiety and Depression with travail: The primary effects of unpleasure. J. Am. Psychoanal., 42:89-97, 1962.

062) FISHMAN, L.T.: Women at the wall: a study of prisoners wives doing time on the outside. Dissertation Abstracts International, vol. 45(9-A):2997, mar, 1985.

063) FERRI, E.: Sociologia Criminale. Turin, 1900. Scuola Positiva 1917 apud Carvalho H.B. opus cit. p.97.

064) FERRACUTI, F.: Temas de Criminologia. Trad. M.M. Hutyrá. São Paulo, Ed. Resenha Univ. São Paulo, 1975,

065) FOUCAULT, M.: Visão e Renascimento da prisão. Trad. de Lígia M. Ponde Vassalo. 4a ed., Petrópolis, Ed. Vozes Ltda, 1986, 280p.

066) FOUCAULT, M.: Microfísica do Poder. Trad. Roberto Machado. 5a ed., RJ, Ed. Graal, 1985, 295p., p.129-143.

067) FAUSTO, B. e PINHEIRO, P.S.: Controle Social e Criminalidade em São Paulo: Um Apanhado Geral (1890-1924). In: Crime, Violência e Poder. São Paulo, Ed. Brasiliense, p.193-219.

- 068) FAUSTO, B. : Crime e Cotidiano - A Criminalidade em São Paulo (1880-1924)  
São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984, 293p.
- 069) FANON, F. : Les Damnés de la Terre. Paris, Cahiers Libres, nº27-28, 1961,  
p.72.
- 070) FERREIRA, A. B. de H. : Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 1ª ed., RJ,  
Ed. Nova Fronteira, 1975, 1499p., p.1753 e 502.
- 071) FRIEDMAN, H. : Aspects psychosomatiques de la polyarthrite chronique  
évolutive (P.C.E.) ou polyarthrite rhumatoïde. Acta Psychi-  
atry. Bela., 22(1) : 117-141, 1972.
- 072) FELTEN, D. L. ; FELTEN, S. Y. ; CARLSON, S. L. ; OLSCHOWKA, J. A. and LIVNAT, S. :  
Noradrenergic and peptidergic innervation of lymphoid  
tissue. The Journal of Immunology, vol. 135(2) : 755-765,  
august, 1985.
- 073) FREUD, S. : a) Malaise dans la civilisation. Paris, Standard éditions,  
1930, p.745; b) Considérations sur la guerre et sur la mort.  
Paris, Standard éditions, 1915, p.231-232; c) La lettre à  
Einstein pour quoi la guerre. Paris, Standard éditions,  
1932; d) Au-delà du principe du plaisir. Paris, Standard  
éditions, 1920, p.40-41.

- 074) FREUD, S.: a) Una teoria sexual. In: \_\_\_\_\_ Obras Completas. Trad. L. L. B. Y. Torres. Madrid, Ed. Nueva, vol. I, 1948, p. 779; b) Los instintos y sus destinos. In: \_\_\_\_\_ Obras Completas. Trad. L. L. B. Y. Torres. Madrid, Ed. Nueva, vol. I, 1948, p. 1047; c) Mal Estar En La Cultura. In: \_\_\_\_\_ Obras Completas. Trad. L. L. B. Y. Torres. Madrid, Ed. Nueva, vol. I, 1948, p. 1277.
- 075) FAIRBAIRN, W. R. D.: Estudio Psicanalitico de la Personalidad. Trad. J. Mon. Buenos Aires, Ed. Paidós, 1964.
- 076) FROSSMAN, H. and LAMBERT, G.: Chromosomes and anti-social behavior. Exc. Crim., Z: 113-120, 1969.
- 077) FORATINI, O. P.: Epidemiologia Geral. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1980, 259p.
- 078) GRYGIELSKI, M. et al.: Meaning in life and hopelessness: interrelationships and intergroup differences. Polish Psychological Bulletin, vol. 15(4): 277-284, 1984.
- 079) GOFFMAN, E.: Manicômios, Prisões e Conventos. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo, Ed. Perspectiva S.A., 1974, 316p., p. 15-68.
- 080) GUIMARÃES, A. P.: As Classes Perigosas. Banditismo Urbano e Rural. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1982, 206p.



- 081) GRUNSPUN, H.: Distúrbios Neuróticos da Criança. 2a ed., São Paulo. Livraria Atheneu, 1976, 635p.
- 082) GUYTON, A.C.: Fisiologia Humana. Trad. Alair P. de Carvalho. 5a ed., RJ, Ed. Interamericana, 1981, 445p., p.381-401.
- 083) GAYRAL, L.F.: Une échelle de comportement agressif. Annales Médico-Psychologiques, vol. 137(5):502-506, mai-juin., 1979.
- 084) HAMMERSLEY, R. and MORRISON, V.: Effects of polydrug use on the criminal activities of heroin-users. British Journal of Addiction, 82:899-906, 1987.
- 085) HELLMAN, D. and BLACKMAN, N.: Enuresis, firesetting and cruelty to animals. A triad predictive of adult crime. Am. J. Psychiat. 122:1431-1435, 1966.
- 086) HENTIG, V.H.: Crime: its causes and conditions. New York, 1947.
- 087) HOOD, R. and SPARKS, E.: La Delinquance. Paris, Ed. Hachette, 1970, p.35, 50, 90, 98.
- 088) HEIMSTRA, N.M. and McFARLING, L.H.: O ambiente como fonte de ameaça. In: \_\_\_\_\_ Psicologia Ambiental. Trad. Manoel A. Schmidt, São Paulo, Ed. da U.S.P., 1978, p.161-201.

- 089) HAHNER, J. E. : A Mulher no Brasil. 1a ed., RJ, Ed. Civilização Brasileira, 1978, 175p., p. 85-91.
- 090) HINKLE, L. E. ; CHRISTENSON, W. N. ; KANE, F. D. ; OSTFELD, A. ; THETFORD, W. N. and WOLFF, H. G. : An investigation of the relation between life experience, personality characteristics and general susceptibility to illness. Psychosom. Med., 20(4) : 278-295, 1958.
- 091) HARTKE, R. ; SALTON, J. A. ; SANSEVERINO, M. T. V. ; SOARES, P. F. B. : Furtos, roubo e sua relação com perdas parentais. Trabalho realizado no Instituto de Biotipologia Criminal do Estado do Rio Grande do Sul. Tese de Mestrado, U.F.R.G.S., 1979.
- 092) HARLOW, J. H. : Development of affection in primates in roots of behavior. New York, Ed. E. Bliss (Harper Brothers), 1962.
- 093) HESS, E. R. : Imprinting and the critical period concept in root of behavior. New York, Ed. Bliss Harpers and Brothers, 1962.
- 094) HUNTER, H. : Klinefelter Syndrome and delinquency. Brit. J. Crim., 9: 203-208, 1968.
- 095) HILL, D. : E. E. G. in episodic psychotic behavior. Electroenceph. Clin. Neurophysiol., 4: 419-442, 1952.

- 096)HEALTH,R.G.:Modulation of emotion with a brain pacemaker.J.Nerv. Ment.Dis.,165:300-317,1977.
- 097)JANEWAY,CH. A.;BOTTOMLY,K.;HOROWITZ,J.;KAYE,J.;JONES,B.and TITE,J.: Modes of cell-cell communication in the immune system. The Journal of Immunology(Suppl.),vol135(2):739-742, august,1985.
- 098)KALIAPPAN,K.V.;GOPALAN,R.;VIJAYAKUMAR,V.S.:Effects of relaxation therapy on somatic defense and anxiety.Journal of Psychological Researches,vol.26(3):128-132,sep.,1982.
- 099)KLONOFF,H. et al.:The neuropsychological,psychiatric,and physical effects of prolonged and severe stress:30 years later. Journal of Nervous and Mental Disease,vol.163(4):246-252,oct.,1976.
- 100)KREUTZ,L.E. and ROSE,R.M.:Assesement of aggressive behavior and plasma testosterone in a young criminal population. Psychosom.Med.,34:331-339,1972.
- 101)KLING,A.:Testosterone and aggression.A.E.A. Meeting.Hawai,June, 1973.

- 102) KAPLAN, H. I. and SADOCK, B. J.: Teorias da personalidade e psicopatologia. Cap. 6, 7, 8, 9. In: \_\_\_\_\_ Compêndio de Psiquiatria Dinâmica. Trad. de Helena Mascarenhas de Souza, Maria C. R. Goulart, Maria L. Silveira e Silva Ribeiro. 3a ed., Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1984, p. 105-146, 943p.
- 103) KAPLAN, H. I. and SADOCK, B. J.: Psiquiatria infantil. Cap. 39. In: \_\_\_\_\_ Compêndio de Psiquiatria Dinâmica. Trad. de Helena M. de Souza, Maria C. R. Goulart, Maria L. Silveira e Silva Ribeiro. 3a ed., Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1984, p. 867-884, 943p.
- 104) KAPLAN, H. I. and SADOCK, B. J.: Perturbações do movimento e da fala na infância e adolescência. Cap. 36. In: \_\_\_\_\_ Compêndio de Psiquiatria Dinâmica. Trad. de Helena M. de Souza, Maria C. R. Goulart, Maria L. Silveira e Silva Ribeiro. 3a ed., Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1984, p. 796-801, 943p.
- 105) KAPLAN, H. I. and SADOCK, B. J.: Dependência de drogas. Cap. 21. In: \_\_\_\_\_ Compêndio de Psiquiatria Dinâmica. Trad. de Helena M. de Souza, Maria C. R. Goulart, Maria L. Silveira e Silva Ribeiro. 3a ed., Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1984, p. 437-474, 943p.
- 106) KAPLAN, H. I. and SADOCK, B. J.: Perturbações psicosssexuais. Cap. 22. In: \_\_\_\_\_ Compêndio de Psiquiatria Dinâmica. Trad. de Helena M. de Souza, Maria C. R. Goulart, Maria L. Silveira e

Silva Ribeiro. 3a ed., Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1984, p. 479-505, 943p.

- 107) KLEIN, M. et al.: A Psicanálise De Hoje. A Aproximação Moderna Aos Problemas Humanos. Parte 1: Psicologia da Infância e Adolescência. Trad. Jorge Salomão e Elisa Dias Velloso. Ed. Imago, 1970, 117p.
- 108) LOWERSTEIN, A.; HAIFA, U.: Temporary single parenthood: the case of prisoner's families. Special issue: the single parent family. Family relations. Journal of Applied Family and Child Studies, vol. 35(1):79-85, 1986.
- 109) LOMBROSO, S.: L'Anthropologie Criminelle Et Ses Recents Progrés. Paris, Ed. F. Alcan, 1891.
- 110) LOPEZ-REY, M.: Crime. Trad. R. Brandão. Rio de Janeiro, Ed. Artenova S.A., 1973, p. 30, 129, 200, 294, 250, 252.
- 111) LORENZ, K.: Agressão. Trad. M. I. Tamen. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1973.
- 112) LINEBAUGH, P. e PINHEIRO, P.S.: Crime e Industrialização: a Grã-Bretanha no século XVIII. In: \_\_\_\_\_ Crime, Violência e Poder. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983, p. 101-141, 277p.

- 113) LAZARUS, R. S. : Psychological Stress And The Coping Process. New York, Ed. McGraw-Hill, 1966.
- 114) LUZ, H. de S. : A pele como expressão da vida emocional. Senecta. Ano 9 Nº3, p. 14-24, 1986.
- 115) LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. : Vocabulário da Psicanálise. Trad. Pedro Tamen. 10a ed., São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1967, 707p.
- 116) MUSHKAT, M.; KONG, H. U. : Understanding the prisoner's dilems and its public policy implications. Asia Journal of Psychology and Education, vol. 15(3): 1-8, jul., 1985.
- 117) KATSUMOTO, D. et al. : Preschoolers' moral actions and emotions in prisoner's dilemma. Developmental Psychology, vol. 22(5): 663-670, 1986.
- 118) McCLELLAND, D. C.; ALEXANDER, CH.; MARKS, E. : The need for power, stress immune function, and illness among male prisoner's. Journal of Abnormal Psychology, vol. 91(1): 61-70, 1982.
- 119) MOORE, E. D. : A prison environment: its effects on healthcare utilization. Dissertation Abstracts International, vol. 41(2-A): 437 aug., 1980.

- 120) MIRABILE, CH. S.; GLUECK, B. C.: Motion sickness susceptibility and solution choice in a pragmatic paradox. Neuropsychobiology, vol. 5(1):46-49, 1979.
- 121) MEGARGEE, E. I.: The association of population density, reduced space, and uncomfortable temperatures with misconduct in prison community. American Journal of Community Psychology, vol. 5(3):289-298, sep., 1977.
- 122) MEBANE, B. G.: Differential life history factors among incarcerated female offenders. Dissertation Abstracts International, vol. 22(11-B):5836-5837, may, 1977.
- 123) McCAIN, G.; COX, V. C.; PAULUS, B.: The relationship between illness complaints and degree of crowding in a prison environment. Environment and Behavior, vol. 8(2):283-290, jun., 1976.
- 124) MYERS, T.: Alcohol and violent crime re-examined: self-reports from two sub-groups of Scottish male prisoners. British Journal of Addiction, p. 399-413, 1982.
- 125) MAYER-GROSS, W.; SLATER, E.; ROTH, M.: Desvios de personalidade e reações neuróticas. In: \_\_\_\_\_ Psiquiatria Clínica. Trad. de Clóvis Martins Filho e Hilda Rosa. São Paulo, Ed. Mestre Jou, 1972, vol. I, Cap. III, p. 63-187.

- 126) MAYER-GROSS, W.; SLATER, E.; ROTH, M.: Esquizofrenia. In: \_\_\_\_\_ **Psiquiatria Clínica**. Trad. Clóvis Martins Filho e Hilda Rosa. São Paulo, Ed. Mestre Jou, 1972, vol. I, Cap. V., p. 249-355.
- 127) MAYER-GROSS, W.; SLATER, E.; ROTH, M.: Exame do doente mental. In: \_\_\_\_\_ **Psiquiatria Clínica**. Trad. Clóvis Martins Filho e Hilda Rosa. São Paulo, Ed. Mestre Jou, 1972, vol. I, Cap. II, p. 37-61.
- 128) MOOR, L.: Aberrations chromosomiques portant sur les gonosomes et comportement anti-social. État actuel de nos connaissances. **Ann. Int. Crim.**, 6: 459-463, 1967.
- 129) MANNHEINN, N. H.: **Comparative Criminology**. Paul, Ed. Routledge and Kegan 1970, p. 95.
- 130) MEYER-BAHLBURG, H. F. L.; BOON, D. A. and EDWARDS, F. A.: Aggressiveness and testosterone mesure in man. **Am. Psychosom. Meeting** April 7, Denver, 1973.
- 131) MATHIEU, H.: **Prisons de femmes**. Paris, Ed. Marabout, 1967, 221p.
- 132) MELLO FILHO, J. de: **Concepção Psicossomática: Visão Atual**. 4a ed., RJ, Ed. Tempo Brasileiro, 1986, 215p.



- 133) MATA, M. da e col.: Migrações Internas No Brasil. Rio de Janeiro, Ed. IPEA/INPES, 1973.
- 134) MANJAN, A.A. and COLLECTOR, M.I.: Stress-induced modulation of the immune response. Science, 126:307-308, 1976.
- 135) MARX, K. e ENGELS, F.: A Ideologia Alemã. São Paulo, Ed. Moraes Ltda, 119p., p. 93, 68-79.
- 136) MONROE, R. R.: Acometimento límbico e comportamento anti-social imedix. Apresentado no II Simpósio Internacional de Criminologia. São Paulo, 1975.
- 137) MEDNICK, S. A.: Modelo biológico na criminogênese. Apresentado no II Simpósio Internacional de Criminologia. São Paulo, 1975.
- 138) Miller, D.: Some problems in the prediction of homicide. Am. J. Psychoanal., 34:187-198, 1974.
- 139) NEY, S.: Prison overcrowding after Rhodes V. Chapman. Journal of Prison and Jail Health, vol. 2(1):5-14, spr.-sum., 1982.
- 140) NURCO, D.N.: Drug addiction and crime: a complicated issue. British Journal of Addiction, 82:7-9, 1987.

- 141) NUNES, E. D.: Violência E Morte: Revisando O Tema. Trabalho apresentado no III Seminário Latino Americano de Medicina Social. Ouro Preto, M.G., 1984.
- 142) O'RIORDAN, N. F.; NORTHERN, I. U.: Behavior of low and high trust juvenile delinquents when playing a modified prisoner's dilemma game. Dissertation Abstracts International, vol. 47(7-B), 1987
- 143) ODALIA, N.: O que é Violência. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983, 46p.
- 144) OLIVEN, R. G.: Violência e Cultura no Brasil. 3a ed., Petrópolis, Ed. Vozes, 1986, 86p.
- 145) PORPORINO, F. J.: Managing violent individuals in correctional settings. Journal of Interpersonal Violence, vol. 1(2): 213-237, jun., 1986.
- 146) PRENTKY, R. A.; KNIGHT, R. A.: Impulsivity in the lifestyle and criminal behavior of sexual offenders. Criminal Justice and Behavior, vol. 13(2): 141-164, jun., 1986.
- 147) PETERSILIA, J.: Probation and felony offenders. Federal Probation, vol. 42(2): 4-9, 1985.

- 148) PRENTKY, R. A.; CARTER, D. L.: The predictive value of the triad for sex offenders. Behavioral Sciences And The Law, vol. 2(3): 341-354 sum., 1984.
- 149) PAULUS, P. B.; McCAIN, G.; COX, V. C.: Death rates, psychiatric commitments, blood pressure, and perceived crowding as a function of institutional crowding. Environmental Psychology And Non Verbal Behavior, vol. 3(2): 107-116, win., 1978.
- 150) PANTON, J. H.: Personality characteristics of drug pushers incarcerated within a state prison population. Quarterly Journal of Corrections, vol. 1(1): 11-13, win., 1977.
- 151) PAULUS, P.; COX, V. C. et al.: Some effects of crowding in a prison environment. Journal of Applied Social Psychology, vol. 5(1): 86-91, jan.-mar., 1975.
- 152) PERSKY, H.; SMITH, K. D. and BASU, G. K.: Relation of psychologic measures of aggression and hostility to testosterone production in man. Psychosom. Med., 33: 265, 1971.
- 153) PERLMAN, J. E.: O Mito da Marginalidade Excluída e Política No Rio de Janeiro. 2a ed., RJ, Ed. Paz e Terra, 1977, 377p., p. 42-43, 123-127 e 303.

- 154) PERROT, M. : L'Impossible... Prison: Recherches Sur Le Système Peniten-  
tiaire au XIXe siècle réunies par Michelle Perrot. Paris,  
éditions du Seuil, 1980, 317p.
- 155) PAIVA, L.M. de: Crime, Ipnatismo- Psicanálise e Psicossomática, vol. 1,  
Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1981, 365p., p. 147-289.
- 156) PAIXÃO, A.L. e PINHEIRO, P.S.: Crimes e criminosos em Belo Horizonte  
(1932-1978). In: \_\_\_\_\_ Crime, Violência e Poder. São Paulo  
Ed. Brasiliense, 1983, p. 13-44.
- 157) PEREIRA, J.: Violência: Uma Análise Do "Homo Brutalis". São Paulo, Ed.  
Alfa-Omega, 1975, 114p.
- 158) PINHEIRO, P.S.: Escritos Indignados: Polícia, Prisões e Política No  
Estado Autoritário (No 20º Aniversário do Regime de Exceção,  
1964-1984). São Paulo, Ed. Brasiliense S.A., 1984, 268p.
- 159) PAOLI, M.C.; BENEVIDES, M.V.; PINHEIRO, P.S.; DA MATTA, R.: A Violência  
Brasileira. São Paulo, Ed. Brasiliense S.A., 1982, 117p.
- 160) PAIM, I.: Curso de Psicopatologia. 3a ed., São Paulo, Ed. Grijalbo,  
1975, 216p., p. 126, 163-179.

- 161) PAYKEL, E. S.; MYERS, J. K.; DIENELT, M. N. et al.: Life events and depression: a controlled study. Arch. Gen. Psychiatry, 21: 753-760, 1969.
- 162) RUBACK, R. B.; CARR, T. S.; HOPPER, CH. H.: Perceived control in prison: its relation to reported crowding, stress and symptoms. Journal of Applied Social Psychology, vol. 16(5): 375-386, 1986.
- 163) RUBACK, R. B.; CARR, T. S.: Crowding in a woman's prison: attitudinal and behavioral effects. Journal of Applied Social Psychology, vol. 14(1): 57-68, jan.-feb., 1984.
- 164) REUTERFORS, D. L.: Life history and psychometric personality factors differentiating prisoners convicted of violent and non violent crimes. Dissertation Abstracts International, vol. 42(12-B), jun., 1980.
- 165) RUBIM de PINHO, A.: Epilepsia e Agressão. Aspectos Psiquiátricos e Criminais. Rev. Psiquiatr. Clín., 13(1/4): 28-32, 1986.
- 166) ROGER, M. P.; DUBEY, D. and REICH, P.: The influence of the psyche and the brain on immunity and disease susceptibility: a critical review. Psychosom. Med., 41(2): 147-164, 1979.

- 167) ROGER, M. P.; REICH, P.; STROM, T. B. and CARPENTER, C. B.: Behaviorally conditioned immunosuppression: replication of a recent study. Psychosom. Med., 38(6):447-451, 1976.
- 168) SPEYER, E. C.: Trust level within a dyad as influenced by observed trust level of a more powerful person without and within the dyad during the prisoner's dilemma game. Dissertation Abstracts International, vol. 45(9-B), mar., 1985.
- 169) STOFFER, S. S.; SAFIRA, J. D.; MEKTON, B. F.: Behavior in ex-addict female prisoners participating in a research study. Comprehensive Psychiatry, 10(3):224-232, 1969.
- 170) SPITZ, R. A.: O Primeiro Ano De Vida. Trad. Erothildes Millan Barros da Rocha. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1987, 279p.
- 171) SELLIN, E. and WOLFGANG, M. E.: The Measurement of Delinquency. New York, Ed. Wiley and Son., 1964.
- 172) SCHMALE, A. H.: Relationship of separation and depression to disease. Psychosom. Med., 20:259, 1958.
- 173) SOUZA, P. de: A Maior Violência Do Mundo (Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil). São Paulo, Ed. Traco, 1980, 140p.

- 174) SOUZA, P. de: A Erisão: História Dos Homens Que Vivem No Maior Presí-  
dio Do Mundo. São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1977, 128p.
- 175) SOUZA, P. de: O Erisioneiro Da Grade De Ferro. São Paulo, Ed. Traço,  
1983, 343p.
- 176) SMITH, E. M.; McMENAMIN, D. H. and BLALOCK, J. E.: Lymphocyte production  
of endorphins and endorphin-mediated immunoregulatory  
activity. The Journal of Immunology, vol. 125(2): 779-782,  
august, 1985.
- 177) SHAVIT, Y.; TERMAN, G. W.; MARTIN, F. C.; LEWIS, J. W.; LIEBESKIND, J. C. and  
GALE, R. P.: Stress, opioid peptides, the immune system, and  
Cancer. The Journal of Immunology, vol. 135(2): 834-837, au-  
gust, 1985.
- 178) SCOTT, J. P.: Critical periods in behavior developments. Science, 138:  
949-957, 1962.
- 179) SEITZ, F. D.: Infantile experience and adult behaviour in animals sub-  
jects. Psychosom. Med., 21: 352-378, 1959.
- 180) SPITZ, R. A.: Anaclitic Depression. The Psychoanalytic Study Of The  
Child. vol. 2: 313-342, 1946.

- 181) SPITZ, R. A.: Discussion of Dr. Bowlby's paper grief and mourning in infancy and early childhood. The Psychoanalytic Study Of The Child, vol. 5, 1960.
- 182) TAYLOR, A. J.: Tatooing among male and female offenders of different ages in different types of institutions. Genetic Psychology Monographs, 81(1): 81-119, 1970.
- 183) TAYLOR, I. et al.: Criminologia Crítica. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1980
- 184) THIESSEN, D. D. and RODGERS, D. A.: Population density and endocrine function. Psychological Bulletin, 58: 441-451, 1961.
- 185) UROFSKY, M. I.: A right to die: termination of appeal for condemned prisoners. Journal of Criminal Law and Criminology, vol. 75(3): 553-582, 1984.
- 186) UNIFORM, CRIME, REPORTS F. B. I. U. S. A.: a) 1966 Field Surveys I, apud Hood and Sparks opus cit., pg. 23; b) 1968 apud Lopes Rey opus cit., pg. 21.
- 187) VENO, A.; PEEKE, H. V.: Research on crowding in prisons: methodological problems and ethical concerns. Bulletin of the Psychonomic Society, vol. 3(3-A): 183-184, mar., 1974.



- 188) WITMAN, S. et al.: Epilepsy in prison: elevated prevalence and no relationship to violence. *Northwestern U. QIB For Urban Affairs and Policy Research Neurology*, vol. 34(6): 775-782, jun., 1984.
- 189) WENER, R.E.; KAMINDOFF, R.D.: Improving environmental information: effects of signs on perceived crowding and behavior. *Environment and Behavior*, vol. 15(1): 3-20, jan., 1983.
- 190) WOLFANG, M.E.: *Patterns in Criminal Homicide*. Philadelphia, Ed. Univ. Pennsylvania, 1958.
- 191) WALZER, S. and GERALD, P.: Social class and frequency of XYY and XXY. *Science*, 190: 1228-1229, 1975.
- 192) WINNICOTT, D.W.: *La Familia y el Desarrollo del Individuo*. Trad. N. Rosenblat. Buenos Aires, Ed. Hormé, 1967.
- 193) WINNICOTT, D.W.: *Privacão e Delinquência*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1987, 290p.
- 194) WARING, E.M. et al.: Life events, psychiatric screening and psychosomatic illness. *South Med. J.*, 72(3): 339-341, 1980.
- 195) WENAR, C.; HANDLON, M. and GARNER, A.M.: *Origins of Psychosomatic and Emotional Disturbances*. New York, Ed. P. Hoeber, 1962, 73p.

196) YOUNG, W.; GOY, R. and PHOENIX, C.: Hormones and sexual behavior. *Science*, 143: 212-218, 1964.

#### Fontes de Consulta Bibliográfica

- 1) BIREME: Levantamento dos últimos dois anos
- 2) IBICT-CNPq: Levantamento dos últimos doze anos
- 3) INDEX MEDICUS: Levantamento dos últimos dez anos
- 4) LIVRARIAS: PAPIRUS; PONTES; JULEX (JURÍDICA) e FENAC (PARIS-FRANÇA)
- 5) BIBLIOTECAS: F. C. M. - UNICAMP; IFCH - UNICAMP; I. E. - UNICAMP; ÉCOLE DES HAUTES ÉTUDES EN SCIENCES SOCIALES - PARIS-FRANÇA; PUC-CAMP.

K ) A N E X O S

## ANEXOS

## K.1 ESQUEMA DA HISTÓRIA DE VIDA

## I) IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Idade:

Sexo:

Cor:

Estado Civil Atual:

Grau De Escolaridade:

Ocupação Atual:

Naturalidade:

Nacionalidade:

Procedência:

Religião ou Crença:

## II) MOTIVO DESTA RECLUSÃO

(Infração cometida e penalidade, se souber)

## III) ANTECEDENTES PESSOAIS

## A) Condições de nascimento

-Data e local de nascimento:

-Parto a termo: a) Sim( )

b) Não( )

c) Desconhecido( )

-Parto normal: a) Sim( )

b) Não( )

c) Desconhecido( )

-Alimentação materna: a) Sim( )

(nos primeiros b) Não( )

seis meses) c) Desconhecido( )

#### B) Desenvolvimento Inicial

-Criança frágil: a) Sim( )

b) Não( )

c) Desconhecido( )

-Idade da dentição:

-Idade do início da fala:

-Idade do início do andar:

-Idade do controle esfíncteriano para a micção:

-Idade do controle esfíncteriano para a evacuação:

### C) Sintomas neuróticos na infância

-Terroros noturnos: a) Sim( )

b) Não( )

c) Desconhecido( )

-Sonambulismo: a) Sim( )

b) Não( )

c) Desconhecido( )

-Sonilóquio: a) Sim( )

b) Não( )

c) Desconhecido( )

-Crises de birra: a) Sim( )

b) Não( )

c) Desconhecido( )

-Enurese noturna: a) Sim( )

b) Não( )

c) Desconhecido( )

-Encoprese:a)Sim( )

b)Não( )

c)Desconhecido( )

-Chupar os dedos:a)Sim( )

b)Não( )

c)Desconhecido( )

-Roer unhas:a)Sim( )

b)Não( )

c)Desconhecido( )

-Caprichos alimentares:a)Sim( )

b)Não( )

c)Desconhecido( )

-Gagueira:a)Sim( )

b)Não( )

c)Desconhecido( )

-Estados de medo:a)Sim( )

(citá-los) b)Não( )

c)Desconhecido( )

-Criança-Modelo:a)Sim( )

b) Não( )

c) Desconhecido( )

D) Saúde durante a infância

- Infecções: a) Sim( )

b) Não( )

c) Desconhecido( )

- Quais infecções (citá-las):

- Coréia: a) Sim( )

b) Não( )

c) Desconhecido( )

- Convulsões: a) Sim( )

b) Não( )

c) Desconhecido( )

- Em que condições teve convulsões: a) Febre( )

b) Traumatismo Craneano( )

c) Outros (especificar)( )

- Consequências destas doenças no desenvolvimento (citá-las):

- Folgedos: a) Sim( )



b) Não( )

c) Desconhecido( )

-Quais folguedos(brincadeiras,jogos infantis)(citá-los):

## E) Escola

-Idade de início:

-Idade de término:

-Padrão alcançado:a)ótimo( )

b) Bom( )

c) Regular( )

d) Péssimo( )

-Habilidades nas matérias escolares(citá-las):

-Inabilidades nas matérias escolares(citá-las):

-Relacionamento com os colegas:a)Arrogância( )

b) Submissão( )

c) Companheirismo( )

d) Outros(citá-los)( )

-Apelidos adquiridos na infância(citá-los):

- Sentimentos em relação aos apelidos: a) Alegria( )  
b) Tristeza( )  
c) Raiva( )  
d) Indiferença( )  
e) Outros( )

## E) Ocupações

-Idade em que começou a trabalhar:

-Empregos em ordem cronológica:

- Satisfações no último emprego: a) Sim( )  
b) Não( )  
c) Nenhum destes( )

-Motivos de satisfações(ou insatisfações)(citá-los):

- Ambições: a) Sim( )  
b) Não( )  
c) Nenhum destes( )

-Quais ambições(citá-las):

## G) Tendências e práticas sexuais

-Onde foram adquiridas as primeiras informações sexuais? a) Em casa ( )  
 b) Na rua ( )  
 c) Na escola ( )  
 d) Outros (citá-los)

Em casa (com familiares aptos a orientar)

Na rua (com colegas ou em prostíbulos)

Na escola (com educadores)

Outros (revistas, filmes, igreja, etc.)

-Pratica masturbação atualmente: a) Sim ( )  
 b) Não ( )  
 c) Não quis responder ( )

-Idade de início de práticas masturbatórias:

-Já teve experiências homossexuais: a) Sim ( )  
 após a puberdade b) Não ( )  
 c) Não quis responder ( )

-Se praticada, como vivencia: a) Com satisfação ( )  
 a homossexualidade b) Com insatisfação ( )  
 c) Com indiferença ( )  
 d) Nenhuma destas ( )  
 e) Não quis responder ( )

-A homossexualidade é:a)Ativa( )

b)Passiva( )

c)Ativa e passiva( )

d)Não quis responder( )

-As relações homossexuais são:a)Na rua( )

(ou foram)praticadas

b)No presídio( )

c)Tanto na rua como  
no presídio( )

d)Não é praticada( )

e)Não quis responder( )

-Já teve experiências heterossexuais:a)Sim( )

b)Não( )

c)Não quis responder( )

-Idade de início de práticas heterossexuais:

-Se praticada,como vivencia suas:a)Com satisfação( )

relações heterossexuais

b)Com insatisfação( )

c)Com indiferença( )

d)Não quis responder( )

-Tem prazer sexual atualmente:a)Sim( )

b)Não( )

c) Não quis responder( )

## H) Vida Coniugal

- Duração do conhecimento antes do casamento:

- Idade ao se casar:

- Compatibilidade de gênios: a) Sim( )

b) Não( )

- Brigas frequentes: a) Sim( )

b) Não( )

c) Outras respostas( )

- Esposa visita-o no presídio: a) Sim( )

b) Não( )

- Como esposa encarou sua prisão: a) Com naturalidade( )

b) Com surpresa( )

c) Com indiferença( )

d) Não sabe( )

e) Outras respostas( )

## I) Filhos

-Quantos:

-Idade destes:

-Filhos o visitam na prisão: a) Sim ( )

b) Não ( )

-Por quê não o visitam?(citar motivos):

∪)Antecedentes Mórbitos nos últimos dez anos(excluídas as con-  
traídas nesta prisão)

-Doenças Gerais(citá-las): a) Cabeça

b) Pescoço

c) Tronco: Coração:

Pulmão:

d) Abdômem:

e) Membros: Músculos:

Ossos, Articulações:

f) Cirurgias:

g) Infecções:

h) Acidentes:

i) Tumores:

j) Pele:

k) Glândulas:

-Doenças mentais:a)Sim( )

b)Não( )

-Data das crises psíquicas e duração destas:

-Sintomas e sinais das doenças mentais(citá-los):

-Tratamento recebido:Hospitalização? Medicamentos?Doses e  
duração da terapêutica.Psicoterapia?

#### IV)Características de personalidade(antes do aprisionamento)

-Dependência afetiva de familiares ou amigos:a)Sim( )

b)Não( )

-Liderança:a)Sim( )

b)Não( )

-Organizado:a)Sim( )

b)Não( )

-Metódico:a)Sim( )

b)Não( )

-Agressivo:a)Sim( )

b)Não( )

-Submisso:a)Sim( )

b)Não( )

-Ambicioso:a)Sim( )

b)Não( )

-Lazer:a)Sim( )

b)Não( )

-Alegre:a)Sim( )

b)Não( )

-Calmo:a)Sim( )

b)Não( )

-Otimista:a)Sim( )

b)Não( )

-Auto-depreciativo:a)Sim( )

b)Não( )

-Humor estável:a)Sim( )

b)Não( )

-Perturba-se fácil pelas responsabilidades:a)Sim( )



b) Não( )

-Toma decisões com facilidade:a)Sim( )

b)Não( )

-Rígido:a)Sim( )

b)Não( )

-Perseverante:a)Sim( )

b)Não( )

-Tímido:a)Sim( )

b)Não( )

-Ciumento:a)Sim( )

b)Não( )

-Emocionalmente Controlado:a)Sim( )

b)Não( )

-Franco:a)Sim( )

b)Não( )

-Calado:a)Sim( )

b)Não( )

- Tolerante: a) Sim( )  
b) Não( )
- Perfeccionista: a) Sim( )  
b) Não( )
- Auto-crítico: a) Sim( )  
b) Não( )
- Crítico com os outros: a) Sim( )  
b) Não( )
- Egoísta: a) Sim( )  
b) Não( )
- Tolera bem as frustrações: a) Sim( )  
b) Não( )
- Preguiçoso: a) Sim( )  
b) Não( )
- Fatigamento fácil: a) Sim( )  
b) Não( )
- Caprichos alimentares: a) Sim( )  
(citá-los) b) Não( )

-Consumo alcóolico:a)Sim( )

b)Não( )

-Quanto bebe por dia(especificar):a)Pouco( )

b)Moderado/muito( )

c)Não bebe diariamente( )

d)Não bebe( )

-É adito a alguma droga:a)Sim( )

b)Não( )

-Especificar quais drogas:

-Idade de início da adicção:

-Tabagismo:a)Sim( )

b)Não( )

-Dorme bem:a)Sim( )

b)Não( )

-Em caso de insônia,caracterizá-la:inicial,intermediária,terminal ou total.

-Funções excretoras:a)Micção:

## b) Evacuação

## V) História das infrações

- Descrição detalhada destas; desencadeantes emocionais nos cinco anos que antecedem a primeira infração: mortes de entes queridos, crises sócio-econômicas, antecedentes criminais na família, separação conjugal, etc.

- Há quanto tempo está preso:

- Sentimentos em relação ao aprisionamento:

## VI) Antecedentes Familiares

(Anotar se é desconhecida a situação familiar)

- Ascendentes, colaterais e descendentes: ocupação, saúde física e psíquica, idade do falecimento, causas do falecimento, personalidade, relações afetivas com o detento.

- Pais têm relação de consaguinidade: a) Sim ( )

b) Não ( )

## VII) Perguntas livres

-Como é a sua vida no presídio e na cela:rotina de atividades  
sentimentos,sensações,expectativas de vida,convívio,o que  
lhe chama mais a atenção,etc.

-Tatuagem: quantas;local do corpo tatuado;onde tatuou-se;sig-  
nificado da tatuagem para o preso;desejo em tatuar-se(espon-  
tâneo ou não).

**K.2) Escala de Traços e de Comportamentos de Agressividade**

Responder as questões seguintes com: (+)=Sim

(-)=Não

**I) Ansiedade**

- a) Tensão física (tensão muscular, ranger de dentes, bater as pernas, etc.) ( )
- b) Tensão psíquica (aflição, sensação de que algo vai acontecer, etc.) ( )
- c) Pânico fácil ( )
- d) Falta de confiança em si ( )
- e) Nervosismo ( )
- f) Medos sem motivo ( )
- g) Incapacidade de relaxar-se ( )
- h) Sentimento de se super-exigir ( )
- i) Tendência a se dopar ( )

**II) Depressão**

- a) Sente-se infeliz ( )
- b) Sente-se solitário ( )
- c) Apresenta um desespero existencial ( )

- d) Sente-se sombrio, triste( )
- e) Sente um desgosto profundo( )
- f) Sente dificuldades em concentrar-se( )
- g) Apresenta idéias suicidas( )
- h) Já teve tentativas de suicídio( )

### III) Combatividade

- a) Guarda ressentimentos e despeito( )
- b) Não erra jamais, porém critica facilmente os outros( )
- c) Já cometeu agressões físicas contra outros( )
- d) Não tolera frustrações( )
- e) É impulsivo, colérico( )
- f) Está sempre em oposição às idéias e atitudes dos outros( )
- g) Tem atitudes de provocação em relação aos outros( )
- h) Está sempre disposto a atacar os outros( )
- i) Apresenta tensão muscular( )
- j) Apresenta hostilidade verbal( )

### IV) Distúrbios de personalidade

- a) É instável, não perseverante( )
- b) Oscila entre o aborrecimento e a irritação( )
- c) Oscila entre a arrogância e a flexibilidade( )
- d) Despreza os costumes, as regras sociais( )

- e) Tendência à delinquência, à toxicomania( )
- f) Tem liberdade sexual( )
- g) É egocêntrico( )
- h) É grosseiro( )

#### V) Somatização

- a) Apresenta dores de cabeça( )
- b) Apresenta opressão no peito( )
- c) Suores frios( )
- d) Tremores( )
- e) Problemas vasomotores: formigamentos, esfriamentos de membros, palpitações, hipertensão ou hipotensão( )
- f) Tonturas( )
- g) Crises conversivas: anestésias, paralisias, etc.( )

#### VI) Introições de Agressividade

- a) Tiques( )
- b) Roe unhas( )
- c) apresenta reações de cólera sem motivo aparente( )
- d) Quebra objetos impulsivamente( )
- e) Apresenta episódios de excesso de servilidade e cerimoniais( )
- f) Tem tendência a ligar-se excessivamente às pessoas( )
- g) Tem sonhos de violência, de destruição( )



h) Tem idéias imaginárias de destruição( )